

MARY JO PUTNEY

Segredos
de
Família



**SEGREDOS
DE
FAMÍLIA**

The Burning Point

Mary Jo Putney

Kate Corsi sempre sonhou em trabalhar na empresa de demolições da família, um desejo que seu retrógrado pai lhe negou até o último dia de vida. De acordo com o testamento do pai, Kate herdará uma fortuna, enquanto seu ex-marido, Patrick Donovan, ficará com o negócio da família... Com uma condição: que os dois concordem em morar sob o mesmo teto durante um ano.

Forçados a aceitar o acordo, Kate e Donovan precisam descobrir a verdade sobre a morte do pai dela e confrontar o passado que quase destruiu a ambos. E à medida que eles enfrentam seus sonhos despedaçados, segredos, mágoas e ressentimentos, eles se descobrem resvalando perigosamente em direção àquele ponto abrasivo, em que o desejo e a paixão podem se incendiar e, mais uma vez, por em risco seus corações...

Eleito pelo *Library Journal* como um dos cinco melhores romances de 2000.

Tradução: Paula Andrade

Copyright ©2011 by Mary Jo Putney

Todos os direitos reservados. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: THE BURNING POINT

EDITORA: Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL: Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO: Tradução: Paula Andrade

ISBN 978-85-13-00883-6

Versão ePub: AZ



© 2011 Editora Nova Cultural Ltda.

Sobre a Autora

Mary Jo Putney nasceu e foi criada em Nova York, nos Estados Unidos. Ela estudou na Syracuse University, onde se formou em Literatura Inglesa e Desenho Industrial. Trabalhou como editora de arte na revista *The New Internationalist*, em Londres, e como designer na Califórnia, EUA, antes de se estabelecer em Baltimore, Maryland, em 1980, quando começou a trabalhar como autônoma em desenho gráfico. Depois de comprar seu primeiro computador, Mary Jo percebeu que seria muito fácil começar a escrever. Seu primeiro livro, um romance da Regência, vendeu em uma semana. A editora americana Signet gostou tanto do livro que ofereceu a ela um contrato para escrever mais três.

Os livros de Mary Jo Putney figuram nas listas de mais vendidos do *New York Times*, *USA Today* e *Publishers Weekly*. A maior parte de suas obras são romances históricos, embora ela tenha escrito também três romances contemporâneos.

As histórias de Mary Jo têm a característica de abordar assuntos incomuns, incluindo alcoolismo, morte e abuso doméstico. Ela já ganhou duas vezes o prêmio RITA, da Associação de Escritores da América, e ela foi finalista nove vezes. Também ganhou duas vezes o prêmio Êxito de Carreira da revista *Romantic Times* e quatro vezes o prêmio Folha de Ouro.

Mary Jo mora em Baltimore com seus gatos. Ela não é casada.

Visite-a no site: <http://www.maryjoputney.com> e no Facebook, e acompanhe novidades exclusivas no blog www.wordwenches.com

O amor é o ponto de combustão da vida... Quanto mais forte o amor, maior é o sofrimento.

Mas o amor supera todas as coisas.

Joseph Campbell e Bill Moyers, *O Poder do Mito*

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer à família Loizeaux da Controlled Demolition Incorporated pela ajuda com os aspectos técnicos deste livro. Desnecessário dizer que administram a CDI com transparência, sem mencionar que a predisposição a acidentes é ainda menor e mais moderna que minha empresa de demolição fictícia.

Em particular, quero agradecer a Stacey Loizeaux, membro da terceira geração da CDI e prova clara de que não há motivos para uma mulher não trabalhar com explosivos, se assim o quer. Quaisquer enganos, é claro, são meus.

São necessários muitos feedbacks de amigos quando um autor está cuidadosamente transitando de um gênero a outro. Meus profundos agradecimentos pelo insight e apoio de (em nenhuma ordem específica) Binnie Braunstein, Kate McMurry, Laura Resnick, Jeri Wright, Suzanne Kelly, Mary Kilchenstein, Denise Little, Laurie Miller, Val Taylor, Jaclyn Reding, Barbara Ankrum, Chris Ashley, Shannon Katona, Brad Clark e Mary Shea. Não menos importantes Moretta Chekani, Marjorie Farrell, Alison Hyder, Julia Kendall, Carol O'Hanlon, Ciji Ware, Nic Tideman, Peggy Wyne e mais especialmente a invencível Pat Rice.

Também quero agradecer a Colleen Faulkner pelos gatos selvagens, mas, sinceramente, não posso adotar um dos filhotes.

PRÓLOGO

Vinte anos atrás

Uma sirene reverberou pelo ar. A multidão, que aguardava em segurança atrás das barreiras da polícia, agitou-se devido à expectativa. No posto de comando, Kate Corsi saltitava de entusiasmo.

— Agora, papai?

Sam Corsi riu.

— Ainda não, Katie. A sirene acaba de anunciar que faltam dois minutos.

Ela tentou se conter, mas aqueles dois minutos lhe pareceram uma eternidade. Sempre soubera que o trabalho do pai era explodir prédios e chegara, inclusive, a assistir a filmes que falavam da profissão. Porém, dessa vez era diferente, pois veria a explosão ao vivo.

Ansiosa, torcia a fita que prendia seus cabelos loiros.

— Posso apertar o botão?

— Se for boazinha, um dia eu a deixarei acionar a dinamite, mas não hoje. — Sam Corsi afagou os cabelos do filho. — Será Tom quem herdará o negócio da família e, por isso, ele precisa aprender a como controlar tanto poder.

Tom abraçou Kate.

— Sua vez ainda vai chegar baixinha.

A contagem regressiva de Luther Hairston progredia. Quando notou a atenção de Kate, piscou para ela sem interromper a contagem.

— Vamos, Tom — Sam Corsi ordenou. — Ponha o dedo no botão e espere meu sinal. Não o aperte antes de eu dizer “agora”.

Pálido, Tom pôs o dedo no botão. Kate sabia que ele não se atrapalharia, apesar do nervosismo. Afinal, era o irmão mais inteligente do mundo.

Sete, seis, cinco, quatro, três, dois...

— Agora! — o pai exclamou.

Tom apertou o botão com tanta força que o dedo embranqueceu. Nada aconteceu e, por um instante terrível, o coração de Kate parou.

Então uma metralhadora de estrondos eclodiu do prédio no outro lado da rua e nuvens de poeira surgiram das janelas dos andares inferiores. Os estrondos seguintes foram ainda mais poderosos. As paredes internas desabaram e a estrutura gigantesca ruiu lentamente.

Kate gritou de alegria.

O pai a carregou para que ela tivesse uma boa visão.

— Preste atenção, Kate. É a Phoenix Demolições Internacionais em ação. Somos os melhores!

Kate pulava nos braços do pai.

— Um dia também vou explodir prédios.

— Uma demolição não é lugar para meninas. — Sam riu. — Tom irá administrar a empresa. Se pedir com gentileza, ele talvez a deixe trabalhar no escritório.

— Os tempos são outros, Sam — Luther comentou. — Sua garotinha talvez se torne uma engenheira quando crescer.

— Minha filha não vai trabalhar em demolição.

Kate ficou magoada. O pai era teimoso e ela também. Faria de tudo para participar da empresa.

Porque, afinal de contas, Katherine Carroll Corsi queria explodir prédios.

CAPÍTULO I

Dias atuais, Washington, Distrito Federal

Uma hora para a detonação.

O amanhecer ainda demoraria a chegar. Donovan entrou no ambiente aquecido do escritório da Phoenix, um trailer estacionado próximo ao velho prédio de apartamentos, Jefferson Arms, o projeto atual de engenharia da Phoenix Demolições. Seu patrão, Sam Corsi, despejou café em uma caneca e a entregou a Donovan.

— Obrigado. — Ele tomou o líquido escaldante. — Está frio lá fora. Assim fica difícil acreditar no aquecimento global.

— Tudo em ordem?

Donovan assentiu.

— Em ordem e um pouco à frente do programado. A única coisa que resta é a vitória final. Quer que eu a faça?

— De jeito nenhum. Não despendi tantos anos construindo a Phoenix Demolições para que moleques como você fiquem com a parte mais divertida.

Donovan não esperava outra resposta. A última varredura pela construção em vias de ser dinamitada possuía um tipo especial de emoção e Sam, sempre que podia, candidatava-se para o serviço. Não deixaria, sob hipótese alguma, que seu homem de confiança o substituísse, mesmo em uma noite tão fria quanta aquela.

A filha de Sam, Kate, herdara tal exuberância. Kate, a ex-mulher de Donovan, alguém que ele jamais esquecera.

Sam tomou o restante de seu café, atento à enorme estrutura do Jefferson Arms sob as luzes de Washington. A polícia mantinha os espectadores a uma distância segura. Por causa do adiantado da hora e do inverno rigoroso daquele janeiro, não havia uma multidão considerável para assistir à implosão.

— Pensa em reatar com Kate? — Sam Corsi indagou, bruscamente.

— Meu Deus! — Donovan quase engasgou com o café. — Quem colocou essa idéia na cabeça? Faz dez anos que Kate e eu nos separamos e, pelo que sei, ela desde então não dá as caras em Maryland.

Ainda atento ao prédio a ser demolido, Sam deu de ombros.

— É verdade. E nenhum dos dois mostrou sinais de querer outro relacionamento. Casaram-se muito jovens, mas havia algo muito bom entre vocês. Além disso, Julia gostaria de ter netos para mimar.

Donovan notou que a conversa tomava um rumo perigoso.

— Éramos jovens demais, sim. Mas mesmo que Kate estivesse interessada, o que, francamente, acho impossível, há o pequeno detalhe de ela morar em São Francisco. E me refiro a namoro a distância.

— As coisas mudam. — Sam olhou para o relógio. Então, vestiu o casaco e calçou as luvas para a

vistoria. — Talvez eu telefone para Tom qualquer dia desses.

O comentário soou mais chocante que excêntrico em se tratando de Kate. Ao lembrar a viagem inesperada de Sam ao pronto-socorro no mês anterior, Donovan perguntou desconfortável:

— Por acaso, os médicos encontraram alguma coisa em seu coração? Pensei que o problema fosse apenas uma indigestão.

— Meu coração está ótimo e tenho os exames para provar. — Sam colocou o capacete e pegou uma lanterna. — Mas admito que o susto, me fez refletir. Ninguém vive para sempre. Talvez seja hora de eu tomar uma atitude.

Ao ver a expressão de Donovan, Sam sorriu e o socou de leve no ombro.

— Não se preocupe. Se eu causar algum tumulto, será para seu próprio bem. — Ele então saiu do trailer.

Intrigado, Donovan contatou pelo rádio os outros membros da equipe. Uma detonação perfeita não ocorria por acaso e a total ausência de falhas nos serviços da Phoenix era resultado dos cuidados minuciosos a cada etapa do trabalho. A implosão era pura rotina, embora não houvesse nada de rotineiro em reduzir a ruínas uma construção maciça em questão de segundos. Em breve, a estrutura seria dizimada com uma estrondosa explosão para que algo melhor fosse erguido em seu lugar.

O movimento da lanterna de Sam marcava a vistoria em progresso pelo Jefferson Arms.

Dentro do prédio vazio, ele verificava meticulosamente as cargas de explosivos, a fiação e até a farinha que a equipe salpicara pelas escadas a fim de revelar se um sem-teto ou animal usara a velha construção como refúgio.

Vinte minutos para a demolição. Agitado por causa da adrenalina de uma explosão iminente, Donovan pegou o microfone do rádio da estação base outra vez.

— Como vai indo, Sam?

— Tudo certo — seu patrão disse. — Este cortiço deve ter sido um lugar péssimo para morar, mas vai se tornar uma bela pilha de entulho. Sairei em dez minutos.

Donovan estava prestes a desligar o rádio quando escutou Sam murmurar:

— Que estranho...

— O que você achou?

— Não sei. Espere um minuto...

De repente, a quietude da noite se desfez. Uma série de explosões eclodiu no Jefferson Arms, engolfando o prédio em trovões e chamas. As paredes despencaram e a estrutura desmoronou quando nuvens de poeira se formaram em todas as direções.

— Sam! SAM! — Donovan berrou, apavorado, e se precipitou à porta do trailer.

Mas era tarde demais. Milhares de toneladas de concreto já haviam caído sobre o homem que fora seu chefe, amigo e pai substituto por metade de sua vida.

Três dias depois

Enterros eram insuportáveis e a reunião que acontecia em seguida, pior ainda.

Atingindo o limite de sua resistência, Kate Corsi resolveu se refugiar por alguns minutos a fim de recompor-se antes que tivesse uma crise diante de dúzias de amigos e parentes. Uma vez que o primeiro andar não oferecia privacidade, ela atravessou o casarão e subiu a escada forrada de carpete, optando pelo cômodo dos fundos, o qual seu pai usara como escritório.

Tudo naquele quarto falava de Sam Corsi, desde lembranças de prédios implodidos ao odor fétido de charutos. Kate ergueu o tijolo secular, que fora resgatado da implosão de uma fábrica abandonada na Nova Inglaterra. Havia sido o primeiro projeto da Phoenix para a gravação de um filme de Hollywood, uma invasão alienígena, e Sam ficara no auge. A partir daí, uma série de empresas de implosão tinham surgido no mercado.

Depois de devolver o tijolo à escrivainha, ela pinçou um charuto da caixa de noqueira e inspirou o aroma do fumo. A fragrância penetrante a fazia recordar o pai de forma primitiva e intensa. Ele sempre fumara no escritório, mas o odor de charutos o acompanhara a todos os lugares.

Com lágrimas nos olhos, devolveu o charuto à caixa e encostou a testa no vidro gélido da janela. A vida mostrara-se surreal nos últimos três dias, desde que fora despertada às quatro da manhã pelo som do telefone.

Mesmo que vivesse cem anos, jamais se esqueceria do timbre da voz de sua mãe ao revelar a notícia de que Sam Corsi fora morto em uma explosão que tivera uma falha. No espaço de um segundo, a desavença com o pai desaparecera, como se uma vida inteira de amor jorrasse em uma dor devastadora.

Naquela manhã, Kate embarcara em um avião para voltar a Maryland pela primeira vez em quase dez anos. Quando aterrissou, o corpo de seu pai já havia sido encontrado nos destroços e o enterro, programado.

Desde esse momento, Kate se vira engolida pelo caos, enquanto ajudava a mãe com decisões e preparativos que envolviam a morte súbita. Sam Corsi, tal qual sua empresa, a Phoenix Demolições Internacionais, PDI, fora único no ramo e sua morte em uma explosão prematura tornou-se manchete de primeira página do *The Baltimore Sun*. Agora ele jazia sob a terra congelada, após um funeral apressado devido aos ventos cortantes do janeiro mais frio da história.

Kate ainda tinha dificuldades de acreditar que alguém tão obstinado e generoso, adorável e de enlouquecer, podia ter partido. Inconscientemente, pensara que Sam viveria para sempre. Ou, pelo menos, até que o estremecimento entre pai e filha cicatrizasse. Ela deveria ter se empenhado para uma reconciliação. Agora era tarde demais. Muito tarde.

Assim que escutou som de passos, Kate endireitou as costas e enxugou as lágrimas quando outra mulher entrou no escritório. O vidro da janela refletia uma imagem que poderia ser ela mesma. Sua mãe, Julia, transmitira à filha a altura, o corpo esguio e os belos cabelos. Os olhos castanhos de Kate, porém, era o legado visível da origem italiana do pai.

Kate se virou e abraçou a mãe, disposta tanto a dar quanto receber.

— Como você está mãe?

— Agüentando. — Julia amparou-se na filha, emocionada.

Kate a abraçou com força, aflita por se sentir impotente.

Dissipada a tensão, Julia afastou-se. Seu rosto, desgastado pela dor e fadiga, achava-se pálido.

— Vim lhe dizer que depois que os convidados se forem, Charles quer falar conosco acerca do testamento de seu pai.

Sem dúvida, sua mãe também apreciara a desculpa para fugir da multidão.

— Pensei que a leitura do testamento em presença da família só ocorresse em romances vitorianos.

— Não será bem assim. — Julia evitou fitá-la. — Há... Detalhes que precisam ser discutidos.

Antes que Kate pudesse perguntar o motivo da urgência, a mãe sentou-se em uma cadeira e cruzou os braços.

— Espero que as pessoas partam em breve. Não sei por quanto tempo ainda suportarei.

Kate tocou o ombro de Julia.

— Mãe...

— É bom ouvir as pessoas se lembrarem de Sam — Julia disse. — Mas é difícil. Passei o dia inteiro lutando contra as lágrimas.

— Ninguém vai se importar, se você chorar.

— Eu me importo porque não sei se conseguirei parar.

Kate abraçou os ombros da mãe. A aristocrata, Julia Carroll, era muito distinta de Sam Corsi, nascido na periferia de Baltimore, mas isso não os impedira de construir um bom casamento. Ela tinha o direito de se conduzir a sua maneira. Kate entendia, pois partilhava a necessidade da mãe de encarar o mundo com compostura.

Julia fechou os olhos.

— Estou tão contente por estar aqui, Kate. Visitá-la em São Francisco não é a mesma coisa que vê-la em casa.

O motivo de Kate não vir a Baltimore durante dez anos achava-se no andar de baixo, lindo como o pecado e duas vezes mais perigoso. Mas naquele dia, os problemas de Kate eram ínfimos perto da perda da mãe.

— Claro que eu tinha de vir. Papai e eu tínhamos nossas diferenças, mas conseguimos nos entender melhor nos últimos anos. Algo que não ocorreu entre ele e Tom.

— Eu gostaria que Tom estivesse aqui. — Julia abriu os olhos. — Aposto que se você pedisse, ele viria. Tom disse que, como não era bem-vindo enquanto Sam estava vivo, não acreditava que conseguiria vir agora.

— Foi assim que aconteceu — Kate admitiu. — Todas as mães são videntes?

— É parte de nosso trabalho. — Julia levantou-se. — Não recrimino Tom por não ter comparecido ao enterro, não depois do jeito que Sam se comportou. Aquele homem podia ser impossível...

A voz falhou. Kate supôs que a mãe recordava a fratura da família, um evento tão profundo que

nem uma década poderia atenuar a dor.

Na tentativa de esquivar-se do assunto, Kate perguntou:

— Quando a poeira abaixar, você irá nos visitar em São Francisco. Tom e eu adorariamos recebê-la pelo tempo que quiser.

— Ele sugeriu que eu fosse a São Francisco quando telefonou ontem à noite. Talvez eu aceite. — Julia ajeitou os cabelos com os dedos trêmulos. — Será bom... Sair daqui.

Kate pensou em sugerir que a mãe não voltasse para a recepção, mas Julia jamais abandonaria um evento social em sua própria casa. Mas um detalhe a inspirou.

— Você não dizia que cabia a uma anfitriã deixar seus convidados completamente à vontade para então livrar-se deles quando estivesse farta? — Kate apontou a paisagem gélida da janela. — Estamos em Maryland. Tudo o que temos de fazer é sugerir a iminência de uma nevasca para as pessoas desaparecerem.

A expressão de Julia suavizou.

— Façamos isso então.

— Certo. Vamos.

As duas saíram do escritório. Julia mantinha o semblante calmo que Kate via diariamente no próprio espelho. As linhas do rosto da mãe a fizeram lembrar a avó. Kate possuía a imagem mental de uma cadeia de mães e filhas de gerações passadas, partilhando a força estóica, amparo mútuo e conflitos inevitáveis. Um dia, se tivesse sorte, ela teria uma filha.

Mas tratava-se de um assunto doloroso demais para contemplar. Com as emoções sob controle, Kate seguiu a mãe pela escada.

CAPÍTULO II

Kate havia voltado à sala. Donovan pôde sentir sua presença. Tal percepção o perturbara o dia todo. O bom fora que ele se ocupara tanto com as conseqüências da morte de Sam que não houvera tempo de vê-la até á hora do enterro.

Após finalizar a conversa com um condoído primo dos Corsi, ele bebeu seu refrigerante, enquanto observava Kate percorrer a sala de estar. Ela tinha a mesma graça natural e o charme que distinguiam Julia. Parentes e amigos de longa data enterneciam-se ao revê-la.

Donovan brincou com a idéia de se aproximar e dizer algo agradável e casual. Afinal, haviam se passado quase dez anos. Ambos construíram vidas produtivas. Kate era uma arquiteta em São Francisco e ele encontrara sucesso emocional e profissional como vice-presidente de Sam Corsi.

Então Kate olhou em sua direção. Quando se fitaram, o choque foi tão grande que Donovan desviou o rosto como se tivesse sido pego em flagrante. Melhor era deixar os cachorros e as ex-esposas em repouso. Sua determinação foi reforçada quando avistou Val Covington falando com Kate. Dos amigos da época de escola de Kate, somente Val ainda morava em Baltimore e comparecera ao enterro. Donovan ficou feliz por Kate, já que ela precisava de todo apoio que pudesse obter, mas Val e Kate juntos eram uma combinação que ele evitaria a qualquer preço.

A multidão diminuiu rapidamente devido aos boatos de uma iminente nevasca.

Donovan considerava ir embora quando notou que Kate marchava em sua direção, resoluta, como se estivesse disposta ao confronto. Embora ele não o quisesse, era tarde demais para fugir.

No entanto, ficou curioso. Por um lado, Kate era da família, a mulher que Donovan amara com o total abandono adolescente. Por outro, ela lhe parecia uma estranha, moldada por uma década de situações e pessoas que ele desconhecia.

Mas Donovan a reconheceria em qualquer lugar, a despeito da passagem dos anos. Os longos cabelos loiros caíam em cachos sobre o casaco preto, tornando-a ainda mais linda que aos dezoito anos. Claro que se tratava de uma reação biológica. Ambos tinham se casado por um desejo sexual mútuo e tal atração não havia evaporado só porque o casamento acabara com uma explosão mais devastadora que dinamite.

Kate se deteve a certa distância.

— Não se preocupe, estou desarmada. Chegou à hora de eu ser civilizada e cumprimentá-lo. Como vai, Donovan?

— Já estive melhor. Os últimos dias... — Ele se calou ao lembrar o momento em que o prédio desmoronara diante de seus olhos. — Lamento muito por Sam, Kate. Perder um pai muda... Tudo. — E disso ele sabia por experiência própria, pois perdera os pais antes de completar dezessete anos.

— É o que estou descobrindo. — Kate fechou os olhos por um instante, ocultando qualquer vulnerabilidade. — Mas está tão apto a receber condolências quanto eu. Afinal, você o via todos os dias. A morte de meu pai deixará um vazio muito maior em sua vida.

Ela tinha razão. Sam fora a pessoa mais importante no mundo de Donovan. Ele fitou o copo de refrigerante.

— É difícil imaginar a PDI sem Sam. Além de fundador, ele era o coração e a alma da empresa.

Kate tomou um gole de vinho branco.

— Como aconteceu o acidente? Pensei que a precaução fosse à religião oficial da Phoenix.

— Não sei Kate. Estávamos prestes a derrubar um prédio de apartamentos na periferia de Washington. Trabalho de rotina. Algo desencadeou a explosão enquanto Sam fazia a última vistoria.

— Tem idéia do que causou a explosão?

— Realmente não sei. Uma falha elétrica, eu suponho. É sempre perigoso quando há vento frio e seco, mas, mesmo assim, isso não deveria ter acontecido. O coronel do corpo de bombeiros está investigando e até agora não chegou a nenhuma conclusão.

— Sinto muito, Donovan, por tê-lo visto morrer desse jeito. Deve ter sido um pesadelo.

A imagem do prédio a desmoronar despontou novamente, tal qual acontecia havia três dias.

— Sempre me pergunto se havia algo que eu pudesse ter feito.

— Talvez seja melhor não saber. — Kate olhou para o copo de vinho. Vários segundos se passaram antes de ela erguer a cabeça. — Você parece bem. — Os olhos brilhantes fitaram o terno e a gravata. Uma diferença enorme do jeans que ele costumava usar diariamente. — Pelo jeito, a passagem de operário para executivo transcorreu muito bem.

— Não se deixe enganar pela aparência. Continuo sendo um construtor. — Donovan tentou sorrir. — Ou melhor, destruidor.

— Seus talentos naturais ainda vigoram — ela comentou com tanta polidez que tornou difícil identificar o sarcasmo. — Foi bom vê-lo. Agora, se me der licença, preciso falar com outras pessoas.

— Espere. — Donovan não podia deixá-la ir sem checar o abismo que os separava. — Dez anos atrás, você partiu tão rapidamente que não tive a chance de dizer que sinto muito.

— Não se preocupe, eu sei disso. Você sempre sentiu muito.

Foi como um; tapa no rosto. Um longo silêncio se interpôs. Kate então abaixou a cabeça e esfregou a testa.

— Desculpe-me, Patrick. Eu não devia ter dito isso. Mas não quero falar neste assunto nunca mais.

Altiva, ela se afastou. Donovan respirou fundo. Kate só o chamava de Patrick quando optava por manter o casamento malfadado arquivado.

Deveria se sentir grato. Contudo, não parava de pensar naquela conversa breve.

Quanta vez sonhara em vê-la de novo? Mesmo depois de Kate ir embora, tivera a certeza de quê, se pedisse desculpas, desse, explicações tudo ficaria bem. Donovan a procurara desesperadamente, apesar de o processo do divórcio ter sido iniciado.

Entretanto, descobrira que ela havia partido para São Francisco. Jamais tivera a chance de

dissuadi-la após Kate resolver encerrar o casamento. Um comportamento típico da pequena Corsi: um longo período de tolerância e paciência até ela atingir seu limite, para então trancafiar-se em si mesma.

Tão logo percebera a situação, Donovan vira-se estilhaçado. Se não fosse por Sam, que o tratara como um filho, ele não teria sobrevivido. Talvez terminasse colidindo seu carro em um poste, como seu próprio pai o fizera.

Embora estivesse acessível geograficamente, Kate continuava emocionalmente longe.

Ele a seguia com o olhar, enquanto ela se deslocava pela sala, ouvindo as pessoas dizerem quanto Sam era importante.

Os trajes negros eram o oposto do que ela usara na noite em que tinham se conhecido.

Donovan manobrava carros no majestoso Anfiteatro de Maryland, onde as jovens aristocratas seriam apresentadas à nata da sociedade. Quando o trabalho lhe fora oferecido, ele não acreditara que tais eventos ainda existiam. Aceitara a oferta, pois sua bolsa de estudos cobria apenas o custo da faculdade. Portanto, ele precisara trabalhar horas a fio a fim de bancar os livros e outras despesas. Além disso, estava curioso para ver como a outra metade vivia.

O baile acontecera em um teatro histórico no centro de Baltimore. Embora o local não fosse glamoroso, os convidados eram. Observara os pais orgulhosos e as mães ansiosas chegarem com suas filhas. Já que a noite estivera agradável para meados de dezembro, as debutantes não precisaram se vestir como esquimós. Mesmo as mais comuns cintilavam como diamantes em seus vestidos brancos. Donovan não sabia que Maryland possuía tantas loiras.

Isso, se os cabelos tivessem mesmo a cor natural. Estava certo de que nenhuma daquelas moças era tão inocente quanto parecia. A maioria era de calouros da universidade e não devia haver nenhuma virgem em meio à manada, mas gostava da ilusão da pureza.

Os Corsi chegaram, em uma limusine. Julia era a mais pura elegância aristocrática, enquanto Sam irradiara a confiança do sucesso e da riqueza. E Kate o encantara no instante em que ela saíra do veículo, os cabelos loiros presos em um coque, o pescoço alvo decorado com pérolas, certamente verdadeiras, e um sorriso capaz de aquecer a noite invernal. Era Grace Kelly aos dezoito anos, usando um vestido tão branco quanto à neve.

Alta e esguia, ela o enfeitiçara de tal forma que Donovan quase se esquecera de fechar a porta da limusine. Então Kate o olhou e, sem a arrogância de uma jovem rica, disse:

— Obrigada. — E piscou. Naquele momento, ele sentira que eram as únicas pessoas no mundo.

Donovan a teria seguido até o anfiteatro, como um cãozinho, se Julia não houvesse interferido.

— Lembrou-se de trazer as luvas, Kate?

Atordoada, Kate olhou para as próprias mãos.

— Não. Desculpe-me, mãe, eu as deixei em casa. Não estou acostumada a formalidades vitorianas.

Elegantemente, a mãe dela murmurou, contendo o riso:

— Por que não estou surpresa? — Julia então tirou um par de luvas da bolsa.

Kate riu.

— Pelo mesmo motivo que não estou surpresa por você estar preparada.

Fascinado, Donovan a observara calçar as luvas justas. Elas lhe serviram como uma segunda pele. Enquanto a mãe abotoava os punhos do adereço de cetim, Kate o fitava como se dissesse: *Você e eu sabemos que é tolice, mas tenho de agradar meus pais.* Em seguida, ela adentrou o teatro tal qual uma princesa real, acompanhada pela mãe e pelo pai.

Quando o carro seguinte estacionou, ele olhou mais uma vez para Kate, com a intenção de imprimir aquela imagem magnífica em sua mente. Garotas como ela não serviam para garotos como ele, que manobravam veículos e trabalhavam em construções para se sustentar.

No entanto, sua imaginação não fora criativa o bastante para deduzir como a noite terminaria.

Agora, no momento presente, ele se virou, na esperança de que ninguém o notasse a encarar a ex-mulher. A velha Kate fora especial. Abrira os braços para receber a vida com confiança inocente e inteligência que o tinham arrebatado. Hoje, porém, ela vestia a mesma calma impenetrável tão característica de Julia.

Parecer-se com Julia não era ruim; Donovan adorava a ex-sogra. A despeito da postura reservada, ela fora uma presença acolhedora em sua vida. Não como uma mãe, mas no papel de uma tia sábia que tudo aceitava.

Entretanto, onde Julia tinha reservas, Kate possuía cautela. E boa parte da responsabilidade, era dele. Sem dúvida, ela vivera altos e baixos desde o divórcio, mas ele sabia ter sido o único a destruir aquela disposição inocente. Ao longo dos anos, esforçara-se para consertar seus defeitos, mas nada podia mudar o passado. Kate era uma linda e excruciante lembrança da pior época de sua vida.

Graças a Deus, ela voltaria para São Francisco em poucos dias.

O boato da nevasca havia produzido um êxodo geral. Os últimos a sair foram o primo de Kate, Nick Corsi, e sua mulher taciturna, Angie. Nick trabalhara na PDI durante anos, antes de, recentemente, iniciar seu próprio negócio em demolições. Ele estava sério. Kate desconfiava de que, como Donovan, Nick imaginava se teria feito diferença, caso estivesse presente na explosão fatal. Morte e culpa eram parceiros naturais.

Depois de abraçar o primo, Kate fechou a porta. Com a morte de Sam e a saída de Nick, Julia era a proprietária da PDI e Donovan representava a escolha óbvia para gerenciar a empresa. Ele fazia um trabalho tão eficiente quanto o de Sam. Talvez até melhor, porque era menos volátil. Na maior parte do tempo.

Com certa amargura, concluiu que Donovan investira mais que ela no casamento fracassado. Ele adquirira uma segunda família e uma carreira, enquanto ela terminara a milhares de quilômetros de distância em uma profissão que não fora sua primeira escolha.

Somente a morte do pai havia sido capaz de trazê-la de volta a Maryland. Não se afastara tanto tempo só porque não queria ver Donovan. O motivo maior foi evitar o que ela tinha abandonado. Porém, se precisasse viver novamente a dissolução de seu casamento, no mínimo, tomaria as mesmas decisões. Portanto, não precisava sentir pena de si própria.

Ela parou à entrada da sala de estar. Apesar dos pratos vazios e das xícaras em cada superfície

disponível, a eterna elegância dos móveis antigos e dos tapetes persas de sua mãe a acalmava. O estilo da sala correspondia a Julia, embora Sam adorasse a decoração luxuosa, como um sinal do quanto havia prosperado em Baltimore.

Ao ver a filha, Julia emergiu de seu refúgio temporário da cadeira de balanço.

— Já que Janet vai arrumar esta bagunça, Charles sugeriu que nos reuníssemos na outra sala.

Kate suspirou. Havia esquecido de que o advogado queria conversar com elas.

— Vai demorar muito? — perguntou, quando ela e a mãe atravessaram a casa ampla. — Claro que a maior parte do espólio pertence a você. Como eu e Tom decepçionamos papai, presumo que não receberemos mais que alguns tostões para comprar velas.

— Não deveria predizer as intenções de seu pai. Embora lhe fosse difícil aceitar suas ações, ele nunca deixou de amar você e seu irmão.

Kate não tinha dúvidas de que o pai a amara, mas ele jamais a perdoara por ter se divorciado de Donovan e saído de Maryland. No decorrer dos anos de exílio, haviam feito as pazes. Houvera visitas a São Francisco e telefonemas regulares. Apesar de as conversas nunca se aprofundarem, conseguiram se tornar amigos outra vez.

Mas Tom representava uma questão diferente. Sam não falara com o filho por quase dez anos. Kate rezou para que o pai tivesse deixado algo, qualquer coisa, para o irmão como um gesto de reconciliação.

A outra sala estava quase na penumbra. E Oscar Wilde, o velho cachorro da família, dormia diante da lareira acesa. Aquele cômodo era o verdadeiro coração da casa, onde as habilidades caseiras de Julia estavam expostas. A mobília confortável e resistente que ela escolhera quando os filhos ainda eram crianças havia sobrevivido aos anos de traquinagem, muita televisão e domingos em família. A pilha de almofadas coloridas em um canto da sala acomodara inúmeros jovens, já que Julia sempre recebera os amigos dos filhos.

A parede da lareira era a galeria de fotos da família, com dúzias de imagens que retratavam décadas de vida. Kate observou saudosa, a foto de Tom em sua primeira comunhão e outra em que ela e a mãe trabalhavam no jardim forrado de flores. Julia era insuperável em se tratando do cultivo de plantas.

Acima da foto do jardim, havia um retrato que Sam e Julia tiraram na noite em que foram a um jantar na Casa Branca e outra de Sam ajudando sua própria mãe a mudar-se para a casa que ele lhe comprara, uma empreitada que envolvera mais de vinte Corsi, incluindo Kate e Tom.

De súbito, deteve-se ao ver a foto de seu casamento. Deus, ela e Donovan pareciam tão jovens e tão felizes que sentiu o peito se apertar. Julia não removera aquela fotografia, tampouco as de Tom. Boa ou má, a história da família Corsi achava-se escrita na parede.

Lágrimas ofuscaram sua visão ao relembrar os bons tempos. Todos tinham sua quota de responsabilidade por estilhaçar o que fora uma família feliz.

Tão logo eles entraram, Charles Hamilton fechou a porta. Com quase sessenta anos, ele possuía a mesma postura aristocrática de Julia, a qual correspondia à imagem do advogado bem-sucedido.

Mas o estereótipo não fazia justiça a Charles. Anos atrás, ele e Julia haviam sido noivos, uma

aliança proeminente entre dois filhos de sangue azul de Maryland. Então Julia excedera-se e terminara o noivado quando Sam Corsi entrou em sua vida. Em vez de lamuriar-se pelo amor perdido, Charles aborrecera seus parentes ao se casar com Barbara Kantor, uma advogada judia esperta e de bom coração.

Os tradicionalistas previram que os casamentos fracassariam. No entanto, ambos floresceram cada qual produzindo dois filhos. As famílias sempre foram próximas. Tom e Kate eram amigos das filhas de Charles, Sandy e Rachel, desde o nascimento.

Kate sentiu uma dor aguda no coração ao pensar em Barbara, cuja espontaneidade a tornara mais acessível que sua própria mãe, uma mulher às vezes perfeita demais. Barbara, dois anos atrás, fora atropelada por um motorista embriagado, deixando Charles mais que qualificado a oferecer apoio a Julia devido à morte súbita de esposa.

Oscar se levantou e, abanando o rabo, trotou para receber os recém-chegados. Kate acariciou o pelo macio. O velho Oscar lembrava-se dela, mesmo após tantos anos. Ela enrijeceu quando notou uma quarta pessoa andando pela sala. Donovan.

Felizmente, havia quebrado o gelo ao falar com ele antes. Do contrário, aquele encontro inesperado seria insuportável.

Ele assentiu, mas tamborilava um copo quase vazio, menos relaxado do que fingia estar. Kate acenou, como se esperasse vê-lo na reunião, e sentou o mais longe possível.

Na verdade, a presença de Donovan fazia sentido. Sam devia ter deixado para o ex-genro uma parte da empresa, já que Donovan fora um “filho” mais satisfatório que ela e Tom.

Ele ficara e trabalhara, provendo a afeição e o companheirismo que Sam tanto quisera.

Pela milionésima vez, Kate concluiu ser uma pena lamentável que os filhos de Sam não fossem o que ele esperara. Pena maior ainda foi ele não os ter aceitado como eram.

Depois que Julia e Kate se acomodaram, Charles se manifestou.

— Está tarde e todos nós estamos fatigados. Portanto, vou direto ao assunto. — Ele franziu o cenho como se organizasse os pensamentos. — O testamento de Sam é incomum. A segurança financeira de Julia já foi assegurada e, é claro, ela ficará com esta casa. Uma soma substancial foi designada à caridade e há legados para vários parentes. O restante das posses de Sam deve ser dividido igualmente entre você, Kate, e Tom, enquanto a Phoenix Demolições Internacionais irá para Donovan, mas somente se certas condições forem cumpridas.

Tensa, Kate ficou surpresa ao constatar que o pai incluía os filhos no testamento. Tal fato significaria muito para Tom e não apenas pelo dinheiro envolvido.

Olhou para o ex-marido, que parecia espantado e contente, mas também cauteloso. Ela reconsiderou. Devia haver muito mais no testamento, pois, do contrário, Charles não convocaria aquela reunião.

— Que condições?

O advogado a encarou.

— Que você e Donovan morem sob o mesmo teto pelo período de um ano.

CAPÍTULO III

— Meu Deus!

O silêncio paralisante foi rompido pelo som do copo de Donovan se espatifando no chão.

O horror de Kate foi tão visceral que ela quase desmaiou.

— Não! — exclamou, chocada. — Isso é loucura. Nem em um milhão de anos!

Olhou para Donovan. O semblante perplexo espelhava o dela.

Eles deveriam morar juntos? A idéia a fez gelar.

— O testamento é totalmente legal — o advogado esclareceu. — Inclusive a cláusula de deserdar qualquer um que o conteste.

Kate fechou os olhos, sentindo as têmporas latejarem. Seu pai não soubera por que ela se divorciara de Donovan e, claro, de quem era a culpa? Ela preferira o silêncio ao escândalo público. Como dizia o ditado, qualquer boa ação poderia se tornar um pecado mortal.

Kate começou a tremer quando a fúria, que Sam tantas vezes chamara de “momento italiano”, emergiu dentro dela.

— Você induziu Sam a fazer isso? — ela acusou Donovan.

— Acha que sou insano? — ele perguntou incrédulo. — Eu preferia viver com lobos.

Por mais que quisesse retaliá-lo, era impossível ignorar o choque ou a repulsa que Donovan expunha. Kate encarou a mãe.

— Você sabia disso?

— Sabia. E, Kate, tente se controlar. Está fazendo uma cena.

— Ótimo! Quero mesmo fazer uma cena. — Ela fechou os punhos, furiosa. — Como pôde deixar que Sam criasse um testamento tão... Tão revoltante?

— Sam era um católico devotado que acreditava na santidade do casamento — Julia explicou. — Embora você não seja católica, Donovan é, e ambos se casaram na igreja. Como a união nunca foi anulada, para Sam, o casamento ainda existia.

— Sam tinha idéias medievais, mas até ele sabia que o divórcio é um fato da vida — Donovan retrucou. — Não podia acreditar que um maldito testamento ressuscitaria um casamento morto há dez anos.

Kate concordou em gênero, número e grau. Devia ter exigido uma anulação. Donovan nunca demandou nada parecido e ela, por sua vez, não queria nenhum motivo que os obrigasse a se falar. O vacilo dera a Sam a desculpa para alegar que o casamento ainda era válido.

Não que seu pai precisasse de uma desculpa. A despeito da fé religiosa, ele não se casara em uma cerimônia católica porque Julia quisera os rituais de sua própria igreja.

Entretanto, Sam se aproveitara do casamento católico da filha para, no final, impor sua vontade.

— E se Donovan e eu tivéssemos nos casado de novo? — ela supôs amarga. — Sam exigiria que nos divorciássemos?

— Insisti para que ele criasse uma alternativa, caso um de vocês ou os dois mudasse o estado civil entre o período em que Sam redigiu o testamento e sua morte — Charles alegou. — No entanto, tal perspectiva é discutível, já que estão solteiros e podem cumprir as condições, se assim o quiserem.

— Se assim o quisermos. — Kate encarou Donovan. Havia sido difícil falar com ele em um ambiente repleto de pessoas. Logo, a idéia de morar com o ex-marido era... Impensável. — Meu pai não tinha noção do que estava pedindo.

Mas Donovan tinha. De seu refúgio ao lado da lareira, ele a observava, como se Kate fosse uma granada prestes a explodir. Mesmo relutante, ela reconhecia que Donovan se sentia tão traído quanto ela. Em vez de herdar a empresa que, por dedicação e trabalho árduo, deveria ser dele, Donovan era torturado pelo último capricho de Sam.

— Que se dane o dinheiro e a tentativa de Sam de nos controlar da cova! — Kate esbravejou e precipitou-se à porta.

— Espere — Charles comandou. — Sei que é um choque, Kate. Mas lembre-se de que, se declinar a condição imposta, não é apenas sua herança que estará dispensando. Tom também será deserddado e Sam especificou que a PDI, nesse caso, seja vendida para a Marchetti Demolição.

Donovan praguejou e Kate se deteve. Bud Marchetti era um velho amigo do pai e tentara várias vezes comprar a PDI a fim de transformá-la em uma divisão de sua empresa naufragada. Sam sempre rira das ofertas, mas obviamente havia reconsiderado ainda em vida.

— Não a recrimino por estar aborrecida — Julia interveio. — Como você disse, o testamento é revoltante, mas Sam nunca perdeu a esperança de que vocês dois pudessem se reconciliar.

Kate cerrou os olhos.

— Você não compartilha do mesmo delírio, acredito.

— Não, mas acho que a idéia tem certo mérito. — Julia voltou-se para Donovan. — Não porque haja uma chance de vocês dois reatarem. Não sei o que aconteceu, contudo, é óbvio que o casamento deixou cicatrizes profundas ou não estariam solteiros após dez anos de separação. Talvez, se passarem um ano juntos, consigam resolver suas diferenças e retomar suas vidas.

Contendo a necessidade absurda de soltar impropérios, Kate berrou:

— Nunca!

— Note que a condição refere-se a viver sob o mesmo teto, não dividir a mesma cama. Na verdade, vocês apenas compartilhariam o mesmo espaço de habitação — Charles explicou com a calma de quem discutia aplicações financeiras. — Sam explicitou alguns detalhes do que seria aceitável. Em um hotel, um quarto conjugado pode ser mais adequado que um quarto simples.

Boquiaberta, Kate não podia acreditar quão meticuloso fora Sam ao tramar aquela armadilha. Ele devia ter passado os últimos dez anos imaginando maneiras de forçar a união entre a filha e o ex-genro.

— Incidentalmente — Charles prosseguiu —, Sam também especificou que vocês morariam na

casa em que viveram quando casados, ou seja, na residência que Donovan ainda ocupa.

O bizarro fundia-se à insanidade! Notando o nervosismo de Kate, Oscar se aproximou e começou a se esfregar em sua perna. Ela o acariciou, sentindo os pelos quentes aquecerem seus dedos frios.

— Não sou a única que discorda dessa condição ridícula — ela apontou. — Donovan também não está disposto a coabitar o mesmo espaço que eu.

Porém, a expressão de Donovan tornou-se perturbada.

— Kate, nós temos de conversar — ele disse.

— Excelente idéia. — Julia se levantou. — Charles e eu vamos beber. Preciso de uma boa dose de uísque.

Antes de acompanhá-la, Charles tirou uma carta do paletó e a entregou a Kate.

— Seu pai me pediu que lhe entregasse isto.

Ela olhou a carta e a guardou no bolso. Julia e o advogado saíram, deixando-a á sós com Donovan.

O que diabo dera em Sam? Donovan se perguntou. Havia deduzido que Julia assumiria a empresa e o nomearia como presidente. Mesmo que Nick Corsi não tivesse saído para iniciar o próprio negócio, Donovan seria a melhor escolha. Havia trabalhado muito para ministrar as técnicas exigidas até se tornar tão competente quanto Sam, talvez melhor.

Desenvolvera novos métodos a fim de demolir estruturas que pareciam impossíveis de implodir e passara seu tempo livre adquirindo um MBA.

Certamente não havia se esfalfado para acabar como um mero funcionário de Bud Marchetti. Mas, por causa de um capricho de Sam, a empresa seria perdida e Kate teria mais um motivo para odiar o ex-marido.

De costas para ele e com o olhar fixo na janela, ela rompeu o silêncio.

— Está nevando. É hora de você ir embora.

— Não vai se livrar de mim tão facilmente — Donovan tentou aliviar a tensão. — Sei dirigir sob uma nevasca.

Trêmula, Kate cruzou os braços.

— Não acredito que queira participar dessa palhaçada, Donovan. Seria um inferno.

— Em princípio, não quero — ele concordou. — Mas talvez devêssemos considerar a possibilidade.

— Não está falando sério! — Kate enfim o encarou.

— Eu quero a Phoenix Demolições, Kate — Donovan usou a única certeza que possuía. — Dediquei à PDI tempo e energia por mais de uma década. Somos os melhores no ramo das demolições. Com a morte de Sam, ninguém conseguirá administrar a empresa melhor que eu.

— Também tenho um trabalho para o qual me dediquei e ele está a quase seis mil quilômetros daqui. Não posso abandonar minha sócia, Liz.

— Sei que a situação é mais complicada para você, Kate. — Ele fitava as chamas da lareira. — Mas esqueça a PDI e a arrogância de Sam. A questão real está justamente no que Julia disse: você e eu ainda estamos ruminando o passado. — Encarou-a na esperança de que ela entendesse o que não conseguia colocar em palavras. — Eu, pelo menos, estou. E imagino que também esteja ou já teria se casado novamente. Você foi... Boa como esposa.

— Talvez minha mãe tenha razão. Mas, se eu resolver que preciso de ajuda; procurarei um psicólogo. Morar com você não vai resolver. Quase nos destruímos, Patrick. Seria um passo para a loucura, se voltamos a morar juntos.

— Não necessariamente. Durante a maior parte de nosso casamento, fomos amigos. O que nos separou está relacionado ao fato de que também éramos marido e mulher. Dessa vez seria diferente. Se conseguirmos resgatar a amizade, talvez possamos superar o que aconteceu. Vale à pena pensar a respeito.

Sim, haviam sido amigos, tinham partilhado risadas, refeições e a criação de um lar.

Mas Donovan realmente acreditava que poderiam passar um ano sob o mesmo teto sem acabar na cama? O fervor sexual que certa vez chamaram de amor havia falecido dentro dele?

Enquanto estudava o rosto do homem que amava e odiava, adorava e temia, Kate relembrou a noite em que tudo começou...

CAPÍTULO IV

— Você viu aquele cara lindo manobrando os carros? — Laurel Clark, uma das melhores amigas de Kate que compareceu ao baile de debutantes, suspirou enquanto retocava o batom no toalete feminino.

— O Senhor Alto, Moreno e Delicioso? — Kate sorriu. — Eu disse a meus pais que o queria lavado, escovado e em minha tenda. Meu pai não achou graça.

Laurel riu.

— Ele leva o ritual de debutante mais a sério que você.

— É um símbolo de sucesso mundial. Meu pai não apenas se sobressaiu nos negócios, como também se casou com uma mulher da aristocracia de Baltimore. Ele adora o fato de que a única filha está apta a ser apresentada à sociedade. Nada mal para um cara de origem simples. — Kate vasculhou a bolsa à procura do rímel. — Não que a nata social me impressione, mas agora que, como uma boa menina, satisfiz a vontade de papai, acho que é o momento certo para pedir um estágio na Phoenix Demolições.

— E se ele negar?

— Impossível. Desde pequena, eu sabia que trabalharia na empresa quando crescesse.

— Não entendo seu desejo de explodir as coisas.

Kate hesitou.

— Os prédios vão desmoronar de qualquer jeito. Não é mais digno submetê-los a uma gloriosa explosão, em vez de deixá-los deteriorar aos poucos?

— Dito dessa maneira, parece-me mais interessante, sim. Mas não gosto do barulho. — Laurel virou-se para verificar as costas do vestido. — Nessas roupas brancas, parecemos bolos de casamento.

— Fale por si mesma. — Kate passou o rímel. — Quando me casar, meu bolo será de chocolate.

— Vou querer duas fatias quando o dia chegar. Porém, há algo a ser dito acerca das tradições. Este ritual em particular, apresentar as jovens à sociedade, é centenário. Sobreviveu à revolução dos anos 1960 e às mudanças da década de 1970, o que é impressionante.

— À tradição, então, mesmo que os “solteirões de Baltimore” sejam velhos o bastante para serem nossos pais! — Kate segurou a saia rodada e fez uma cortesia. — E agora vamos à conversa para convencer meu pai a me dar um estágio na empresa.

Rindo, elas saíram do toalete e foram apresentadas à *crème de la crème* da velha sociedade de Maryland. À medida que a noite progredia, Kate teve de admitir que, embora a tradição fosse arcaica, também lhe pareceu divertida. Quando o pai a chamou para dançar a valsa, ela emanava um bom humor confiante.

— O baile correspondeu a suas expectativas, pai?

Sam sorriu com tanto charme que poderia dar vida a uma estátua de pedra.

— Sei que só quer me agradar, mas, sim, é tudo que eu esperava. Quando garoto, eu lia artigos a

respeito deste baile nos jornais e era como se... Descrevessem Versalhes. Jamais pensei que minha filha faria parte desse mundo. — Ele a beijou na testa. — Está deslumbrante, cara. Como sua mama.

— E você é o pai mais elegante do salão.

Era a mais pura verdade. Ele sempre fora charmoso e as mechas grisalhas nas têmporas serviam para incrementar sua aparência. Kate sentiu uma onda de orgulho. Em um ambiente repleto de homens que mantinham suas fortunas sacudindo papéis, Sam Corsi, na verdade, fazia coisas. Ele inventara um negócio lucrativo e era o melhor do ramo. Nem o rei Louis que construía Versalhes poderia dizer o contrário.

Era hora de fazer o pedido. Kate respirou fundo.

— Pai, eu quero fazer um estágio de campo na PDI este verão. Chegou o momento de eu aprender o ofício.

O sorriso de Sam desapareceu. Depois de rodopiá-la a fim de evitar outro casal, ele disse:

— Pensei que tivesse desistido dessa tolice. Há anos que não menciona o fato.

— Eu estava ganhando tempo — Kate explicou, animada. — Entendo por que você não me quis na empresa enquanto eu cursava o ensino médio. Afinal, é preciso maturidade para lidar com explosivos. Mas agora que estou na faculdade, não pode alegar que sou nova demais. Você não era tão mais velho que eu quando aprendeu a implodir prédios.

— Isso foi diferente. Eu pertencia ao corpo de engenheiros do Exército. E também sou homem e a demolição é trabalho para homens. Por isso, a empresa ficará a cargo de Tom eventualmente.

Kate sabia que ele diria isso.

— Tom não quer passar o resto da vida demolindo prédios. Ele só trabalhou para você no último verão porque não resistiu à oportunidade de informatizar o escritório. Já que ele não quer a PDI, a companhia deveria ficar para mim. Sou tão sua filha quanto Tom.

Ignorando o que ela dissera a respeito do irmão, Sam bufou.

— O trabalho de demolição é sujo e perigoso. Não admito que minha filha o faça.

Mesmo exasperada, Kate tentou manter a calma.

— Os tempos mudaram pai. As mulheres fazem tudo, exceto jogar futebol americano. Conheço a PDI o suficiente para saber que não há um serviço na empresa que eu não possa realizar. Ora, sou mais qualificada que Nick e você ô terá como estagiário no próximo verão.

— Seu primo é homem, uma qualificação que você nunca terá. Fique feliz por eu deixá-la estudar Arquitetura. Francamente, não aprovo a escolha, mas você precisa se ocupar até se casar.

Kate empacou no meio da pista de dança. Enquanto os outros casais tentavam evitar uma colisão, ela explodiu:

— Meu Deus, que vitoriano! Desde quando um pênis é necessário para fazer cálculos e carregar explosivos? Não escolhi Arquitetura para passar o tempo até eu fisgar um marido. Resolvi estudar Arquitetura porque é um excelente treinamento para a PDI!

— Modere o linguajar, mocinha! — Sam vestiu a máscara do severo homem de negócios. — Você não vai trabalhar para a PDI e não quero mais ouvir essa bobagem. Fui claro?

Chocada, ela encarou o pai. Aquele não poderia ser o fim de seus sonhos. Sabia que pertencia à companhia com a mesma certeza de que o sol despontaria no dia seguinte. Era o futuro que planejara a vida toda.

— Trabalhar na PDI não é um capricho, pai — argumentou com a voz trêmula. — Sou parecida com mamãe, mas em meu coração sou como você. Adoro a mistura louca dos projetos, o desafio de acertar todos os detalhes, a excitação de uma explosão perfeita. Dê-me uma chance de provar...

— Basta, Kate! Só conseguirá trabalhar na PDI sobre o meu cadáver.

O choque transformou-se em raiva.

— Então vou trabalhar em outro lugar! A PDI é a melhor, mas posso aprender a superá-la. E é o que farei!

— Não! — Sam rebateu. — Droga, sou seu pai e fará o que eu mandar!

— Não estamos mais no século XIX, Sam, e minha vida pertence a mim, não a você. Ao inferno com você e esse baile artificial!

Chorando, Kate correu pela pista, trombando nos dançarinos. Era uma piada acreditar que sempre persuadia o pai a lhe dar o que bem quisesse e que ele jamais a decepcionaria.

Havia esperado que Sam bufasse e reclamasse um pouco, mas tivera a certeza de que ele se orgulharia secretamente de vê-la seguir seus passos.

Entretanto, após proclamar em público sua decisão, Sam nunca mudaria de idéia.

Recriminando-se por ter sucumbido à raiva, ela atravessou o lobby do teatro. Talvez o pai aceitasse a proposta, se ela tivesse escolhido um momento mais propício. Ou talvez não devesse ter mencionado que Tom não desejava trabalhar na PDI. O irmão, ao longo dos anos, deixara isso claro, mas Sam resistira à verdade, como se a negação pudesse apagar a aversão de Tom por demolições.

Não, outro momento não teria ajudado. Agora ponderando, via quanto havia subestimado o conservadorismo do pai. Ele era o máximo em vários aspectos, mas em essência não passava de um tradicionalista italiano que acreditava que a medida do sucesso de um homem era ter mulheres que não precisavam trabalhar. Sam a favorecera no passado porque ela nunca pedira nada que conflitasse com sua visão antiga de mundo. Se ela quisesse ficar em casa bordando até que um candidato a marido surgisse, ele seria o pai mais feliz do universo.

De jeito nenhum, Kate pensou. Queria ação. Desafios. Queria explodir um prédio arruinado em um lindo e tenebroso instante e fazê-lo com uma precisão que dispensaria a limpeza do terreno vizinho. Era filha de Sam Corsi e, por Deus, provaria a todos!

Ignorando as pessoas espantadas, que notaram a briga entre pai e filha, ela abriu a porta da frente e desceu a escadaria de pedra. O ar frio a fez parar. E agora? Nem sequer sabia onde estava sua bolsa.

Não tinha a menor disposição para voltar ao baile. Seu coração clamava por um grande gesto, mesmo que morresse de frio. Arrancou as luvas de cetim, soltando os botões de pérola, e atirou-as na parede. Então marchou em direção à rua. Ficaria gelada até chegar, em casa.

Não, iria para a casa de Rachel. Tratava-se de uma pequena rebelião, mas foi à única idéia que lhe ocorreu.

Percorreu alguns passos quando uma voz masculina a interpelou.

— Posso ajudá-la, senhorita?

Kate se virou para ver o belo manobrista, o Sr. Alto, Moreno e Delicioso, vestindo uma jaqueta dourada. As luzes da rua iluminavam os vívidos olhos azuis e o rosto que poderia lhe garantir uma carreira de modelo, embora ele tivesse de cortar os cabelos negros presos em um rabo de cavalo. Solta, a cabeleira certamente o tornaria parecido com um anjo.

Em outras circunstâncias, Kate pararia para apreciar a paisagem.

— Estou bem, obrigada — disse e continuou andando.

Ele tentou impedi-la. Imaginava que o rapaz tivesse sua idade, mas parecia mais velho.

Robusto e um pouco irascível, parecia também inteligente, como um homem que sabia se virar tanto em uma conversa quanto em uma briga.

— Não deveria andar sozinha neste bairro. — Ele notou os braços nus. — Principalmente sem um casaco.

As palavras á tornaram ciente de quanto à temperatura havia abaixado nas últimas duas horas. Kate tentou se convencer de que não estava tão frio assim.

— Quando eu chegar a Ruxton; estarei aquecida.

— Ruxton! Depois de atravessar a cidade, estará congelada de frio.

— Então pedirei uma carona! Olhe, agradeço sua preocupação, mas dê o fora. Você já ultrapassou o limite do dever. Vá estacionar um carro ou algo parecido.

Ele a segurou pelo pulso, mas sem machucá-la.

— Não é uma boa idéia. Uma prima minha metida a sabichona pedia carona todos os dias ao sair da escola até que foi estuprada. Volte para dentro, enquanto chamo um táxi. — Ele notou as mãos vazias. — E empresto algum dinheiro.

— Não vou voltar para aquele baile maldito! — Um tremor involuntário a sacudiu. — Prefiro arriscar um estupro e uma pneumonia.

Exasperado, ele tirou a jaqueta elaborada e a colocou sobre os ombros de Kate.

— Use isto, pelo menos.

O casaco estava quente e possuía o odor agradável de loção pós-barba. Kate ô vestiu, grata.

— Obrigada. A jaqueta vai impedir uma doença fatal. Não se preocupe, sou perfeitamente capaz de andar até Ruxton.

— Não com esse calçado. — Ele apontou os sapatos de salto alto. — São bonitos, mas não servem para caminhar.

— Darei um jeito. — Ela abotoou a jaqueta. — Diga-me seu endereço para que eu possa devolver o casaco.

— Não vou deixá-la fazer isso.

— Estou farta de os homens me dizerem o que não devo fazer! Não aceito ordens de meu próprio pai, muito menos de um perfeito estranho!

— Não sou perfeito. — Ele sorriu. — E meu nome é Donovan. Portanto, agora não sou mais um desconhecido.

Na tentativa de resistir ao poder daquele sorriso, Kate perguntou:

— Donovan de quê?

— Só Donovan. — O sorriso feneceu. — Brigar com o pai é um inferno. O que seu velho fez de tão ruim?

Para um garoto que estaria mais à vontade em um bar, ele tinha um olhar extremamente gentil.

— Minha vida toda — Kate desabafou —, quis me engajar nos negócios da família. É a única coisa que quero mesmo fazer. E hoje... — ela piscou quando as lágrimas ameaçaram surgir — meu pai me disse que só trabalharei em sua empresa quando estiver morto.

— Ele pegou pesado.

— Nunca senti tanta raiva. — As emoções tumultuadas causaram-lhe uma tremenda dor no estômago. Kate não gostava de sentir raiva, mas sua vida agora parecia de cabeça para baixo.

— Como você e seu pai se dão normalmente?

— Muito bem. De certa forma, a briga só piora as coisas. É uma espécie de... Traição.

— Entendo. — Donovan fez uma pausa para ponderar. — Já que não vai voltar ao baile, eu a levarei para casa, se não se importar com uma motocicleta.

Kate hesitou antes de decidir se seria melhor aceitar a oferta a arriscar as ruas e o clima frio. Ele não manobraria carros no Anfiteatro de Maryland, se não fosse responsável. Por intuição, sabia estar segura com Donovan.

Com um sorriso, ela lhe estendeu a mão.

— Combinado, Donovan.

Ele apertou-lhe a mão com firmeza. De súbito, Kate sentiu um tremor semelhante a um choque elétrico. Certa de que sua imaginação lhe pregava uma peça, ela o acompanhou de volta ao teatro.

— A propósito, meu nome é Kate Corsi.

— Prazer em conhecê-la. Você não é o que eu esperava de uma debutante.

— Eu estava fingindo quando cheguei.

Diante do hall de entrada, outros dois manobristas se protegiam do vento em um canto.

Também pareciam estudantes universitários, como Donovan.

— Desculpem, mas preciso levar a Srta. Corsi para casa.

— Senhora — ela o corrigiu.

— Sra. Corsi. Se alguém perguntar, diga-lhes que ela está bem.

Um dos rapazes, um ruivo, fez uma careta.

— Teremos mais trabalho quando todos saírem, mas tem razão, não podemos deixá-la andar sozinha. — Ele sorriu. — Posso levá-la para casa, Sra. Corsi, e tenho um carro, não uma moto.

— Obrigada, mas nunca andei de moto antes, muito menos usando um vestido de baile. Como posso declinar uma aventura dessas?

Donovan conduziu Kate ao estacionamento atrás do teatro. Sua moto velha, mas bem cuidada, estava estacionada nos fundos do terreno. Ao tirar a chave do bolso, ele olhou duvidoso para o vestido.

— Talvez seu vestido estrague.

Kate deu de ombros.

— Este tipo de vestido é feito para ser usado somente uma vez e, após a noite de hoje, não servirá para mais nada.

Donovan montou na moto.

— Tenho apenas um capacete. Pode usá-lo.

Ela recusou a sugestão.

— Você é o piloto. Precisa do capacete mais do que eu.

— Pode ser, mas não gosto de transportar passageiros sem capacete. — Donovan refletiu por um momento. — Já sei. Podemos passar na casa de meus tios em Hampden. Fica perto daqui e no caminho. Pedirei emprestado o carro de tio Frankie para levá-la a Ruxton. É mais confortável que a moto, principalmente se começar a nevar.

— Tudo bem. Essa aventura começa a ficar emocionante.

Ele lhe ofereceu um sorriso devastador quando puxou o elástico que prendia os cabelos.

O manto negro tombou sobre os ombros. Em seguida, ligou a moto.

— Segure sua saia. Não quero que dê uma de Isadora Duncan.

De onde um rapaz da periferia de Baltimore havia tirado aquele comentário? Rindo, Kate se sentou atrás dele e prendeu a saia sob as coxas para que o tecido não voasse. Então o abraçou pela cintura. A camisa branca engomada enfatizava os ombros largos. Ele irradiava um magnetismo másculo capaz de perturbar uma freira. Ela queria roçar o rosto naqueles músculos como um gato.

Ele olhou para trás.

— Vai se sentir muito exposta. Tenha fé na inércia, na força centrífuga e na barra atrás de você.

— Sim, capitão — ela brincou mais interessada na sensação daquele corpo. Por isso, os motociclistas eram tão populares. Devia ser o meio de transporte mais sensual desde a sela dos cavaleiros. E ela estava na moto de um garoto que conhecia Isadora Duncan e força centrífuga!

Donovan colocou o capacete e saiu. Percorreram o estacionamento devagar, mas ao atingir a rua ele acelerou. Kate agarrou-se à cintura dele e firmou as pernas na moto. Não estava brincando quando disse que se sentiria exposta! Era como se a moto metralhasse sob ela. Deviam estar abaixo do limite de velocidade, mas pareciam correr muito mais.

Kate ficou tensa quando a moto se inclinou para fazer uma curva. Após um momento de pânico, lembrou o que ele dissera sobre confiar na inércia. Era apenas a lei da física em ação. Já que Donovan tinha pleno controle sobre o veículo, ela relaxou e aproveitou a intimidade e o passeio pela noite adentro.

— Que jeito delicioso de viajar! — exclamou, enquanto o vento batia em seu rosto.

— Exceto quando está chovendo!

Enquanto o vento destruía o penteado elaborado, ela jogou a cabeça para trás e gargalhou. Suas pernas congelavam, mas quem se importava? Fazia algo ultrajante com o cara mais lindo que já vira.

O estresse gerado pela briga com o pai começou a fenecer. No fundo, sabia que um dia trabalharia na PDI. Conseguia visualizar-se na empresa. Já que não poderia entrar pela porta da frente, tentaria a dos fundos. Por enquanto, estudaria Arquitetura. Após se formar, apareceria no escritório e trabalharia onde fosse necessário. A despeito da declaração pública de Sam, ele acabaria se acostumando com a presença da filha. Eventualmente, ela faria parte do negócio.

Sentindo-se melhor, entregou-se à noite, ao vento gelado e ao abraço quente.

CAPÍTULO V

Para a tristeza de Kate, não demorou muito para entrarem em um bairro residencial com diversos carros estacionados nas ruas. Donovan virou à direita, depois à esquerda, antes de parar entre dois veículos em uma curva. Então desligou o motor.

— A vantagem de uma moto é que quase sempre há uma vaga para ela onde você quer.

Kate observou a casa com tijolo aparente. Os proprietários tinham sido os primeiros no quarteirão a pendurar enfeites de Natal e luzes coloridas no telhado, janelas, porta e no corrimão de alumínio ao longo dos degraus. Nem os arbustos haviam escapado. Aliás, ela notou com deleite que havia um pequeno presépio no jardim.

— Posso entrar ou prefere que eu me esconda aqui fora?

— Está muito frio para se esconder. — Donovan hesitou. — Acho melhor avisá-la de que meus parentes podem ser... Sufocantes.

— Não me deixo sufocar facilmente — ela o assegurou.

— Não diga que eu não avisei. — Ele tirou o capacete e sacudiu os cabelos.

Quando Kate desceu da moto, a saia estava erguida até metade da coxa. Donovan fitou as pernas esguias com explícita intensidade. Valera a pena sentir tanto frio só para ver a expressão de desejo. Ela ajeitou a saia e passou os dedos entre os cabelos, em uma tentativa vã de arrumá-los.

— Devo estar parecendo uma bruxa.

— Não. Só alguém que enfrentou um ciclone no Kansas.

Com o capacete sob o braço, Donovan a conduziu até a casa. O toque em suas costas era leve, mas a fez estremecer. Kate sentia-se... Cuidada. Embora não fosse um ou dois anos mais velho que ela, parecia maduro se comparado aos outros rapazes que namorara. Mais homem que menino, a despeito da aparência sensual de delinqüente.

— Que escola freqüentou Donovan?

— Poly.

— Ah! Um engenheiro. Aposto que fez o curso mais difícil da escola técnica.

— Meu tio Frankie diz que Baltimore é o único lugar onde as pessoas ainda perguntam que escola você freqüentou e sempre se referem ao ensino médio.

— É claro. É o melhor jeito de descobrir a que classe social a pessoa pertence e quais são suas relações.

Donovan era um exemplo perfeito desse tipo de análise. Seu sotaque e aparência indicavam a origem simples. O curso de Engenharia dizia que era inteligente e esforçado. Seu pai se formara na mesma instituição.

— O próximo passo seria eu lembrar os que fizeram Poly e lhe perguntar se você os conhece. Em

questão de minutos, estabeleceríamos uma relação. É o estilo de Baltimore.

Rindo, Donovan vasculhou o molho de chaves.

— Que escola frequentou Sra. Corsi? Bryn Mawr? Garrison Forrest? Ouvi dizer que lá todas as garotas são loiras.

— Pode ser, mas nem todas as loiras vão a Garrison. Cursei a Friends.

Enfim, encontrou a chave certa e abriu a porta.

— Educação religiosa. Seriedade. Socialmente comprometida.

— Chegou perto. O que está fazendo agora?

— Estou no segundo ano de engenharia da Loyola. E você?

— Sou caloura em Arquitetura na Maryland.

Tão logo entraram, foram recebidos por um homem alto e calvo.

— Donovan, você chegou cedo. Quem é sua amiga?

— Esta é Kate Corsi. Ela precisa de uma carona para Baltimore County. Pensei em pedir seu carro emprestado. Kate, este é meu tio, Frank Russo.

— Muito prazer, Sr. Russo. — Ela sorriu.

— Por favor, me chame de Frank. — Ele a convidou para entrar.

Frank possuía uma inconfundível semelhança com Donovan. Kate supôs que sua irmã devia ser a mãe de Donovan, o que explicava a compleição mais morena que a aparência irlandesa sugeria. Talvez ele fosse uma mistura de italiano e irlandês. Baltimore estava repleto de jovens nascidos em casamentos étnicos. Russos, casava-se com gregos, lituanos com irlandeses. Às vezes, até protestantes casavam-se com italianos.

— Connie, venha conhecer a amiga de Donovan — Frank chamou.

Uma voz alegre replicou da cozinha.

— Ele trouxe uma namorada para casa?

— Eu, por acaso, disse que era uma namorada? — Frank perguntou, rindo.

— Você não me chamaria com tanta animação se não fosse uma namorada. — Uma mulher roliça e atraente surgiu e vistoriou os sapatos de salto, o vestido branco e a jaqueta de manobrista. Sem piscar, ela comentou: — Ela é muito mais bonita que aquele Pastor Alemão que o seguiu até aqui ano passado, Donovan.

— Não sei tia. O cachorro era mesmo excepcional. — Com um olhar travesso, Donovan as apresentou: — Concetta Russo, Kate Corsi.

Kate deduziu que ele queria ver como uma debutante reagiria em uma residência de italianos espalhafatosos. Donovan teria uma surpresa.

Ela segurou as duas mãos de Connie.

— Olá, Sra. Russo. Juro que não fugi do canil. Tive uma briga com meu pai e resolvi voltar a pé para casa, mas Donovan me resgatou antes que eu cometesse esse desatino.

— Ele é um bom moço — a tia aprovou. — Frankie, deixe-o pegar o carro. Kate não está vestida para uma motocicleta, mesmo que não comece a nevar. Mas antes venha comer. Íamos provar um molho de nhoque agora mesmo.

Donovan olhou para Kate.

— Está com fome?

— Famélica. Não há nada como uma briga familiar para despertar o apetite.

A cozinha dos Russo era grande e limpa, obviamente reformada e ampliada a partir do projeto original. Um corretor de imóveis diria que a casa fora aprimorada demais para um bairro periférico, mas qualquer pessoa adoraria um cômodo tão convidativo com armários de carvalho e aromas sedutores.

Connie despejou uma quantidade generosa de nhoque em uma panela de água fervendo e depois mexeu o molho que borbulhava em outra panela.

— Está uma delícia. Quer provar, Kate?

— Eu adoraria. — Kate soprou várias vezes a colher de molho vermelho que Connie lhe ofereceu antes de saboreá-lo. — Está excelente! Você usou vinho tinto?

— Isso mesmo. O vinho tinto dá um sabor especial.

— Minha mãe sempre põe Chianti nos molhos que prepara apesar de minha avó dizer que os italianos nunca usam vinho. Claro que a Nonna é siciliana, então quem pode saber? — Kate olhou para Donovan. Ele a observava, sorrindo.

— Depende da família — Connie atestou. — Minha mãe punha vinho no molho, minha avó também e cada mulher da família, desde que César ainda usava fraldas, preparava o molho de espaguete com vinho. — Ela indicou uma garrafa, cujo rótulo fora feito à mão. — Pus o melhor Chianti do primo Giuseppe. Por isso, o sabor é tão rico.

A conversa prosseguia, enquanto Connie arrumava a mesa e preparava o nhoque. Com fatias de pão e doses do vinho do primo Giuseppe, o jantar tornou-se um banquete dos deuses. Connie fez um pequeno interrogatório com Kate, a começar pela escola em que ela havia estudado.

Degustavam biscoitos natalinos quando uma menininha surgiu na cozinha, arrastando um coelho de pelúcia imundo.

— Esta é minha neta, Lissie, a bagunceira — Connie apresentou. — Os pais a deixaram aqui, na esperança de ter um fim de semana tranqüilo e, talvez, fazer um irmãozinho para ela.

Enquanto os adultos riam, Lissie encarou Kate com seus olhos gigantes.

— Princesa?

Kate levou algum tempo para entender que a menina se referia a seu vestido de baile.

— Lamento Lissie. Não sou uma princesa.

Lissie ficou tão decepcionada que Kate decidiu apelar para a fantasia. Ajoelhou-se diante da

menina e disse:

— Não posso ser uma princesa o tempo todo. Mas cada uma de nós pode se tornar princesa em ocasiões especiais.

Fascinada, Lissie sorriu. Kate então tirou o buque de flores que enfeitava o decote do vestido e o deu à menina.

— Sempre que um homem der flores a uma garota, ela se transformará em uma princesa.

Lissie mergulhou o narizinho nas flores.

— Agora que tudo se acertou — Connie disse — é hora de ir para a cama, mocinha.

Donovan se levantou antes da tia.

— Eu a levo para o quarto, tia Connie. Tenho de buscar um casaco para mim.

Ele pegou Lissie, que gritou seu nome, feliz. A afeição evidente no rosto de Donovan comoveu Kate. Sem dúvida, tinha sangue italiano. A adoração por bebês era genética. Ele fez menção de sair da cozinha, quando Lissie encarou Kate.

— Beijo!

Kate tirou Lissie dos braços de Donovan, amando a essência infantil e a pele macia.

Então beijou a bochecha rechonchuda.

— Espero que seja uma princesa muitas e muitas vezes, Lissie.

Satisfeita e quase dormindo, a menina voltou para o colo de Donovan e se foi. Ele retornou minutos depois vestindo um casaco escuro, salpicado de flocos de neve.

— Já cobri a moto. É hora de levá-la para casa, Kate.

Ela se levantou e vestiu a jaqueta de manobrista outra vez.

— Obrigada pelo jantar, Sr. e Sra. Russo. Foi um prazer conhecê-los.

— Volte sempre que quiser Kate — Frank disse.

Eles os acompanharam à porta. A neve caía, gelando o mundo com uma delicada neblina branca. Connie abraçou Kate.

— É uma menina adorável, Donovan. Devia ficar com ela.

— Só vou levá-la para casa, tia.

Frank lhe entregou uma chave.

— A barcaça azul está na esquina.

— Obrigado. E não se preocupem. Voltarei logo. — Assim que fechou a porta, ele disse: — Não me culpe por meus tios quererem adotá-la.

— Eu gostaria de ser adotada por Frank e Connie. Eles são ótimos. Você mora com eles?

— Atualmente, sim. — Donovan ficou em silêncio antes de revelar com uma voz sombria: —

Meus pais faleceram, então revezo minha moradia com parentes. Sempre saio antes que eles se cansem de mim.

Kate ficou compadecida. Devia ser horrível não ter um lugar onde ele fosse sempre bem recebido. Sem palavras, segurou a mão de Donovan. Ele correspondeu ao gesto íntimo, fazendo-a arrepiar-se por um momento.

Caminharam até a esquina, onde encontraram um carro enorme coberto de neve.

— A barcaça azul a seu dispor. — Donovan abriu a porta para Kate. — Quando disse que seu nome era Corsi, pensei que fosse de uma família protestante. Obviamente me enganei.

— Enganou-se, sim, paisano. Sou de origem italiana, como você.

— Corsi. É a mesma família que possui a Phoenix Demolições?

— É.

— A PDI fez um trabalho fantástico — Donovan comentou. — Seu pai praticamente inventou todo o campo da demolição explosiva. Agora entendo por que ele não quer trabalhando na empresa.

— Não ouse falar mais nada a respeito disso! Estou farta de homens mandões.

— Não falei nada. — Ele sorriu.

Depois de se acomodar atrás do volante, Donovan olhou para Kate. As janelas estavam cobertas com uma capa fina de neve, transformando a iluminação da rua em penumbra.

Toda leveza se foi, substituída por uma tensão tão antiga quanto Adão e Eva. A expressão de Donovan á deixou excitada e aflita, ao mesmo tempo. Não era medo, mas sim uma atração avassaladora. Tudo acontecia rapidamente. Kate, nervosa, colocou o cinto de segurança.

— Ainda não. — Donovan acariciou-lhe o rosto. — Você é tão bonita. Radiante. Não parece real.

O toque fez seu coração disparar. Como um gesto tão simples podia ser tão poderoso?

Donovan se aproximou.

— Seus cabelos estão melhores agora. — Ele acariciou os fios com uma ternura tanto suave quanto erótica.

Kate sentiu-se frágil, prestes a desmoronar. Devia impedi-lo. Uma mera palavra acabaria com o clima. Donovan ligaria o carro, dirigiria até a casa de Rachel e seria o fim.

Ela não se mexia. Com os olhos fixos nele, mal conseguia respirar.

— Quis fazer isso desde que desceu daquela limusine. — Donovan então a beijou. Os lábios quentes e macios enviavam ondas de excitação pelas veias de Kate.

Ela correspondeu ao beijo, envolvendo os dedos nos cabelos longos. Quem imaginaria que um manobrista de QI elevado poderia ser tão irresistível?

A hesitação inicial dissolveu-se em um desejo feroso quando a realidade se tornou apenas o toque e a proximidade de Donovan. Cada sensação se elevava em espiral. Kate queria devorá-lo, absorvê-lo, conhecê-lo com tanta profundidade que se tornariam um.

O torpor sensual foi atravessado por uma voz interior que dizia claramente:

Você vai se casar com este homem.

As palavras a chocaram. Interrompeu o beijo e encarou os olhos de Donovan. Casar?

Mas nem sequer se conheciam!

A voz soou outra vez:

Você acaba de conhecer seu futuro marido.

Teria soltado uma gargalhada, se sua mãe não houvesse alegado ter vivido a mesma percepção interior quando conhecera Sam Corsi.

Mas casamento? Kate nem sabia o nome completo dele! No entanto, a certeza era convincente e plausível. Sob a fachada de motoqueiro rebelde, havia um rapaz inteligente, carinhoso, responsável e com um senso de humor que combinava com o dela. Isso tudo sem mencionar que Donovan adorava crianças e era bonito como o pecado. Exatamente o que queria em um marido... Quando resolvesse se casar em dez ou doze anos.

Mas talvez a vida não transcorresse de acordo com seus planos. Kate acariciou o rosto de Donovan. A barba por fazer causou-lhe arrepios deliciosos.

Ele beijou a palma de sua mão.

— Kate — sussurrou. — Carissima.

Ela escutara a expressão italiana quando criança. Desejo e ternura pulsavam com uma força desorientada, à medida que constatava que Donovan nem sempre seria um companheiro acolhedor, pois havia algo de obscuro nele.

— É minha imaginação — Kate sussurrou — ou existe algo especial entre nós?

— Não é sua imaginação. — Donovan a beijou outra vez, enquanto desabotoava a jaqueta para acariciar o seio sob o corpete de seda.

A clareza mental desapareceu em uma torrente de sensações, restando apenas à certeza de que sua vida mudaria para sempre.

CAPÍTULO VI

— Você não precisa decidir hoje.

A voz de Donovan, mais profunda do que fora doze anos atrás, trouxe-a de volta à realidade. Kate respirou fundo na tentativa de reconciliar o encantamento daquele primeiro encontro com a tensão mordaz que agora pairava entre eles.

— Não sou a única a tomar uma decisão, Donovan. Você concordaria com essa estupidez?

— Eu... Não sei. Se estiver disposta a tentar, terei de pensar longamente a respeito. Quero a PDI, mas talvez nem tanto. Se, preciso for, abrirei minha própria firma de demolição.

Kate pensou nas pessoas que trabalhavam na PDI havia décadas. Algumas seguiriam Donovan, mas outras permaneceriam com Marchetti, fraturando a instituição familiar que a Phoenix Demolições constituiria.

— Não seria a mesma coisa.

— Não mesmo. — Donovan esfregou a nuca. — Por isso, estou considerando a possibilidade de concordar com o testamento maluco de Sam.

Ela lembrou a casa que certa vez haviam partilhado e estremeceu.

— Não consigo me imaginar morando naquela casa outra vez. É pequena demais. Acabaríamos um sobre o outro.

Tão logo escutou as próprias palavras, Kate enrubesceu. Durante os três anos em que tinham vivido em Brandy Lane, estiveram um sobre o outro. Às vezes, Donovan por cima, outras vezes, ela, e em todos os cantos da casa.

Felizmente, Donovan não pareceu atinar para o duplo sentido da afirmação.

— Fiz algumas alterações na casa. Há mais espaço agora. E seu eu vier buscá-la amanhã pela manhã para lhe mostrar Brandy Lane? Talvez uma visita a ajude a decidir se suportaria morar lá novamente.

Entrar na residência que ambos tinham construído com tanto amor e risadas? Ficar cara a cara com o passado?

— Às dez horas? — ela sugeriu, sabendo não ter escolha.

Donovan concordou e despediu-se.

Aliviada por estar sozinha, Kate se jogou no sofá diante da lareira. Por um longo tempo, fitou as chamas, anestesiada demais para pensar.

Precisava conversar com alguém que representasse sua vida normal. Um dos doze telefones da casa jazia à mesa ao lado do sofá. Ela então ligou para o irmão.

— Tom? Sou eu.

— Como você está baixinha?

Lágrimas surgiram quando Tom usou o apelido carinhoso da infância. Kate tirou os sapatos e se encolheu no sofá.

— Deus, que dia!

Após um silêncio, ele disse emocionado:

— Eu deveria estar aí com vocês.

O tom de culpa a alertou. O irmão também estava sofrendo e não cabia a Kate piorar a situação.

— Esqueça o que eu disse. Mamãe e eu estamos agüentando. Todos foram muito amáveis. A catedral estava lotada. Muitos dignitários, incluindo o prefeito, o governador, dois congressistas e um senador. Sam teria adorado. — Ela sempre se referia ao pai pelo nome de batismo quando irritada com ele. Portanto, sempre fora Sam desde que saíra e Baltimore.

Kate descreveu os eventos do dia e transmitiu lembranças das pessoas que perguntaram de Tom. Ele, por sua vez, notou o que não havia sido dito.

— E quanto a Donovan? Presumo que ele compareceu ao enterro.

— Ele carregou o caixão. Conversamos um pouco durante a recepção. Fomos muito civilizados. — O irmão passara boa parte de seu tempo em um hospício com um amigo em fase terminal, o que lhe deu uma boa desculpa para mudar de assunto. — Como Randy está?

— Ele entrou em coma hoje de manhã. Os médicos não acreditam que dure mais de dois ou três dias. — Tom suspirou. — Randy estava com medo de morrer sozinho, pobre rapaz. Pelo menos, isso não vai acontecer. Estamos nos revezando para ficar ele.

Além da dor, Kate também sentiu aceitação no tom de voz. Os anos de trabalho voluntário no hospício haviam aprofundado a espiritualidade de Tom, capacitando-o a aceitar a morte como parte da grande dança da vida. Porém, ela desejava que ele estivesse em Baltimore para que pudesse se refugiar em seus braços, como fazia quando criança.

Mas o importante era se concentrar nos aspectos positivos.

— Charles Hamilton nos revelou o estranho testamento que Sam deixou e há notícias surpreendentes. Você é um dos herdeiros majoritários.

— Meu Deus, Sam me incluiu em seu testamento?

— Mamãe disse que ele nunca deixou de amá-lo.

— Você não sabe o que isso significa para mim. — A voz do irmão falhou. — Não é verdade. Você é a única que sabe o que isso significa.

— Sam não conseguiu admitir que estivesse errado quando vivo — Kate argumentou. — Acho que se trata de um pedido de desculpas tardio por ter sido tão cretino com você.

— Ele era o que era Kate. Fico contente por Sam ter sido capaz de realizar um gesto em direção a mim, só lamento que não o tenha feito enquanto estava vivo.

Após dar um tempo para o irmão assimilar a homenagem póstuma do pai, ela introduziu o aspecto

mais complicado da herança.

— Apesar do gesto de Sam, não comece a gastar seu legado, Tom. Você e eu recebemos a maior parte do dinheiro e Donovan ficará com a empresa, se algumas condições muito estranhas forem cumpridas.

— Que tipo de condições?

— Ele impôs que Donovan e eu moremos na casa de Brandy Lane por um ano. Do contrário, você e eu não teremos um centavo sequer e a PDI será vendida para outra firma de demolição.

— Maldição! — Tom exclamou em choque. — Impossível. Você não pode morar com Donovan. Imagino que tenha dito isso no mesmo instante.

— Estou... Considerando a possibilidade.

— Pelo amor de Deus, Kate! É só dinheiro. Estamos nos virando bem aqui e você não deve nada a Donovan.

A preocupação de Tom era reconfortante, mas, quando no papel de irmão mais velho, faltava-lhe objetividade.

— Mamãe acha que um ano de convivência pode ser bom para nós dois.

— Ela não diria isso, se soubesse da história toda! Nem pense em fazer uma coisa dessas, Kate. Por favor.

Tom não ligava para dinheiro, mas a herança de Sam lhe poderia ser útil. Embora fosse um renomado consultor de informática, ele só aceitava projetos para pagar suas contas. A maior parte do tempo Tom dedicava ao trabalho voluntário no hospício e orientando adolescentes que viviam em situação de risco. Kate queria que o irmão tivesse mais segurança. Com o dinheiro de Sam, ele poderia comprar uma casa. Ela adoraria reformar uma residência velha em São Francisco para Tom.

Sam, esperto como ele só, soubera que ela faria por Tom o que ela não fizera por si mesma.

— Há muito a considerar, Tom. Se eu aceitar as condições de Sam, Donovan e eu apenas dividiremos a mesma casa. Nós nos veríamos pouco.

— Em teoria, talvez, mas pode garantir que na prática aconteceria desse jeito?

— A vida não nos dá nenhuma garantia, além da morte e dos impostos.

— Certo. Reflita. Pese os prós e os contras. Depois diga *não*.

— Veremos. — Kate suprimiu um bocejo. — Vou dormir e pensarei a respeito.

— Faça isso. Diga à mamãe que telefonarei amanhã.

— Está bem. Cuide-se, Tom. — Ela desligou pronta para se deitar. Mas duvidava conseguir pegar no sono.

Uma das vantagens dos velhos amigos era a total falta da necessidade de falar. Julia ficou grata pelo silêncio gentil de Charles. Mesmo uma conversa trivial teria sido demais para ela.

Abatida, Kate entrou na sala de estar para dizer boa-noite. Depois que ela saiu, segurando os sapatos na mão, Julia concluiu ser um acalento ter a filha na mesma cidade.

— Mais uma dose, barman — ela pediu tão logo Kate se recolheu.

Charles se levantou e pegou a garrafa de vinho branco.

— Se quiser ficar bêbada, precisa de algo mais forte.

— E, sem dúvida, terei uma reação estomacal vergonhosa. Nada digno de minha parte. — O telefone começou a tocar. Ela o ignorou. — A secretária eletrônica está ligada. Se alguém mais me prestar condolências, sou capaz de gritar.

— Duvido muito. Você se comportou divinamente. — Charles despejou mais uísque em seu copo e se sentou. — Como Barbara costumava dizer, você é feita de aço.

Julia lembrou-se da esposa de Charles, uma de suas amigas mais próximas.

— Barbara me superestimava. Não sou feita de aço. Talvez de ferro e enferrujando rapidamente.

— Um pouco de ferrugem não significa que os alicerces não sejam resistentes — Charles comentou. — Vai contar a Kate sobre suas suspeitas a respeito da morte de Sam?

— Ainda não. Ela já tem muito em que pensar. — Julia acariciou as orelhas de Oscar. — Talvez eu nunca mencione nada. Afinal, não existem provas concretas.

— Dada a reação dela à manipulação póstuma de Sam, estou surpreso por Kate não estar a caminho do aeroporto. — Ele fitou o uísque em seu copo. — Acha que ela e Donovan vão tentar?

— Não faço idéia. Nenhum dos dois disse por que se separaram, mas sempre desconfiei de que Patrick teve um caso extraconjugal e, ao descobrir, Kate o deixou.

— Pensei que ele idolatrasse Kate — Charles comentou surpreso.

— E idolatrava, mas isso não garante a fidelidade. — Julia tentou, em vão, esconder o tom alterado da voz. — Esse velho padrão nunca sai de moda, principalmente porque os homens o adoram.

Lendo nas entrelinhas, Charles exclamou:

— Meu Deus, Julia! Por acaso, Sam..?

— Uma ou duas vezes — Julia confessou —, no início do casamento, quando ele viajava a negócios. Embora eu estivesse grávida de Tom, quase o deixei quando descobri. Sam não entendeu por que sua infidelidade me magoava, afinal, as escapadelas representavam apenas sexo, pois era a mim que ele amava. Como eu podia levar tão a sério aquela bobagem? Pedi a ele que me imaginasse na cama com outro homem. Sam ficou pálido e jurou nunca mais me trair. Até onde sei, ele cumpriu a promessa.

Charles soltou um longo assobio.

— Não temos noção do que se passa no casamento dos outros.

— Não era algo de que eu e Sam nos gabávamos. — Julia fechou os olhos e encostou a taça fria na testa. — Viemos de mundos diferentes e boa parte da atração inicial se deveu a essas diferenças. Os problemas eram inevitáveis. Hoje em dia, as pessoas se divorciam rapidamente. Se Kate e Patrick não fossem tão jovens, talvez tivessem conseguido superar as dificuldades e fortalecer o casamento.

— Ainda podem se entender.

— Duvido. Muito tempo se passou Charles. Já lhe contei que a primeira vez que vi Sam foi

quando ele foi à casa de meus pais como empreiteiro para reformar o porão? Sam tinha acabado de sair do Exército e trabalhava com construção até decidir o que fazer. Foi desejo à primeira vista para ambos.

— Eu não sabia. Você não entrou em detalhes quando me devolveu a aliança de noivado e disse que poderíamos ser amigos.

— Deus, eu disse isso? Que clichê mais antigo!

A despeito da boa intenção, muitos anos tinham se passado antes que ela voltasse a ter contato com Charles. Quando soubera, através do jornal, que ele se casaria com Barbara, ela desejara que o ex-noivo fosse feliz. Mas Baltimore era uma cidade pequena em vários sentidos, o que os levava a freqüentar os mesmos círculos. Eventualmente, tinham se encontrado no casamento de um amigo em comum. Barbara e Sam se adoraram por causa do apreço pela gastronomia mediterrânea, o que representou uma oportunidade para ela e Charles retomarem a velha amizade.

Em pouco tempo, os quatro haviam desenvolvido um vínculo especial, algo que só existia quando os casais realmente se aceitavam. Tal vínculo se fortaleceu quando criaram seus filhos juntos. Sam, a certa altura, precisou de um advogado e contratou Charles, que acabou descobrindo a maioria dos segredos da família Corsi, exceto a dolorosa infidelidade de Sam. Barbara, que rompera com a família tradicional por ter se casado com um gentio, tratara Julia como uma irmã. Por sua vez, Julia encontrara na companhia de Barbara uma alegria que só conhecera até então em Sam.

— Sempre agradei a Deus o fato de retomarmos nossa amizade — ela comentou, pensando nos anos felizes. — Você, Barbara e as meninas enriqueceram nossas vidas enormemente.

— Saiba que a recíproca é verdadeira. — Charles terminou a bebida. — Eu tinha uma imagem mental muito clara de nós dois envelhecendo juntos. Por isso, fiquei atônito quando você rompeu o noivado. Mas também me senti... Aliviado. Para um homem comprometido, a advogada morena, que trabalhava no escritório ao lado, era atraente demais para mim.

— Era Barbara, suponho.

— Era. Sua coragem ao desafiar as expectativas e casar-se com alguém que não pertencia a “nosso grupo” me estimulou a fazer o mesmo. Nunca me arrependi.

Nem Julia. Uma dor dilacerante a envolveu.

— Charles, quanto tempo se leva para aceitar a morte? Ainda estou negando o ocorrido. Às vezes, espero ver Sam entrar pela porta, cheio de energia e coberto de poeira.

— Eu gostaria de ter uma resposta a sua pergunta. Mesmo após dois anos, fico atordoado quando entro na cozinha e não encontro Barbara preparando uma de suas iguarias prediletas. — Charles a fitou com compaixão. — De uma coisa eu sei, Julia. Vai piorar antes de melhorar. Somente o tempo poderá ajudar.

Julia cobriu o rosto com as mãos.

— Que Deus amaldiçoe Sam Corsi. Que ele vá para o inferno.

O limpador do pára-brisa não parava, enquanto Donovan dirigia pela Charles Street.

Uma fina camada de gelo cobria o asfalto de boa parte da cidade. Controlar o veículo exigia concentração, mas não o suficiente para banir da mente o testamento insano de Sam. A idéia de morar

com Kate, vê-la todos os dias, era paralisante. Aterrorizante.

Horriavelmente tentadora.

Nevava como agora na noite que tinham resolvido se casar. Donovan não imaginara ser possível um casamento, já que ambos estavam na faculdade. Porém, enquanto eles devoravam uma pizza, após o cinema, Kate produzira uma planilha de cálculos. Havia totalizado a bolsa de estudos de Donovan, as rendas que recebia de uma pequena aplicação, estimara ganhos de trabalhos extras e comparara tudo a uma projeção de despesas para provar que podiam custear uma vida juntos.

Ele não gostara da idéia de contar com o dinheiro de Kate, mas estivera disposto a aceitar qualquer coisa que os unisse maritalmente. No fundo, reconhecia o profundo desejo de segurá-la antes que ela acordasse e descobrisse que poderia arrumar um marido melhor.

Ao dirigir-se à casa dos Corsi, quando percebera que Kate seria sua para sempre, ele rodopiara o carro do tio sobre a neve escorregadia, gritando como um maníaco. Kate, às gargalhadas, ficara com medo de a polícia os prender ou colidirem com outro veículo no cruzamento.

Mas ele a levava para casa sã e salva. À porta da frente, beijaram-se por tanto tempo que estavam cobertos de flocos de neve quando entraram para anunciar o noivado.

Embora gostassem do namorado da filha, os Corsi se assustaram e nenhum dos dois apreciara a novidade, uma vez que ele e Kate eram jovens demais. Mas Kate lhes mostrara a planilha, argumentando que os pais não tinham moral para contestar, pois também haviam se casado muito jovem. No final, Sam e Julia consentiram e organizaram um casamento magnífico, como se não possuíssem dúvidas.

Sam e Julia haviam tido a mesma urgência para ficarem juntos? Provavelmente, sim.

Donovan almejava estar com Kate e não apenas pelo sexo, que era fenomenal.

O sexo... Seu corpo enrijeceu ao recordar a primeira vez. Tentou desviar o pensamento, mas não conseguiu. As lembranças, reprimidas por quase uma década, agora fluíam como um rio selvagem.

Aagitado, virou à esquerda na Bellona Avenue, quase derrapando na alameda estreita.

Praguejou e estacionou o carro, sabendo que não poderia dirigir até que recobrasse o controle. Mas controle não seria uma conquista fácil, pensou ao observar a nevasca que o fazia lembrar a noite em que Kate entrara em sua vida.

Apresentá-la aos tios fora uma tentativa deliberada de sublinhar quão diferentes eram os mundos em que viviam. No entanto, a visita só piorara as coisas, pois Kate se sentira tão à vontade na humilde casa de Hampden quanto no luxuoso baile de debutantes. Descobrir que também tinha origem italiana a tornara ainda mais acessível.

Suas intenções originais haviam sido sinceras. Garotas em vestidos de baile não deveriam circular pelas ruas durante a noite. Mas quando entraram no carro do tio e ela o fitara com aqueles enormes olhos castanhos, Donovan sucumbira à tentação. O primeiro beijo havia sido o início de vários. Em vez de repudiar as carícias íntimas, ela correspondera com suspiros sôfregos, intoxicando-o.

Embora o desejo de possuí-la fosse quase insuportável, ele conseguira se conter.

Aquele momento ainda permanecia vívido em sua lembrança. As janelas cobertas de gelo ofereciam uma privacidade sedutora. A luz pálida através da neve reluzente cintilava nos lindos cabelos

loiros e nas curvas elegantes do rosto e pescoço. A essência floral do perfume de Kate misturara-se ao odor da paixão e do vinho do primo Giuseppe...

Ele inseriu a chave na ignição.

— Não pare — Kate sussurrou sensual.

Tais palavras foram como gasolina em chamas. Estava louco por ela e Kate também o queria. Então, por que não? Talvez a moça rica fosse diferente das garotas que ele namorara.

Ou talvez estivesse sonhando e o despertador tocaria a qualquer minuto para a aula de matemática das oito horas.

Enquanto ele se debatia, Kate se aproximou e roçou os lábios no pescoço de Donovan.

— Qual é seu primeiro nome?

Se fosse um sonho, preferia nunca mais acordar.

— Patrick. Nunca gostei desse nome. Por isso, uso meu sobrenome.

— Patrick. É uma pena que não goste. Eu adorei.

— Gosto de ouvi-la dizê-lo. — O nome jamais soara tão sensual.

Em seguida, ela acariciou o corpo de Donovan e qualquer pensamento racional se dissolveu. O instinto explodiu em beijos famélicos, carícias frenéticas e peças de roupa inconvenientes.

Tamanha intensidade não poderia durar muito. Kate se mostrara disponível e, em questão de segundos, ela se diluíra em tremores convulsivos, agarrada a Donovan como se ele fosse sua única esperança.

Então foi a vez dele. Por sorte, tinha um preservativo na carteira e a vaga noção de que devia usá-la.

Kate se entregara de forma adorável e dadivosa. Ele não podia acreditar que era real.

Tardamente, percebeu que ela ainda era virgem. Ela gemeu de dor quando foi penetrada, mas o prazer o dominava de tal maneira que lhe foi impossível parar.

Momentos depois, o interlúdio terminara, deixando-o com a terrível convicção de que ela o fizera de tolo. Sua insegurança repentina transformou-se em raiva. Donovan a soltara e se afastara.

— Perder a virgindade com um manobrista foi um jeito de se vingar de seu pai? Você devia ter me avisado. Assim, as coisas ficariam mais fáceis.

Qualquer outra moça teria caído em prantos diante da grosseria. Não Kate.

— Isso não tem nada a ver com meu pai. — Ela ainda o acariciava como se precisasse absorvê-lo. — De repente, senti que tinha de ser esta noite e que você era o homem certo. Eu me enganei?

Donovan sempre imaginara que a infância o deixara rude e insensível, mas honestidade suave de Kate derrubara suas defesas e o fizera se apaixonar imediatamente.

Eis meu coração, caríssima. E minha vida, meu corpo, minha alma, se os quiser.

As emoções tornaram-se tão tumultuadas, poderosas e atemorizantes que Donovan apenas segurou

a mão delicada de Kate e a levou ao rosto.

— Acho que se enganou Kate. — Ele beijou a palma da mão. — Você merece champanhe, lençóis de cetim e pétalas de rosas, não a mim e um; Chrysler, velho.

Ela riu um som jubiloso que o levou a um lugar que jamais estivera. Pela primeira vez em anos, ocorreu-lhe que a felicidade era possível.

— Não me arrependo — ela murmurou. — Espero que também não esteja arrependido.

Donovan não se arrependera. Nem naquela época, nem agora, a despeito de toda dor e culpa que o amor lhes trouxera.

CAPÍTULO VII

Donovan retornou ao presente, apertando o volante com tanta força que a peça corria o risco de se quebrar. Não era de se espantar que houvesse guardado essas lembranças por tanto tempo. Liberá-las foi tão destrutivo quanto à experiência original o fora.

A verdade brutal era que roubara a vida de Kate. Ele obtivera o excitante trabalho na empresa da família e o relacionamento caloroso e acolhedor dos pais dela. Não que tivesse deliberadamente tentado excluir Kate. Na realidade, pedira demissão da PDI tão logo ela o deixara, certo de que seria impossível continuar trabalhando lá.

Sentado em sua cozinha e drenando uma garrafa de uísque, ele vira Sam entrar na casa.

Depois de despejar a bebida na pia, ele pedira ao ex-genro que voltasse à PDI. Sam parecera péssimo, um homem arrasado por forças inconciliáveis. Apesar do orgulho que o impedira de implorar para que ele voltasse atrás, ficara claro que Sam precisara salvaguardar ao menos um relacionamento do desastre familiar.

Donovan tentara confessar, Sam não quisera ouvir. Pelo jeito, o sogro deduzira que a separação havia sido uma das repercussões da explosão que partira em dois a família Corsi.

Kate tomara as dores de Tom, enquanto ele, como sempre, aliara-se a Sam.

A verdade era ainda mais complicada do que Sam imaginara, mas como ele e o ex-sogro necessitavam um do outro, na manhã seguinte, ele voltara à PDI, trabalhando dezesseis horas por dia a fim de afogar a mágoa. Estoicamente, dera a Kate o divórcio que ela tanto queria. Mas não foi por acaso que ele não buscou a anulação junto à igreja. Não a queria porque, na facção católica de sua alma italiana, Kate era ainda sua esposa. Enquanto isso perdurasse, jamais se casaria com outra. Por esse motivo seus namoros permaneceram descompromissados. Embora se ocupasse sobremaneira nos últimos dez anos, poderia ter encontrado tempo para um relacionamento mais sério. Mas não o quis.

Era Kate que ele queria. Somente Kate.

O sexo fora inebriante, mas havia sido a essência de Kate que o cativara. Apesar de bancar a aristocrata fria com perfeição, na maior parte do tempo, sua disposição era tão ensolarada quanto os cabelos loiros. Sentia-se feliz só de estar perto dela. Se, por algum motivo, ocupassem cômodos diferentes da casa, ele sempre a procurava para um abraço ou um gesto que o assegurasse da realidade.

Ela não apenas representara um milagre em si, como também abrira muitas portas para ele. Sendo naturalmente disponível com todos os tipos de pessoas, Kate o ajudara a se sentir à vontade em diversas situações sociais. Com ela, encontrara o verdadeiro lar. Não que seus parentes tivessem sido cruéis. A coleção de tias e tios ficaria magoada, caso soubesse que Donovan nunca se sentira confortável com nenhum deles. Jamais pertencera a nada até conhecer Kate.

O término do casamento fora sua culpa. Ele sabia disso, Kate também sabia, mas não revelaram a ninguém o que acontecera. Depois de Sam recusar-se a escutar a confissão, fora impossível contar a qualquer um. Quanto a Kate, ela sempre foi muito discreta em se tratando de assuntos do coração. Os amigos e a família sabiam ser inútil bisbilhotar um tema que ela havia relegado à zona proibida.

Como Donovan e Kate esconderam os segredos do casamento, Sam decidira tentar uni-los novamente. Parecia-lhe uma traição aos anos de confiança e afeição entre ele e o ex-sogro.

Enquanto fitava os flocos de neve, percebeu que Sam lhe confiara a filha uma vez e que o fazia novamente. O testamento não significava um ato de traição, mas de profunda fé. Um encargo deixado aos vivos por um morto.

Depois de ver Kate por uma hora naquele dia, ficou claro que não mais se assemelhava à jovem pela qual ele se apaixonara. Sua abertura diante da vida havia desaparecido e sabia que a culpa recaía sobre ele.

Porém, sempre a amaria profundamente. Talvez não do mesmo jeito como quando eram jovens, mas seria capaz de caminhar sobre fogo por ela. Devia a Kate mais do que podia pagar e o testamento de Sam lhe oferecia uma chance para reparar os erros. Se fosse sábio o bastante, talvez conseguisse desfazer os danos que causara.

Teria de agir com muita paciência e cuidado, pois, do contrário, ela voltaria a São Francisco como um foguete. Precisava conquistar-lhe a confiança. Retomar a amizade que outrora haviam partilhado.

Mais do que tê-la de novo para si, queria o melhor para Kate. E o melhor nunca seria ele.

Após esclarecer a mente, ligou o Jeep e rumou para casa. O enterro de Sam e o encontro com Kate haviam sido um suplício e a situação tendia a piorar. Mas agora tinha algo a elaborar.

A reparação de seus pecados.

O quarto de Kate havia mudado pouco desde que ela partira para São Francisco, o que a fazia estremecer cada vez que entrava no cômodo. Sua mãe não o perpetuara como um santuário, afinal Julia mantinha os pés na realidade.

Mas o espaço ainda possuía muitos objetos pessoais, pois Kate decidira levar somente o necessário para a vida em comum com Donovan. Precisavam começar em pé de igualdade.

Como ele tivesse poucas posses, além de roupas e livros, ela não quisera encher a casa nova com os objetos da residência dos pais.

Então sua estante ainda abrigava os livros infantis que Kate um dia buscaria quando tivesse o primeiro filho. Os tapetes escandinavos que escolhera sob a orientação da mãe e a colcha de retalhos que as duas tinham confeccionado quando ela tinha doze anos ainda permaneciam. Muitas conversas e histórias familiares estavam costuradas naquela composição. Fora o último verão de sua infância. No ano seguinte, na condição de adolescente, houvera outros interesses. Sem dúvida, Julia percebera a mudança e, por isso, havia sugerido o projeto entre mãe e filha.

Dormir em seu velho quarto a levou a uma época mais simples, quando acreditava em finais felizes. Sentindo-se velha e cínica, ligou o cobertor elétrico, acomodou-se na poltrona e telefonou para São Francisco em busca de outra dose de realidade.

Sua sócia atendeu imediatamente.

— Chen e Corsi. Posso ajudá-lo?

— Está fazendo serão? — Kate perguntou e fechou os olhos. — Fale de coisas mundanas, Liz.

Conte como o projeto Tanaka vai e que novo ultraje o cunhado dele cometeu. Alimente-me com a trivialidade da vida.

— As coisas vão mal?

— Não. Só estou cansada.

Era impossível enganar Liz.

— Acho que precisa de uma amiga. Quer que eu voe para Maryland amanhã? Os clientes podem esperar alguns dias.

— Eu lhe agradeço de coração, mas não será necessário. O dia de hoje foi... Desgastante.

— Claro que foi — Liz acordou. — Quando minha mãe morreu, eu... — Ela se calou. — Você me pediu distração, não reminiscências. Pena que não estava aqui esta manhã. Jenny Gordon ligou. Ela largou o trabalho em Chicago e resolveu voltar para casa. Eu a levei para almoçar e colocamos a conversa em dia.

Jenny tinha sido uma boa amiga de Kate e Liz quando estudaram arquitetura em Berkeley. Aliás, haviam sonhado trabalhar juntas um dia, mas Jenny seguiu o namorado até Chicago. Ele, porém, não se tornara uma perspectiva em longo prazo.

— Lamento não estar com vocês, mas, pelo menos, nós nos veremos com mais frequência. Como Jenny odiava os invernos de Chicago, ela deve estar feliz por voltar à Califórnia. Já encontrou outro trabalho?

— Ainda não. Sabe que nosso ramo é difícil e Jenny não quer se engajar em outro escritório gigante. Em algum momento, entre as batidas e a sobremesa, tive a idéia genial de pedir-lhe que me ajude aqui por alguns dias. Assim ficarei menos sobrecarregada enquanto você estiver em Baltimore e Jenny sairá da casa dos pais. Ela não agüenta mais a pressão.

— Se Jenny quiser, ela pode cuidar da minha casa até eu voltar — Kate sugeriu. — Dessa forma, Tom não precisará passar por lá todos os dias para alimentar Ginger Bear.

— Estou certa de que ela ficará feliz em cuidar de sua casa e do gato. Vou lhe dar as chaves amanhã. — Liz mexia em papéis enquanto falava. — Pretende voltar no início da semana?

Kate não tinha mais energia para falar do testamento de Sam.

— Precisarei ficar mais tempo do que planejei. Eu telefono quando souber a data exata.

— Fique o tempo que precisar. Sinto saudades, mas com o auxílio de Jenny, eu posso me virar indefinidamente. — Ela remexeu mais papéis. — Onde coloquei minha lista de perguntas? Ah, aqui. O ladrilho do banheiro dos Jackson. Quer que eu me adiante e faça o pedido ou prefere esperar para ver se mudam de idéia de novo?

— É melhor esperar. Os Jackson sempre mudam de idéia, pelo menos, três vezes e até agora só foram duas.

Liz foi para o próximo item da lista. Kate achou a conversa relaxante. Era a realidade, seu trabalho, suas amigas, sua casa, seu gato.

— Se precisar de mim para escutar ou fazer barulho, estou aqui — Liz disse quando terminaram a

lista. — Telefone. Mande um fax, e-mail. A qualquer hora do dia ou da noite. E lembre-se de que pode chorar à vontade.

— Obrigada por tudo, Liz. — Kate despediu-se e desligou, sentindo um arrepio na nuca. A repentina aparição de uma amiga confiável, alguém com o conhecimento certo e necessitando de um lugar para morar, foi tão sincrônica que parecia obra do destino.

Embora seu lado racional repudiasse a idéia de uma intervenção divina, em um nível mais profundo acreditava que havia padrões subjacentes na vida. Quando uma porta se abria em precisão tão dramática, uma mulher sábia tinha de considerar atravessá-la. Ou como diziam os californianos: “Ei, siga o fluxo”. O universo lhe enviara esse tipo de mensagem uma ou duas vezes e ela identificara padrões semelhantes na vida das amigas.

Isso significava que deveria cumprir a condição do testamento de Sam? Ou seria a fadiga que a fazia ver presságios em coincidências?

Mais tarde. Pensaria em tudo mais tarde.

Quando tirou o casaco, lembrou-se da carta que o pai lhe deixara. Tirou o envelope do bolso, estremeando ao ver seu nome na caligrafia apressada de Sam. Estava exaurida demais para encarar aquela mensagem.

Mas a curiosidade venceu o cansaço. Abriu o envelope timbrado da PDI, sentou-se na cama e percorreu as linhas da última mensagem que recebia de seu pai.

Minha querida Kate,

Não sei quando lerá esta carta, mas aposto que estará furiosa comigo e que estarei morto.

É fato que sou um velho idiota medíocre, mas juro pela alma da Nonna Corsi que quero o melhor para você. Sempre me senti parcialmente responsável por você e Donovan se divorciarem. Sei que desejava muito trabalhar na PDI, mas foi ele quem eu contratei. Nunca me arrependi disso, um homem jamais encontraria um funcionário, amigo ou genro melhor que Donovan. Porém, eu devia ter trazido os dois para a empresa, a despeito de minhas reservas, porque acolher Donovan e não você causou muitos problemas.

Agora não posso mais afastá-la da PDI. A vaga de Nick está disponível e você e Donovan formariam uma dupla insuperável, tal qual aconteceu quando se casaram.

Mas espero mais que uma sociedade profissional. Por isso, determinei que você voltasse a morar com ele. A vida em comum é diferente do trabalho em conjunto na empresa. Sempre que eu e sua mãe visitávamos Donovan em Brandy Lane, eu pensava em quão felizes foram quando restauraram a casa, ou dividiram a cozinha para preparar jantares deliciosos, ou se sentaram no sofá de mãos dadas. Talvez consiga resgatar essa felicidade.

No mínimo, imagina que quero, da cova, controlar sua vida e não a

recriminou. Mas até eu tenho de admitir que não possa obrigá-la a um relacionamento que não deseja. O que posso fazer é dar a ambos uma segunda chance. Sei o que é ser jovem, esquentado e me meter em enrascadas sem solução.

Você e Donovan provavelmente disseram e fizeram coisas que pareceram imperdoáveis, mas muitos anos já se passaram. Talvez seja o momento de olhar o que ainda resta e decidir se vale à pena reatar.

Quando superar a raiva que sente por mim, talvez perdoe minha rudeza. Afinal, sou italiano, é mais forte do que eu.

E espero que se lembre de quanto a amo.

Seu eterno,

Papai

No final, os olhos estavam tão marejados que ela nem sequer conseguiu ler a assinatura.

Abraçou o travesseiro e caiu em prantos. Se ele não tivesse morrido naquele acidente, Kate nunca leria a carta. Obviamente Sam a escrevera logo depois da saída de Nick, quando se sentira abandonado e ávido pela família. O testamento teria sido alterado, eventualmente, quando ela ou Donovan se casassem de novo.

Entretanto, por causa da terrível coincidência da morte prematura após ter escrito a carta, havia um tom imediatista nas palavras. Kate podia ouvir a voz grave do pai enquanto lia.

Maldito homem, por que tinha de lembrá-la de quão íntimos tinham sido ela e Donovan? Se estivesse vivo, ela seria capaz de estrangulá-lo.

Oh, Deus, se Sam ainda estivesse vivo...

Agarrada ao travesseiro úmido, Kate enfim se entregou à exaustão e adormeceu.

CAPÍTULO VIII

Kate agarrou o cachorro em seu colo quando Donovan entrou na Belladonna Avenue.

Fora insano concordar em visitar a casa em que tinham morado. Os melhores e os piores momentos do casamento haviam acontecido lá e quanto mais perto chegava, mais tensa se sentia.

Pela janela, avistou as colinas de Ruxton. Embora o bairro se localizasse no município de Baltimore, as alamedas estreitas e as árvores davam um aspecto campestre à região.

Naquela manhã, a vegetação cintilava por causa da neve cristalina que a cobria. O cenário perfeito para um casamento morto.

Os anos vividos na Califórnia á tornaram, aflita quanto às ruas congeladas, mas confiava em Donovan e no Jeep. Sua competência em quase tudo fazia parte do charme. Aos dezoito, ela acreditara que podia confiar cegamente naquele homem. Prova cabal de que a intuição não valera nada.

Oscar ergueu a cabeça e latiu quando entrou em Brandy Lane, a rua sem saída que levava a casa. O cachorro sempre ficava com Donovan quando Julia e Sam viajavam e ele insistira em participar do passeio naquele dia.

Após se preparar para ver seu antigo lar, Kate ficou aliviada ao notar que a estrutura modesta de suas lembranças havia mudado radicalmente. As árvores encobriam boa parte da entrada, o que dificultava avaliar a extensão das alterações. Mas à primeira vista pôde ver um anexo, que parecia ser uma garagem para três carros.

Donovan parou diante da casa e desligou o motor.

— Pensei que gostaria de usar a entrada oficial. — Ele então desceu do Jeep e abriu a porta para Kate.

Oscar pulou do carro e, como uma bola de pelo veloz, correu até a casa. O cachorro passou pelas azaléias que ela plantara na entrada. Kate as escolhera por possuírem um tom raro de rosa. Havia crescido bastante em dez anos.

Grata por Donovan não lhe oferecer ajuda para sair do veículo, ela desceu e sentiu um choque terrível do vento gelado.

— Bom Deus, Baltimore se aproximou do Pólo Norte desde que parti?

— Até agora, é o janeiro mais frio já registrado. — Donovan a escoltou até a casa. Frágil, ela esperou que ele destrancasse a porta.

No interior da residência, o alívio a invadiu. A casa estava irreconhecível. À esquerda, Kate percebeu que a pequena cozinha e a sala de jantar tinham sido combinadas em uma ampla cozinha campestre. Era um espaço convidativo repleto de sol e armários de madeira, mas não era sua cozinha.

Do outro lado, uma abertura em arco dava acesso a uma sala de jantar. Parecia muito limpa e pouco usada. Compreensível; afinal, se morasse lá, sempre faria as refeições na cozinha. Ela desabotoou o casaco e o entregou a Donovan.

Ele o pendurou em um closet que não existiam nove anos atrás.

— Café? Cappuccino?

— Cappuccino em Baltimore, a cidade onde as tendências morrem? — Kate perguntou, entrando na cozinha.

— É uma prova clara de que cappuccino se tornou uma constante. Você quer um?

— Café seria bom.

Enquanto ela admirava o azulejo feito à mão, Donovan tirou um pacote de café da geladeira. Sempre fora um excelente cozinheiro. Preparar refeições juntos havia sido muito divertido, negociar quem cortaria os legumes, evitar que se esbarrassem, nem sempre com sucesso...

Kate mordeu o lábio a fim de bloquear a imagem que seu pai descrevera na carta.

Partilhar a mesma cozinha amigavelmente não era a chave para um bom casamento.

— Por que não faz um tour pela casa? — Donovan sugeriu. — Não há nada que não possa ver.

Aliviada por estar sozinha, Kate abriu a porta para o que fora um porão sombrio, apesar dos esforços de pintá-lo e iluminá-lo. A área estava toda transformada; o tamanho havia dobrado devido ao acréscimo da garagem. A parede sul agora possuía janelas que davam para o bosque e o espaço se tornou um confortável ambiente familiar, com um banheiro completo, uma mesa grande e organizada para trabalhar e um cômodo considerável contendo equipamento de ginástica. A academia caseira seria conveniente, caso se mudasse para lá. Se ela se mudasse.

Kate voltou a subir e verificou a pequena lavanderia, agora entre a cozinha e a porta da garagem. Como arquiteta, ela aprovou. Era um local conveniente para vigiar a lava-roupas enquanto se cozinava.

Tomada pela curiosidade profissional, atravessou o hall de entrada e foi à velha sala de estar. Agora havia um escritório e uma TV. Nenhum dos móveis lhe era familiar, algo que a deixou grata.

Parou para ver os livros nas prateleiras. Uma mistura eclética de ficção e não-ficção, incluindo a bela edição de Book of Kells que ela dera a ele de Natal. Ambos adoravam os manuscritos celtas.

Afastou-se dos livros, preferindo admirar o aparelho de som de última geração.

Donovan provavelmente mudara a fiação da casa para que a música soasse em cada cômodo.

Uma porta nova abria-se para uma sala muito maior. Oscar Wilde farejava naquela direção, o que a fez segui-lo pelos três degraus. Então Kate se deteve perplexa. Deus era sua casa! Por isso, as outras áreas lhe pareceram tão precisas.

A magnífica sala de estar ainda possuía a lareira de pedra entre dois painéis estreitos de vidro. O sol ainda penetrava por eles e as janelas altas garantiam a vista da mata ao redor.

Tudo estava exatamente como ela visualizara quando desenhara o projeto.

Quando ouviu passos, virou-se para ver Donovan segurando duas canecas de café.

— Você usou o projeto que criei quando eu estava na faculdade! — ela exclamou, chocada.

— Não valia à pena reinventar a roda, se suas idéias eram tão boas — ele alegou, entregando-lhe uma caneca. — Fiz pequenas modificações, mas basicamente é a casa que você criou em seu primeiro

projeto residencial.

As mãos de Kate tremiam tanto que o café escaldante escorreu em seus dedos. A estrutura original era tão pequena e indefinida que ela não sentira nenhuma compulsão de realizar maiores mudanças. Quisera criar um lar repleto de sol e incorporar alguns dos maravilhosos elementos arquitetônicos resgatados nos projetos da PDI, como um mantel de carvalho esculpido e os painéis de vidro ao lado da lareira.

Ela desenhara alguns rascunhos a fim de vender a idéia ao marido, como se Donovan fosse um cliente. Descobrir que seu projeto adquirira vida em madeira e pedra foi mais perturbador que a casa original poderia ser. Investira muito de si em seus sonhos. Ver sua casa era o mesmo que descobrir que tivera um filho o qual não sabia existir.

Tomou um gole de café. Um pouco de leite, do jeito que gostava. Maldito Donovan!

Ela então caminhou pela sala. Como o restante da casa, os móveis eram confortáveis, mas esparsos. Os espaços vazios precisavam de quadros, plantas e almofadas...

Kate deteve a imaginação. Aquela não era sua casa. Não mais. Mas havia semelhanças assombrosas com sua casa em São Francisco. Ela e Donovan tinham gostos parecidos quanto a tapetes persas e tecidos neutros, criando laços fantasmagóricos entre sua casa e a dele.

Na tentativa de encontrar refúgio no desprendimento profissional, ela comentou:

— Muito bonito. Quando reformou tudo isso?

— Eu mesmo fiz a maior parte do trabalho. A sala de estar foi o projeto mais pesado. Terminei há um ano.

O que Donovan teria pensando enquanto trabalhava nos desenhos que ela planejava durante anos? Kate perguntou-se. Teria pensado nela ou se esforçado para não pensar?

— Usou seu tempo livre para construir como uma compensação das destruições que faz para viver?

— Mais ou menos.

Kate parou diante das portas de vidro e olhou para o deque sobre o bosque. Uma das extremidades estava coberta de tela com uma porta que levava à cozinha. Um lugar delicioso para comer e aproveitar o verão. A idéia era de Donovan, pois o projeto antigo não se referia ao exterior.

Suprimindo as lembranças dos passeios que ela e Donovan faziam na mata e voltavam cobertos de folhas ou capim, Kate afastou-se das portas.

— Sempre me perguntei onde encontrou dinheiro para comprar minha parte da casa. Eu não conseguiria estudar em Berkeley, se você não tivesse feito isso. Sam lhe fez um empréstimo?

— Não, Julia me emprestou o dinheiro. Seu pai ficou tão furioso por causa do divórcio que não estava disposto a fazer nada que facilitasse sua partida. Julia se mostrou mais prática. Disse que não queria que a filha largasse os estudos e se tornasse uma dançarina ou coisa pior.

Kate sorriu. Aquela era sua mãe.

— Supus que, após a poeira baixar, você venderia este lugar.

— Fiquei tentado. Mas aqui é meu lar. Não queria procurar outro.

Ela devia saber disso. Donovan adorava aquele bairro tanto quanto ela.

O pensamento originou uma cascata de lembranças. Foi sua amiga, Rachel Hamilton, que mencionara que a casa caindo aos pedaços estaria à venda. Kate e Rachel foram vê-la juntas. O pequeno rancho não era grande coisa, mas os três acres eram espetaculares. A propriedade poderia ser adquirida por uma bagatela, desde que o comprador aceitasse a condição negligente da casa.

Sem falar com Donovan, Kate pedira a casa aos pais como presente de casamento. Eles concordaram e o contrato já havia sido assinado quando Kate levara Donovan para ver o lugar uma semana antes do casamento. Ela estava animadíssima, certa de que o noivo adoraria ter uma moradia própria.

Mas Donovan ficara colérico. Ele a segurara pelos ombros e a sacudira, enquanto berrava, dizendo que não era um animal de estimação e que o casamento estava cancelado.

Kate ô encarara, atônita. Em certas ocasiões, Donovan demonstrara o temperamento explosivo, mas a raiva sempre passava rapidamente. De modo geral, ele era doce, romântico e fácil de lidar, como o homem de seus sonhos.

O incidente terminara no mesmo instante, apavorando Donovan. Pálido, ele a soltara e pedira desculpas.

Kate não se ferira, estava apenas chocada e aborrecida com a própria estupidez. Saber que Donovan não se sentia à vontade com a posição e a prosperidade de sua família tornara uma idiotice tomar uma decisão tão importante sem consultá-lo.

Trêmula, ela se jogara nos braços dele, alegando que quisera apenas agradá-lo e que jamais o desconsideraria novamente. Cancelariam o contrato e morariam onde ele quisesse.

Ao mesmo tempo, ele dissera que havia adorado a casa, que era o presente mais maravilhoso que já recebera e que seria uma felicidade morar naquela casa para sempre, se ela o perdoasse pela perda de controle.

O remorso mútuo se transformou em paixão e ambos fizeram amor no piso de madeira com uma intensidade furiosa. Após o interlúdio, Donovan se mostrara tão terno e carinhoso, que Kate se deliciara com a primeira briga séria, pois a desavença os aproximara ainda mais.

Se soubesse na época o que viria a descobrir depois, ela teria cancelado o casamento?

Talvez... Mas mesmo agora não podia ter certeza. Houvera altos e baixos no casamento.

Melhor ou pior, era o que aqueles três anos críticos de matrimônio haviam feito dela.

— Você sai com alguém regularmente? — Kate perguntou com cuidadosa neutralidade.

Após um momento de hesitação, ele respondeu:

— Sim.

— Continuará a vê-la, se eu estivesse morando aqui?

— Pareço maluco? Claro que não. A vida seria já complicada ao extremo sem isso. E você? Namorou alguém em São Francisco?

— Sim. — Ela pensou no relacionamento com Alec. — A geografia colocaria um fim nisso.

— Fala como se considerasse ficar aqui — ele comentou, após instantes de silêncio.

Apreensiva, Kate mordeu o lábio. Pelo jeito, considerava mesmo a proposta. Antes do café da manhã, lera e relera a carta do pai, profundamente afetada por sua sinceridade.

Tão significativo quanto fora a observação de sua mãe de que os dois ainda eram regidos pelo passado. Tal constatação desferiu acordes dissonantes quando Kate pensou em Alec e no outro homem que tinha namorado. Tudo havia sido prazeroso, atraente, mas não se sentira emocionalmente disponível.

Essas escolhas não tinham sido acidentais. Embora acreditasse que um dia se casaria de novo, de preferência antes de seu relógio biológico atingir a meia-noite, não fizera nenhuma tentativa real para mudar sua situação. Talvez o tempo se encarregasse de superar o que lhe doera demais. Porém, a simples idéia a alarmava.

— Se ficar, eu prometo nunca tocar em você — Donovan disse como se lesse a mente de Kate.

E ele era um homem de palavra. Ou talvez fosse mais correto dizer que suas intenções sempre foram boas.

— Se... Algo acontecer, darei o fora daqui a mesma hora.

— Não chegará a tanto, Kate. Prometo.

Na tentativa de ser objetiva, ela o estudou, como se nunca tivessem se conhecido.

Donovan parecia-se exatamente com o que era: um homem forte e decidido, igualmente habilidoso nos negócios, na engenharia e no trabalho pesado. Os cabelos negros continuavam compridos, mas não mais atingiam a altura dos ombros. Ele os cortara quando começara a tratar com clientes, embora Sam jamais o tivesse pedido. Donovan trabalhara arduamente para conquistar o direito de comandar.

Mas essa era a superfície. As mudanças internas importavam mais. Os anos de êxito em um trabalho duro e exigente o tornaram estável. Confiante. A agudeza que a fascinara e alarmara no início do relacionamento parecia ter desaparecido.

Eram adultos. Talvez... Talvez conseguissem morar juntos.

— Se não me tocar e parar de namorar, será um longo ano.

— Dizem que os homens atingem o pico sexual aos dezenove anos e que depois disso vive um declínio gradual. Estou em uma idade que talvez me permita suportar doze meses de celibato — Donovan comentou seco.

— Está certo a respeito disso?

— Nenhum de nós que voltar ao que era antes.

Que declaração impressionante. Kate ficou incomodada. Ele tinha razão ao afirmar que os problemas haviam sido originados no sexo. Sem sexo, sem problemas, certo? Talvez. E se os conflitos emergissem, ela poderia partir a qualquer momento.

O casamento não tinha salvação, mas a empresa era outra questão.

— Li a carta de meu pai ontem à noite. Ele explicou por que redigiu um testamento tão bizarro e

admitiu que não pudesse mais me impedir de trabalhar na PDI. Achou que eu gostaria de ocupar o lugar de Nick.

— Sam era teimoso, mas não estúpido. Com a saída de Nick, ficamos sem um gerente de contas. Você se sairia muito bem no cargo. Como arquiteta, já possuí muito conhecimento técnico e aposto que seria maravilhosa no trato com os clientes.

Sim, seria mesmo, mas gerente de contas não fazia parte de seu sonho na PDI. Kate queria explodir prédios, não passar a maior parte do tempo ao telefone. Era essa a mudança que sempre desejara. Se Donovan estava disposto a impor obstáculos, teria de tomar decisões tão complicadas quanto ela.

— Para eu suspender minha vida em São Francisco durante um ano, precisarei de muito mais.

— É justo — ele murmurou, desconfiado.

Nervosa, Kate se preparou para mergulhar na oportunidade que se abria.

— Ficarei com uma condição.

— Que condição?

— Farei o trabalho de campo da PDI, armando explosivos. Como você.

CAPÍTULO IX

— Nem pensar!

— Acha que não sou capaz de realizar o serviço?

Donovan sabia se aproximar de um terreno minado.

— Não se trata de capacidade, Kate. Você é inteligente, o que a torna capaz de fazer qualquer coisa. Mas Sam tinha razão, a demolição não combina com mulheres. O trabalho é sujo, exaustivo e potencialmente perigoso.

— Por acaso, acha que esqueci que esse trabalho matou meu pai? Tudo tem riscos, Donovan. Lecionar pode ser mais arriscado que manusear explosivos. Sabe quanto almejei trabalhar na PDI. A oportunidade chegou. Não vou me mudar para cá e passar um ano inteiro sentada em um escritório.

— Você seria muito mais útil no escritório que no campo. A maior parte da função é pura rotina. Trata-se de perfurar buracos e comandar equipes de operários politicamente incorretos.

Divertindo-se, Kate cruzou os braços e encostou à lareira.

— O que imagina que os arquitetos fazem Donovan? Já comandi centenas de operários e trabalhei em obras tanto quanto você. Quem poderia ser mais adequado para implodir prédios que aquele que os ergue?

Ele a imaginou ditando ordens para um operário parrudo e não duvidava de que Kate poderia bancar o papel de chefe. Mas isso se referia à construção, não à destruição!

— Pode me chamar de arcaico, mas a idéia de vê-la trabalhando com dinamites me dá calafrios.

— O problema é comigo ou você se sentiria da mesma maneira com qualquer mulher que fosse fascinada por dinamite?

No fundo, apenas Kate o tornava tão chauvinista a ponto de nem sequer cogitar a possibilidade de vê-la machucada, mas não ousou confessar sua fraqueza.

— Seria muito mais fácil contratar um desconhecido para esse trabalho. Lembra-se de minha prima Lissie? A neta de Connie e Frank?

— É claro. Como ela está? Não a vejo desde sua primeira comunhão. Estava tão linda.

— Lissie está mais alta que você, é a melhor aluna da classe e só fala com quem a chama de Melissa. Sua atual ambição é fazer o mesmo curso de engenharia que fiz para então trabalhar na PDI a fim de explodir as coisas.

Kate riu.

— Nesse caso, você precisa superar seus calafrios e o conselho a começar agora. Sempre teve um lado reacionário, mas é uma geração, mais novo que Sam. Portanto, não é incapaz de aceitar as mulheres como iguais.

— É mais fácil na teoria que na prática. — Donovan recordou um jogo de softball entre

universitários no primeiro ano do casamento. Ele estava arremessando, enquanto Kate, uma excelente jogadora, estava na segunda base. Ela tinha acabado de agarrar a bola quando Denny, do time adversário, tomado pela excitação do jogo colidira nela com o intuito de tomar-lhe a bola. Kate foi jogada ao ar e tombara no campo sem respirar.

Assim que a viu imóvel no chão, Donovan enlouquecera. Correu até ela, desesperado.

Recuperando o fôlego, Kate se sentara, assegurando a todos que estava bem. Passado o pavor inicial, Donovan esmurrara Denny com tanta força que quase quebrara o maxilar do homem.

— Seu cretino, sabe muito bem que esse tipo de colisão não é permitido! — Ele fizera menção de esmurrá-lo outra vez quando Kate e dois outros jogadores o afastaram do arrependido Denny.

Donovan se acalmara rapidamente, pois odiava ver a expressão alarmada no rosto de Kate, mas ficara assustado com a intensidade de sua reação. Naquele dia, reconhecera quão primitivo e poderoso era o desejo de proteger sua companheira. A compulsão de defender o ente querido emergira tão volátil e perigosamente quanta nitroglicerina.

E agora Kate queria implodir prédios. Finalmente, a justiça cármica finalmente batia a sua porta, Donovan pensou.

— A decisão é sua — Kate declarou. — Se tivermos de viver sob o mesmo teto, isso significará trabalho em equipe para que eu possa ser útil. Concorde e a PDI será sua. Se recusar, terá de começar um negócio próprio ou trabalhar para Bud Marchetti.

Dividido entre a irritação e a admiração, ele comentou:

— Você é filha de Sam, não há dúvidas. Teimosa e determinada a fazer as coisas a sua maneira.

— Isso quer dizer que devo ser ótima em demolições.

Infelizmente, Kate estava certa. Tomada as precauções devidas, trabalhar com explosivos não era necessariamente perigoso. Mas era difícil manter isso em mente, já que Sam morrera em um acidente tenebroso.

— Negócio fechado, Kate. Mas lembre-se de que eu sou o chefe e espero que obedeça a minhas ordens como os demais que trabalham na empresa. A demolição é um ofício perigoso para você se basear apenas em lembranças da infância.

— Serei uma funcionária exemplar.

— Duvido. — Embora a voz soasse seca, por dentro Donovan queria saltitar de alegria.

Ela iria ficar! Com a graça de Deus e de Sam Corsi, ele teria a chance de se redimir e... Kate aprenderia a usar explosivos.

No trajeto de volta, Kate e Donovan discutiram os detalhes práticos. Ela estimava que duas semanas ou mais fossem suficientes para resolver seus assuntos na Califórnia. Depois voltaria a Maryland, para a casa deles.

Nesse ínterim, Donovan poderia fortalecer o autocontrole e preparar-se para ver a sonolenta e sensual Kate a cada manhã e escutar aquela voz sedutora no escritório e no trabalho de campo.

Sua mente continuou em atividade, após deixar Kate e Oscar em casa. Lembrava-se claramente da

expressão dela quando soubera que Sam oferecera ao futuro genro um estágio de verão na PDI, o qual Kate tanto almejara. Ela reagira como se houvesse sido estapeada.

Tomado pela dor que vira nos olhos dela, Donovan dissera que declinaria a oferta.

Mesmo abatida, Kate o impedira. A recusa do pai em contratá-la não tinha nada a ver com ele. Afinal, Donovan também queria trabalhar na PDI e o generoso salário servia muito bem-vindo. Já que iriam se casar, precisavam ser práticos.

De forma egoísta, ele ficara aliviado por ela lhe permitir aceitar o emprego que tanto havia cobiçado. Não apenas era fascinado pelo ramo de demolição, como também necessitava adotar Sam como pai substituto. O trabalho na PDI nunca fora um problema, mas sempre estivera ciente de que o chauvinismo de Sam o beneficiara.

Na tentativa de não pensar nos acidentes e iminentes desastres, os quais Kate agora enfrentaria, em seu início de carreira na PDI, ele dirigiu para o bairro universitário. Era sábado, portanto, com sorte conseguiria fazer o que pretendia. Não seria fácil.

Minutos depois, Donovan estacionou diante de uma casa em uma rua tranqüila. Ele usou a própria chave para entrar. O ar estava pesado com diversos aromas de dar água na boca. Dois gatos surgiram para cumprimentá-lo e uma voz feminina o chamou da cozinha.

— É você, Donovan?

— Não. É seu vizinho assassino.

Rindo, Val Covington emergiu da cozinha, com os cabelos ruivos em desalinho e usando um suéter de lã.

— Chegou na hora. Preparei um caldo de feijão e assei pães. — Ela o abraçou. — Uma eternidade parece ter passado desde que nos vimos pela última vez. O enterro não conta. Como você está? Perder Sam deve ser o mesmo que perder o próprio pai.

— É pior. Muito pior. — Donovan correspondeu ao abraço, notando como era agradável estar com Val. Ela sempre o fazia lembrar um duende inteligente.

— Como Kate e a Sra. Corsi estão? Elas pareciam anestesiadas ontem.

— Estão lutando. Suponho que seja o esperado.

Val franziu o cenho.

— Preciso ligar para Kate antes que ela volte para São Francisco. Talvez possamos sair para conversar. — Val o guiou à cozinha.

— Receio que tenham ocorrido... Desdobramentos inesperados. — Se fosse antes, Donovan teria provado a sopa imediatamente. Mas, dessa vez, deteve-se à porta. — Vim devolver a chave de sua casa.

Val ficou tão; pálida que as sardas do rosto acentuaram.

— É mesmo?

— Desculpe — Donovan disse péssimo. — Eu deveria ter sido mais sutil.

— Não há sutileza em separações. Por quê?

Concentrado, ele tirou a chave de Val do chaveiro.

— O testamento de Sam determina que Kate e Tom herdem a maior parte do dinheiro, e eu, a PDI. Mas só receberemos nossa parte, se eu e Kate morarmos em minha casa por um ano. Ela resolveu tentar.

— Entendo. — Val se sentou. — Nosso relacionamento não implica em um futuro, Donovan. Trata-se apenas de uma conveniência mútua. Um parceiro de cama saudável e sem compromisso.

Aquilo doeu.

— Não banalize o que houve entre nós, Val. Sempre fomos amigos. Espero que continue assim.

— Se não dividíssemos a cama, nunca nos veríamos. Essa não é minha definição de amizade.

Ela devia estar certa. Val fora uma das madrinhas de Kate. Sempre tinham se gostado, mas, sendo uma das melhores amigas de Kate, perderam o contato após o divórcio. Certo dia, eles se encontraram em uma livraria, tomaram um café e começaram a dormir juntos.

— Não há como negar que o sexo sempre nos interessou, mas não continuaríamos a nos ver se não houvesse mais que sexo.

— Suponho que não — Val concordou. — Mas você tem razão. Não podemos nos ver enquanto estiver morando com Kate. Pareceria adultério.

— Kate e eu teremos uma relação estritamente platônica.

— Se é o que diz. — Ela o encarou, perturbada. — Kate sabe que você e eu... Envolvemos-nos?

— Eu disse que estava saindo com alguém, mas não disse quem era.

— Ótimo. Somos amigas há muitos anos. Não creio que Kate gostasse de saber que andei dormindo com seu ex-marido. É contra a ética das melhores amigas.

— Não há nenhum prazo de validade nessa lei? Afinal, Kate e eu não nos víamos há dez anos.

— Enquanto ela estava na Califórnia não havia problema. Mas se Kate vai morar aqui, será impossível.

Donovan acariciou os cabelos de Val. Eram; fogosos e brilhante como ela. Não houvera rompantes de paixão, mas apreciavam a companhia um do outro. Especialmente na cama.

— Terá de esperar para encontrar Kate. Ela voltará para São Francisco amanhã e lá ficará por uma duas semanas.

Val esquivou-se de Donovan.

— Não me diga que a intenção é fazermos sexo pela última vez. Não estou disponível.

— Dei a impressão de que queria isso? Desculpe-me.

Donovan jamais havia considerado um relacionamento íntimo com Val, tampouco pretendia partilhar seus segredos sombrios com ela. Haveria a possibilidade de um namoro mais profundo? Talvez sim, talvez não.

O fato era que nunca saberia. Havia sido mais fácil manter a superficialidade. Mais seguro.

— Vou sentir saudades, Val. Mais do que imaginei.

— Também sentirei saudades, grandalhão.

— Provavelmente vai encontrar alguém melhor antes que eu esteja livre outra vez.

— Não zombe Donovan — ela disse com seriedade. — Você é especial. Inteligente, divertido, bonito, próspero e um bom homem. Porém, sempre age como se não merecesse ser amado. Por isso vocês se separaram?

De repente, ele se lembrou por que optara pela superficialidade.

— Se quiser saber a história toda, pergunte a Kate. Talvez ela conte.

— Não. Kate nunca me contou por que o deixou. Ela é a discrição em pessoa. A maioria das mulheres despejaria a história toda, mas não Kate.

Val se levantou e abriu o forno para tirar os pães.

— O sexo está interditado, mas a oferta do caldo ainda está de pé.

— Que bom. Também vou sentir saudades de suas sopas.

— Vou lhe enviar algumas receitas por e-mail — ela comentou fria.

Enquanto Val pegava dois pratos, Donovan perguntava-se que outros aspectos de sua vida mudariam por causa da volta de Kate.

CAPÍTULO X

Kate estava em São Francisco havia uma semana e Donovan já sentia falta dela.

Enquanto lavava um pé de alface para a salada, especulava quanto tempo ela ainda levaria para voltar a Maryland. Mais uma semana, talvez. Contudo, dados os comentários acerca do frio, ele imaginava que não a veria antes de março.

Nesse momento, a porta da garagem se abriu e Kate adentrou a cozinha. Munida de bolsa e bagagem, ela vestia um elegante casaco, leve demais para a baixa temperatura de Baltimore. A expressão irritadiça o fez lembrar uma granada prestes a explodir. Obviamente, ela usara o controle-remoto da garagem que ele lhe dera, mas por que não telefonara para dizer que chegaria antes do esperado?

Para pegá-lo desprevenido, ele concluiu. Para marcar um ponto no conflito que borbilhava sob a superfície. A confiança de outrora era coisa do passado.

Não podia recriminá-la por estar desconfortável. Ele próprio estava tão nervoso quanto um gato. Mas ficou muito contente ao vê-la, embora os belos cabelos estivessem presos e ela parecesse tão escorregadia quanto um anjo de vidro.

— Então a morada oficial acaba de começar. Não esperava vê-la tão cedo.

— As coisas se organizaram rapidamente. — Kate largou a bolsa e a mala para cruzar os braços a fim de aplacar a tremedeira. — A rapidez foi enervante, mas quanto mais cedo começar, mais cedo tudo terá terminado.

— Como foi o vôo?

— Longo. Turbulento. Fui louca de sair da Califórnia no meio do inverno.

Quando ela pendurou o casaco no closet, Donovan pensou em lhe ceder trajes mais adequados até que ela pudesse fazer compras. Pelo menos, a malha de lã e a calça pareciam quentes.

— Vou buscar o restante das malas — ele sugeriu, enxugando as mãos.

— Eu mesma posso fazer isso.

Donovan cruzou os braços.

— Sei que pode Mulher Maravilha. Mas você quer?

— Pare com esse cavalheirismo. Não somos um casal. Não somos amigos. Vamos apenas morar na mesma casa.

Ao identificar a fonte da irritação, ele disse:

— Você deve estar com fome. Sente-se. Vou preparar algo.

Kate pensou em protestar, mas reconsiderou.

— Tem razão. É uma pena que as companhias aéreas tenham parado de servir comida.

Enquanto ela se sentava no banco do balcão da cozinha, Donovan jogou azeite em um prato.

Depois de salpicar parmesão e pimenta, abriu um pacote de focaccia e cortou várias fatias. Pão e azeite, tal qual sua avó italiana costumava lhe dar quando menino. Ele empurrou a cesta de pão em direção a Kate.

— Vinho?

— Por favor. — Ela puxou o elástico que prendia os cabelos e sacudiu a cabeça. Cachos loiros emolduraram-lhe o rosto, tornando-a mais acessível.

Donovan comprara e refrigerara diversas garrafas do chardonnay que Kate gostava.

Assim que lhe serviu uma taça, voltou à salada, dobrando a quantidade. Kate sempre fora capaz de traçar uma tigela de verduras com uma destreza que envergonharia um coelho.

Ela pegou um pedaço de focaccia e o mergulhou na mistura de azeite e queijo. Após provar a iguaria, ela suspirou.

— Obrigada, Donovan. Um dia você se tornará uma excelente esposa.

Satisfeito por ver que o humor melhorava, ele pegou uma cerveja e serviu-se.

— Coma mais. Acho que depois de uns dois pedaços, você ficará civilizada.

— A civilidade exigirá um ano de convivência, não de azeite. Não devíamos partilhar a comida, Donovan. É... Íntimo demais.

Mantendo o balcão entre ambos, ele molhou um pedaço de pão no azeite.

— Kate, não será fácil morarmos juntos, mas não acredito que ignorarmos um ao outro seja a solução. Há lasanha no forno. Não seria mais fácil comermos juntos?

— Á curto prazo, sim. Mas temos três anos de hábitos enraizados esperando para despertar. Quanto tempo leva para ir da lasanha à sensação de que somos um casal outra vez? E se isso acontecer?

— Não somos mais crianças, Kate. Não precisamos ser governados pelo passado. Não era esse o objetivo deste exercício?

Ela despedaçou uma fatia de pão.

— Não estou lidando bem com essa história. No plano abstrato, tentar cumprir o testamento pareceu razoável, mas, semana passada, perdi meu trabalho, minha casa, meu gato e talvez meus laços.

— Podia ter trazido o gato.

— Ginger Bear está velho e se sente mais feliz em um ambiente conhecido. Jenny, minha amiga, cuidará bem dele. Assim como cuidará bem de minha casa e empresa. — Kate fechou os olhos, enfatizando as olheiras.

Sabendo que ela precisava de tempo para se recompor, Donovan foi buscar as malas.

Depois de levar a bagagem para a ala dos quartos, voltou à cozinha.

— Está usando o Cadillac de Sam?

— Meu carro está atravessando o país com uma dupla de estudantes a caminho de Johns Hopkins. Julia disse que eu podia usar o carro de Sam até o meu chegar. Aquilo mais parece uma jamanta, mas é

luxuoso. Sam devia adorá-lo.

— E adorava mesmo. Ele não suportava os carros estrangeiros. — Donovan começou a arrumar a mesa da cozinha. — Tecnicamente, o Cadillac pertence à PDI, não a sua mãe. Isso terá de ser resolvido eventualmente.

— O carro é da empresa? Já que você tem um Jeep, um Corvette vermelho e uma Harley gigantesca, se bem me lembro dos brinquedos, suponho que não queira o Cadillac. Talvez possa oferecê-lo a outro funcionário, como Luther. Ele é o mais antigo da PDI.

— Vou perguntar, mas desconfio de que ele tenha a mesma opinião que você a respeito do carro. Agora que os filhos cresceram, Luther adquiriu um modelo esportivo para ele e a esposa passearem como adolescentes. — Donovan tirou a lasanha fumegante do forno e a colocou sobre a mesa. Em seguida, temperou a salada. — Se ele quiser a jamanta, eu a venderei. O dinheiro será útil à PDI.

Kate levou as bebidas e a focaccia para a mesa.

— É mesmo? Pensei que a empresa permanecesse lucrativa nos últimos vinte anos.

— Sempre foi, mas a morte de Sam terá um efeito. Há ainda seis empresas de demolição no mundo e a PDI possuía o diferencial de ser a única que nunca causava uma fatalidade. Bem, a firma de Nick é uma exceção, mas é nova demais para ser considerada. Nós agora perdemos nossa aura de infalibilidade. Além de as taxas do seguro terem aumentado, alguns clientes em potencial cancelaram orçamentos de projetos.

— Sem dúvida, é um aborrecimento — Kate comentou, servindo a lasanha. — Mas esse temor é passageiro.

— Seu querido primo está se desdobrando para obter o máximo de clientes em sua firma, Implosões Inc.

— Não me surpreendo. Porém, se não aprimorar a técnica, Nick não é páreo para você.

— Ele tem competência e levou consigo dois excelentes especialistas. A vantagem de Nick é que trabalhou tanto como gerente de contas que conhece muito bem os clientes. Assim que Sam foi enterrado, seu primo pegou o telefone e seduziu vários clientes da PDI. Não apenas abaixou os preços, como também alega que a morte de Sam ocorreu porque ele, Nick, não estava presente para garantir que tudo corresse a contento. Muito charmoso.

— A PDI está com problemas?

— Não é grave, mas a situação já esteve melhor. Sam não saiu em busca de um substituto para Nick ou o contramestre que seguiu seu primo. Agora a morte súbita do fundador prejudicou o moral. Estamos desfalcados e a tensão tomou conta da equipe. Estou ficando louco por tentar organizar a casa. Nos últimos tempos, Sam andava um tanto displicente. — Donovan sentia um peso ainda maior da responsabilidade sobre os ombros, agora que Sam não mais estava lá para ampará-lo. — E há o Concord Place.

— É o projeto residencial da cidade?

— Exatamente e o prazo se esgotou. São cinco edifícios de um daqueles projetos de reurbanização que pareceram uma ótima idéia quarenta anos atrás, mas que não foi adiante. Perdemos

trabalhos semelhantes pelo país. A prefeitura quer construir casas no terreno. São mais seguras e têm a aparência de um bairro de verdade. — Donovan serviu-se de lasanha. Nunca perdia o apetite quando estressado. — A PDI ganhou a concorrência para a demolição.

— Noto que há um tom de restrição em sua voz — Kate comentou.

Donovan garfou a salada com uma força desnecessária.

— Nick vistoriou os prédios e rascunhou uma proposta. Pouco antes de o contrato ser concedido, ele saiu da PDI. Em seguida, Sam morreu. Então, Nick se reuniu com a Secretária de Finanças da Prefeitura e tentou convencê-los de que sua empresa deveria assumir o contrato com a condição de que ele assumisse o projeto, já que, devido à morte de Sam, a PDI não mais seria capaz de cumprir o contrato.

— Nick sempre foi um árduo competidor. Ele conseguiu persuadi-los a mudar?

— Não é à toa que Charles Hamilton é advogado da PDI. Depois de explicar aos membros do comitê as ramificações legais, Nick não teve a menor chance — Donovan contou. — Seria uma péssima publicidade perder um trabalho dessa monta. Mas, para ser franco, se não precisássemos do dinheiro, eu ficaria tentado a entregá-lo a Nick.

— Por quê?

— Porque o projeto tornou-se um jogo político. A despeito das gangues e do tráfico de drogas, muitas famílias decentes moram naqueles apartamentos e não querem perder suas casas. Além disso, a comunidade está usando a demolição como um meio de delatar as falhas da Prefeitura. Resumindo, a mídia armou um circo e a PDI está envolvida. Sem dúvida, farão um piquete quando o inverno atenuar.

— Agora entendo por que você tem restrições ao projeto.

Donovan a encarou, pensativo.

— Sua presença na PDI pode ser um grande diferencial.

— Serei apenas uma, aprendiz de contramestre.

— É mais que isso, Kate. Sendo filha de Sam, você pode manter a chama acesa, querendo ou não.

— Como quiser. Penso em mim como a filha pródiga.

— Isso também. Creio que está na hora de lhe dar a má notícia. Amanhã cedo, terei de ir a Las Vegas por alguns dias e depois, São Francisco. Não mencionei antes porque achei que estaria de volta antes de você retornar a Baltimore. Se estiver disposta, eu gostaria que fosse comigo.

— Outra viagem para atravessar o país? Só pode estar brincando!

— Não estou. Se conseguir uma reserva para você, sairemos às sete da manhã para pegar o avião. — Donovan se levantou, tirou os pratos e despejou café em duas canecas. — A PDI vai demolir um cassino e o cliente está aflito porque a demora lhe custa duzentos mil dólares por semana até que seu novo estabelecimento possa abrir. Vou entender se não quiser ir, mas a presença da filha de Sam é o tipo de publicidade que precisamos.

A idéia pareceu agradá-la.

— Então eu irei. Mas devo avisá-lo de que terei um problema sério com o fuso-horário. — Ela

tomou um gole de café. — Mas talvez não tenha coragem de aparecer em São Francisco depois de tantas despedidas.

— Você pode entrar e sair da cidade, incógnita. Ficaremos tempo suficiente para vistoriar um prédio a fim de elaborar uma proposta. Pelo menos, em Nevada estará mais quente que aqui.

Kate expressou o primeiro sorriso espontâneo desde que chegara.

— Como recusar um convite desses?

CAPÍTULO XI

Durante o café e a sobremesa, Donovan informou Kate acerca dos atuais funcionários da PDI e dos projetos a realizar. Ao terminar a garrafa de café, ela já havia assimilado sua primeira lição referente aos negócios. Bocejando, começou a tirar a mesa. Via de regra, se um cozinhava, o outro lavava a louça.

— Eu cuido disso — Donovan se ofereceu. — Você precisa desfazer as malas e se acomodar.

— Obrigada. — Antes de se retirar, Kate vasculhou a cozinha, abrindo gavetas e armários para se familiarizar com o lugar dos utensílios. — Onde vou dormir?

— O quarto de hóspedes é a antiga suíte.

Ela deveria saber. Afinal, os outros cômodos eram pequenos e não possuíam banheiro privativo.

— Vou me deitar assim que desfizer as malas. Até amanhã.

Respirando fundo, ela se dirigiu a seu novo quarto. Mas não estava preparada para o impacto inicial. O cômodo havia sido redecorado e toques sutis de sua mãe evidenciavam-se nas cores dos conjuntos, colcha e tapeçaria. A mobília, no entanto, pareceu-lhe familiar. Ela e Donovan tinham restaurado cada uma das peças.

Tocou a madeira da penteadeira, recordando o quanto tiveram de lixá-la para que a tinta vermelha desaparecesse. Embora ela houvesse adquirido o móvel por apenas quinze dólares, Donovan questionara sua sanidade ao transportá-la para casa. Mas após ser tratada, a penteadeira se revelara uma preciosidade.

E a cama... Kate desviou o rosto. Não apenas possuía uma história peculiar de aquisição e restauração, como também estava saturada de lembranças intimamente passionais. Deviam somar cerca de oitocentas. No final, a tensão substituíra a intimidade. Nos últimos dois meses de casada, ela se esgueirara ao redor de Donovan, como um rato, para não despertar o gato.

Notou então o porta-retratos. Inferno! Era uma foto dela, a qual Donovan tirara na lua de mel. Além da expressão sonhadora, ela sorria com satisfação. Doía-lhe lembrar quão felizes haviam sido. Acreditavam que o amor duraria para sempre. Mas eram tão jovens naquela época. Por isso, o casamento fracassara. Se tivesse uma filha tão moça, ela a trancaria no quarto e a proibiria de namorar.

Ficou surpresa por Donovan não ter destruído a foto ou, pelo menos, tê-la guardado.

Claro, ele raramente entrava naquele quarto. Para não encarar a jovem ingênua que fora, Kate colocou o porta-retratos na gaveta da mesa de cabeceira.

Felizmente, o banheiro não instigava lembranças. Em sua versão original, contivera apenas um chuveiro, mas Donovan conseguira instalar uma banheira pequena no espaço disponível, o que lhe garantiria banhos relaxantes em privacidade.

Kate admirou o azulejo pintado à mão. Donovan fizera um belo trabalho. Pelo lado materno, ele descendia de gerações de artesãos italianos, escultores e marceneiros em sua maioria. A precisão e o cuidado o tornaram um especialista em explosivos, onde não havia margem para descuidos.

Mas, Deus, como poderia dormir naquela casa? Naquela cama? Um dia conseguiria afugentar os fantasmas?

Com um suspiro, ela começou a desfazer as malas. A maior parte de seus pertences chegaria de navio, mas trouxera o suficiente consigo para marcar o território. Sobre a penteadeira, colocou uma foto de Ginger Bear. Gostava de imaginar que o gato sentiria saudades dela, mas sendo um felino oportunista, ele já devia estar dormindo com Jenny.

Levou uma hora para desfazer as malas e se preparar para a viagem do dia seguinte.

Quando terminou, ela trancou a porta, vestiu o pijama quente e se acomodou na poltrona velha que havia estofado com a ajuda de um livro especializado. Naquela época, Kate usara o tempo livre e a criatividade para embelezar a casa para si e o marido. Certa vez, imaginara os filhos correndo pelos cômodos e brincando no bosque...

Telefonou para o escritório de Charles Hamilton. Na caixa postal, deixou uma mensagem concisa, dizendo que tinha acabado de se mudar para Brandy Lane e que ele poderia dar início à contagem de um ano.

Restava-lhe agora somente uma tarefa: contar a Alec Gregory que o tórrido romance estava terminado. Quando conversaram pela última vez, ela ligara para ele a fim de informar que o pai havia morrido e que estava a caminho de Baltimore. Alec, de saída para uma viagem de negócios na Ásia, não tivera tempo de estender o telefonema, contudo, lhe enviara vários e-mails consternados de lugares exóticos. Ela retribuía com respostas neutras, sem mencionar a mudança para Maryland. Afinal, não era ético romper um namoro por e-mail.

Após um cálculo rápido, deduziu que Alec ainda devia estar fora do país, porém estaria de volta a São Francisco quando ela e Donovan por lá passassem. Isso significava que ela precisava tentar encontrá-lo. Terminar um relacionamento por telefone só era aceitável se os dois estivessem em extremidades opostas do país, mas não na mesma cidade, mesmo que por um breve momento.

Kate não ansiava por isso. O romance não fora maravilhoso, mas eles tinham se divertido a valer junto. Boa companhia, sexo satisfatório, nenhum conflito. Algo tão raro quanto o amor. Talvez mais raro ainda.

Fitou a cama e, de repente, pensou que o relacionamento leve com Alec era real e o elo que a unia a Donovan não representava amor, mas obsessão. A despeito de si mesma, recordou a noite em que o casamento sofrera a reviravolta sombria que o levara à ruína...

Bocejando, Kate estacionou seu Mustang ao lado do Chevy de Donovan, grata por ele e os colegas da Loyola não terem varado a noite estudando. O semestre chegava ao fim e as longas horas de preparação para os projetos e provas finais impediam que ela e o marido se vissem com frequência. Na esperança de que Donovan ainda estivesse acordado, ela acendeu as luzes quando entrou na sala.

O marido achava-se no sofá com uma lata de cerveja na mão e frieza nos olhos.

— Onde diabos você estava?

— Em College Park, é claro. — Kate largou a bolsa e o portfólio no chão. — Meu grupo resolveu trabalhar até tarde. Nenhum de nós ficou satisfeito com o que fizemos até agora.

— É mais de meia-noite. Espera que eu acredite que você e três homens passaram a noite inteira

discutindo um cortiço?

— Sim, Donovan — ela retrucou paciente. — Nós nos debruçamos sobre croquis até descobrirmos como transformar um bairro decadente em um lugar habitável. Depois saímos para comemorar as fantásticas soluções que criamos e voltei para casa, o que levou menos de uma hora.

— Então estava bebendo com eles. Com quantos você dormiu?

Kate ficou boquiaberta.

— Meu Deus! De onde veio isso? É melhor parar de beber sozinho. Deve estar muito bêbado para dizer algo tão... Revoltante. — Ela marchou em direção ao quarto. Os dois anos de casada lhe haviam ensinado que o marido tinha tendências possessivas e, ocasionalmente, um temperamento feroz, mas aquele comentário fora ofensivo ao extremo.

Donovan se deslocou tão rapidamente que Kate só percebeu quando ele a segurou pelo braço.

— Não mude de assunto! Se for tão inocente, por que não negou que dormiu com outro?

— Por que eu deveria negar algo tão absurdo? — Ela se afastou furiosa. — Você confia em mim ou não. E se não confia, é louco.

Com um grito colérico, ele estapeou o rosto de Kate. O golpe foi tão violento que a derrubou sobre uma cadeira, fazendo-a colidir os quadris no braço de madeira e cair no chão.

Atônita, ela permaneceu estirada sobre o tapete.

Não era possível. Ninguém jamais a agredira em sua vida. No entanto, ainda sentia o calor do tapa em seu rosto.

O choque foi seguido pela fúria. Que ousadia! Kate encarou o marido e notou que a expressão de raiva se transformara em horror. Por um momento, eles apenas se entreolharam, paralisados pelo terrível episódio de violência.

— Meu Deus, Kate, você está bem? — Pálido Donovan se ajoelhou ao lado dela.

— Acho que sim. — Ela ergueu a mão trêmula e tocou o rosto. Já havia presenciado as explosões de Donovan, mas nunca contra ela. — Como teve coragem de me bater?

— Não sei! Eu estava louco de raiva, mas não queria agredi-la. Simplesmente aconteceu. — Ele a tomou nos braços, sôfrego. — Sei que parece estúpido, mas odeio saber que passou mais tempo com seus colegas do que comigo.

Lágrimas de dor e angústia emergiram.

— É estúpido, sim. Você conhece a maioria de meus colegas. São como irmãos para mim.

— Você os vê como irmãos, mas acredite; eles sabem quão linda e sexy você é. Fico apavorado só de pensar que um dia descubra que um deles é melhor do que eu.

A revolta feneceu ao reconhecer que a fúria bizarra havia sido desencadeada pelo medo. Embora Donovan nunca falasse da infância, ela soubera o bastante por meio de tia Connie para concluir que fora um período difícil, que o fazia desconfiar de que a esposa realmente o amava. Kate deveria tê-lo assegurado em vez de se irritar e revidar. Sua mãe tinha razão: a raiva criava mais problemas que soluções.

— Amo você, Patrick — ela disse, na esperança de acalmá-lo. — Nunca estive com outro homem, tampouco quis estar. Sou sua mulher, lembra-se? Prometemos fidelidade até que a morte nos separe. — Kate tocou novamente a face dolorida. — Mas sei que a cerimônia de casamento não incluiu agressões físicas.

— Eu mereço levar um tiro. — Donovan esmurrou o chão.

Kate segurou-lhe o pulso antes que ele arrebentasse a mão no assoalho.

— Pare Patrick! Chega de loucuras por hoje.

Por fim, ele relaxou e a fitou com um misto de culpa e tristeza.

— Nunca mais farei isso de novo, juro!

— Acho bom! — Kate então amenizou o tom de voz. — Precisa aprender a confiar em mim, Patrick. Não há ninguém mais em minha vida. Nunca houve.

— Aprendi que você é mais maravilhosa do que eu imaginei. — Donovan a carregou nos braços.

Enquanto a levava até o quarto, Kate percebeu que sempre amara a força de Donovan.

Jamais lhe ocorrera considerá-la uma ameaça em potencial.

Depois de deitá-la na cama, ele perguntou:

— Não deveria levá-la ao hospital?

— A última coisa de que preciso é passar horas no pronto-socorro para um médico de plantão me dizer que não houve danos. Além disso, eu teria de explicar o que aconteceu.

— Por Deus, não. — Donovan desapareceu por um minuto e voltou com cubos de gelos envoltos em um pano de prato.

Kate encostou o tecido gelado no rosto até que a dor latejante diminuísse. Então fez menção de se levantar para trocar de roupa.

— Fique deitada. Você já estava cansada quando chegou e agora deve estar pior. Vou cuidar de você.

Obediente, Kate se deitou e fechou os olhos. Donovan começou a despi-la. O toque era tão gentil e carinhoso. Aquele era o verdadeiro Donovan, o homem que ela amava. O episódio de violência agora mais parecia um sonho ruim. Fora uma aberração medonha que não podia se repetir.

O roçar das mãos sobre a pele exposta foi como um calmante. Quando enfim estava nua, Kate já adormecia.

Donovan beijou a face machucada.

— É tão generosa, Kate.

Tal qual ela gostava, o marido continuou a beijar-lhe o pescoço. Kate suspirou de prazer. Mais deliciosa ainda foi à sensação dos lábios que agora sugavam os bicos dos seios.

Ela estendeu as mãos para abraçá-lo.

— Não se mexa cara mia. Relaxe, enquanto me redimo pelo que fiz.

Em geral, ambos eram ativos quando faziam amor, mas Kate encontrou outra forma de prazer em aceitar passivamente as carícias. Os lábios percorreram o ventre e, ao chegar à região entre as pernas, Donovan suspirou.

— Não sei o que eu faria sem você, Kate.

A mera excitação transformou-se em paixão abrasadora, varrendo a fadiga e a dor com uma intimidade emocional que ela jamais encontraria em nenhum outro homem. O sofrimento de Donovan tornou-se o dela e o remorso era palpável.

Ele não se apressou. Usou o conhecimento do corpo feminino para excitá-la ao limite do insuportável. Kate gritou ao sentir a intensidade do clímax antes de jogar-se entre os travesseiros, ofegante.

Donovan se despiu e deitou-se na cama.

— Perdoe-me, Kate. Não mereço, mas... Por favor, perdoe-me.

— Claro que o perdão — ela sussurrou. — Sei que não queria me machucar.

Donovan pretendia deixá-la dormir, mas Kate clamou por mais intimidade. Ele a penetrou, hesitante, como se esperasse ser rejeitado.

O medo e a necessidade de apagar o que acontecera parecia clara a Kate, como se as emoções lhe pertencessem. Lágrimas emergiram outra vez. Pensara que havia tanto amor e confiança entre ambos que nada poderia separá-los. Mas naquela noite uma nuvem negra havia pairado sobre o casamento e a constatação de que uma ruptura era possível e a assustava.

— Eu te amo, Kate, mais do que imaginei ser possível amar alguém. — Donovan se entregou ao ato amoroso e, de súbito, se deteve com o rosto colado no dela.

Na escuridão, Kate percebeu que não era a única a verter lágrimas.

Sempre considerara uma ação imperdoável a agressão física de um homem contra uma mulher. Porém, agora que sofrera a violência, descobria que a realidade era muito mais complicada que a teoria. O casamento aproximava as pessoas de tal forma que o pior tornava-se tão evidente quanto o melhor. Seu marido não era perfeito. Ela, muito menos.

Sua mãe lhe dissera mais de uma vez que o perdão era o componente vital do amor e só Deus sabia o quanto ela amava o marido.

— Está tudo bem, Patrick — ela murmurou, enquanto movia os quadris. — Agora estamos bem.

— Oh, Kate. — Donovan estremeceu e a apertou entre os braços, repetindo: — Eu te amo, eu te amo, eu te amo...

Então adormeceram, exaustos.

Mas não estava tudo bem. Mais tarde, Kate reconheceu quanto o relacionamento havia mudado depois daquela noite. Ainda havia amor, paixão e ardor, mas tudo parecia corrompido por um constante estado de alerta. Ela se mostrava mais cautelosa perto do marido, esforçando-se para não despertar a fera incontável. Parte da espontaneidade se perdera. E um pouco da confiança também.

Sem saber, ela começara a percorrer a estrada da ruína.

CAPÍTULO XII

Naquela noite, Donovan, em sua cama, fitava a escuridão, enquanto o vento ártico sacudia os galhos ressecados das árvores. Acreditara estar preparado para viver sob o mesmo teto com a ex-mulher. Que estupidez não antecipar a realidade nua e crua! Desde o instante em que ela entrara na cozinha, tivera o desejo sufocante de tomá-la nos braços para aquecê-la e tranqüilizá-la.

Claro que, se tocasse em Kate, ela sairia pela porta para nunca mais voltar, depois de quebrar um prato em sua cabeça. Mas, pelo menos, ela aceitara certos mimos. Prova evidente de que estava exausta.

Estaria aborrecida por ter deixado o namorado em São Francisco? Donovan se pegou pensando em como seria o cretino e logo afugentou o tormento. Não era de sua conta com quem Kate dormia.

E talvez voltasse a dormir. Obrigou-se a encarar o fato. Ela dissera que a distância geográfica finalizaria o relacionamento, mas o país podia ser atravessado em menos de seis horas de avião. O outro homem talvez viesse a Maryland ou se encontrariam em um lugar qualquer. Afinal, a equipe de campo da PDI viajava muito.

A exultação inicial por Kate ter aceitado o acordo de Sam tornou-se ansiedade. Ela o deixara antes e o faria de novo, tão logo Donovan lhe desse uma desculpa.

Portanto, era melhor conter o ciúme. Certa vez, acreditara que o ciúme era prova de quanto a amava. Entretanto, o sentimento apenas contribuíra para agredi-la. Imperdoável.

Como pôde machucá-la daquele jeito?

Donovan interrompeu o ciclo de pensamentos destrutivos. Precisava pensar em algo útil, como administrar a empresa que por enquanto lhe pertencia. Sam se mostrara um gerente idiossincrático e organizar a casa seria uma tarefa árdua.

Talvez pudesse pensar que a morte do ex-sogro representara um acidente impossível.

Ou pensar somente em Kate e quanto ainda a desejava.

Kate acordou ao som de um despertador diferente. Precisou de alguns instantes para lembrar onde estava. Ah, sim, Maryland. Eram seis da manhã e seu corpo acreditava ainda estar na Califórnia, repousando em paz. Apesar do desconforto de cruzar o país em uma carroça, os pioneiros nunca tiveram de se preocupar com o fuso-horário.

Como se preparara na noite anterior, pôde se, dar ao luxo de mais alguns minutos na cama. Cochilou, sentindo falta do corpo quente de Ginger Bear colado ao seu. Um ano sem um gato era de certa forma, pior que um ano sem um homem.

Tal pensamento despertou as lembranças de dividir a cama com Donovan. Não tinha saudades apenas do sexo excepcional, mas também da afeição. Dormiam agarrados, sempre se tocando mesmo ao mudar de posição. Quando se deitavam, havia um breve momento de acomodação, Donovan encaixava a coxa dela entre as dele e pousava a cabeça sobre o ombro dela.

Ambos suspiravam de contentamento após liberarem a tensão do dia. Kate amara o calor viril do corpo a seu lado, o odor e o jeito que ele a abraçava. Ele tinha o dom de aconchegá-la.

E assim fora até o fim. A avó de Kate morrera um mês antes de o casamento terminar.

Naquela época, ambos deitavam-se lado a lado como estátuas de granito, sem se tocar e consumidos pela solidão.

Às três da manhã, o telefone tocara o tipo de ligação que nunca trazia boa notícia. Kate atendera sem nem sequer tirar a cabeça do travesseiro. Julia dissera sem preâmbulos:

— Péssima notícia, Kate. Nonna Corsi teve um derrame e morreu. Foi... Muito rápido.

Kate já estava sentada quando a mãe lhe informara onde aconteceria o velório. A hora e o lugar do que seria a primeira das várias reuniões familiares. Sim, seu pai estava sofrendo, claro, mas Nonna tivera uma vida longa, repleta de realizações e falecera rapidamente.

Podiam agradecer a Deus por isso. A voz de Julia falhara.

Após desligar o telefone, Kate sentira o corpo esfriar-se. Começou a tremer. A avó siciliana ficara viúva muito jovem e, para sustentar os quatro filhos, limpava casas e os encorajara a estudar, embora ela não houvesse completado o ensino médio. Na casa que Sam comprara para a mãe, Nonna abrigara crianças órfãs, comandara a família e preparara as melhores massas do mundo.

Donovan tocara-lhe as costas.

— O que houve Kate?

— Nonna morreu.

Ele praguejara.

— Lamento muito. Ela era especial. Como minha avó. — Gentil, ele a abraçara e a puxara para debaixo das cobertas. Então usara o próprio corpo para aplacar a tremedeira. — Está gelada, Kate. Quer um café ou uma dose de uísque?

— Não. Fique comigo, por favor. — E ela havia chorado.

Donovan podia ser um cretino às vezes, mas Kate nunca esquecera como ele superara o estranhamento conjugal para lhe oferecer carinho e conforto quando mais precisara.

Uma batida à porta a trouxe de volta ao presente.

— Hora de levantar — Donovan disse. — Se estiver decente, eu lhe darei uma caneca de café.

Kate pulou da cama e vestiu o roupão felpudo. Só então abriu a porta.

Donovan, de olhos brilhante e totalmente vestidos, segurava uma caneca de café em cada mão.

— Bom dia — ela murmurou.

— Por sorte, consegui um lugar para você em meu vôo, mas teremos de sair em menos de meia hora. Não se esqueça de que não pode usar roupas de lã para carregar explosivos. Uma carga estática os detonaria facilmente. — Ele evitava olhá-la.

Corada, Kate atinou para os trajes que vestia.

— Está bem. Ficarei pronta em vinte minutos.

Donovan costumava zombar dela por levar uma enormidade de coisas quando viajavam. Mas não

dessa vez. Kate levaria apenas o necessário, a perfeita funcionária. Tomou um banho rápido e terminou o café enquanto se vestia.

Três minutos antes do previsto, saiu do quarto com uma mala de rodinhas a segui-la tal qual um cachorro bem treinado. No fundo, estava empolgada. Enfim, chegara à hora de seu batismo de fogo na Phoenix Demolições.

— Vamos descobrir quanto você sabe sobre explosivos — Donovan disse, assim que o avião decolou.

Kate se aprumou.

— Pergunte.

— Vou começar com algo simples. Quais são os tipos de construção com que lidamos?

— Concreto reforçado e estruturas de aço — ela respondeu de pronto.

— Como evitar que uma estrutura ande?

— Ande? Certo, era isso que Sam dizia quando um prédio tombava tal qual uma árvore. Removendo os alicerces internos, como as colunas dos elevadores e escadas. Dessa forma, o edifício poderá desmoronar em direção à própria base.

Por falar em base, o pé esquerdo de Kate tocava o pé direito de Donovan. Ele afastou a perna. Mesmo usando suas milhas para usufruir da primeira classe, o conforto não lhe dava espaço suficiente para uma distância segura. Com esforço, concentrou-se no questionário.

— Como controlamos onde o prédio cairá?

— Através da cronometragem das cargas. — Kate gesticulava no estilo italiano. — Se as explosões ocorrerem em momentos diferentes; podemos implodir a estrutura do jeito que queremos se for feito corretamente. Além disso, uma seqüência de explosões amortiza o impacto e reduz a chance de danificar estruturas vizinhas. — Uma das mãos roçou o braço de Donovan. Ela sentiu a pele arrepiar-se.

Então ele sofisticou as perguntas, o que lhe garantiu o benefício de manter a mente mais ocupada com o trabalho e menos nela. Quando o avião já sobrevoava o Estado de Virgínia, Donovan concluiu que Kate compreendia os princípios e as leis da física perfeitamente. Claro que não conhecia a complexidades da engenharia e implementação, mas como arquiteta ela entendia os vetores, forças e transferência de pesos. Era a candidata ideal para gerente de projetos.

Os explosivos que usavam eram em geral estáveis e seguros. Mesmo assim, Donovan não ignorava que acidentes aconteciam e que preparar prédios para demolição podia ser perigoso. Muito perigoso.

Na tentativa de calar seus medos, ele abriu sua valise e tirou vários papéis.

— Vamos agora do geral ao particular. Este é o planejamento preliminar para o projeto que vamos executar em Las Vegas. O esboço é básico, mas há sempre ajustes a serem feitos antes da explosão.

Kate estudou os desenhos, que eram simples elevações e planos visuais mostrando o formato do prédio, os alicerces e onde as cargas de explosivos deveriam ser colocadas.

— Então vamos derrubar o Nevada Palace.

— Você o conhece?

— Somente por fora. — Ela deslizou os dedos sobre o desenho em seu colo.

Kate tinha mãos lindas, bem formadas e competentes. Donovan lembrou-se de que costumava observar aqueles dedos longos esfregarem esponja de lã sobre uma mesa que ela restaurava. Cortando cenouras para uma salada. Acariciando seu corpo...

Uma onda de calor o invadiu. Desviou o olhar, grato por ela estar atenta à planta.

— Trabalhei para Bill Berrigan, o incorporador, em outras empreitadas, mas esta será minha primeira visita ao prédio porque era um projeto de Sam. O hotel foi construído por um magnata paranóico e Sam mencionou que é cheio de surpresas. Sempre quis conhecê-lo antes para verificar o local, mas andava ocupada demais.

Ela continuava a examinar os desenhos.

— É minha imaginação ou trata-se de uma estrutura muito estranha?

— Pensei a mesma coisa. A instalação de explosivos pode requerer mais ajustes que o normal. — Donovan pensou em contar-lhe o que mais poderia acontecer, mas preferiu esperar até ter certeza. Começou então a explicar o pano de fundo e a abordagem geral do projeto. Kate assimilou tudo com tanta rapidez que sobrou tempo para um cochilo antes do almoço.

Mas Donovan não conseguiu dormir. Não com sua ex-mulher a centímetros de distância e intocável.

Atravessar o país duas vezes em dois dias era uma boa maneira de ficar desorientada.

Kate pousou em Las Vegas com a devota esperança de não ter de voar por, pelo menos, uma semana.

A sensação de irrealidade aumentou quando entraram no gigantesco hall para pegar as bagagens. Centenas de pessoas circulavam o que não era de surpreender em um aeroporto.

Mas Kate se assustou ao escutar o coro magnífico da Nona Sinfonia de Beethoven nos alto-falantes. O efeito foi, no mínimo, surreal. E havia luzes de neon cintilando em pleno meio-dia.

— Viva Las Vegas.

— É uma Disneylândia para adultos, em minha opinião.

Ela fitou a enorme palmeira de alumínio. Uma entre muitas.

— Não há meios de Las Vegas expirar por excesso de bom gosto.

— Mesmo após tantos anos na Califórnia, você ainda é uma esnobe de coração.

Kate sorriu maquiavélica.

— Por acaso, conseguiu uma daquelas pinturas de Elvis que tanto queria?

— Cuidado ou comparei uma para pendurar na cozinha.

Antes de atinar para o perigo, Kate retribuiu o sorriso de Donovan. O senso de humor era uma das características mais sedutoras de um homem. O perigo jazia na dificuldade de zangar-se com aquele que

sempre a fazia rir.

Donovan havia prometido não tocá-la, mas desconfiava de que ele a incitaria a tocá-lo.

O problema era que talvez conseguisse. Estavam juntos havia menos de vinte e quatro horas e já brincavam. Era impossível recordar o passado quando o presente se mostrava tão prazeroso.

Kate encontrou sua mala e a tirou da esteira.

— Não acredito que estejamos trabalhando juntos. Meu pai era tão sutil quanto um trem de carga.

Depois de pegar sua bagagem, Donovan liderou o caminho em direção à saída.

— Sam podia ser um trem de carga, mas em confrontos entre ele e a magnólia de aço, quem sempre vencia?

— Minha mãe e com uma distinção clássica inimaginável.

— E você é um enxerto da velha magnólia. Ninguém, nem um trem de carga, á obriga a nada que não queira. Aprendi isso logo de início.

— Preferia que eu fosse um capacho e o deixasse limpar seus pés em mim?

— Claro que não. — Ele hesitou antes de prosseguir. — Mas às vezes me perguntava se não havia um meio termo entre a submissão total e o total abandono. Talvez se tivéssemos tentado...

— Não! — Kate não gostou do rumo daquela conversa. — Esta não era uma opção.

Precisava acreditar nisso, porque a possibilidade de que o casamento poderia ter sido salvo era dolorosa demais para contemplar.

CAPÍTULO XIII

Quando Donovan adentrou o estacionamento do Nevada Palace com o carro alugado, Kate protegeu os olhos do sol invernal e estudou o alvo. Uma estrutura octogonal coberta de vidro, o cassino e o hotel erguiam-se em Las Vegas Boulevard, uma das ruas mais famosas da cidade. O prédio havia sido considerado magnífico quando construído nos anos de 1950.

Aglomerados ao redor do Palace havia guindastes e andaimes e outros equipamento pesados, juntos com caçambas gigantescas para recolher o entulho. Longe da atividade, Donovan parou diante de um escritório móvel em um canto do estacionamento.

No interior, uma mulher atraente de meia-idade e com uma expressão imperturbável, trabalhava à mesa da frente, enquanto uma voz masculina ditava ordens ao telefone atrás da parede de fórmica.

— Prazer em revê-lo, Donovan — a mulher o cumprimentou tão logo o viu. — Touro está no escritório.

— Posso ouvi-lo esbravejar — Donovan disse. — Kate, esta é Carmen Velasquez, o poder por trás do trono das Empresas Berrigan.

— Eu escutei seu irlandês descarado. — Um instante depois, o dono da voz surgiu com um charuto aceso na mão. Era fácil entender por que Bill Berrigan fora apelidado de “Touro”. Com mais de cinquenta anos, ele se assemelhava ao que era um homem que de operário a incorporador multimilionário fizera o próprio destino. — Trouxe a namorada para aproveitar o tempo livre em Las Vegas?

— Errou — Donovan rebateu. — Esta é minha sócia, Kate Corsi.

Touro franziu o cenho.

— A filha de Sam? É um prazer conhecê-la, querida. Fiquei muito triste com que aconteceu a seu pai. Era um homem excepcional.

— É verdade. Sentiremos muitas saudades dele.

O rosto do incorporador se iluminou.

— Sam não disse que você era uma arquiteta?

— Talvez. — Kate ficou contente ao saber que o pai a mencionara.

— Nesse caso, você precisa ver o que vamos construir sobre o Palace. Venham. A maquete está aqui.

Kate e Donovan o seguiram ao escritório. Em um canto do espaço abarrotado havia um elaborado modelo arquitetônico. Orgulhoso, Berrigan apontou a maquete.

— Vou construir um hotel temático chamado Harém. Lindo, não é?

Kate avaliou o modelo, que mostrava um conjunto de abóbadas, jardins e graciosos arcos. A maquete a fazia pensar em Alhambra, na Espanha, devido ao exagero arquitetônico.

Mas, que diabos, às vezes o bom gosto era enfadonho!

— Será um destino fantasioso das arábias.

— Exatamente. É um resort familiar também. Vê esta área dos fundos? Os passeios de camelo serão aqui. — Após um momento de profundo deleite, ele voltou a encará-los. — Mas primeiro temos de nos livrar daquela caixa de vidro medonha. — Berrigan sentou-se em sua cadeira e os convidou a fazer o mesmo. — Duas pessoas não me parecem suficientes para o trabalho. Pensei que fosse aparecer aqui com um esquadrão assim que eu gritasse.

— Presumi que começaria a gritar antes que a vistoria preparatória fosse finalizada — Donovan admitiu. — Eu me enganei?

Touro soltou uma risada sonora.

— Não. Ainda precisamos de dois dias de trabalho nos andares inferiores, mas vocês podem começar agora pelos superiores.

— Depois de vistoriar o local e confirmar o cronograma, trarei uma equipe de Maryland.

— Acabo de receber ótimas notícias — Touro disse. — Hank Hawkins quer usar a explosão em seu próximo filme, o que será uma excelente publicidade para o Harém, além de lucrarmos algum dinheiro. Isso não afetará o trabalho, certo?

Kate se perturbou ao escutar o nome de um dos diretores em voga de Hollywood, mas Donovan permaneceu imperturbável.

— Dificilmente. Conversei com Hawkins semanas atrás. Ele só precisa de uma explosão noturna com muitas chamas. Alguns galões de combustível de aviação lhe darão o que precisa. E talvez uma animação de fogos de artifício, se ele preferir um espetáculo extra.

Certa empolgação crescia em Kate. Não eram incomuns as explosões da PDI serem incorporadas a filmes. Aliás, tais filmagens representavam uma fonte de renda considerável para a empresa. Mas sentiu-se afortunada por isso acontecer em seu primeiro trabalho. Que divertido!

— Parece ótimo — ela comentou, tentando parecer profissional. — Mas a equipe de filmagem não vai atrasar a demolição? Donovan me disse que o cronograma está apertado.

— A locação do filme é em Las Vegas. Logo, tudo transcorrerá como foi previsto. Hawkins jurou trazer toda a equipe e os atores nos próximos dois dias. — Berrigan sorriu. — Carmen está louca para ver Kenzie Scott, mas é Rainey Marlowe que quero conhecer. Que boneca.

— Não estou louca — Carmen disse da recepção. — Muito menos pelo homem mais sexy do mundo, segundo a revista *People*.

— Rainey vai estar aqui? — Kate perguntou.

— Vai — Donovan respondeu. — Não quis lhe contar até que o acordo fosse confirmado.

— Será ótimo revê-la.

— Você conhece Rainey Marlowe? — Touro exclamou.

— Estudamos juntas na escola. Não nos vimos muito nos últimos anos, mas mantivemos contato.

— Não sou um homem sortudo? — Touro indagou. — Você é amiga de Rainey Marlowe.

Curiosa, Carmen apareceu à porta do escritório.

— Rainey é mesmo ruiva ou ela pinta os cabelos?

— É sua cor natural — Kate garantiu. — A primeira vez em que a vi, achei que ela tinha os cabelos mais lindos do mundo.

— Rainey e Kenzie formam um lindo casal — Carmen comentou sonhadora. — Foi tão romântico ver como se apaixonaram no filme *The Scarlet Pimpernel*. *A People* diz ser a maior química fora das telas desde Bogart e Bacall.

Não era a primeira vez que Kate agradecia ao fato de sua vida privada não ser propriedade pública. Sempre se perguntava como Rainey, uma pessoa discreta, suportava o assédio. O preço do sucesso.

— Uma porcaria de filme. — Touro encarou Carmen com desdém. — Pensei que fosse uma mulher sensível.

— Esta sala fica cada vez mais abafada — Carmen ralhou. — Se não tomar cuidado, o Departamento de Saúde Pública fechará esse trailer. — Ela foi à janela e puxou uma corrente para ligar o ventilador. Em seguida, retirou-se, rebolando de propósito.

— Às vezes, pergunto-me por que a deixo trabalhar aqui — Berrigan murmurou.

— Pelo sexo, querido! — Carmen exclamou.

Ao ver que Berrigan corava, Donovan sorriu para Kate.

— Eu me esqueci de mencionar que esses dois são casados.

— Foi mais barato me casar com ela do que lhe pagar um salário exorbitante.

— Não podia estar mais equivocado! — Carmen cantarolou do outro lado da fórmica.

— Vou lhes mostrar o Palace. — Touro pegou o capacete de obras. Apesar das provocações, ele beijou a esposa com carinho antes de sair.

No estacionamento, Donovan abriu o porta-malas do carro alugado. Vasculhou sua bagagem por alguns segundos até encontrar dois capacetes.

— Tome.

— Obrigada. — Kate aceitou o adereço, cujas laterais continham a impressão do logotipo da PDI.

Em seguida, Donovan lhe entregou um rádio, idêntico ao que ele pendurava no cinto.

Embora a preferisse dentro de casa bordando, ele a tratava como uma verdadeira colega de trabalho.

Entraram na picape de Berrigan e atravessaram o estacionamento do Palace. O vento soprava com força, mas a temperatura ainda era agradável, se comparada ao gelo de Baltimore.

Com suas janelas espelhadas, o prédio parecia ideal para a gravação de um filme. Então Touro dirigiu para os fundos da construção. Boa parte do entulho havia sido removida, restando apenas às esquadrias das janelas.

Os três subiram para além dos cinco andares, onde os explosivos seriam instalados. O hotel tornava-se somente um esqueleto do que fora. Os sons da demolição em processo ecoavam no interior vazio. Os patamares a implodir estavam completamente destituídos de mobília, tapetes e paredes, restando apenas o piso de concreto e as colunas de sustentação.

Enquanto inspirava o odor distinto de poeira, Kate imaginava que dramas humanos haviam se dado naquele lugar: luas de mel, feriados prolongados, reuniões de negócios e encontros ilícitos. Em questão de dias, as paredes que tanto haviam testemunhado virariam ruína, juntamente com suas lembranças.

Olhou para Donovan. Sob a luminosidade que penetrava pelos buracos das janelas, ele parecia poderoso e completamente à vontade, como um leão à espreita na savana. Por um instante, Kate ficou tomada pela esquisitice da situação. Após anos de separação, ela e o ex-marido trabalhavam e morava junto, algo que ela jamais teria imaginado.

Alheio a tais pensamentos, Donovan conversava com Berrigan.

— Sam me contou que este lugar era bem excêntrico, mas não entrou em detalhes. O que você encontrou?

— Para começar, nenhuma cópia heliográfica. Ray Farmer, o homem que idealizou o palácio, era um lunático. Ao término de cada patamar, ele mandava o mestre de obras; queimar a planta.

— Que bizarro — Kate comentou.

— A história fica ainda mais estranha. — Touro apontou um buraco retangular no piso de concreto. Através dele, aberturas idênticas eram vistas em cada andar até o porão. — Pensei que fosse um poço para encanamento e fiação. Mas descobri ser uma escada secreta da cobertura de Farmer até uma saída na rua. Só Deus sabe quem utilizou essa rota.

— Atrizes famosas, se a reputação de Farmer merecer crédito. — Donovan examinou o espaço vazio. — Precisamos verificar se seus homens realizaram a preparação adequadamente.

— Após todo esse tempo trabalhando com a PDI, você ainda duvida de minha competência. Vai me obrigar a percorrer cada metro quadrado de todos os andares?

— Não. Kate e eu nos encarregaremos disso. A lei inviolável da demolição com explosivos determina que nunca, devemos tomar algo por certo.

Esse fora um dos princípios de Sam, Kate se lembrou. Um traço compulsivo fazia-se necessário para esse tipo de trabalho.

— Divirtam-se — Berrigan disse. — Estarei no escritório. — Ele ergueu o capacete para saudar Kate e se foi.

— Agora vamos conhecer este prédio — Donovan explicou. — Precisamos descobrir seus pontos fortes e fracos e segredos. Só depois disso, nós o implodiremos.

Ele caminhou em círculo, observando cada canto do andar vazio.

— Normalmente, um gerente de projetos tem semanas ou meses para estudar uma construção. Dessa vez, porém, terei de cumprir a tarefa em três ou quatro dias.

— Então mãos a obra! O que quer que eu faça?

Concentrado, Donovan explicou-lhe o que deveria procurar. Cada elemento que devia ser removido e não havia sido. Singularidades que poderiam ser reveladas durante o processo de evacuação. Qualquer coisa que complicasse a implosão do edifício. A explicação a ajudou a assimilar o trabalho de forma mais unificada.

No andar seguinte, ele informou:

— Agora é sua vez de liderar a vitória.

Kate foi mais lenta que Donovan, mas ao finalizar a inspeção ela começava a compreender o significado da operação. Realizar o trabalho de seu pai lhe proporcionava uma sombria conexão com Sam. Deveria ter sido ele, não Donovan a treiná-la.

— Continue a vistoriar os andares inferiores enquanto vou ao trailer de Touro para contatar a PDI — Donovan determinou. — Talvez eu me demore, pois o setor administrativo da empresa está um pouco caótico no momento.

— Por que você está fazendo o seu trabalho e o de Sam?

— Na verdade, muito tempo foi despendido com a investigação do acidente.

— O Corpo de Bombeiros?

— E a polícia e a Secretaria de Saúde Pública e a seguradora porque houve uma fatalidade. Todos que trabalharam na explosão foram interrogados pelo menos três vezes.

Kate deduziu que tais depoimentos tinham deixado Donovan se sentir ainda mais culpado.

— Acidentes acontecem.

— Sim. Mas precisamos saber o motivo para que não ocorra novamente. Os investigados do Corpo de Bombeiros estão peneirando os entulhos do prédio. Espero que descubram o que houve. — O rosto de Donovan ficou abatido. — Até mais tarde. Se encontrar alguma coisa que não entende, anote e fale comigo depois. Não presuma nada. Noventa por cento do que acontece em uma explosão é previsível, mas sempre há surpresas. É sua tarefa garantir que haja poucas.

Mesmo sabendo que teria de checar o trabalho de Kate, Donovan se retirou ciente de que ela precisava de uma chance para trabalhar por conta própria. Tão logo se qualificasse ao cargo, melhor para a firma.

O telefonema durou mais que o previsto. Além de Janie, a gerente administrativa, metade dos funcionários queria falar com ele. Janie terminou com a promessa de enviar por fax a papelada.

Retornar ao Palace foi um alívio. Kate já havia inspecionados dois andares.

— Algum problema? — Donovan perguntou.

Ela fitou o espaço vasto.

— Não creio que este prédio tenha vigas. Os desenhos que me mostrou no avião presumiam vigas, mas penso que os pisos são placas de concreto sustentadas pelas colunas e a passagem do elevador no centro da estrutura.

Ele soltou um assobio.

— Creio que tem razão. Isso explica por que este prédio me dá arrepios. Mais uma excentricidade do construtor. A disposição dos explosivos requererá mais planejamento e revisão.

— Ótimo. Quero observar seus cálculos.

— Quanto mais rapidamente aprender o ofício, mais cedo eu a encarregarei do trabalho — Donovan avisou.

— Perfeito. — Kate sorriu.

Pelo menos, naquele momento, eram parceiros outra vez.

CAPÍTULO XIV

O sol começava a se pôr quando Kate e Donovan terminaram de supervisionar o hotel.

— Agora que viu o lugar — Kate perguntou, tão logo entraram no carro —, como lhe parece o cronograma do projeto?

— O resto do entulho deve ser removido até o final do dia de amanhã. A chegada da equipe de filmagem nos dará mais dois dias, o suficiente para planejar a colocação dos explosivos e implementá-la antes que Touro comece a dar chifradas. — Donovan guiou até a avenida, cujo tráfego era intenso. — Chamei Luther e Jim. Chegam amanhã.

Kate notou novamente o abatimento de Donovan. Ele ainda estava no horário da costa leste, onde também já havia anoitecido.

— Quatro pessoas serão o suficiente?

— Luther é o mais experiente e Jim é o chefe de engenharia e também gerente de projetos. — Donovan parou no farol vermelho. — O prédio estará pronto para ruir assim que o planejamento dos explosivos estiver acertado. Você receberá seu pagamento.

Pagamento? Kate não pensara no salário que receberia. Eventualmente, teria de arcar com parte das despesas da casa, mas agora não tinha energia para discutir com Donovan.

— Lembro-me do primeiro trabalho que você assumiu sozinho, um prédio de escritórios em Saint Louis. As cargas explodiram, mas o edifício não caiu.

— Não me lembre disso! Fiquei apavorado quando tive de entrar no prédio para descobrir o que aconteceu. As colunas haviam explodido, mas a estrutura continuava em pé. Achei que fosse desmoronar sobre mim. Quase desejei que isso ocorresse tamanha a vergonha que senti.

Kate ficara assustada quando Donovan lhe telefonara naquela noite e lhe contara a história, embora ele houvesse transformado a falha em comédia. Nesse momento, ela percebera o quanto era perigosa a demolição com explosivos. Quando criança, imaginara o processo como uma mágica e acreditara que o pai e a empresa eram infalíveis. Mas não eram.

Mesmo alguém tão inteligente e precavido como Donovan poderia fazer um erro de cálculo fatal.

— Se bem me recordo, a estrutura era sustentada por uma única viga que você subestimou. Nunca mais cometeu esse tipo de engano.

— Às vezes, perguntava-me se Sam havia permitido que eu errasse para me ensinar uma lição. Se assim foi, funcionou. Desde então, reviso os cálculos de cada projeto seis vezes.

— Por isso, nenhuma explosão falhou. — Kate fez menção de sorrir, mas se deteve ao perceber o clima de intimidade. Partilhar o passado representava um vínculo perigoso. — Onde vamos ficar?

— No Grand Maya.

O hotel e cassino; surgiu logo à frente. Tinha o formato de uma pirâmide, rodeada por jardins e holofotes coloridos.

— Pensei que a PDI estivesse economizando.

— Berrigan é sócio do Grand Maya. Portanto, nossa hospedagem é por conta da casa.

Ambos se calaram quando a fadiga os dominou. Fora um dia longo e ainda não tinha terminado. Kate suspirou. A demolição era fácil; habitar o mesmo espaço, porém, seria difícil.

Para chegar à recepção do hotel, tiveram de atravessar um corredor abarrotado de máquinas barulhentas. Depois de se registrarem, pegaram um elevador de vidro que os levou ao topo da pirâmide.

Kate gemeu ao entrar na suíte. Cortinas rosa cobriam as extensas janelas, um balcão de bar cromado cintilava no canto e o chão estava coberto de tapetes brancos e as paredes, de espelhos. Um convite ostensivo ao pecado no estilo de Las Vegas.

— Este lugar parece um bordel.

— Um bordel de alta classe. Escolha seu quarto.

Puxando a mala, Kate entrou no cômodo mais próximo e não ficou surpresa ao ver o teto de espelhos sobre a cama. A vista da cidade iluminada combinava mais com seu gosto.

— Fique à vontade para jantar onde quiser. Vou tomar um banho e chamar o serviço de quarto.

— É o que pretendo fazer — Donovan disse. — Se nossas refeições chegarem juntas importa-se de jantarmos juntos à mesma mesa?

— Seria ridículo eu jantar no quarto para ficar longe de você.

A resposta não foi das mais gentis, mas Donovan achou divertido.

Exasperada, ela se trancou no quarto, pegou o que precisava na mala e foi para o banheiro. Sam sabia ser impossível para Kate manter-se formal diante de Donovan por um ano. Nem sequer conseguira manter distância ao longo de um dia inteiro.

Em um nível superficial, era fácil conviver com Donovan. Divertido. Atencioso.

Pecadoramente atraente. Por isso, seu diabólico pai deduzira que a convivência poderia fazê-la repensar por que se divorciara.

Após abrir o chuveiro, esperou que a temperatura se estabilizasse. Fora sua escolha pedir o divórcio sem explicar os motivos. Por um misto de culpa e compaixão, preferira bancar a vilã da história. Caso ela revelasse as razões, Sam atacaria Donovan com um chicote.

A verdade teria custado o cargo do marido na PDI e muito mais. E ela não quisera prejudicá-lo.

Teria sido um erro? Talvez. Diziam que a verdade, por pior que fosse, era sempre melhor que a mentira. Kate não tinha tanta certeza. Optara por um caminho que causaria danos menores a Donovan e sua família. Contudo, não fora bem uma opção; a vergonha e a humilhação a impediram de contar o que acontecera na época e agora.

Quando enfim reparou que o banheiro estava repleto de vapor, ela entrou no chuveiro.

Como gatos e sorvetes, os banhos pertenciam aos prazeres simples e descomplicados da vida.

Donovan escutou o fax tocar tão logo terminou seu banho. Provavelmente Janie cumpria a promessa de enviar a papelada. Que bom, poderia examinar os documentos e elaborar a colocação dos

explosivos.

Mas Kate estaria presente, o que era ótimo. Quantas noites ele passara sozinho em quartos de hotéis nos últimos doze anos? Muitas!

Embora Kate mantivesse distância física e emocional, sentia um conforto assustador em estar com ela. Uma reconciliação após tantos anos não era uma opção. No entanto, sentia que a conhecia havia séculos, apesar de não acreditar em reencarnação.

Uma das muitas coisas que o havia fascinado a respeito dos Corsi foi à forma com que diferentes religiões coexistiam na mesma família. No início do relacionamento, Kate lhe explicara que Sam, de tanto amar Julia, concordara em se casar na igreja dela. Depois disso, resolveram apelar para uma tradição arcaica: os filhos eram educados conforme a religião do pai e as filhas de acordo com a da mãe.

Felizmente, Sam e Julia tiveram apenas um casal de filhos. Tom era um católico devoto e Kate, uma anglicana. Para completar, Julia encorajara os dois a ler e discutir outras religiões.

Um hábito muito distinto ao bairro inquestionavelmente católico no qual Donovan crescera.

Assim que se vestiu, saiu do quarto. Na sala, Kate olhava os papéis que saíam do fax.

Os cabelos estavam molhados e ela usava um longo roupão azul que lhe cobria o corpo todo.

— Está lendo minha correspondência?

— Vi o timbre do Departamento do Corpo de Bombeiros e achei que fosse o relatório da morte de Sam. Mas, pelo jeito, é uma atualização do investigador, um, tal de Stanski.

— Phil Stanski e eu examinamos as plantas do Jefferson Arms, os diagramas da fiação, os explosivos... Enfim, qualquer coisa que pudesse prover uma pista. Ele está pronto para escrever o relatório final?

— Ainda não. Leia.

Donovan se sentou e leu a carta duas vezes.

— Meu Deus. Stanski acredita que um viciado em implosão invadiu o prédio e adulterou as cargas sem imaginar as conseqüências. Sam deve ter acionado a detonação ao investigar. Como não utilizamos um sistema elétrico de iniciação, a explosão se propagou por toda a estrutura, em vez de se limitar a uma única carga.

— O que é um viciado em implosão?

— A PDI fascina as pessoas. Existe inclusive um clube. Os fãs viajam pelo país para ver as implosões ao vivo. É inofensivo, mas há aqueles que escarafuncham os prédios evacuados, isso sem mencionar os malucos que roubam dinamite para uso próprio. Por esse motivo, espalhamos vigias pelos locais um dia antes de os explosivos serem instalados.

— Um tipo desses poderia ter invadido o Jefferson Arms?

— Aquela noite estava gelada. Talvez um dos guardas tenha se escondido em um canto qualquer para se proteger do frio. A segurança total é um mito mesmo nas melhores circunstâncias.

— Meu pai morreu porque um garoto inconstante adulterou algo que não entendia — ela concluiu amarga.

Havia a real possibilidade de que a morte de Sam fora o resultado de vandalismo e não de um acidente.

— Receio que sim — Donovan confirmou.

— Se era ele quem fazia a vistoria final, imagino que você estivesse do outro lado do rádio. Sam mencionou alguma anomalia... Pouco antes da explosão?

— Mencionou. Quando ele resolveu verificar, a explosão se deu. Portanto, Stanski deve estar certo.

— E agora?

— Como houve uma fatalidade, a investigação continuará aberta até obterem uma conclusão final. — Donovan não tinha idéia de quanto tempo isso levaria. Uma definição conclusiva poderia cicatrizar a ferida que a morte de Sam deixara.

— Pelo menos, não precisa mais se sentir culpado. Ele não morreu por causa de um erro que você cometeu.

— Talvez não. Mas se alguém adulterou uma das cargas e deixaram rastros, eu deveria ter visto o problema antes de Sam.

— Está exagerando, Donovan. Não era o único a trabalhar naquela implosão. Ninguém mais percebeu a falha.

Donovan pensou em lhe dizer que vivia com a culpa, que este era seu segundo nome.

Mas Kate já devia saber disso.

Enquanto degustava um ravióli de frutos do mar, Kate começou a aprender a arte e a ciência de elaborar um diagrama de explosivos. A comida e as bebidas se foram para dar lugar à pilha de papéis que Donovan espalhou sobre a mesa.

— Você assimilou mais rapidamente que qualquer pessoa que já ensinei.

— Talvez as lembranças das coisas que ouvi ao longo dos anos que perambulei pelo escritório estejam emergindo. — Ela massageou a nuca. — Essas informações sobre atrasos, tipos de explosivos e controle de explosão estão registradas em algum lugar? Existe um manual de demolição que eu possa estudar?

Donovan recostou-se na cadeira.

— Na verdade, não. A maioria de nossas técnicas foi inventada na PDI e tais informações são de propriedade da empresa. Mas, nos últimos dois anos, tenho criado um banco de dados de variáveis e resultados de todos os trabalhos da PDI. Nada disso substituirá a experiência prática, porém, foi à desculpa que encontrei para que os profissionais mais experientes registrassem seus trabalhos memoráveis.

— Então a especialidade de Sam ainda vive. — Kate ficou contente em saber. — E, claro, você ainda tem aqueles vídeos fabulosos de prédios sendo implodidos.

— Eu coloquei como salva tela de meu computador a explosão de uma ponte.

Kate riu e, de repente, o clima tornou-se íntimo. E tenso. A tensão sexual parecia tão palpável

quanto à mesa entre eles.

Após um momento de mútua consciência, Donovan disse:

— Estou quebrado. É hora de ir para a cama.

Cama. Uma palavra simples e um eufemismo vívido para o sexo. Com alucinógena clareza, ela se lembrou das noites em que se deitara tarde e encontrara Donovan dormindo, seu belo corpo nu sob as cobertas. Ela se enroscava nele e, mesmo adormecido, Donovan a abraçava.

Às vezes, despertava e, beijando-a, acariciava-lhe os seios. Ou então, ela languidamente o explorava para ver o que encontraria. Nesses dias, consideravam seus corpos como propriedades. Mesmo quando morta de cansaço, era surpreendente ver como o desejo podia dissolver a fadiga. O ato amoroso durante a noite fluíra lento e suave, originando sonhos prazerosos. Entregavam-se sem reservas.

Quase em pânico, ela pulou da cadeira e precipitou-se ao quarto.

— Já que vamos permanecer em Vegas por alguns dias, vou alugar um carro para mim. Não há necessidade de me rebocar pela cidade.

— Pode fugir Kate, mas não conseguirá se esconder.

— Quer apostar? — Ela entrou no quarto e trancou a porta, trêmula.

Droga, Donovan tinha razão. Por mais que quisesse negar a atração ou controlá-la, Kate não conseguiria.

Pode fugir Kate, mas não conseguirá se esconder.

CAPÍTULO XV

Até o cachorros estavam com frio. Fizeram o que tinham de fazer, sem nem sequer farejar as marcas que outros cães haviam deixado nos arbustos da alameda. Charles Hamilton marchou apressadamente, tão ansioso para fugir da noite gelada quanto Tort, o golden retriever, e Retort, o viralata.

Em vez de percorrer o caminho longo e curvo, ele pegou um atalho pelo vasto gramado de sua casa. O solo estava congelado, mas, felizmente, não havia nevado.

Ao se aproximar da porta dos fundos, avistou um carro, a toda velocidade, subindo a alameda. Quem resolvera ir visitá-lo àquela hora?

O luar o ajudou a identificar o Mercedes de Julia Corsi. Ela desligou o motor, mas permaneceu no interior do veículo.

Charles bateu no vidro.

— Julia?

Pálida, ela saiu do carro. No mesmo instante, os cachorros a rodearam, abanando os rabos.

— Eu não sabia se deveria ou não entrar. Já é tarde.

O casaco que ela usava era leve demais para o clima severo.

— Não está tão tarde assim. Vamos entrar antes que você congele.

Embora bem-vindo, o calor da casa os golpeou de imediato. O espaço amplo, com sua escadaria paralela à imensa janela de vidro, fora palco de fotos de casamento memoráveis.

Sua filha mais velha, Sandy, ficara linda naqueles degraus. Esperava que Rachel um dia posasse de vestido de noiva, mas até agora nada. Pelo jeito, os médicos não tinham tempo para namorar.

— Quer um chocolate quente? Parece adequado para o clima.

Devagar, Julia tirou o casaco, revelando um belo suéter colorido acima da saia de lã.

— É uma... Boa idéia.

Após pendurar os casacos, ele a levou à cozinha e tirou o leite da geladeira. Julia sentou-se em um banco e esfregou os braços.

— Você aprendeu a cozinhar.

— Se eu não tivesse uma governanta, morreria de fome, mas aprendi certos rudimentos culinários. Imagino que um advogado deva ser capaz de esquentar o leite sem derramá-lo.

A poderosa luz da cozinha mostrava o rosto e as mechas grisalhas dos cabelos loiros, mas Julia continuava uma mulher bonita. Ou continuaria se não estivesse tão deprimida.

Charles fez alguns cálculos e pegou o chocolate em pó no armário.

— Meu Deus, Julia, acabo de descobrir que nos conhecemos há mais de cinquenta anos.

— Ainda me lembro do dia em que nos conhecemos. Você puxou minhas tranças.

— Eu tinha de chamar sua atenção de qualquer jeito. — Charles encostou-se ao balcão, de olho na leiteira. — Estava mais interessada nas bonecas de minha irmã que em mim.

— Quanto mais envelheço, mais percebo que a vida é um acúmulo de detalhes e texturas. Como dependemos daquilo que conhecemos! Jamais me ocorreria que, um dia, você e eu terminaríamos amigos para o resto da vida.

— Provavelmente a idéia não lhe agradaria. Não foi por isso que rompeu nosso noivado? Eu era conhecido demais.

— Em parte, foi. — Julia brincou com as alianças de noivado e casamento.

Já a vira tão nervosa antes? Charles acreditava que não.

— Você parece agitada, Julia. Por que não faz uma viagem para espairecer?

Tort roçou o joelho de Julia. Ela acariciou o pelo dourado.

— Tom insiste que eu vá visitá-lo, mas, no momento, parece-me um esforço monumental.

Charles não gostou do que ouviu, mas o leite estava quase fervendo. Então tirou a leiteira do fogo e misturou o pó de chocolate. Depois de despejar o líquido em duas canecas, ele jogou uma pequena dose de licor, acrescentou chantili e uma pitada de canela sobre o creme.

— Pronto. Garanto que a bebida aquecerá a noite mais fria do inverno.

Julia provou o chocolate quente e lambeu, delicadamente, o bigode branco.

— Estou impressionada.

— Ando pensando em me tornar barman depois de me aposentar. Está na hora de mudar de profissão.

— É brincadeira, não é?

— Quanto a me tornar barman, é, mas estou pronto para certas mudanças. Talvez me ofereça para a cadeira que estará vaga ano que vem na Corte Suprema. Acho que pode ser interessante. Terei menos dinheiro, mas talvez seja mais útil.

— Parabéns. Você seria um ótimo juiz.

— Espero que sim. Com a idade avançada, entendo o quanto é vital a lei para uma sociedade saudável. — Ele a conduziu à sala próxima à cozinha. Em seguida, acendeu a lareira a gás. — Esse fogo não estala como madeira, mas possui a virtude de ser mais fácil de acender.

Julia acomodou-se no sofá diante da lareira. Com aquelas roupas de inverno, ela se assemelhava a uma ilustração de uma revista de alta classe. Charles se sentou ao lado e esticou as pernas. Era a noite ideal para estar perto do fogo. Os cachorros vieram da cozinha e deitaram-se no tapete. Como o dono, eles também envelheciam e buscavam conforto.

— Pretendo colocar a casa à venda na primavera — Charles comentou.

— Não. — Julia o encarou, espantada. — Este lugar é lindo. Há tanto de você aqui. Não o imagino morando em outra casa.

— Há tanto de mim e Barbara, você quer dizer. Respeitei meu tempo, como me aconselharam, e não tomei decisões precipitadas após sua morte, mas já faz dois anos. A casa é muito grande para uma pessoa. Quando chego, LaDonna já saiu. Eu a vejo tão raramente que às vezes me pergunto se a limpeza da casa e a comida não são feitas por duendes.

Ele terminou o chocolate e deixou a caneca sobre a mesa.

— Seria diferente se as meninas ainda estivessem aqui, mas Sandy e a família moram em Chicago e vejo Rachel muito pouco, embora ela não more longe daqui. Circulo com os cachorros pela casa e escuto o eco de meus passos.

— Creio que tenha razão. — Julia suspirou. — São tantas mudanças; Charles. Por dentro, não me sinto diferente de quando eu tinha vinte anos. Mas agora minha vida acabou, embora eu ainda viva mais uns trinta anos.

— Está triste, Julia, mas sua vida não acabou. Sempre foi uma mulher ativa com amigos e interesses.

— Isso não ajuda! — De súbito, ela jogou a caneca vazia no fogo. A louça se espatifou no mantel e caiu na lareira. — Meus amigos são todos casais, e eu estou sozinha. Muito sozinha.

Chocado com a reação inesperada, Charles a abraçou.

— Vai melhorar Julia. Prometo.

Os dedos delicados agarraram os braços de Charles como se ela estivesse se afogando.

— Acredito nisso em minha cabeça, mas não em meu coração.

Charles acariciou os cabelos sedosos, tal qual fizera tantas vezes com as filhas.

— Viva um dia de cada vez, Julia, e não tenha medo de pedir ajuda aos amigos. Acredite; todos nós faremos o que pudermos.

Quando o policial chegara para lhe dar a notícia da morte de Barbara, Charles ficara tão abalado que o oficial não quisera deixá-lo sozinho e solicitara o telefone de um amigo. Quinze minutos depois, Julia encontrara-se a seu lado, usando uma das mãos para ampará-lo e a outra para ligar para as meninas e demais membros da família a fim de transmitir a fatalidade. E agora, infelizmente, ela enfrentava o próprio sofrimento e ele lutava para ser tão solidário quanto Julia havia sido.

Beijou-lhe a testa com pura afeição, uma promessa muda de que sempre estaria lá para ela. Julia o fitou, angustiada.

Charles não sabia ao certo quem se aproximou primeiro, mas o fato era que se beijaram.

Doces e tentadores, aqueles lábios não eram de uma amiga. Por um instante sem tempo, as sensações fluíram conforme a atração sexual crescia. De súbito, Charles se afastou.

— Desculpe-me. Não sei como isso aconteceu.

— Aconteceu por que... Porque eu queria que acontecesse. — Julia tocou-lhe o rosto com os dedos trêmulos. — Faça amor comigo, Charles, por favor.

Teria ele ouvido direito?

— Acho que seria uma atitude precipitada de nossa parte.

— Não me importo! Sinto-me anestesiada. — Julia deixou escapar uma risada. — Isso não tem nada a ver com a saudade que sinto de Sam. Para ser franca, tenho medo de nunca mais viver uma verdadeira intimidade. Temo estar velha demais, seca e feia. Sem valor. O que vou dizer talvez o choque. Sabe por que me casei com Sam? Porque, com ele, eu me sentia a mulher mais desejável do mundo. Quando você e eu estávamos noivos, não havia paixão entre nós. Decidimos casar porque gostávamos um do outro, não porque estávamos apaixonados.

— Você não se sentia atraída por mim, Julia. Eu me apaixonei aos sete anos. Sempre acreditei que seria correspondido, mas quando ficamos noivos, você se mostrou uma princesa de gelo, incapaz de viver uma paixão.

— Eu não sabia nada a respeito da paixão naquela época. — Hesitante, ela tocou-lhe o braço. — Aprendi... Muitas coisas desde então.

Atender ao pedido seria um erro, Charles concluiu.

Ao inferno com o bom-senso! Ele se inclinou e a beijou, dessa vez, com ardor. Julia sentiu o gosto de chocolate e lágrimas. Ávida, deslizou os dedos frios sobre o pescoço e o abraçou.

Charles também aprendera muito desde a última vez em que tinham se beijado. Como expressar a paixão, como despertá-la na parceira. Mesmo assim, ficou surpreso com a intensidade da reação de Julia. Estava aflita para se entregar às sensações.

Aquela era Julia, que havia segurado as mãos rechonchudas de suas filhas, tal qual ele ensinara os filhos dela a velejar. Era a amiga que lhe oferecera bons conselhos nos momentos mais tumultuados de seu casamento, aquela que estivera presente após a morte de Barbara.

E era a mulher que Charles sempre desejara. Barbara fora a luz de sua vida, descobrindo áreas ocultas em sua alma que ele nem sequer sabia existir, mas nunca deixara de gostar de Julia. Agora as brasas do desejo se transformavam em chamas, como se tivesse vinte anos em vez de sessenta.

— É um erro — Charles murmurou, apelando para o que lhe restava de bom-senso.

— Não me importo. — A mão de Julia deslizou pelo corpo de Charles.

Ambos se uniram em total urgência, apesar de a saia longa se enroscar entre eles. A paixão comandava, enquanto os suprimia, lavando as feridas da vida.

Instantes depois, quando ofegavam abraçados, Charles sentiu uma paz profunda como não sentia desde a morte de Barbara. Ele os cobriu com uma manta e acariciou os cabelos sedosos. De repente, percebeu que Julia chorava.

— O que foi?

— Você tinha razão. Foi um erro.

— Só se você quiser. Nós dois já passamos da idade do consentimento e não corremos o risco de adquirir uma doença grave. Acima de tudo, não estamos traindo ninguém. Temos o direito de estar juntos, se assim queremos.

— Não faz nem um mês que Sam morreu!

— Ele a amava, Julia. Não lhe negaria o conforto de um amigo. — Charles hesitou. — A última vez em que o vi, ele... Ele me pediu para cuidar de você.

— Duvido de que Sam tenha pensado neste tipo de cuidado. — Julia se levantou e ajeitou as roupas. — Desculpe-me por envolvê-lo em minha tristeza, Charles. Não foi justo.

— Pelo amor de Deus, Julia, não se desculpe!

Ela pulou os cachorros e correu para a cozinha.

— E não fuja! — Charles saiu atrás dela e tropeçou em Retort. Quando enfim conseguiu se desvencilhar do cachorro, o Mercedes já descia a alameda em direção à rua.

Praguejando, ele a observou partir. O carro desapareceu na escuridão, restando apenas o vento gélido da noite a soprar e o ruído distante do tráfego na Jones Falls Expressway. Ele acariciou os cães que o seguiram até porta.

Julia estava certa. Fazer sexo havia sido um erro. Antes, somente um estava infeliz.

Agora os dois se sentiam miseráveis.

CAPÍTULO XVI

Em Las Vegas, a cidade que nunca adormecia, Kate conseguiu alugar um carro à meia-noite, o qual estava a sua disposição na manhã seguinte, após seu desjejum. Ela saiu da suíte bem cedo a fim de não encontrar Donovan.

Embora tivesse chegado ao local da explosão antes das oito, ela notou que ele já estava lá. Viu-o sair do Palace com um cabo de vassoura e um bastão de dinamite nas mãos.

— Está na hora de sua primeira aula prática, Kate. Vamos testar uma explosão.

— Estou pronta — ela disse após colocar o capacete.

Juntos eles desceram até o piso mais baixo e se aproximaram de uma coluna nos fundos do prédio. Uma imensa broca pneumática jazia no chão, ao lado de equipamentos de segurança, como óculos de proteção e protetores auriculares.

— Já usou uma broca? — Donovan perguntou. — Elas costumam pesar cerca de quarenta quilos, por isso os buracos são feitos por dois homens. Um orienta e o outro manuseia a broca. Você não terá de usá-la com frequência, mas precisa saber como usá-la, se pretende ser a chefe.

Perfurar o concreto era um aspecto da demolição com explosivos que jamais despontara nos sonhos infantis de Kate, mas não mencionaria o fato a Donovan. Estava disposta a aprender a parte árdua do trabalho como um engenheiro.

— Nunca usei uma broca como esta, mas já operei máquinas menores. Vou dar um jeito.

Donovan ofereceu-lhe algumas explicações técnicas antes de ambos se munirem com o equipamento de segurança. Em seguida, ele acionou a broca e perfurou o piso a dois metros da coluna.

— Vou orientá-la a partir de agora — Donovan disse. — Continue a perfurar neste local. Terá de controlar a broca sozinha. Provavelmente você irá atingir uma viga e saberá quando acontecer, mas não pare. A broca foi projetada para cortar barras de aço.

Kate pegou a broca e quase derrubou a engenhoca. Os quarenta quilos pareciam toneladas, mesmo com o suporte para escorá-la com a perna. Se Donovan achou graça em sua imperícia, teve a decência de não demonstrar.

Ele a ajudou a posicionar a broca. Cautelosa, ela segurou as manoplas e ligou a máquina. A broca pinoteava como uma mula e emitia um barulho capaz de despertar os mortos, mas para sua satisfação ela conseguiu manejá-la.

Furar em direção à coluna exigia concentração e força. As vibrações da máquina sacudiam braços e mãos, enquanto a poeira de concreto se elevava da profundidade do buraco. Antes de chegar à coluna, ela atingiu uma viga, uma das barras de aço que reforçava o concreto já reforçado. Donovan tinha razão. Kate percebeu que havia atingido a barra de aço quando a broca emitiu um som agudo e saltou, mas conseguiu segurá-la e continuou a perfurar.

Centímetro após centímetro, ela penetrava no coração da pilastra. Parecia haver uma dezena de barras de aço. Kate não sabia se gostaria de fazer aquele trabalho todos os dias, mas dava-lhe prazer

atacar concreto e aço e vencer.

Ao julgar que já atravessara pelo menos metade da coluna, ela puxou a broca e a desligou. Abençoado silêncio.

Donovan a ajudou a deitar a máquina. Então, pegou o cabo de vassoura e o inseriu no buraco.

— Você atingiu a profundidade exata. Agora vai armar seu primeiro explosivo. — Ele lhe entregou uma banana de dinamite.

Enfim ela brincaria com explosivos!

Do cinto, Donovan tirou um furador de cobre e um estreito tubo metálico.

— Faça um buraco em uma das extremidades da dinamite e injete o cilindro nele. Use sempre cobre para fazer isso, nunca ferro a fim de evitar uma descarga de faíscas.

Havia dois fios dentro do cilindro, um verde e outro vermelho, presos em suas extremidades. Depois de desenrolar os fios, ela injetou o cilindro no buraco, deixando os fios para fora.

Donovan ensinou-lhe a amarrar os fios ao redor da dinamite. Em seguida, ela usou o cabo de vassoura a fim de empurrar o explosivo para dentro do buraco no concreto. Até agora tudo bem.

— Não deveríamos colocar um saco de areia para manter a força concentrada dentro da coluna, em vez de explodir o buraco?

— Você tem boa memória. — Donovan tirou um saco de areia do bolso e o entregou a ela.

Kate calçou a banana de dinamite.

— E agora?

— Antes de conectarmos a carga, enrolamos a coluna com uma cerca de correntes e uma manta geotêxtil para evitar que os destroços voem em todas as direções. — Donovan percorreu com a mão a textura áspera da coluna. — A cerca segura os pedaços maiores de concreto. A manta é para os menores.

Do outro lado da coluna, havia dois rolos longos de material, um de aparência sintética e o outro se assemelhava a uma grade. Donovan fora muito minucioso ao preparar a aula de Kate.

Em equipe, eles envolveram a coluna com a cerca e depois com a manta. O corpo de Donovan estava tão próximo, que Kate pôde sentir o calor dos músculos naquela manhã fria à medida que prendia as coberturas com um pesado fio de aço. A atração que exercia nas roupas que enfatizavam a virilidade era enervante. Ela se afastou tão logo não foi mais necessária.

— Agora conecte o fio na bobina do detonador e leve-o para fora — Donovan orientou. — Estarei com você em um minuto.

Quantas vezes seu pai exercera aquela ação? E Donovan? Agora era a vez dela.

Quando desenrolou o fio até o lado de fora, Donovan já estava a sua espera com o velho detonador.

— É apenas um teste, mas os princípios para derrubar uma estrutura inteira são os mesmos. Somente a escala é diferente.

Kate ajoelhou-se ao lado do detonador e conectou os fios, mas Donovan a deteve com um gesto.

— Conectar os fios ao detonador é o último passo. Primeiro, temos de nos certificar de que a área foi desocupada.

Ele pegou seu rádio e o ligou.

— Touro, é Donovan. Estamos prontos para o teste. Seu pessoal já evacuou?

— Penso que sim — a voz de Berrigan reverberou pelo rádio. — Me dê alguns minutos para eu me certificar.

Assim que Berrigan confirmou a evacuação, Donovan liberou.

— Muito bem. Verifique os fios e detone quando estiver pronta.

O coração de Kate quase saltou do peito. Não era uma explosão de grandes proporções, mas seria sua primeira experiência. Cuidadosa, torceu os fios nos conectores do detonador e, de súbito, hesitou diante dos dois botões.

— Esquente a máquina segurando o botão verde — Donovan explicou. — Quando a luz vermelha do outro botão acender estará pronta para detonar. É nesse momento que a contagem regressiva começa, de “dez a fogo”. Então aperte o segundo botão. Ambos devem estar pressionados para acionar a explosão. Entendeu?

Kate pressionou o primeiro botão.

— Eu devo contar?

— Sim. A explosão é para valer.

Depois que a luz vermelha se acendeu, ela começou a contar.

— Dez, nove, oito...

Fogo! Tomada pela emoção, Kate pressionou o segundo botão, completando a conexão elétrica. Acima deles, um estrondo ecoou pelo prédio, sacudindo as janelas e cuspidando poeira no ar. Kate gritou em triunfo. Conseguiu! Conseguiu enfim explodir!

— Muito bom; Kate! Você leva jeito mesmo.

Embora constrangida, ela riu.

— Parece brincadeira de criança, não parece? Como um bebê que derruba uma pilha de blocos.

— Parece, sim. Por mais que saibamos que se trata de um trabalho e uma parte necessária para a construção, no fundo, explodimos estruturas pelo prazer infantil de fazer barulho e quebrar as coisas.

— Por isso, a demolição não é considerada um ramo para mulheres? Explodir coisas é assunto dos homens.

— É, mas você acaba de ser admitida no clube.

A intimidade traiçoeira que espreitava a conversa tornou-se explícita. Kate desviou o rosto.

— É hora de examinar os resultados.

— Ponha isto. — Donovan tirou um par de máscaras do bolso. Ela não mais se surpreendia com o que poderia caber naqueles bolsos.

Kate colocou a máscara sobre o nariz e a boca e entrou no prédio para investigar sua primeira explosão. A poeira começava a baixar quando chegaram à área de teste, mas ficou desapontada ao ver que a coluna não fora dizimada. Apesar de o concreto estar em pedaços, a barra de aço continuava quase intata.

— Fiz alguma coisa errada?

O olhar experiente de Donovan estudou a coluna danificada.

— Não. O problema são as vigas de aço. Há mais do que o normal. Não teríamos como antecipá-las já que não temos a planta do prédio. Por esse motivo, fazemos testes, para garantir que saibamos o que vai acontecer. Farei mais buracos para verificar se esse nível de reforço é padrão na estrutura toda. Depois nós tentaremos outra explosão. Meu palpite é de que essas colunas vão precisar de uma banana e meia de dinamite.

Nós. Apesar das reservas de Donovan quanto a tê-la trabalhando na PDI, Kate agora era membro da equipe.

CAPÍTULO XVII

A fantástica experiência da primeira explosão foi seguida pelo mundano trabalho administrativo quando Donovan a colocou para fazer telefonemas. Kate ficou pensativa.

Quando criança, soubera que para cada grande explosão, havia semanas e meses de rotina árida.

Tinha acabado de conversar com o fornecedor de explosivos quando Hollywood invadiu. Ela e Carmen estavam sozinhas no escritório e, de repente, a esposa de Berrigan gritou:

— Uma limusine gigantesca parou lá fora. Acha que são Kenzie e Rainey?

— Não creio que os artistas tenham o hábito de visitar a locação, mas talvez seja possível. Vamos descobrir?

Carmen correu à porta.

— Se forem eles, eu quero conhecê-los.

Elas saíram do trailer no instante em que Rainey Marlowe, uma das atrizes mais badaladas de Hollywood, desceu da limusine. Ela usava óculos escuros, um vestido de seda azul que fazia justiça ao corpo perfeito, echarpe e botas de salto alto.

Kate recordou a primeira vez em que se viram, quando Rainey era uma menina assustada e raivosa. Como filha ilegítima de uma famosa roqueira e um amante desconhecido, ela ficara órfã aos seis anos porque a mãe tomara uma overdose de drogas.

Clementine fora encontrada com uma camiseta que dizia: “Viva Muito, Ame Demais, Morra Jovem e Deixe um Lindo Cadáver”. Clementine fizera tudo isso. Em algum lugar paradisíaco dos roqueiros mortos, ela devia estar regozijando-se com o fato de ter se tornado uma lenda.

Mas, embora a morte prematura fosse um passo para a fama, era uma péssima experiência para uma menininha. Kate ainda se lembrava do dia em que Rainey, cujo nome de batismo era Rainbow, aparecera na Friends School. Ela parecia atordoada, tanto pela recente morte da mãe quanto por ser tirada de Los Angeles para viver na conservadora Maryland, onde moravam seus avôs. Os Marlowe jamais aceitaram Clementine, mas cumpriram seu dever através da neta.

Das profundezas de sua própria segurança, Kate fizera amizade com a nova aluna. Fora a primeira a chamá-la de Rainey e o apelido pegou.

Dentre as cinco meninas mais rebeldes da escola, Rainey fora insuperável. Com seus cabelos ruivos e um corpo proporcional, ela possuía uma paixão única pela afronta. No meio do primeiro ano da faculdade, ela partira para a Califórnia sem olhar para trás. Como Kate, Rainey nunca retornara a Maryland. Os avôs, tal qual ocorrera com Clementine, lavaram suas mãos.

Rainey mergulhara no mundo cinematográfico. Estudou artes cênicas, fez testes e até assistira a aulas na faculdade por puro prazer. Ela aproveitara o sucesso modesto desde o início, preparando o terreno para quando se tornasse uma “sensação” antes dos trinta.

Ao longo de seu percurso, Rainey mantivera contato com as velhas amigas. Por morar na

Califórnia, Kate a vira com certa frequência. A cada ano, passavam um fim de semana prolongado em algum local interessante. A última fuga fora para Carmel dois anos atrás, pouco depois de Rainey ter conhecido Kenzie Scott. Desde então, ela estivera ocupada demais para fins de semana com as amigas.

Houvera telefonemas ocasionais, mas as conversas nunca se aprofundavam. A vida profissional e pessoal de Rainey estava ótima. Os telefonemas perturbavam Kate. Embora a carreira da amiga decolasse, o mundo cinematográfico cobrava um preço alto pelo sucesso e sob a fachada durona de Rainey havia vulnerabilidade. Mas sempre respeitaram a privacidade uma da outra. Portanto, Kate nunca pressionara a amiga.

Tão logo avistou Kate, Rainey sorriu.

— Você está aqui! — Ela abriu os braços.

Kate retribuiu o abraço. Durante anos, ela imaginara se um dia Rainey a consideraria parte de um passado distante, mas ainda não acontecera.

— Rainey, você se sairia muito bem em um filme de terror. Como me encontrou aqui?

— Estávamos filmando quando eu soube da morte de seu pai. Lamento muito, Kate. Ele era o melhor. Mas pelo menos ele se foi com estilo.

— É verdade. Mas eu gostaria que ainda vivesse por mais uns trinta anos.

— Não existe uma boa hora para se perder um pai. — Rainey tirou os óculos, revelando um olhar azulado que parecia muito mais velho que o rosto sem rugas. — Quando liguei para seu escritório a fim de lhe prestar condolências, Liz me disse que você trabalharia na firma da família pelo próximo ano. Como eu sabia que a PDI participaria do filme, fiz o motorista me trazer aqui antes de nos levar para o hotel. Estou feliz em ver que finalmente entrou para o negócio de demolições.

— Entrei, sim. Quer ver meu capacete?

A amiga riu.

— Tenho uma foto sua usando um capacete quando cursamos o ensino médio. Naquela época, o adereço já lhe caía bem. — Dois homens saíram da limusine e agora supervisionavam o cassino. Rainey acenou para o mais alto. — Ainda não conhece meu marido? Kate, Kenzie Scott. Kenzie, esta é Kate Corsi, minha velha amiga.

Diziam que os atores pareciam menores pessoalmente, mas não Kenzie Scott. Ele era enorme, de ombros largos e corpo escultural. E, para completar, tinha estonteantes olhos verdes. Kate ficou boquiaberta.

— Ela não parece velha — Kenzie comentou com a voz profunda. — Pelo contrário. — Embora ele representasse bem o papel de americano no cinema, o sotaque britânico era irresistível.

Kate estendeu a mão e corou quando Kenzie inclinou-se para beijá-la. Já o vira na telona, onde ele fizera um herói de ação, um misto de Harrison Ford com o charme urbano de Cary Grant.

E agora lá estava beijando-lhe a mão.

— Sinto uma dissonância cognitiva. Sempre pensei que você fosse mais alto.

— É um engano comum. — Kenzie sorriu. — Mas aqui estou um homem humildemente baixo.

Kate notou Carmen diante do trailer.

— Gostaria de lhes apresentar Carmen Velasquez, que, fui informada, é a detentora do poder atrás do trono da incorporadora que está demolindo o Palace para construir algo melhor. Carmen, estes são Rainey Marlowe e Kenzie Scott.

Carmen se aproximou de olhos arregalados. Quando Rainey e Kenzie a cumprimentaram, o outro homem que chegou, na limusine, um camarada magro que Kate reconheceu ser Hank Hawkins, o diretor, chamou:

— Kenzie, venha até aqui!

Após se desculpar, Kenzie foi ter com o diretor.

— Adorei seus filmes, Srta. Marlowe — Carmen disse. — Todos eles.

Rainey riu.

— Mesmo o primeiro, Motoqueiras do Inferno?

— Principalmente esse. Não apenas me deu coragem de largar meu primeiro marido, como também me fez comprar uma Yamaha, o que me ajudou a agarrar meu atual marido. Não imagina como aquela moto o excitava.

— Eu posso imaginar — Kate comentou, pensando na moto que Donovan tinha quando se casaram. — Motos são sensuais.

— Fico contente em saber que aquele filme surtiu bons efeitos — Rainey disse. — Enquanto eu o gravava, sabia que um dia ficaria; envergonhada por tê-lo em meu currículo.

— Se Steve McQueen teve coragem de fazer A Bolha, querida, não precisa se desculpar por Motoqueiras do Inferno — Carmen comentou. — Perdoe minha falação. Sei que querem conversar. Foi um prazer conhecê-la, Srta. Marlowe.

— Rainey, por favor. Sei que nos veremos muito nos próximos dias, Sra. Velasquez. — Após um aperto de mão, Rainey disse a Kate: — Vamos olhar esse prédio que você vai explodir.

— Tecnicamente, vamos implodi-lo. — Elas atravessaram o estacionamento em direção ao Palace, que cintilava como uma estufa em pleno sol de inverno. Notando que a amiga nada dissera acerca do marido, Kate perguntou: — Como é a vida com um ícone?

— A condição de ícone desaparece rapidamente quando Sua Alteza não tampa a pasta de dentes.

Desde o dia do casamento apressado, os tablóides haviam previsto um divórcio entre Rainey e Kenzie. Kate queria pensar que tal previsão não passava de boatos, mas talvez estivesse enganada.

— Suponho que sim.

— O impressionante em Kenzie é que sob aquele exterior inacreditável, ele é mesmo um cara legal. E um excelente ator.

— Nesse caso, está muito bem servido, porque você é uma excelente atriz. Quando interpretou aquela jovem à beira da morte em Home Free quase desfaleci no cinema de tanto chorar.

— Foi um bom papel. É sempre divertido trabalhar em cenas de morte.

— Aqueles que a indicaram ao Oscar certamente pensaram que se divertiu bastante. Ainda acho que você deveria ter levado a estatueta.

— Eu também — Rainey concordou. — Mas a indicação me levou ao topo de Hollywood, o que também é uma vitória. — Ela mudou de assunto. — Fale-me da turma da escola. Alguma novidade interessante?

— Laurel foi; promovida a diretora de arte — Kate começou. — E Val não agüenta mais a vida de advogada e pretende vender hambúrgueres para mudar a rotina.

— Val sempre diz isso.

Elas se detiveram a poucos metros do cassino. Rainey estudou a estrutura.

— Exceto pelo equipamento pesado e os operários ao redor, o prédio parece o mesmo. Pensei que a PDI limpasse o interior e retirasse as janelas antes da demolição.

— Somente nos andares onde os explosivos são instalados. As janelas precisaram ficar intatas para o caso de o filme ser rodado aqui. Por falar nisso, de que se trata?

— Força Letal é um filme de ação com muita testosterona. Kenzie enfrenta um punhado de grupos paramilitares e obviamente sai vitorioso. No clímax, ele fugirá do hotel em um tanque, minutos antes de explodi-lo.

— Um tanque de guerra — Kate disse. — Em um hotel?

— Os militares estão reunidos em uma convenção e o evento inclui um tanque. Tente não pensar a respeito para não ter uma dor de cabeça. Já que o hotel está repleto de bandidos, o cenário astronômico é irrelevante. Sou a mocinha e uma espécie de recompensa para o heroísmo de Kenzie.

— Pelo que vejo você não gostou do papel.

— Na verdade, o roteiro não é tão ruim. Kenzie e eu queríamos fazer outro filme juntos e este parece bom para nossa carreira. Persuadi Hank a dar inteligência a minha personagem e um pouco mais de ação. Terei de resgatar Kenzie uma ou duas vezes. Este filme nunca será lembrado pelo desenvolvimento do personagem, mas será divertido.

— Não há nada de errado com o entretenimento. Mas como está suportando esse sucesso tão veloz? Você me parece cansada. Aliás, exaurida.

— Sempre há outro obstáculo a superar, Kate. É uma vida estranha para alguém tão introvertido como eu.

— Não parece feliz.

— Feliz. Quem espera a felicidade? — Rainey olhou para o marido, que observava Hank Hawkins gesticular. — Pelo menos, minha vida é interessante.

Houve um longo instante de silêncio antes de ela desabafar:

— Às vezes, tenho vontade de pular do carrossel, Kate. Fugir para uma fazenda ou uma ilha deserta com Kenzie para criar gatos e bebês.

— E por que não? Vocês dois devem ter dinheiro o suficiente para uma vida de luxo.

— Eu jamais conseguiria abandonar o cinema. É o que sou. — Rainey fitou o marido sem emoção. — E Kenzie não abriria mão da carreira de ator. Mas eu adoraria comer de tudo e nunca mais usar maquiagem.

— Há outros trabalhos em Hollywood.

— Já que mencionou, devo confessar que meu desejo secreto é dirigir. Permitir-me ficar gorda e má para aterrorizar atores infelizes.

— Nunca será gorda, Rainey, e duvido de que se divirta aterrorizando os fracos. Sempre preferiu perseguir os ricos e poderosos.

— Tem razão. Mesmo assim, ainda quero dirigir filmes. Só desse jeito é possível contar à história que você quer contar. Criar uma visão inteira em vez de ser uma ferramenta que expressa a visão do outro, como o ator faz.

— Hoje em dia, não é impossível uma mulher se tornar diretora.

— Não, mas é muito difícil.

Quando se aproximaram do Palace, Donovan, que conferenciava com o contramestre, as viu. Ele finalizou a conversa e caminhou na direção das duas. Rainey assobiou.

— Quem é aquele homem de capacete?

— Meu ex-marido e atual patrão. O infame Donovan.

— Meu Deus, Kate. Ele é tão maravilhoso quanto Kenzie. — Rainey a encarou. — A única vez que quase descumpri a promessa de nunca mais voltar a Maryland foi por causa de seu casamento. Se eu não estivesse no meio de meu primeiro filme, eu certamente teria ido.

— Não faz mal. Talvez um dia você receba um convite para um segundo casamento.

— Juro que irei. Como é trabalhar para o ex-marido? Nunca me disse o motivo de tê-lo deixado. Tanta água passou por debaixo da ponte que a convivência não a incomoda?

— Pior do que tê-lo como patrão é morar com ele. — Kate explicou o testamento de Sam para o espanto de Rainey.

— Que diabólico. Como está se saindo?

Kate precisou pensar antes de responder.

— Até agora tudo bem. Mas só faz dois dias que comecei a trabalhar com ele.

— Então me diga como vai derrubar este prédio. Sempre foi patriota quando adolescente. Quem pensaria que, no fundo, é uma terrorista?

— Uma terrorista, não. — Kate hesitou. — A destruição é uma parte essencial do ciclo da vida. Shiva era o deus da aniquilação e regeneração. Fênix renascia das cinzas. O moribundo se vai para dar lugar a uma nova vida.

Compreensiva, Rainey assentiu. Donovan chegou nesse instante.

— Conseguiu marcar a entrega dos explosivos, Kate?

— Depois de amanhã. Os seguranças vão começar às oito da manhã. O Sr. Kimmel trará a dinamite e as capas para o próximo teste dentro de uma hora.

— Ótimo. — Após acertar tais detalhes, Donovan se voltou para Rainey. — Fico feliz que este trabalho lhe dê a oportunidade de estar com Kate, Srta. Marlowe.

— Também fico muito feliz — Rainey concordou. — Você sabe quem eu sou. E, é claro, você é o filho da mãe que magoou Kate.

— Rainey! — Kate exclamou. — Comporte-se.

— Talvez eu a tenha magoado — Donovan disse, ignorando Kate. — Mas jamais tive a intenção de fazê-lo.

— A estrada para o inferno é pavimentada com boas intenções — Rainey comentou com a voz fria.

— Eu sei, acredite-me. Kate lhe contou por que me deixou?

— Não. Ela é discreta e leal demais para difamar alguém, mesmo que ele mereça.

— Querem parar de falar de mim, como se eu não estivesse aqui?

O clima amenizou.

— Não há dúvidas de que sou o vilão da história — Donovan disse. — O açoitete começa as nove e o filme, às onze.

— Não me faça rir — Rainey pediu. — Assim é difícil manter a fama de má.

— Tenho um excelente repertório de piadas para contar sob holofotes — Donovan brincou. — Alguma delas por acaso aniquilaria a fama de má?

Ela soltou uma risada sonora e olhou para Kate.

— Eu devia saber que você tinha um bom motivo para se casar com ele.

— Já que vocês dois terminaram, podemos mudar de assunto? — Kate perguntou ácida. — Que tal falarmos sobre o tempo?

Atrás dela, uma voz profunda proclamou:

— O tempo é sempre um tópico aceitável, Sra. Corsi. Muito melhor que antigas histórias emotivas. Posso torná-la uma inglesa honorável, já que possuí a fina compreensão do estilo britânico?

Kate olhou para Kenzie Scott.

— Tirei as notas mais altas em assuntos triviais quando estava na escola, Sr. Scott.

— Meu tipo de mulher.

Kenzie fitou para Donovan e abraçou a cintura de Rainey em um gesto totalmente possessivo. Kate supôs que o homem devia ter experiência em marcar seu território já que se casara com uma das mulheres mais desejáveis do cinema.

Os dois se entreolharam ao apertarem as mãos. A tensão se dissipou uma vez que Kenzie sorriu para Donovan.

— Fiquei fascinado pelo trabalho que sua empresa faz desde que vi um filme da PDI derrubando um hotel gigantesco em Miami Beach. Magnífico. Wagneriano, aliás. Imaginei o prédio ruindo em câmera lenta ao som de um coro das Valquírias.

— Se estiver interessado, temos um vídeo que mostra uma série de diferentes explosões. Não apenas de prédios, mas também de pontes e plataformas de petróleo e outras estruturas excêntricas. Será um prazer lhe enviar uma cópia.

— Obrigado. Vou adorar.

Donovan tirou o capacete e passou a mão entre os cabelos.

— Ouvi dizer que Hawkins quer filmar um tanque saindo do hotel. É verdade?

— É. Por isso, ele quer um prédio com vidros. Imagine o estrago magnífico que o tanque causará. Muito satisfatório no mercado internacional, já que o barulho não precisa de tradução. Vários efeitos especiais podem ser produzidos em laboratório, mas Hank quer filmar o tanque colidindo em uma parede de vidro. Podemos usar um ângulo que não será visível durante a filmagem. — Kenzie olhou para Rainey. — Consegui convencer Hank a realizar meu sonho juvenil de dirigir um tanque de guerra. Não usaremos um dublê.

— Posso ir também? Mesmo as estrelas asseguradas não costumam se ferir em tanques.

Kate ficou aliviada. Aquela conversa era muito mais segura que a anterior e mais interessante que o tempo. Quando o assunto ficou no filme, ela dissera pouco, pois estava mais interessada em observar.

Kenzie era um enigma intrigante. A despeito do charme, ele possuía uma armadura emocional que dificultava enxergar o homem real por trás da fachada elegante. Talvez fosse um artifício inevitável para alguém que seria reconhecido em qualquer país do mundo. Por isso, os astros se casavam entre si; ambos entendiam a pressão da fama.

Pelo bem de Rainey, Kate torcia para que Kenzie Scott conseguisse tirar a armadura quando á sós com a esposa. Do contrário, que tipo de casamento seria aquele?

No início de seu próprio casamento, quando tudo corria bem, Kate e Donovan partilhavam tudo. Levara tempo para construir uma barreira defensiva.

E tão logo começara a afastar-se, não conseguira mais voltar.

CAPÍTULO XVIII

A visita de Rainey e o marido foi breve, uma parada entre o aeroporto e o hotel em que se hospedariam durante as gravações em Las Vegas. Rainey despediu-se com a promessa de que se encontrariam de novo nos próximos dias e partiu na limusine.

Donovan voltou o olhar severo para os operários, que, depois de admirar os astros de Hollywood, logo voltaram ao trabalho.

— Agora que sua amiga se foi, podemos fazer outro teste.

Kate pegou seu capacete e a dinamite que tinha acabado de ser entregue, graças a Donovan que reparou na chegada do caminhão, enquanto conversava com dois dos maiores atores de cinema.

Subiram então até o andar mais alto do prédio. De súbito, o rádio adquiriu vida com a voz do contramestre de Berrigan.

— Donovan, você poderia descer ao primeiro andar? Temos um problema aqui.

— Estou indo — Donovan replicou. — Prepare o terreno para a próxima explosão. Os homens de Berrigan devem ter perfurado a coluna mais próxima ao poço do elevador. Voltarei em alguns minutos.

— Sim, senhor. — Kate o saudou como os militares e, assobiando, dirigiu-se ao andar da explosão.

Havia vivido sua primeira experiência com explosivos, vira uma velha amiga, conhecera o homem mais sexy do mundo e agora estava encarregada de armar outra detonação experimental. Hoje colunas e amanhã arranha-céus!

Sorrindo, rezou para que nunca tivesse de explicar em público por que o trabalho da Phoenix Demolições tanto a deliciava. O fascínio por destruição devia ser um desvio de caráter.

O sol da tarde penetrava pelas janelas, iluminando as partículas de poeira que flutuavam no andar superior. Ela rapidamente encontrou a coluna perfurada, a qual se erguia na lateral de um espaço vazio, no qual passaram os elevadores. Uma fita amarela de plástico demarcava o local. Kate espiou a queda de dez andares. O ruído de um gerador reverberou até ela, parecendo mais distante do que na realidade estava.

Afastando-se do buraco, ela preparou a carga. Inserir o perfurador de cobre na dinamite, depois instalar o cilindro. Esticar os fios enrolá-los na dinamite e posicioná-la no buraco.

De repente, o processo rotineiro apontou uma falha. Em vez de pararem, os fios continuaram a escorregar pelo buraco. Kate percebeu a tempo que algo estava errado.

Praguejando, segurou os fios antes que desaparecessem nas profundezas do orifício.

Pelo jeito, o buraco atravessava a coluna inteira.

Não presuma nada.

Havia deduzido que o buraco tinha a profundidade correta e se enganara. Donovan não cometeria

tal erro.

Kate puxou os fios, mas pareciam emperrados. O explosivo devia estar pendurado no poço do elevador. Se puxasse com força, poderia arrebentar os fios, permitindo que a banana de dinamite caísse no poço do elevador.

Murmurou impropérios, compreendendo agora por que especialistas em demolição tinham a fama de praguejar. Talvez o explosivo estivesse estável o bastante para cair dez andares sem detonar, mas ela não podia apostar a vida dos outros nessa possibilidade.

Mesmo que não houvesse nenhum perigo, sentir-se-ia como uma idiota. Todos saberiam que Kate Corsi não tinha competência para armar explosivos. Precisava, portanto, reaver a dinamite e finalizar o trabalho antes que Donovan voltasse.

Primeiro, amarrar os fios. Ela fincou o perfurador na beirada do buraco. Então enrolou os fios na haste da âncora improvisada.

Cuidadosa, debruçou-se no poço do elevador. A dinamite pendia precariamente no ar, sustentada apenas pelos fios. Talvez conseguisse alcançar o término da pilastra para recuperar o explosivo sem problemas.

Embora não tivesse medo de altura, estava muito consciente do precipício abaixo dela quando tentou agarrar-se à coluna com a mão esquerda. Desejando que a pilastra fosse quadrada e não cilíndrica, pisou na beirada do poço e estendeu o braço direito. Fácil.

No entanto, o piso aparentemente sólido se desfez com seu peso, lançando a perna esquerda para baixo.

— O quê!

Quando gritou, seu corpo foi arremessado no poço, arrebentando a fita amarela de segurança. Por um instante tenebroso, Kate perdeu o apoio e estava caindo. Aflita, segurou-se no canto onde a coluna formava uma intersecção com o piso.

Antes que pudesse gritar, jogou o próprio corpo e colidiu a cabeça no concreto. O braço e a perna esquerdos foram puxados com tamanha violência que quase se desprenderam do tronco. Após um momento de perplexidade, ela percebeu que o concreto esmigalhado havia criado o buraco traiçoeiro. Paradoxalmente, o buraco também fora sua salvação, já que a perna ficara presa nele, o que impedira a queda fatal.

Soterrada até a altura do joelho, a perna estava dobrada de modo a sustentar todo seu peso com a ajuda das mãos. Por sorte, o capacete protegera a cabeça de danos maiores.

Embora a posição continuasse precária, com a cabeça abaixo dos quadris, ela pelo menos não se despedaçaria ao cair dez andares.

Respirou fundo e se pôs a pensar. Deveria gritar por socorro? Não, ninguém a escutaria com aquele gerador barulhento no térreo. Alguém olharia para cima pelo poço do elevador e a veria pendurada, mas seria improvável. Não podia contar com Donovan. Ele ficaria detido lá embaixo por um bom tempo ainda.

Estaria a perna bem presa para o caso de as mãos cansarem e ela ficar pendurada de cabeça para

baixo como um morcego? Não. A tensão na perna e joelho era feroz. Em breve, os músculos não mais suportariam manter aquela posição. Quando isso acontecesse, seu peso a soltaria e ela cairia como uma pedra. Obviamente não agüentaria se segurar apenas com as mãos.

Depois de encaixar a palma da mão na depressão, ela transferiu parte do peso para lá.

Segura, começou a erguer-se e, ao mesmo tempo, deslizava a mão esquerda no piso a fim de procurar onde agarrar. Droga deveria ter praticado ginástica olímpica quando adolescente, pois aquilo requereria contorcionismo.

A despeito da dor, levantou o torso até que o braço direito esticou sem encontrar nada que pudesse agarrar com a mão esquerda. O corpo inteiro tremia devido ao esforço de manter a posição. Temerosa, atinou para o fato de que talvez morresse.

— Kate! — a voz de Donovan ecoou.

Um instante depois, ele se ajoelhou, segurou-se na coluna, agarrou-lhe a cintura e a puxou. Kate saltou no ar e tombou sobre Donovan, quando a perna se soltou do buraco e o capacete se despreendeu. Rolaram para longe do poço, parando com Donovan sobre ela.

Quase histérica, a primeira onda de alívio se transformou em pânico devido ao peso do corpo que a prendia.

— Meu Deus, Kate! Como pôde fazer algo tão estúpido?

O terror em suas veias desencadeou um pavor profundo e antigo. Kate o empurrou com violência e agarrou um pedaço de concreto.

— Fique longe de mim!

Donovan se sentou, enquanto a observava apontar a arma improvisada, pronta para atacar caso ele se aproximasse.

— Pretende esmigalhar minha cabeça, Kate?

Ela largou o concreto quando uma náusea súbita a invadiu.

— Desculpe-me, Patrick. Salvou minha vida e reagi como se você fosse um bandido. Lamento.

Agoniada, ela começou a balançar para frente e para trás. Por esse motivo havia permanecido a quilômetros de distância do ex-marido. A dor, o medo e a raiva latente nunca se dissipariam. Estavam apenas adormecidos pelo tempo e desejo desesperado de esquecer.

Porém, bastara um segundo para a velha cicatriz abrir.

Na verdade, o pior episódio ocorrera por acidente. Donovan ficara furioso por um motivo que ela nem sequer se lembrava mais. Alguma situação de ciúme. Ela preparava uma torta de pêssego quando ele entrara colérico na cozinha. Agarrara-a pelos pulsos, feroz. Ela gritara.

Lutando por controle, Donovan a empurrara e esmurrara a geladeira. O gesto fora tão violento que Kate perdera o equilíbrio e, ao cair, batera a cabeça no balcão. Ela desmaiara por um instante e despertara sobre uma poça de sangue que Donovan tentava freneticamente estancar.

Dessa vez, foram parar no pronto-socorro. A jovem plantonista dispensara Donovan, enquanto limpava o corte de Kate e o suturava. Tranqüila, ela perguntara o que havia acontecido, garantindo que

Kate podia contar a verdade já que o marido não estava presente.

Chocada diante da suspeita de que sofrera abusos, Kate havia jurado que tinha escorregado e batido a cabeça no balcão da cozinha. Fora, afinal, parte da verdade. Donovan se zangara, mas certamente não quisera machucá-la.

A médica nada dissera.

Mais tarde, Kate reconheceu quanto o medo havia aumentado depois do incidente, o que demonstrara que o marido poderia feri-la gravemente sem intenção consciente. Na época, o desejo fervoroso de fingir que nada tinha acontecido fora tão grande que ela se tornou especialista em negar.

A médica sugerira deixá-la em observação naquela noite, mas Kate estava desesperada para voltar à normalidade. Donovan a levara para casa e a acomodara na cama. Dopada por causa dos analgésicos, e disposta a provar que não o culpava, ela o seduzira. O marido obviamente sentira-se tão ávido quanto ela para reparar o dano. Fizeram amor com extremo carinho e dormiram abraçados.

De volta ao presente, Kate viu-se esfregando compulsivamente a cicatriz escondida pelos cabelos. Deteve-se e fez um esforço para se recompor.

— Por favor, perdoe minha insanidade temporária. Deve ter sido um efeito colateral de eu quase ter me matado.

— Kate, não fuja. É normal ficar assustada devido a um acidente que podia tê-la matado, mas não é normal reagir como um bicho acuado.

— Não quero falar disso. — Ela pegou o capacete. — Vamos voltar ao trabalho.

— Não! — Donovan tirou o capacete. — Você se recusa a falar há muito tempo. Depois que saiu de Baltimore, chegou a procurar um psicoterapeuta?

— O que um psicoterapeuta poderia me dizer? Que fui uma esposa abusada e passei tempo demais negando e racionalizando? Já sei disso.

— Um bom profissional poderia ajudá-la a compreender o que aconteceu para que o passado não a magoe mais.

— Dessa maneira, você sairia impune? Não fiz psicoterapia, mas li bastante. Uma das coisas que aprendi é que homens abusivos não possuem o controle que alegam ter. Sabem a quem podem agredir sem repercussões. Não o chefe e os amigos que certamente lhe causarão problemas, mas suas esposas e filhos. É sua propriedade, por isso, sentem-se no direito de agredi-los.

— Não é verdade e nem em meus piores momentos pensei que fosse — Donovan argumentou. — Eu faria qualquer coisa para mudar o passado, mas não posso. Mas posso tentar reparações. Por isso, Julia apoiou a idéia de morarmos juntos para que pudéssemos resolver nossos ciclos emocionais.

Kate virou o rosto.

— Acho que gosto de meu ciclo emocional.

— É mesmo? Nesse caso, não se perdoará por ter se metido em uma situação tão precária e por tanto tempo — ele disse. — Tudo sempre foi muito fácil para você. Era atraente, inteligente, charmosa, adorada por todos que a conheciam. Mas não era mimada. Eu adorava ver como tratava as pessoas sem distinção, desde os menos abastados aos mais.

Pensar em sua juventude sempre lhe pareceu detestável.

— O que fiz de errado então?

— Nunca precisou lidar com as durezas da vida. Até me conhecer, não houve dificuldades. Quando os primeiros problemas emergiram em nosso casamento, você os negou. Depois do... — a voz de Donovan falseou — do último incidente, algo estalou dentro de você, o que a fez fugir para bem longe. Tinha razão em partir, Kate. A situação iria piorar rapidamente. Detesto admitir, mas enquanto você me agüentou, não vi motivos para mudar.

— Agora está mudado?

— Espero que sim. Só Deus sabe que tentei ao máximo.

— Chegou a agredir outra mulher?

— Não.

— Por que fui à felizarda? — Kate alterou o tom de voz. — Eu era pior que suas namoradas?

— Jamais. — Donovan desviou o olhar. — Fui violento com você porque a amava mais, Kate. E não me precisa dizer que é um motivo doentio.

— O rapaz com quem me casei nunca falaria desse jeito. Procurou ajuda profissional?

— Depois que você foi embora, tive de encarar o fato de que era um covarde. Basicamente, era mudar ou morrer. Então ingressei em um grupo de homens abusivos patrocinado por um abrigo de mulheres. A pior parte foi admitir o quanto eu me parecia com os outros agressores. — Donovan não a fitava. — Afinal, eu a amava e jamais quis machucá-la. Então percebi que a maioria dos homens dizia amar suas mulheres também. Obviamente só amor não bastava.

Kate também assimilara a mesma coisa, a descoberta mais triste de sua vida.

— Descobri também outros aspectos — ele continuou. — Como o fato de que sou impulsivo demais. Às vezes em que esmurrei a parede e não você podem não ter infringido nenhum dano físico, mas foram momentos de brutalidade emocional. Não existe romantismo no ciúme irracional. Permaneci no grupo terapêutico até tomar consciência de meus erros.

— Então agora está curado.

— Não sei. Para ser honesto, evitei relacionamentos que me pusessem à prova.

— Você parece ter resolvido tudo. Diga-me onde errei.

— Desconfio de que você tenha varrido tudo para debaixo do tapete. Um gesto natural, já que a fiz sofrer enormemente. Mas não foi uma solução. Agora que a ponta do tapete está erguida, você descobriu que a dor e a raiva ainda estão vivas.

Talvez houvesse alguma verdade no que ele dizia. Kate sempre se orgulhara de ser capaz de controlar a raiva. Era terrível descobrir como o sentimento podia prejudicar a vida.

A fúria irrompera de modo assustador no final do casamento e agora fervia dentro dela.

— Alguma sugestão, Sr. Esclarecido?

— Perdoe-se por ter sido jovem, Kate. Se fosse mais velha e sábia, você teria percebido mais cedo. Mas tinha dezenove anos quando nos casamos e minha fraqueza fatal ficou camuflada pelo amor. Foi muito real e acredito piamente nisso.

Kate sentiu as lágrimas brotarem. Sim, o amor fora real. Mas como Patrick dissera não havia sido o suficiente.

— Você costumava expressar seus sentimentos com facilidade — ele comentou. — Está na hora de recuperar o hábito. Se ficar brava comigo, grite em vez de bancar a civilizada. Tem sangue italiano. Logo, deve saber gritar.

De fato, tinha seus “rompantes italianos” e, nessas ocasiões, podia fazer muito mais que apenas gritar. Por isso, tentara a duras penas controlar o temperamento.

— Que conversa estranha para se ter no chão de um prédio condenado à demolição.

— A conversa seria estranha em qualquer lugar e a qualquer hora.

— Mas talvez o prazo esteja vencido. — Kate se levantou e quase caiu ao sentir uma dor aguda no joelho. Os músculos não haviam sido desenhados para sofrer o repuxo que os dela sofreram.

— Sua perna está sangrando.

— Devo tê-la arranhado em alguma viga de aço. Quando armei a carga, ela desceu pela coluna até o outro lado. Tentei pegá-la, mas pisei no concreto solto e me desequilibrei.

— Carmen tem um kit de primeiros-socorros no trailer. Portanto, ela cuidará do machucado. Se sua vacina contra tétano estiver vencida, você tomará outra. É uma ordem.

Donovan atravessou o poço do elevador. Testando o piso e evitando a área onde Kate caíra, ele se inclinou e puxou o explosivo, soltando os fios que ela amarrara na âncora improvisada. Sua altura lhe dava uma vantagem injusta.

— A dinamite não teria explodido mesmo que caísse pelo poço — ele explicou.

— Imaginei que não explodiria, mas não quis descobrir do jeito mais difícil.

— Não a recrimino por ser cuidadosa. — Ele guardou a dinamite no bolso do macacão. — Teremos de perfurar outro buraco. Já que este atravessa a coluna até o poço, ele alterará muito a distribuição da força para o teste.

— Agradeço-lhe por não transformar o episódio em um sermão sobre os perigos da demolição.

Donovan sorriu.

— Não dizer “Eu não falei” me custou muito. Entende agora por que Sam não a queria trabalhando nessas condições?

Kate considerou a possibilidade de um filho cair no poço do elevador.

— Entendo agora que trabalhar em demolições é perigoso, sim. Aprendi uma lição que nunca vou esquecer. Mas se tem a esperança de que vou desistir da carreira, esqueça.

— Não me surpreende. — Isso porque Donovan a conhecia extremamente bem, apesar dos anos em que ficaram separados.

E ela não o conhecia tão bem quanto imaginara.

CAPÍTULO XIX

Um dia depois do episódio quase fatal, as atividades no Nevada Palace atingiram seu ápice. A equipe de filmagem começou a circular pela área a fim de restaurar a ilusão de normalidade, enquanto faixas de segurança demarcavam o estacionamento para manter os curiosos a uma distância segura.

Donovan finalizou o mapeamento dos explosivos, o que lhes possibilitou iniciar os preparativos para carregar as colunas. Kate ficou encarregada da equipe de cobertura, que cobriria as colunas com a manta e a grade de metal.

Os operários, que compunham a equipe de seis homens, olharam para Kate com surpresa quando ela se apresentou e explicou o que deveria ser feito. Enquanto perguntava o nome de cada um, um jovem convencido, chamado Luis, fitava seus cabelos com fascínio.

Com expressão inocente, ele disse em espanhol:

— Acho que vou convidar a loirinha para dançar e mostra-lhe do que é feita a dinamite de um homem.

Grata pela experiência que adquirira em construções na Califórnia, Kate revidou também em espanhol:

— Uma dinamite? Mais parece uma espoleta, chico.

Luis ficou ruborizado quando os outros caíram na gargalhada. Um dos mais velhos bateu nas costas de Luis.

— Nunca provoque a patroa, hombre.

Depois disso, os homens aceitaram Kate com respeito e não lhe deram problemas.

Transportar os rolos de grade e manta até os andares das explosões requereu um esforço árduo, assim como cobrir e amarrar o material. Após nove horas de labuta, com um breve intervalo para o almoço, Kate estava pronta para encerrar o expediente. Imaginara-se em boa forma, mas um grupo inteiro de novos músculos latejava.

No hotel, tomou um longo banho e, quando saiu do quarto, o telefone estava tocando.

Eram Luther Hairston e Jim Frazer, funcionários da PDI, que tinham acabado de chegar.

Naquela noite, os quatro se reuniram na suíte para trabalhar, enquanto jantavam. Além de revisar o mapeamento dos explosivos, os homens discutiram os problemas que poderiam surgir por causa do reforço das vigas de aço. Kate acompanhou a conversa em silêncio, assimilando cada palavra para que um dia pudesse participar do debate em pé de igualdade.

Quando a reunião encerrou, Donovan e Jim começaram a discutir detalhes da engenharia. Kate aproveitou a oportunidade para conversar com Luther, que fora o primeiro funcionário de Sam. Os dois tinham se conhecido no Exército e aprendido juntos tudo sobre explosivos. Quando Sam fundara a PDI, ele contratara Luther na época em que um negro e um branco trabalhando juntos; era incomum.

Embora Luther houvesse comparecido ao enterro, Kate não tivera a chance de falar com ele. Seus

cabelos agora estavam brancos, o que tornava a pele ainda mais escura, mas o sorriso continuava tão afetuoso quanto era em sua infância.

— Ainda bem que está participando desse projeto, Luther. Assim, pode evitar que eu me meta em encrencas.

— Aquele seu marido está apto para a tarefa, Kate.

— Ex-marido, por favor. Sam merece alguns anos no purgatório por elaborar um testamento tão manipulador.

— Seu pai era arrogante, de fato, mas não era tolo — Luther disse. — Você deveria aproveitar a oportunidade para refletir a respeito de seu casamento.

— São necessárias duas pessoas para uma vida conjugal. Nenhum de nós quer reatar.

— Mas isso não significa que você não possa tocar sua vida. Não esqueci como você e Donovan eram. Havia algo muito especial entre vocês. Talvez isso possa surgir novamente. Trabalho com ele há doze anos. É estourado, mas é um bom homem, Kate. Inteligente. Justo. Responsável. Tem senso de humor. — Luther sorriu. — Afinal, você não está rejuvenescendo. É hora de se casar outra vez. Pelo menos, você conhece os defeitos de Donovan.

Era verdade.

— O mundo está repleto de divorciados. Por que todos insistem em tecer opiniões sobre mim e Donovan?

— Porque gostamos de você, querida. Mas não vou dizer mais nada. Do contrário, vai me dar uma canelada como seu pai faria.

— Não se preocupe Luther. Meus pés estão bem plantados no chão.

— Nesse caso, não direi mais nada sobre o assunto. — Luther levou a mão à boca para encobrir um bocejo. — Preciso dormir. Já passa da meia-noite em Maryland.

Kate ficou grata por ele se recolher. A última coisa que queria era mais conselhos.

A saída de Luther fez com que Jim também se retirasse, deixando Donovan e Kate a sós.

Sentado à mesa, notou que ela empilhava a louça suja no carrinho do serviço de quarto.

— Não precisa fazer isso. Deixe que a camareira se encarregue dos pratos. É uma das vantagens de se hospedar em um hotel.

— Imagino que hordas gigantescas de baratas vão invadir o quarto, se deixarmos a louça suja aqui à noite toda — Kate comentou. — Prefiro levar tudo para o corredor e esperar que as baratas nos poupem.

— Dito dessa forma... — Na verdade, se Kate não começasse a recolher os pratos, ele o faria. Ambos eram extremamente asseados. Nessa área, como em outras, sempre haviam se entendido bem.

— Acabo de perceber que você bebeu somente suco, apesar de os demais tomarem cerveja durante o jantar — Kate alegou, depois de largar o carrinho no corredor. — Também notei que não o vi tocar em nenhuma bebida alcoólica desde que voltei a Maryland, nem mesmo quando degustamos a lasanha. Por acaso, tornou-se um alcoólatra em recuperação?

Donovan guardou as anotações na pasta e fechou-a.

— Não. Mas poderia me tornar. Portanto, parei de beber.

— Que declaração interessante. Importa-se em elaborá-la?

— Quando você partiu, percebi que cada vez que eu cometia um desatino, o álcool estava em cena. Às vezes, uma cerveja ou um copo de vinho, mas sempre havia uma bebida.

— Não me lembro de vê-lo realmente bêbado. Você bebia a mesma quantidade que os demais. Talvez ficasse um pouco alto em uma festa ou depois de jogar bola com os amigos, mas sempre se mostrou controlado.

— O fato de eu não cambalear ou enrolar a língua não significa que a bebida não me afete. — Donovan ajeitou a pasta sobre a mesa com extrema precisão. — No grupo terapêutico, entendi que mesmo uma pequena dose de álcool é a desculpa perfeita para agressões, se a pessoa estiver com raiva. Era o que acontecia comigo. Minha reação à bebida era normal, mas se me sentisse furioso ou com ciúme, duas cervejas eram suficientes para acabar com meu autocontrole.

— Acredito em você. Mas o que você descreve é o mesmo que ser um alcoólatra em potencial?

— Não para todo mundo, imagino.

Ela estreitou os olhos.

— Por que você é diferente?

— Droga, Kate! — Donovan se levantou e começou a caminhar pela sala. — Não quero falar disso!

— Ainda é o mesmo homem que ontem me aconselhou a falar de assuntos dolorosos?

— O tiro saiu pela culatra. — Ele se deteve diante da janela e fitou a noite.

— Vamos lá, Patrick. O que não está me dizendo?

— Tive de levar a sério o problema com a bebida por que... Porque meu pai era alcoólatra e, em geral, a doença é hereditária.

Houve um longo momento de silêncio.

— Seu pai era alcoólatra. Que estranho nunca ter mencionado o fato.

— Não consegui Kate.

— Você me disse que seus pais faleceram em um acidente de carro. Seu pai estava embriagado?

— O nível de álcool em seu sangue estava duas vezes acima do permitido legalmente. Ele e minha mãe morreram na; mesma hora. — Donovan fechou os punhos. — Minha irmã sobreviveu por uma semana... Mary Beth tinha apenas onze anos. A semana mais longa de minha vida.

— Sinto muito. Eu não sabia. Pensei que ela tivesse morrido no acidente junto com seus pais.

— Como poderia saber? — A voz soava rouca. — Nunca suporrei falar do acidente e pedi a meus parentes que não a aborrecessem com histórias tão deprimentes.

— Cheguei a perguntar a tia Connie sobre sua família e ela apenas suspirava e dizia como foi

triste — Kate contou. — Pensei que ela se referisse ao acidente. Não percebi que havia mais.

— Não sei se ela sabia do problema de meu pai. Era o segredo dos Donovan. Foi outra coisa que aprendi na terapia. As famílias dos alcoólicos normalmente têm um acordo tácito de esconder a doença dos outros. Mesmo agora é muito doído falar de meu pai.

— Como eu, que me recuso a falar da experiência de ser uma esposa agredida.

O alívio por ela compreender foi enorme.

— Exatamente. Há uma crença irracional e profunda de que a revelação dos segredos da família irá destruí-lo.

— Seu pai tornava-se agressivo quando bebia?

Sabendo que chegara a hora de contar a verdade, Donovan a encarou.

— Sóbrio, meu pai possuía o charme do irlandês, mas quando bêbado era um cafajeste. Certa vez, ele quebrou minha clavícula e, em outra, trincou minhas costelas. — Donovan dobrou a manga para mostrar uma pequena cicatriz no braço. — Acho que lhe disse que esse machucado foi por tropeçar com um copo de vidro na mão.

— Sim.

— Menti. Cortei o braço quando meu pai me jogou de encontro a uma janela. Uma artéria foi rompida. Muito sangue jorrou. Felizmente, eu era escoteiro e sabia o que fazer para estancar a hemorragia.

— Quantos anos você tinha quando aconteceu?

— Doze. A questão era que, quando sóbrio, meu pai podia ser excelente. Ensinou-me beisebol, levava a mim e Mary Beth para passear... Enfim, coisas que um bom pai costuma fazer. Mas, com o passar dos anos, os períodos de sobriedade diminuíram até que...

— Continue Patrick.

— Minha mãe fez um bolo para meu aniversário de dezesseis anos. Meu pai não apareceu para o jantar e todos nós sabíamos que ele devia estar bebendo com os colegas. Jantamos sozinhos, fingindo que nos divertíamos, enquanto esperávamos que o caos se instalasse. Quando chegou e viu que já havíamos jantado, ele agarrou minha mãe para espancá-la. Fiquei louco. Eu era tão alto quanto ele e mais forte. Joguei-o contra a parede e disse que se encostasse, em minha mãe, Mary Beth ou em mim, eu o mataria.

E Donovan fora sincero. Jamais esqueceria o hálito de uísque nem o jogo de emoções nos olhos azuis que ele herdara. Choque, raiva. E medo. Aos dezesseis anos, havia sido um triunfo identificar aquele medo. Agora o olhar de seu pai o assombrava.

— Enfrentá-lo ajudou?

— Por um tempo. — Donovan tivera tanto orgulho de si mesmo, achara-se um herói.

Talvez fosse. Contudo, só anos mais tarde reconheceu que havia se tornado tão abusivo quanto o pai, usando a ameaça da violência para atingir seus objetivos. — O acidente ocorreu poucos meses depois. — E sempre se perguntaria se a afronta, que alterara o equilíbrio de poder na família, resultara na última bebedeira letal do pai.

— Por que sua mãe não partiu com você e sua irmã?

— Onde cresci, as pessoas se casavam para sobreviver. Era esperado que uma mulher não relevasse os vícios do marido, desde que ele fosse um bom provedor. Meu pai era operário da usina siderúrgica de Sparrow's Point. Portanto, para o padrão local, era um bom marido. E ela o amava. Ou amava o homem que ele às vezes era.

A tensão pulsava no corpo de Donovan. Não pensava na família com frequência, principalmente em Mary Beth. Os sentimentos pela mãe eram mais complexos. Ele a amava, e ela; fizera tudo o que pudera pelos filhos... Exceto protegê-los.

— Sua partida quase... Matou-me, Kate. Mas fiquei aliviado por ter tido a coragem de ir embora antes que eu a destruísse.

— Não foi coragem, mas sim covardia.

— Não. Você teve a força de romper um ciclo vicioso antes que nós dois nos arruinássemos. — Donovan sempre se sentiria grato a ela. Se Kate não tivesse partido... Nem sequer conseguia pensar no que isso acarretaria.

— Por que só agora está me contando tudo isso?

— Falar a respeito é um suplício, mas o silêncio é como veneno. Além do mais, não é justo incitá-la a encarar o passado, quando eu mesmo não o faço. — Ele a fitou, consternado. — Teria feito diferença, se soubesse que nasci em uma família disfuncional, Kate?

Ela hesitou.

— Não sei. Provavelmente.

Inferno! Se tivesse tido a coragem de ser honesto, o casamento talvez houvesse sobrevivido. Kate sempre possuía compaixão por almas feridas e a consciência de que procuraria ajuda especializada, caso soubesse o que se passava com ele. Mas Donovan não queria ser a alma doente, queria ser o herói.

E, no fundo, tinha a convicção de que, se ela soubesse a verdade, Kate não nunca amaria alguém tão podre quanto ele.

Embora o dia de trabalho pesado e a conversa com Donovan a tivessem exaurido, Kate não conseguia conciliar o sono. Acreditara, outrora, que ela e o marido tudo partilhavam. No entanto, houvera aquele lado sombrio que jamais conhecera. Descobrir que o pai dele fora um alcoólico abusivo explicava muitas coisas. Levado pela violência para defender a família e a si mesmo, Patrick aprendera uma lição difícil de ignorar. Os rompantes que tanto a intrigaram como alarmaram desde o primeiro encontro emergiram do sofrimento e da raiva.

Imaginara que o casamento consistia em um homem e uma mulher e, um dia, com a graça de Deus, filhos. Porém, dividira o marido com os demônios do passado.

E nem sequer soubera disso.

CAPÍTULO XX

Os dias passaram em furiosa atividade enquanto o Palace se preparava para encontrar seu destino. Luther e Jim eram totalmente confiáveis e Kate, um general. Donovan se divertia ao ver como ela impusera autoridade sobre a equipe que chefiava.

Mas ainda assim o trabalho era exaustivo, porque tinha de ser perfeito. O lado bom era que não requeria muitas horas de sono, uma vez que dormia pouco.

Após quarenta e oito horas de trabalho ininterrupto, Donovan adormecera a escrivainha do quarto enquanto verificava se as permissões requeridas estavam em ordem: um alvará do município para que pudessem derrubar o Palace; uma liberação do departamento do Corpo de Bombeiros para o uso de explosivos; uma permissão do estado para interditar a rua por algumas horas e uma liberação da Secretaria da Saúde Pública como garantia de que não poluiriam o ar da cidade. A papelada havia passado por catorze órgãos governamentais.

Ele fechara os olhos por um momento, antes de verificar a permissão de eventos especiais porque a PDI causaria um distúrbio público. Quando deu por si, já eram seis horas da manhã. Precisava levantar. Gemeu ao sentir os músculos doloridos por causa da posição desconfortável. Era como se estivesse morto e enterrado havia três dias.

Apesar do atraso, resolveu tomar um banho. Desabotoou a camisa. A campainha da suíte tocou. Saiu do quarto á tempo de ver Kate suspirando diante do café da manhã para dois. Droga! O cansaço o fizera esquecer que dividiam as acomodações.

Kate fechou a porta e virou-se. Então franziu o cenho ao ver o tórax exposto de Donovan. Não era a primeira vez, claro, mas dada a situação ele se sentiu... Nu.

Controlada, Kate despejou café e leite em uma xícara.

— Sugiro que se vista antes do desjejum — ela disse, oferecendo-lhe a xícara. — Não sei se agüento tanta excitação a essa hora da manhã.

Corado pela primeira vez em anos, Donovan recolheu-se a seu quarto. Não podia se, dar ao luxo de vacilar enquanto morasse com Kate.

Após engolir o café, tomou um banho rápido, o que o ajudou a se revigorar. Vestiu-se e entrou na sala para encontrar um prato de bacon, ovos e pães frescos.

Em silêncio, felizmente, Kate lhe serviu mais café enquanto comia. Gemas moles, do jeito que ele gostava.

— Resolveu deixar a barba crescer? — ela perguntou tão logo Donovan finalizou o desjejum.

Deus, havia se esquecido de fazer a barba. Esfregou a pele áspera.

— Na verdade, estou experimentando um visual terrorista. Sempre invejei aqueles que conseguem manter a barba rala durante três dias.

— Há lâminas especiais que ajustam a barba em diferentes alturas. Mas, como sei que uma barba

seria uma afetação para você, deduzi que havia se esquecido de se barbear.

Pena que ela não tivera a decência de esquecer que o conhecia tão bem.

— O tempo é escasso. Barbear-se é um luxo.

— Após tantos anos e tantas implosões, você ainda se atrasa? — Kate indagou esperta. — Ou há algo neste projeto que não me contou?

A primeira reação foi evadir-se da pergunta, mas Donovan optou pela sinceridade.

— Trata-se de um trabalho de alto nível e precisa ser perfeito. Ter um bando de viciados em dinamite explodindo prédios na comunidade é assustador. Nosso negócio não existiria sem confiança. A PDI sempre foi à melhor do ramo, a mais segura e possui uma equipe de absoluta confiança. Sam sempre enfatizava os parentescos na entrevistas. O sobrinho, o genro.

— O ex-genro.

— Sam maquiava essa parte. Aquela raposa velha sabia que a imagem de família feliz ajudava a estabelecer a confiança. Isso e nosso registro.

— Mas agora o registro está maculado, Sam morreu, o sobrinho se mandou e você tem de mostrar ao mundo que a PDI é tão boa quanto sempre foi.

— Em resumo, sim. — Ele passou geléia no pão. — Não apenas o Palace é um projeto traiçoeiro, como o querido primo Nick diz ao mundo que é o verdadeiro Corsi das demolições, ô cabeça da PDI. Se a implosão do Palace der errado todos da indústria de demolição saberão do ocorrido em cinco minutos. Não será bom para os negócios.

— Mas Nick é só um dos sobrinhos de Sam. A PDI tem a mim, a única filha de Sam.

Se Donovan ainda não estivesse sonolento, teria chegado à mesma conclusão.

— Tem razão. A mídia virá para cima de nós como urubus e você será um excelente recurso publicitário. Inteligente, membro da família e altamente fotogênica.

— E loira. Não se esqueça disso.

— Como eu disse fotogênica. Ficaria ótima na capa da *Era da Demolição*. Eles fotografariam você em seu capacete, talvez mordiscando a ponta de uma banana de dinamite.

— Que tal nos concentrar no trabalho perfeito?

— Do jeito que fala, parece fácil.

— A perfeição nunca é fácil. Mas se, é dela que precisamos, nós a conquistaremos. — Kate se retirou para terminar de se arrumar.

Sem dúvida, era uma mulher muito útil.

Ao final do dia, a área ao redor do Palace achava-se em estado de frenesi organizado com operários e cinegrafistas. Donovan começou há relaxar um pouco. Seu pessoal teria de trabalhar até tarde e fazer hora extra no dia seguinte, mas conseguiriam preparar a explosão para as duas da madrugada, conforme o programado.

De repente, Hank Hawkins, o diretor, correu até Donovan e Bill Berrigan, que conversavam no

estacionamento.

— Saiam! — o diretor ordenou. — Vamos filmar a cena do tanque e vocês estão atrapalhando.

— Pensei que a cena ocorresse ao anoitecer para que pudesse combiná-la com a implosão — Berrigan mencionou.

Hawkins estalou os dedos.

— Certo, quase esqueci. Donovan, a implosão terá de acontecer amanhã, ao pôr do sol.

— Como disse?

O diretor ergueu os braços para cima.

— Já viu este céu? Para que a cena do tanque tenha essa luminosidade é preciso que a implosão seja filmada sob uma iluminação similar. Inconsistências menores podem ser corrigidas em laboratório, mas seria impossível transformar a noite em dia.

Donovan notou que o entardecer havia transformado as janelas espelhadas do Palace em ouro fundido, formando um contraste admirável com as nuvens cinzentas sobre o prédio.

Mas não podiam adiantar a implosão! Trabalhariam de acordo com a programação.

— Não podemos implodir amanhã ao entardecer. Terá de ser na madrugada seguinte.

— Impossível! Tenho de voltar a Los Angeles depois de amanhã. Não perderei mais tempo aqui.

Devido à fadiga, a paciência de Donovan se esgotou. Pensou em sugerir a Hawkins, um manipulador notório, que deixasse um assistente supervisionar a filmagem da implosão ou Donovan pessoalmente o presentearia com uma banana de dinamite em um lugar onde o sol nunca brilhava.

Foi então que Kate surgiu a seu lado.

— Tem razão, Sr. Hawkins. Um céu como o de hoje não pode ser desperdiçado. Contudo, não podemos adiantar a implosão, a menos que os alvarás sejam novamente expedidos.

— Sem problema — Hawkins garantiu. — Pedirei que meu pessoal faça isso. Estamos em Vegas, afinal. Eles atenderão Hollywood. Mas tenho de filmar a cena do tanque agora. Esta luz não vai durar mais que cinco minutos. — Ele correu até ô câmera, enquanto o restante da equipe liberava o local.

— Vou chamar Carmen — Berrigan disse. — Ela me matará se não assistir à cena.

— Vamos, Donovan. — Kate o puxou. — Se ficarmos ali, nós poderemos ver tudo.

— Não conseguiremos armar os explosivos até o pôr do sol de amanhã!

— Conseguiremos, sim. Se necessário, fretaremos um avião para trazer mais dois funcionários da PDI. Mas o trabalho será realizado, custe o que custar. Nossa intenção é recuperar a confiabilidade da empresa. Teremos de mostrar quão facilmente obtemos a perfeição.

Donovan se acalmou. Ela tinha razão. A PDI cumpriria o contrato e não fazia bem aos negócios ele bancar o fanático.

— Na verdade, não precisaremos trazer ninguém da PDI. O fornecedor de explosivos é licenciado. Acredito que ele aceitará o trabalho, se for bem remunerado. E Randy Bates, um contramestre

da PDI, está supervisionando um serviço em Phoenix. Poderei convocá-lo por um dia ou dois.

— Bem pensado. — Ela olhou para o prédio. — Mal posso esperar para ver a cena. É tão absurda! Um tanque de guerra estraçalhando um cassino. Já lhe disse que o filme será lançado no verão?

— Não me surpreende.

Assim que as pessoas foram afastadas do set, um Cadillac branco e lustroso entrou em cena. Depois de estacionar o veículo, o motorista saiu apressado. O silêncio reinou. O hotel envidraçado, cujo nome fantasia era Arroy, brilhou com um esplendor avermelhado em contraste com o céu encoberto. O efeito foi surreal, lindo e tenebroso.

À direita, Hawkins, que aguardava o melhor momento, ergueu a mão e gritou:

— Ação!

Um ruído de motor soou do Palace. Em seguida, um tanque negro derrubou as portas do prédio em alta velocidade, cuspidando balas. Janelas se quebraram e o tanque coberto de estilhaços esmagou o Cadillac.

Donovan prendeu a respiração quando o veículo do Exército avançava em direção ao câmara. Hawkins continuava em seu posto, alheio à possibilidade de que acabaria esmigalhado pelo aparato gigante. No último segundo, o tanque deteve-se em frente à câmara.

Houve um silêncio absoluto. Então a escotilha se abriu e Kenzie Scott surgiu com o rosto coberto de ferimentos falsos. O ator parecia poderoso e ameaçador

Dedos delicados emergiram da escotilha. Sem esforço, Kenzie puxou Rainey Marlowe, cujos cabelos ruivos voavam soltos ao vento. Ela usava uma roupa rasgada de dançarina.

Donovan sorriu. Se o traje de lantejoulas rasgasse um pouco mais, o filme seria censurado.

O casal se beijou, tendo a fachada avermelhada do prédio como pano de fundo.

— Imagino que o beijo romântico se transformará em pôster para ser afixado nos quartos de metade das americanas — Kate comentou. — Kenzie Scott é a resposta às preces das solteironas.

Donovan suspeitou de que ela estivesse testando seu grau de ciúme.

— Parece que o filme será uma atração fútil, mas divertida.

— Foi o que Rainey disse e ela sabe avaliar roteiros. — Kate fitou o hotel, onde a luz avermelhada fenecia. — Consegue imaginar essa cena em câmara lenta na telona?

— Sua imaginação é melhor que a minha. Sou um simples engenheiro.

— Não. É o melhor engenheiro de explosivos do mundo. Se quiser reconstruir a confiança em sua empresa, terá de pensar grande.

O capacete estava sujo e as roupas, empoeiradas, mas o sorriso radiante de Kate o lembrou da garota que o conquistara no primeiro encontro. Uma onda de emoção o invadiu.

Na noite do enterro de Sam, Donovan convencera-se a ajudá-la a superar o passado.

Queria o melhor para ela e o melhor não era ele. Muito nobre e objetivo.

Agora, porém, o desprendimento se dissolvia, à medida que reconhecia amar Kate do mesmo jeito que sempre amara. Ele a queria como esposa para todo o sempre, além. Ele a amara mesmo quando tentara negar o sentimento porque não havia meios de amá-la mais.

Existiria futuro para eles?

Relaxada, Kate tirou o capacete, enquanto observava a equipe rodear o tanque. Amá-la fora tão fácil e natural. Ela o aceitara de braços abertos. Mas a confiança inocente havia desaparecido. Donovan tivera provas de que por baixo da superfície agradável havia raiva e um medo visceral. Ela desprezava sua violência, como ele próprio.

No entanto, ainda estavam ligados pelo passado e o testamento descarado de Sam lhes dava a chance de reconstruir o relacionamento. Donovan mudara aos dezenove anos e era capaz de mudar ainda mais. Kate representava o melhor incentivo para ele lidar com seu lado sombrio. Já lhe havia contado a verdade sobre sua família, algo que jamais fizera, exceto com seu terapeuta.

Podia mudar a ponto de reconquistar a confiança de Kate?

Em se tratando de reconquistar a confiança, era preciso pensar grande.

CAPÍTULO XXI

Kate olhou o relógio. Uma hora e meia para a demolição. A expectativa pulsava no ar, enquanto centenas de pessoas aguardavam atrás das barricadas ao redor do prédio. À distância, escutou um policial ao megafone ordenar a alguns espectadores que voltassem para trás da barreira. Mais de cem oficiais se mobilizavam a fim de organizar o trânsito e controlar a multidão. Las Vegas adorava um bom espetáculo e, finalmente, Kate faria parte dele.

Sob a supervisão de Donovan, haviam trabalhado horas a fio para chegar àquele ponto, perfurando pilastras a fim de armar a carga. Uma banana e meia de dinamite por coluna, mais de mil quilos em todas elas. Os explosivos foram conectados a cordas de detonadores, que continham um dispositivo rapidamente inflamável. Se tais extensões percorressem de costa a costa, elas inflamariam de Nova York a Los Angeles em quinze minutos.

Os retardos foram instalados e verificados três vezes, pois a seqüência de explosões era crítica para derrubar o prédio de forma controlada em vez de perigosamente aleatória.

Solitário, Donovan havia despendido uma hora no edifício, desde o topo ao porão, com o intuito de garantir que a estrutura tivesse seu fim a contento.

Kate teve de admirar tamanha calma meditativa. Com tantas variáveis em jogo, ele devia estar uma pilha de nervos, mas não demonstrou. Donovan; estava controlado e ciente de cada detalhe.

O rádio, de súbito, ganhou vida.

— Estamos quase lá — Donovan disse a Kate através do aparelho. — Verifique os jardins atrás do Palace. É o único lugar onde um idiota se esconderia da polícia para ver a implosão.

— Certo chefe. — Ela se precipitou aos fundos do prédio. O equipamento pesado já havia sido retirado dos jardins, mas os arbustos podiam ocultar qualquer aficionado. Embora a área já tivesse sido vasculhada, varrê-la novamente fazia parte da filosofia de “Não presume nada” da PDI.

O céu não estava tão dramático quanto na noite anterior, mas o pôr do sol ainda oferecia vantagens. O som ensurdecido das hélices intensificou quando Kate se aproximou do ponto onde o helicóptero de uma emissora de televisão voava, preparado para transmitir a implosão ao vivo. Cada ângulo da explosão seria filmado pela imprensa, Hawkins e a PDI.

Kate percorreu os jardins, verificando os cantos. Os arbustos estavam inabitados, as fontes secas e repletas de pedregulhos e restavam somente algumas árvores pequenas.

Na última árvore, ela encontrou um rapaz escondido entre a folhagem e segurando um galho em cada mão. Ele tentou se cobrir com as folhas quando Kate o avistou.

— Desça! — ela ordenou. — Agora!

— Por favor, moça, eu quero ver a explosão de perto, não atrás de uma multidão.

— Você está a menos de vinte metros do edifício. Quer virar um espectador despedaçado? Acredito que não. Agora desça!

Com um suspiro, ele desceu da árvore. Não devia ter mais que dezesseis anos.

— Pensei que conseguissem derrubar um prédio sem causar danos.

— E conseguimos, mas sem que curiosos se aproximem demais do terreno. Vá embora. Sua morte elevaria nosso seguro e não queremos mais despesas.

Tentando bancar o despretensioso, o jovem caminhou até a barricada. Kate esperou até vê-lo em segurança sob a vista de um policial e voltou ao trabalho, inconformada com o perigoso fascínio por explosivos. Como o garoto, ela também se sentia atraída pela destruição em massa.

Após terminar a ronda nos jardins, contatou Donovan.

— Encontrei um louco prestes a virar hambúrguer, mas agora os jardins estão em ordem.

— A natureza humana nunca deixa de surpreender — Donovan comentou. — Volte ao posto de comando, Kate.

Quando ela entrou no trailer de Berrigan, a tensão pairava no ar. A janela estava parcialmente aberta, admitindo fios, sons e frio. Diante dela achavam-se Donovan, Touro, Carmen e Jim Frazer. Jim conectava os fios no detonador, que jazia sobre a mesa em frente à janela.

— Explique-me outra vez como esse monstro vai ruir, Donovan — Berrigan pediu nervoso.

— Ele vai girar no próprio eixo cerca de quinze graus para a esquerda, cortando todo o reforço de aço e rompendo a escada de incêndio externa, antes de cair sobre a base. — Donovan falava como se já houvesse respondido àquela pergunta uma dúzia de vezes. Após verificar o relógio, disse: — Está quase na hora, Carmen. Quer ter a honra?

— De jeito nenhum! É emocionante, mas acho que eu vomitaria se tivesse de apertar o botão. Kate, a honra é sua.

— Muito bem. — Donovan a encarou. — Você sabe o que fazer.

Lutando contra a ansiedade, ela enxugou as mãos suadas na calça e postou-se ao lado do ex-marido. Quando criança, almejava apertar o botão sem entender as implicações. Agora sentia o peso simbólico e as conseqüências lhe pareciam mais vivas.

Quando ela pressionou o botão para aquecer o detonador, Donovan acionou o rádio.

— Certo pessoal, nós vamos fazer um trabalho limpo e seguro. Luther, e a resistência elétrica?

— Está onde deve nove, ponto cinco. Estamos prontos para voar!

Donovan alterou o alto-falante para iniciar a contagem regressiva. Sua voz ecoava, distorcida pela estática.

— Dez... Nove... Oito...

A multidão se deteve, enquanto todos contavam com Donovan em coro. À medida que os segundos passavam, Kate posicionou o dedo sobre o outro botão. A luz vermelha acendeu.

Três... Dois... Um.

Fogo! Ela apertou o botão. Quase instantaneamente, flashes de luzes atingiram as janelas espelhadas dos andares, seguidos um momento depois por estouros como fogos de artifício gigantes.

Então... Nada aconteceu. Os segundos pareceram horas. Um gemido coletivo emergiu da multidão decepcionada. Kate, agoniada, olhou para Donovan.

Atento ao prédio, ele murmurou:

— Vamos lá, meu velho. Mostre ao mundo que sabe explodir com estilo.

Uma segunda série de detonações reverberou pela estrutura, gerando um tremor que sacudiu o trailer. A superfície espelhada do Palace guinchou como uma monstruosa serpente, as cores do entardecer deslizaram pelos vidros. Com graça e lentidão, o prédio girou no próprio eixo para a esquerda e cuspiu detritos.

O hotel e suas lembranças começaram a dobrar como um acordeom. O que a princípio pareceu lento tornou-se rápido demais para os olhos acompanharem vinte e cinco toneladas de aço e concreto ruindo, esvaziando o céu com velocidade chocante. Chamas do combustível de avião surgiram para o delírio dos câmeras, seguidas de nuvens sufocantes de poeira, transformando o entardecer em noite prematura.

Gritos de exaltação romperam o ar quando a multidão vibrou. Os alarmes dos carros dispararam por causa das ondas de choque. Berrigan abraçou Carmen, que pulava de alegria, e beijou-lhe os lábios.

— Harém lá; vamos nós!

Adrenalina pura percorria Kate ao sentir a tensão se dissipar, a catarse da violência sem conseqüências. Olhou para Donovan, que a abraçou exultante.

Por um momento louco, ela glorificou o toque familiar, o corpo tão amado ao redor dela. A euforia da implosão se esvaiu, restando apenas o abraço. Oh, Patrick, Patrick...

Sentiu a camaradagem se transformar em atração. O aconchego daqueles braços a fez desejar, por um instante, permanecer para sempre com ele.

O medo surgiu. Não era o pânico gerado pelo incidente no poço do elevador. Parecia uma profunda ansiedade que a tornava... Insegura. Uma necessidade de estar em outro lugar antes que perdesse o controle.

Determinada a evitar qualquer humilhação, ela se desprende como se o abraço fosse casual.

— Você conseguiu Donovan. Uma implosão perfeita. O prédio ruiu exatamente do jeito que planejou. Provou que a PDI continua excelente.

Por um momento, os olhos de Donovan espelharam a confusão que ela sentira. Então uma mulher apareceu na porta do trailer.

— Sr. Donovan, poderia sair para uma entrevista?

— Claro. Venha, Kate. Você precisa participar disso.

Antes que pudesse protestar, ele a levou para fora, onde microfones e luzes despontaram.

— Qual é a sensação de destruir uma peça da história de Las Vegas? — um repórter indagou.

— Muito humilde — Donovan respondeu.

— Quantos quilos de dinamite foram utilizados? — uma jornalista perguntou.

— Cerca de mil e duzentos quilos — Kate replicou.

— Tão pouco para causar tanta destruição — a repórter comentou.

— Oitenta e cinco por cento de um edifício é ar — Donovan explicou. — Nosso trabalho foi convencer os outros quinze por cento de que não precisavam mais ficar em pé. É o mesmo que quebrar as pernas de um jogador de futebol.

Ele olhou para Kate, que logo percebeu a deixa.

— A gravidade não é apenas uma grande idéia, é também a lei.

Os repórteres riram. Então um deles disse:

— A Phoenix Demolições era considerada a melhor no ramo da demolição explosiva, mas o fundador acaba de falecer em uma das próprias implosões. Como a tragédia afetará os negócios?

Kate sentiu que levava um soco no estômago, mas conseguiu se conter.

— Quando as grandes famílias de trapezistas do mundo circense sofriam um trágico acidente, eles continuavam a trabalhar. Meu pai teria desejado o mesmo.

Os jornalistas não perceberam imediatamente que ela era a filha de Sam. Após uma pausa constrangedora, a repórter inquiriu:

— Sra. Corsi, como é para uma mulher trabalhar no mundo da demolição?

— Não muito diferente das construções que realizei como arquiteta. Mas, na demolição, sou paga pelo privilégio de destruir as coisas com estilo.

Houve mais risadas antes de a imprensa dispersar. Depois que as câmeras e os jornalistas se foram, Kate voltou a respirar.

— Esse enxame sempre ocorre após as explosões?

— Sim, com frequência. Francamente, prefiro derrubar plataformas de petróleo sozinho no oceano.

— Talvez prefira mesmo, mas é muito tranquilo diante da mídia.

— Ossos do ofício. Por falar nisso, você se saiu muito bem. Quer ir comigo avaliar os escombros?

Kate topou e ambos atravessaram o estacionamento. Ainda havia poeira pairando no ar, enquanto espectadores procuravam souvenirs e a equipe do cinema começava a recolher o equipamento.

— Excelente trabalho! — o produtor gritou. — A cena vai ficar fabulosa — completou antes de retomar o trabalho.

O entulho havia formado um monte gigantesco de vidro, concreto e pedaços de aço, mas boa parte do teto estava intata. A escada de incêndio externa pendera como o arco de um violino.

— Você é muito bom, Donovan.

— Bom mesmo — ele concordou. — Todos nós somos.

Depois de circular os escombros, voltaram ao trailer, que estava repleto de convivas para a festa

comemorativa. Donovan foi fisgado por Touro e Kate correu até Jock Van Meeren, o sismólogo que supervisionava o disjuntor e as vibrações dos trabalhos da PDI desde que ela era uma menina.

— Olá, Jock, como está o sismógrafo? Está preparado para o caso de alguém nos processar por trincar um aquário de peixes?

— Bem que eu gostaria que alguém nos processasse. Registrei os dados que mostra a pouca perturbação que a PDI causa e nunca tive a chance de usá-los.

— Perdoe-me, mas não compartilho seu gosto por litígios.

Após alguns minutos de conversa, Kate atravessou a multidão a fim de alcançar a mesa de Carmen, que havia se transformado em bar. Ela se servia de vinho quando Berrigan a chamou.

— Venha aqui, Kate. Quero lhe mostrar uma coisa.

No escritório do incorporador, Donovan ligava o vídeo para assistirem à implosão.

Berrigan pegou o controle-remoto e o Palace desmoronou de novo.

O que parecera uma espera interminável agora ocorria em questão de segundos entre acionar os detonadores e as explosões que despedaçaram as colunas de apoio. Viram imagens de diferentes ângulos, em tempo real e câmera lenta, enquanto Donovan e Berrigan analisavam os padrões da queda.

— Ótimo trabalho, Donovan — Bill Berrigan elogiou. — Pode explodir meus prédios quando quiser. — Ele piscou para Kate. — E traga a Srta. Corsi; consigo. Uma cúmplice explosiva é quase tão sexy quanto uma motoqueira ruiva.

— Nunca se esqueça da palavra “quase” — Carmen advertiu.

O marido a abraçou.

— Nada é tão sexy quanto uma motoqueira.

Carmen piscou para Kate.

CAPÍTULO XXII

Charles Hamilton sempre acreditara ter muita força de vontade. Era advogado, uma profissão que requeria calculismo e imparcialidade. Portanto, conseguira manter-se longe de Julia por dias. Nem sequer telefonara.

Mas sua força de vontade desapareceu na noite em que dirigia por Roland Park. Uma tempestade de inverso assolara à tarde, o que o obrigara a ficar no escritório até a noite a fim de evitar o tráfego intenso. Embora a situação tivesse melhorado, a rodovia expressa estava fechada devido ao gelo na pista. Por isso, utilizou outro caminho, cuja rota o levou a dois quarteirões da casa dos Corsi.

Sem pensar, entrou na rua estreita e estacionou. As janelas emitiam uma luz dourada.

Julia estava em casa.

Ainda sentado em seu carro, Charles sabia que devia ir embora. Ela se mostrara perturbada quando saíra naquela noite e ele entendia o motivo. Mas uma amizade que durava havia meio século não poderia terminar por causa de alguns minutos de insanidade.

Como Julia devia estar envergonhada, cabia a ele quebrar o gelo.

Charles saiu do carro e tocou a campainha. Então prendeu a respiração, como se tivesse dezesseis anos outra vez.

Julia abriu a porta, assustada.

— Charles. Que... Inesperado.

— Fiquei preocupado com você — ele disse ao entrar. — Quis ver como está.

— Estou bem.

Oscar correu para cumprimentar Charles.

— Como vai você, cão de guarda?

— Ele está mais para gatuno que cão de guarda — Julia brincou, caminhando para a sala de estar. — Aceita uma bebida?

— Sim, por favor. — Ele hesitou, perguntando-se como fazer seu discurso ensaiado sem bancar o idiota.

Ora, já havia bancado o idiota e sobrevivera.

— Julia, eu entendo que tenha ficado aborrecida com o que houve entre nós, mas talvez precise refletir mais sobre sua vida no momento. Pensar no que a ajudaria a superar as piores fases.

— Não estou entendendo, Charles.

— Está vulnerável e triste. Precisa de calor humano para ajudá-la a suportar a dor. Onde mais poderia encontrar carinho do que com um velho amigo?

— Quer dizer que eu deveria dormir com você como forma de tratamento?

Droga, que confusão!

— Eu me refiro à amizade, não a sexo. Mas estaria mentindo, se eu lhe dissesse que não mais pensei no que aconteceu àquela noite.

— Também pensei. — Julia despejou uma dose de uísque no copo. — Estou lendo livros a respeito da viuvez e da perda que amigas me deram. Aparentemente, não é incomum para alguém que perdeu um companheiro... Buscar consolo e manter o fato em segredo por medo do que os outros vão dizer. Tal informação me fez sentir menos traiçoeira.

— Não é traiçoeira, Julia.

— Após a morte de Barbara, você buscou consolo nos braços de outra mulher?

— Não, mas talvez porque não havia nenhuma mulher de que eu gostasse e estivesse disponível. Houve momentos em que me senti morrendo por falta de contato humano. — Charles segurou-lhe a mão. — Vamos voltar a ser amigos, Julia. Não peço amor, compromisso ou deslealdade a Sam. Só quero companheirismo. Partilhar dúvidas e medos. Um abrigo para nós dois.

— Tem razão quanto à necessidade de contato humano. — Ela o abraçou. — Acima de tudo, sinto falta de abraços.

— Depois que Barbara se foi, chamei os dois cachorros para dormir comigo. — Ele a acolhia sem paixão ou exigência. Era apenas amizade, porque, se fosse sincero, Julia ficaria apavorada. A vida estremecera seu orgulho. Agora almejava toda a afeição que pudesse obter. — Pense em mim como uma versão macro de Oscar, sempre disponível para um abraço.

— Mas creio que gostaria de fazer algo que o pobre Oscar não mais está apto para realizar.

— É verdade, não vou negar. Mas não quero nada que não deseje me dar.

— O problema é que... Também quero o que você quer.

— Podemos resolver os problemas juntos, Julia. Nada disso tem a ver com relação sexual. — Charles acariciou as costas dela, sentindo-a relaxar. Ainda havia desejo entre ambos, mas por enquanto isso não era importante. O que importava era que estavam em harmonia de novo. — Não me afaste de você.

Julia o encarou com lágrimas nos olhos.

— Esqueça o Direito, Charles. Você deveria ter sido um vendedor de carros.

Ao ver que ganhara a causa, ele sorriu.

— Talvez. Seria uma promoção para um advogado.

Julia riu com espontaneidade pela primeira vez desde a morte de Sam. Eram amigos novamente.

E, um dia, com a graça de Deus, talvez se tornassem algo mais.

Kate adorou a festa, mas, depois de uma hora papeando e beliscando o bufê, o cansaço a dominou. Voltou ao hotel e tomou um longo banho. Em seguida, vestiu seu roupão, pegou uma garrafinha de vinho do minibar e jogou-se o sofá. Os sonhos que nutrira a vida toda agora se tornavam realidade e os

resultados foram para além de suas expectativas.

Preguiçosa, tentava decidir se estava pronta para dormir por umas dez horas quando Donovan chegou.

— Você não ficou muito tempo na festa.

— Quando comecei a pensar em dormir embaixo da mesa de Carmen, resolvi encerrar a noite. — Ela bocejou. — Mal posso esperar para voltar a Maryland e ter alguns dias de paz e quietude.

— Só depois de amanhã. Temos de ir para São Francisco verificar um prédio velho que abrigava um banco.

— Eu esqueci. — Ou melhor, ela não quisera lembrar. A ida a São Francisco significava que não teria como escapar do rompimento com Alec.

Donovan sentou-se.

— Se ele tiver tempo, talvez possamos jantar com Tom.

Kate ficou em estado de alerta.

— Por quê? Quer chamá-lo de bicha novamente?

— Não. Quero me desculpar por ser um babaca.

Donovan não fora o único babaca da história. Sam se comportara de modo pior. Mesmo para Kate, a mais apaixonada das irmãs, a revelação de Tom havia sido um choque...

Em um sábado primaveril, a última primavera de seu casamento, ela plantava flores na entrada da casa quando o irmão aparecera para uma visita.

Alto, moreno e bonito, Tom atravessara o gramado mais tenso do que tentava transparecer.

— Comprou uma pá nova ou a jardinagem é só para um?

— Não, se Donovan estivesse em casa, eu o obrigaria a plantar petúnias.

Tom pegou a outra pá e começou a cavar. Kate gostou de tê-lo a seu lado, já que a convivência com Donovan havia se tornado, tensa ultimamente.

Conversar com Tom ajudaria? Era o melhor ouvinte que ela conhecia. Mas se revelasse que Donovan mostrava-se um pouco zangado, o irmão não seria objetivo. Pior ainda, ela se sentiria traindo o marido por discutir o casamento com outra pessoa.

— Kate, eu preciso lhe dizer uma coisa. — Ele a encarou com os olhos azuis que tanto se pareciam com os de Julia.

Kate se sentou e limpou o suor da testa.

— Você e Rachel vão se casar? Afinal, namoram há tanto tempo. Agora que terminou a faculdade e está ganhando rios de dinheiro como programador...

— Não! Não é nada disso.

— O que é então?

— Não vou me casar com ninguém. Nunca. — Tom posicionou um gerânio no buraco, jogou terra e firmou a base. Quando tomou coragem, respirou fundo e encarou a irmã. — Sou gay, Kate.

Por um instante, ela não conseguiu assimilar as palavras. Então, quando enfim atinou para o que ele dissera, sentiu o rosto empalidecer.

— Diga alguma coisa, Katie. Por favor.

Kate segurou-lhe a mão. Embora estivesse perplexa; aquele ainda era Tom, seu irmão.

— Desculpe-me. Preciso organizar meus pensamentos. — Como Tom poderia ser gay? Ele gostava de mulheres. Entretanto, ao olhar para trás, percebeu que seu comportamento em relação às amigas de Kate fora de um irmão.

Deus, como teria sido para Tom esconder algo tão básico de si mesmo?

— Sempre o imaginei tendo um punhado de filhos para que eu fosse à tia Kate. Vou sentir falta disso. Mas me acostumarei.

— Talvez mais rapidamente que eu.

— Há quanto tempo sabe?

— Minha vida toda, eu acredito. Eu me achava diferente quando menino e jamais tive coragem de falar disso. Passei anos tentando negar o que sou, mas agora não mais consigo viver a mentira.

Kate pensou em Rachel Hamilton, que namorava Tom desde o ensino médio.

— Rachel sabe?

— Ela descobriu sozinha há algum tempo.

— Como reagiu?

— Rachel será uma ótima médica. Ficou totalmente calma. Na verdade, foi ela quem mencionou o fato, semanas atrás, dizendo que estava na hora de eu assumir. Quase desfaleci. Mas, passado o choque, fiquei aliviado por falar a respeito abertamente. Rachel me encorajou a contar para a família. Resolvi começar por você porque é... A mais apta a me aceitar.

— Oh, Tom, como eu não o aceitaria? — Kate o abraçou. — É o melhor irmão do mundo e eu o amo. Sempre amarei.

Ele a abraçou com tanta força que Kate sentiu as costelas doerem. Permaneceram assim por um longo tempo. Tom era o homem mais gentil e amoroso que ela conhecia, mas muitos o julgariam a despeito das qualidades.

— Deve ter sido um caminho solitário — ela comentou.

— Não foi fácil. Pelo menos, você não fechou a porta para mim. É um começo. Mas estou apreensivo quanto a contar para papai e mamãe.

— Eles o amam, Tom. Você não é diferente hoje do que foi no passado. Eles não vão rejeitá-lo por ser quem é.

— Imagino que mamãe reagirá como você, chocada, mas capaz de aceitar a situação. Mas papai... — Tom pegou um punhado de terra. — Ele ficará arrasado. Recusar-me a seguir seus passos na PDI já é

um drama, mas minha sexualidade será ainda pior. Seu único filho é bicha. Maricas. Ficará devastado e a decepção sairá em forma de represália.

Tom devia estar certo. O pai deles era teimoso e um tradicionalista convicto. O homem que não permitia que a filha trabalhasse com explosivos ficaria horrorizado ao saber que o único filho era homossexual.

— Ele não vai gostar, mas acabará superando, como sempre faz.

— Dessa vez, é diferente, Kate — Tom murmurou. — Donovan também terá problemas em me aceitar.

— Ele ficará assustado, mas sempre gostou de você. Além disso, é mais fácil aceitar um cunhado gay que um filho gay.

— É verdade. Mas poderia manter segredo até que eu conte para nossos pais? Revelações drenam minha energia.

— Não se apresse — ela aconselhou. — Agora volte ao trabalho ou não o convidarei para almoçar.

Rindo, Tom a ajudou a plantar flores. Anos mais tarde, Kate desejava que a vida do irmão tivesse sido mais fácil, mas a sexualidade nunca fora um problema entre eles. Tom e os amigos foram uma bênção quando ela fugira para São Francisco, ferida em espírito e corpo. O apoio de todos a ajudara a superar a pior fase de sua vida. Não mudaria o irmão nem se pudesse porque o amava exatamente como ele era.

Mas os demais não se mostraram tão tolerantes.

Kate percebeu que segurava o copo de vinho como se este fosse uma arma. Donovan também notou.

— Parece uma gata pronta para defender os filhotes da morte.

— Desculpe-me. Tom não precisa que eu o defenda.

— Já que Tom mora em São Francisco há tantos anos, ele é...

— Soro positivo? Não, Tom está bem. Mas Mick, seu “companheiro de longa data”, como disse o obituário, morreu há três anos.

Nos últimos dias, Kate se revezara com Tom ao leito de morte de Mick e chorara durante dias após o enterro. Havia sido nessa época que Tom sublimara sua dor trabalhando como voluntário no hospício a fim de oferecer força e compaixão aos que estavam morrendo.

— Mick era sensacional.

— Lamento saber — Donovan disse. — Mas, se lhe serve de consolo, entender o que senti em relação a Tom me ajudou quando um amigo meu revelou sua opção sexual. Em vez de me apavorar, aceitei o fato e o chamei para jogar bola. Ele gostou de minha atitude.

— Pena não ter sido tão esclarecido com Tom.

— Eu era um imbecil. Além disso, havia outras complicações na época.

De fato, houvera.

— Após tanta consideração, como se sente em relação a Tom?

— Seu irmão é muito legal e prefere homens a mulheres. Eu gostaria de me redimir com ele. Talvez rastejar ou lavar roupa suja, tanto faz.

— Vê-lo se rastejar talvez ajude. Tom não costuma guardar rancor. Vou lhe telefonar e ver se ele está livre. Também vou ligar para minha sócia. Sinto saudades de Liz.

Kate recolheu-se a seu quarto, pensando que Donovan havia mudado nos últimos dez anos. E para melhor.

CAPÍTULO XXIII

— “Bem vindo a São Francisco, a Bagdá à beira da praia!” — Kate cantarolava, enquanto acelerava o carro alugado pela rodovia.

Para sua surpresa, Donovan lhe entregara a chave, dizendo que era a vez dela de rebocá-lo pela cidade, já que o território lhe pertencia. Nos velhos tempos, ele automaticamente assumira o volante, fazendo-a sentir certo prazer retrógrado de deixá-lo dirigir.

A alegria de estar em casa também a surpreendeu, considerando que não se ausentara por tanto tempo. Concluiu que a empolgação se devia ao fato de Donovan ter reconhecido que estava em seu território. Em São Francisco, Kate era poderosa e estava no controle.

— Por que está sorrindo? — ele perguntou.

— Porque os humanos são tão territoriais quanto os lobos e este é meu território.

— Quer dizer que sofrerá uma mutação na lua cheia?

— Talvez. — Ao perceber que estava quase flertando, ela voltou à atenção à estrada.

Era um daqueles dias perfeitos de inverno, quando a chuva limpava o céu e o ar estava tão claro que era possível avistar os prédios em East Bay. Um dia para passear como qualquer turista e se fartar de sopa de caranguejo com pão.

No entanto, rumavam para o escritório de um cliente em potencial para discutir um trabalho. Mas, após o dever, diversão e uma noite em sua própria casa, uma cortesia de Jenny Gordon, que pernoitaria na residência dos pais. Exceto pelo breve encontro que pretendia ter com Alec Gregory, o dia prometia ser excelente.

Donovan, que apreciava a baía, comentou:

— Deve ser muito fácil implodir aquela ponte. Setecentos e cinquenta quilos de explosivos, no máximo.

— Sempre que olha as estruturas, pensa em demoli-las?

— Sempre.

Não levaria muito tempo para que ela fizesse o mesmo.

Quando Kate ligou o motor do carro, Donovan afrouxou a gravata. A visita que ele, Kate e o gerente imobiliário do Banco El Dorado, o qual seria demolido, estendera-se devido à presença inesperada do presidente da companhia.

— Pergunto-me por que o CEO apareceu para uma reunião tão rotineira.

— Ele foi atraído pelo glamour da PDI, é claro — Kate disse. — Você o impressionou. Sem dúvida, conseguirá o trabalho de derrubar aquela torre velha.

— Espero que sim. É difícil deduzir o que essas barracudas corporativas pensam.

Kate parou diante do farol. À esquina, um mímico entretinha um pequeno grupo de possíveis turistas.

— A barracuda gostou de você, acredite.

O olhar de Donovan deteve-se na perna de Kate, que estava em evidência por causa da saia longa repleta de botões. Ela os desabotoara até a altura dos joelhos a fim de exibir as botas. Incrível como aquela roupa era mais provocativa que uma minissaia.

— Você impressionou mais ainda. Se abrisse mais um desses botões, ele teria caído em seu colo.

— Para lidar com barracudas, uma mulher precisa lançar mão das armas que tem. Por que acha que escolhi esta saia? Ela já obteve bons resultados antes.

— Você não tem vergonha. Pensei que tivesse conduzido suas reuniões de negócios com profissionalismo e inteligência.

— Droga. Achei que nunca fosse descobrir.

Mais relaxado, Donovan apreciou a cidade. Kate fora um diferencial durante a reunião, apesar de Randolph ter deduzido a princípio que era secretária ou namorada de Donovan, se não ambos. Sua astúcia impressionara o presidente tanto quanto a saia. Se a PDI conseguisse o trabalho, Kate mereceria boa parte do crédito. Nick Corsi fizera um orçamento para a demolição do banco, mas, mesmo que tivesse trazido a esposa para a reunião, Angie não era páreo para Kate.

Donovan não gostava de encarar as pessoas que havia insultado e Tom Corsi não facilitou em nada. O ex-cunhado já estava sentado à mesa do Khyber Pass, o restaurante afegão do bairro em que Kate morava. Ele se levantou quando a irmã e Donovan chegaram para o jantar que haviam marcado.

Alto e esguio Tom possuía os cabelos negros do pai e os olhos azuis da mãe. O rosto revelava que uma década havia se passado e talvez alguns anos mais.

Ele sempre fora acessível, mas naquela noite sua expressão estava severa. Depois de abraçar Kate, Tom encarou Donovan.

— Faz muito tempo.

— Tempo demais. Há anos, quero me desculpar. Em vez de tentar ajudar, agravei a situação. — Donovan estendeu a mão.

Após uma breve pausa, Tom aceitou o cumprimento.

— Desculpas aceitas.

Foi um começo. Sentaram-se e, para encobrir o constrangimento, Kate ofereceu uma descrição exuberante de Las Vegas.

Minutos depois, Liz Chen apareceu, desculpando-se pelo atraso. Pequena e graciosa, ela era uma habitante típica de São Francisco, seus traços sugeriam um misto de chinesa e européia.

— Então é o infame Donovan — Liz disse ao cumprimentá-lo.

— Não quero saber o que isso significa. — Aquele era certamente o território de Kate. Tinha a impressão de que a pequena Liz lhe cortaria a garganta, caso ele atormentasse a ex-mulher.

— Na verdade, o que o torna infame é o fato de Kate ter falado muito pouco de você. — Liz beijou o rosto de Tom e se sentou à mesa. — A Califórnia está repleta de ex-esposas e, normalmente, escutamos suas histórias trágicas. Kate foi tão discreta que só me restou especular.

— E Liz tem uma imaginação fértil — Kate comentou.

Antes que Liz pudesse verbalizar suas especulações, o garçom aproximou-se para anotar os pedidos e a conversa prosseguiu. Embora Tom e Donovan nada dissessem, a falação de Kate e Liz evitou que o silêncio fosse óbvio.

E assim se deu o jantar. Quando o garçom tirou os pratos, Tom sugeriu:

— Sei que você e Liz estão loucas para fofocar. Então, vou levar Donovan para um passeio. Podemos encontrá-las em sua casa em uma hora para a sobremesa e o café.

— Está bem — Kate acatou, desconfiada. — Vou levar orelhas de elefante. Mas, eu lhes aviso, se demorarem, não sobrar nada quando chegarem, em casa.

Após uma querela por causa da conta, a qual Liz acabou pagando por alegar que aprendera tanto sobre demolição que o jantar seria dedutível, Tom e Donovan saíram. A umidade de São Francisco tornava a noite fria.

Caminharam pelo quarteirão em silêncio. Um esplendor de luzes cintilantes iluminava as subidas e descidas da cidade. Donovan, incerto quanto a que dizer, olhou para Tom, cujo semblante estava reservado. Não, cabia a Tom dar o primeiro passo. Afinal, fora ele quem sugerira o passeio.

No topo de uma colina, passaram por uma igreja.

— Ainda vai à missa? — Tom perguntou.

Não era o que Donovan esperava.

— Não.

Tom parou diante da porta da igreja.

— Então vamos entrar. É bom para o corpo em uma noite tão fria. Faz bem à alma.

— É sua igreja?

— Não, moro em outro bairro, mas passo por aqui regularmente. — Tom fez o sinal da cruz e se dirigiu à nave esquerda. — Gosto de igrejas. Qualquer uma serve. Meu ideal de vocação é me retirar em um monastério no Novo México.

Sob a penumbra, Donovan divisou a Paixão de Cristo pintada em estilo espanhol.

Embora fosse diferente das igrejas de sua infância, reconheceria o templo católico de olhos fechados. Décadas de incenso e devoção haviam saturado a madeira.

— Como reconcilia a atitude oficial da Igreja em relação ao homossexualismo com sua fé?

— A Igreja é mais que tijolos, argamassa e ordenações. Aceito suas falhas mesmo que não me aceitem. Felizmente, São Francisco possui várias paróquias que recebem de bom grado os gays. — Ele se deteve em frente a uma armação de velas, sobre a qual somente uma queimava. Após jogar algumas moedas na caixa de metal, acendeu uma vela. — Para meu pai, com sua cabeça dura e coração generoso.

Fazia anos que Donovan não acendia uma vela para alguém e agora se via; tomado pelo poder simbólico. O triunfo da luz sobre a escuridão. Talvez uma purificação dos sentimentos complicados através do fogo. Tirou uma nota de dez dólares da carteira e a inseriu na caixa.

Então pegou uma vela e a acendeu com a de Tom.

— Para Sam, que talvez tenha sido um melhor pai para mim do que foi para você.

Em seguida, acendeu outra vela para Mary Beth, sua querida irmã que nunca tivera a chance de crescer. Outra para sua mãe, cuja profunda fé religiosa jamais se abalara apesar da dureza que vivera. E, por fim, uma vela para seu pai, que fizera coisas terríveis, mas que nem sempre fora um homem mal.

Ao divisar aquelas chamas, ele, por impulso, acendeu a última.

— Para Mick.

Tom o encarou, espantado.

— Kate me contou. Sei como é doloroso perder um amor, a despeito dos motivos. Devo confessar que nunca o odiei por sua opção sexual. Na verdade, o efeito que a notícia surtiu em seu pai me abalou. Eu me arrependo de ter apoiado Sam, pois minha atitude parecia um ataque a você. Lamento o que fiz.

— Eu entendo Donovan. Fiquei até aliviado por Sam ter você a seu lado, já que ele rompeu comigo e com Kate. — Tom acendeu outra vela. — O que você quer de Kate?

Enfim, haviam atingido o cerne da discussão.

— Por que acha que quero alguma coisa?

— Sem jogos, Donovan.

— Kate lhe contou por que se separou?

— Contou. Até onde sei, ela só revelou a verdade a duas pessoas.

— Quero que ela supere os danos que lhe causei. E... Também quero que Kate se apaixone novamente por mim.

Tom não mostrou nenhuma reação.

— Você quer Kate ou aquele amor louco dos dezenove anos?

— É Kate em si que quero. Deus sabe que não a mereço, mas Kate ainda mexe comigo. Eu faria qualquer coisa por ela.

— Se é o que diz. E se ela optar por um novo relacionamento?

Boa pergunta.

— Duvido de que alguém a ame mais do que eu.

— Por isso a agrediu?

As palavras frias foram como um tapa no rosto.

— A verdade nua e crua é que o amor e a violência estavam indubitavelmente ligados.

— O reconhecimento é um passo na direção certa, mas sexo e violência é uma mistura

assustadora. Às vezes, fatal. — Tom o encarou, preocupado. — Deve saber disso.

— Não me esqueci de nada. — Donovan perguntou-se se valeria a pena acender uma vela para um casamento falecido. Valia tentar. — Vai contar a Kate o que eu disse?

— Só se ela me perguntar. Minha irmã precisa resolver as coisas a sua maneira.

— Ótimo. — Donovan ainda não estava pronto para abrir seu coração a Kate, pois sabia que ela o esmagaria.

Tom se afastou das velas e se abaixou para fazer o sinal da cruz. Donovan fez o mesmo.

Havia certo conforto em velhos rituais.

— Vamos à casa de Kate — Tom disse quando saíram da igreja. — Estou louco por um café e aquelas orelhas de elefante.

— Aceito o café, mas preciso de esclarecimentos antes de provar orelhas de elefante.

— É uma massa em forma de prato, salpicada de açúcar e canela.

— Ah, a versão afegã de rosquinhas. Creio que consigo ingeri-las.

Após alguns quarteirões, Tom perguntou:

— Meu pai falava de mim?

— Sam nada disse a seu respeito durante anos, mas antes de entrar no Jefferson Arms, mencionou que pretendia telefonar para você.

— Meu Deus, é verdade?

— É.

— Ele deve ter considerado a idéia por um longo tempo, já que me inseriu em seu testamento. Pena que não conseguiu fazer esse telefonema.

— O testamento foi sua maneira de se desculpar. Sam não era bom em dar o primeiro passo. Portanto, começou dando o último passo.

— Pensei algumas vezes em voltar a Baltimore e entrar em casa sem ser anunciado. O que ele teria feito?

— Sinceramente, não sei. Talvez explodisse de raiva, mas havia a chance de ele lhe oferecer uma taça de vinho e lhe mostrar um vídeo da última demolição.

— Eu deveria ter arriscado uma visita surpresa, mas... Tive medo. Minha vida estava caminhando, eu me sentia feliz. Ficava apavorado só de pensar que, se visse Sam de novo, eu perderia o controle — Tom desabafou. — Parece absurdo quando digo isso.

Donovan lembrou às vezes em que pensara em ir a São Francisco para ver Kate.

— A rejeição é algo duro de viver. Não se recrimine por temer a intolerância de Sam.

— Obrigado, Donovan.

— De nada. Já que apontou meu comportamento desprezível, é minha vez. Por que não foi a

Baltimore ver sua mãe? Julia precisa de você, mas não lhe pediria para ir.

— Estou tentando convencê-la a vir me visitar.

— Não é o suficiente. Ela precisa saber que seu amor vale a coragem de fazer o que sempre evitou Tom. Sei que não são tão próximos quanto eram no passado, mas Julia ainda é sua mãe. Ela deu o melhor de si em uma situação impossível. Não deixe que as diferenças com Sam interfiram no relacionamento de vocês.

O nevoeiro aumentava frio e misterioso. Quando chegaram ao topo da colina, Tom murmurou:

— Odeio quando alguém me diz que estou sendo um cretino e ele tem razão.

— Não é um cretino, mas ganhou sua cota de teimosia e orgulho dos Corsi.

— Que pensamento horrível. Mas você está certo.

Dada a devastação que o orgulho gerou na vida de todos, Donovan entendia por que o sentimento era considerado um pecado.

CAPÍTULO XXIV

A casa de Kate traduzia a pureza arquitetônica de São Francisco, uma construção vitoriana com janelas altas e batentes pintados para realçar o acabamento elaborado. No interior, Kate e Liz estavam aconchegadas nos sofás, conversando e tomando cappuccinos, enquanto um gato marrom dormia nas pernas de Kate. Mesmo que ela não estivesse presente, Donovan teria deduzido que a casa lhe pertencia. O ambiente reluzia sua personalidade.

Olhou ao redor, notando que ela abrisse espaço sem sacrificar o estilo rústico. Qualquer um esperaria que um arquiteto possuísse uma residência ampla, mas Kate preferiu o desafio do aconchego. Havia acolhimento em cada móvel e a textura dos tecidos clamava para ser tocada. Objetos ecléticos ocupavam as vagas na estante de livros e fotografias da família e dos amigos achavam-se artisticamente penduradas em uma parede.

A reforma que ele fizera havia requerido dedicação e cuidado, mas era, sem dúvida, de um engenheiro. Os toques especiais que tornavam um lar memorável não pertenciam a seu vocabulário.

— Sua casa é adorável, Kate.

— Obrigada. Depois de lidar com clientes excêntricos, é um prazer voltar para casa e fazer o que quero. — Kate se levantou. — Cappuccino?

— Por favor.

Donovan entregou seu casaco a Tom e estudou a coleção de fotos. Kate e as quatro amigas haviam sido fotografadas em uma praia californiana, provavelmente no encontro que tinham feito dez anos após a formatura da escola. Val mencionara a reunião certa vez. Ao lado estava o retrato de Tom com um homem de barba e magro demais, mas possuía um sorriso radiante. Mick. Como Kate dissera, ele parecia ter sido uma pessoa maravilhosa.

Havia outras fotografias da família e amigos, incluindo vários que ele não conhecia.

Nenhuma foto do ex-marido, o que não lhe causou surpresa.

Entre as fotos, vários certificados de grupos comunitários achavam-se pendurados. Pelo jeito, Kate doava o tempo livre e o talento para realizar projetos como o planejamento de áreas de lazer. Os antigos professores da Friends School ficariam orgulhosos dela. Em conjunto, as fotografias e os certificados representavam o retrato de uma vida. Kate havia prosperado em São Francisco.

Ela surgiu a seu lado, trazendo uma caneca de cappuccino.

— Suponho que você e Tom tenham feito as pazes.

— Sim. Foi bom esclarecer alguns pontos.

Eles se juntaram a Liz e Tom. O café e a sobremesa foram mais relaxantes que o jantar e as orelhas de elefante possuíam um sabor mais palatável que o nome. A melhor parte foi o bigode de açúcar que Kate ganhou e o gesto delicado quando ela o lambeu.

A reunião se desfez por volta das nove e meia, quando Tom e Liz saíram. Após despedir-se, Kate

permaneceu na varanda, admirando a cidade.

— Não consigo imaginar São Francisco sem suas colinas. Quando aqui cheguei, perguntava-me como as pessoas faziam para se deslocar nas ruas cobertas de gelo.

— Tive a mesma reação. Imagino que a resposta seja que o asfalto nunca congela no inverno.

— Isso mesmo. — Kate ô encarou agora não mais, relaxada. — Vou sair. Preciso ver uma pessoa.

Donovan sentiu a tensão dominá-lo.

— Seu namorado.

— Sim. — Ela pegou um casaco e o vestiu. — Não voltarei muito tarde.

Controlado, Donovan observou-a descer os degraus. Fechou a porta e olhou a sala sem vê-la.

Kate encontraria outro homem.

Deus! No passado, ele teria esmurrado a parede ou talvez chutado algumas cadeiras, mas havia aprendido que expressar a raiva violentamente só fazia aumentá-la. Jogou-se no sofá e apoiou a cabeça nas mãos, enquanto o sangue pulsava.

Supere! O casamento havia acabado. A despeito de suas esperanças, não possuía nenhum direito legal ou moral sobre ela. Kate tinha a liberdade de sair com namorados. Ele próprio não vivera uma vida de celibato.

Donovan obrigou-se a imaginá-la na cama com outro homem. Rindo, suando, partilhando intimidade. Mãos másculas sobre o corpo sensual; Kate respondendo com volúpia, os olhos brilhando de prazer, como ele bem lembrava.

A princípio, as imagens lhe deram náusea. Aos poucos, a raiva feneceu em um nível mais administrável. Deveria sentir-se contente por conseguir controlar o temperamento. Mas temia que, um dia, a fúria que o espreitava pudesse eclodir.

Esperava que não.

Havia luzes na casa de Alec. Kate ficou no carro, pensando no ano em que passara com ele. Conhecera Alec Gregory quando ele contratara Chen e Corsi para reformar sua cozinha.

Alec gostara do trabalho e dela. O sentimento havia sido mútuo, o que originou um relacionamento íntimo.

Um telefonema para o escritório de Alec naquela manhã confirmara que ele estaria voltando de viagem à tarde. Portanto, ela deixara uma mensagem na secretária eletrônica, dizendo que passaria em sua casa à noite.

Conhecia a rotina. Alec preferia ficar em casa após o trabalho, lendo e-mails e lavando roupas. Ele então a convidaria para um café, se ela estivesse disponível.

Criando coragem, ela se aproximou da porta para tocar a campainha. Alec surgiu imediatamente com um sorriso. Com mais de trinta anos, Alec Gregory possuía cabelos castanhos, queixo angular e um gosto caro para roupas. Naquela noite, usava um suéter de casimira cinza que realçava seus brilhantes olhos cinzentos.

Liz, que implicava com Alec, dizia que ele era um workaholic yuppie, que não deixava ninguém, exceto roupas de grife, tocar seu corpo escultural. Talvez fosse verdade, mas Alec era um yuppie charmoso.

— Chegou na hora, Kate. Estava prestes a ligar para você. Acabo de voltar de Singapura e, por causa do fuso-horário, meu estômago clama por comida. Vamos jantar?

Antes que a beijasse, Kate entrou na casa. O belíssimo aparador japonês no vestíbulo havia sido ela quem o persuadira a comprar.

— Desculpe-me, mas não posso me demorar. Só vim até aqui porque preciso conversar com você.

Alec a seguiu em direção à sala, onde pilhas de correspondência cobriam uma cadeira.

— Alguns minutos são melhores que nenhum. Como vai sua mãe?

Alec conhecera Julia em uma de suas visitas a São Francisco e os dois se gostaram no mesmo instante.

— Ela está bem para uma mulher que acaba de perder o homem com o qual foi casada por mais de trinta e cinco anos.

— Tem razão, que pergunta tola. Mande-lhe lembranças minhas, por favor.

— As flores que enviou eram lindas. — Estava na hora de ir direto ao ponto. — Meu pai deixou um testamento maluco que me prenderá em Maryland por um ano. Já me mudei e estou aqui apenas de passagem. Eu queria... Despedir-me pessoalmente.

— Por isso, suas mensagens foram tão enigmáticas. Ora, podemos nos virar durante um ano. Vou à costa leste com frequência e você pode voar para cá sempre. Não será tão ruim. — Alec sorriu. — A ausência gera saudades e afeta outras partes do corpo também.

— Não, Alec. Não vai funcionar. Segundo os termos do testamento, tenho de dividir a moradia com meu ex-marido. Não há nada romântico acerca do arranjo, mas não conseguirei administrar um caso a distância.

— Está brincando, não está? Nenhum testamento pode forçá-la a algo tão... Medieval.

— Não estou sendo forçada a nada.

— Então, por que, Kate? O que há de tão importante nesse testamento para abrir um parêntese em sua vida durante um ano?

— Voltei para Baltimore com o objetivo de trabalhar na empresa da família — ela começou. — E também porque é uma oportunidade de lidar com uma bagagem emocional, que venho ignorando nos últimos anos.

— Em outras palavras, estará tão ocupada com seu ex-marido que não haverá espaço para mim em sua vida.

— Não pensei que você tentaria manter o relacionamento a quilômetros de distância.

A súbita palidez de Alec pareceu envelhecê-lo.

— Não? Eu esperava que chegássemos a um ponto em que decidíssemos nos casar. Creio que me

iludi.

Se Alec a tivesse pedido em casamento, ela teria aceitado? Talvez. Gostava muito dele, afinal. O desejo de formar uma família tornaria a união com Alec à coisa certa a fazer.

Mas não o amava. O amor significava almejar a outra pessoa com cada fibra de seu ser.

Sentir-se completa. Kate não sentia aquela emoção havia anos e quase a esquecera.

Rever Patrick a fizera se lembrar de como era amar alguém e não se casaria novamente por menos do que isso.

— Lamento. Eu não sabia que você queria se casar comigo.

— Você não quis saber, Kate.

O silêncio desconfortável pairou sobre eles.

— Tem razão. Eu não quis saber um monte de coisas. É por isso que preciso ficar em Maryland, para descobrir onde saí dos trilhos e como retomar minha vida. Desculpe-me, Alec. Jamais quis magoá-lo.

— Eu sei Kate. Só... Não jogue fora meu telefone. Não vou esperá-la, mas, se voltar, talvez eu ainda esteja disponível.

— Vou voltar. Mas, por enquanto... Até mais e fique com Deus.

— Cuide-se, Kate. — Alec a abraçou e sussurrou com a voz embargada: — Amo você.

Kate voltou para casa aos prantos.

Dormir foi impossível. Logo, a única escolha era se refestelar no sofá e ruminar. O som da chave na fechadura chamou a atenção de Donovan.

Kate entrou. Os cabelos em desalinho indicavam que alguém os acariciara. Donovan permaneceu estático, não ousou reagir.

— Se quiser saber — ela disse —, o homem com o qual dormi no último ano chama-se Alec.

— Eu não preciso saber disso.

— É um amante maravilhoso, um mago das finanças. Nós rasgávamos nossas roupas e dávamos nomes às partes favoritas de nossos corpos.

Kate parou diante de Donovan, tão próxima que quase se tocavam.

— As manhãs de domingo eram as melhores. Comida e sexo e jornal. O sexo ficava ainda mais apetitoso com waffles. Alec é um especialista em recheios. Ele costumava...

— Pare! — Donovan segurou-a pelos braços. — O que quer fazer, Kate? Provocar-me para provar que sou o canalha que conheceu?

— Talvez seja isso mesmo. Assim, terei uma desculpa para brigar. Berrar e me enfurecer. — A voz soou trêmula.

— Isso é loucura. Não vou ajudá-la a provar o quanto sou desprezível. — Ele a soltou e recuou.

A raiva transformou-se em tristeza.

— Ele disse que me ama, Patrick. Nunca me disse isso porque sabia que eu não queria ouvir. Poderia ter havido muito mais entre nós, mas não permiti. Nem sequer percebi! Por que não consigo amar ou deixar que um homem me ame?

Compadecido, Donovan sentou-se com ela no sofá, enquanto Kate soluçava.

— Você é capaz de amar. É capaz de doar um amor abnegado e generoso. Talvez a habilidade esteja um pouco congelada agora, mas não desapareceu. É parte de você.

Donovan pensou em Val e como se cegara a qualquer possibilidade de relacionamento.

Para duas pessoas inteligentes, ele e Kate havia tornado a vida um caos.

À medida que a agitação de Kate fenecia, ele sentiu-se desconfortável por continuar a abraçá-la. O corpo sinuoso de encontro ao dele era tão familiar quanto às batidas do coração.

Acariciou as costas de Kate, sentindo a tensão diminuir.

O clima sensual se instalou. O sangue percorria as veias de Donovan como bombas d'água. Permaneceu imóvel, imaginando o que aconteceria se a beijasse ou acariciasse as curvas que tanto almejava. Ela se sentia solitária, clamava por conforto...

Um rompante de consciência o colocou em cheque. Mesmo que Kate estivesse disponível, seria idiotice ir adiante. Além disso, havia prometido tão tocá-la, embora fosse difícil manter a promessa tendo-a chorosa nos braços.

Continuou paralisado, escutando o canto da sereia. A perspectiva de se perder nela, de unir-se à mulher impressa em sua alma, era quase insuportável. Talvez a intimidade criasse uma ponte sobre o abismo que os separara.

Não. Durante o casamento, o sexo encobrirá as fendas, mas nunca solucionará o problema. Agora não seria diferente. Para terem um futuro juntos, as mentes precisavam se encontrar antes dos corpos.

Além disso, não queria ser o vilão novamente, algo provável, caso tirasse vantagem da fragilidade de Kate.

Respirando fundo, ele se afastou.

— O primeiro amor foi fácil, Kate — ele declarou, tentando manter a naturalidade. — Foi puro instinto. Mas você saiu muito magoada e precisa aprender a amar outra vez. Como disse sua mãe, ambos temos de resolver as pendências do passado e seguir em frente.

— Estou aberta a sugestões. Tem alguma?

— Aceitamos os termos do testamento de Sam ainda presos a velhos rancores. Você não quer ser tocada, dominada, dissuadida ou mutilada. E eu... — Donovan sacudiu a cabeça, incerto quanto ao que dizer.

— E seu rancor seria...?

— Odiar a mim mesmo e me cansar disso.

— Nada disso parece promissor. O que sugere como alternativa?

— Demolir os velhos rancores. Permitir que o futuro; seja repleto de possibilidades e não de finais fatais e emoção minada.

— Possibilidades — ela repetiu.

Por um momento, Donovan pensou em confessar seu amor, mas intuiu ser cedo demais. Qualquer entendimento frágil que obtivessem naquela noite seria massacrado pelo peso da declaração.

Então, permaneceu sentado na outra extremidade do sofá. Ao longo de vários minutos, nada aconteceu. De súbito, Kate segurou-lhe a mão.

Donovan entrelaçou os dedos frios sem pretensões.

Possibilidades.

CAPÍTULO XXV

Dormir na própria cama deveria proporcionar uma excelente noite de sono, mas não foi o que ocorreu. Kate permaneceu acordada, sentindo-se como uma cebola, cujas camadas tinham sido arrancada uma após a outra. A declaração sussurrada de Alec á deixara profundamente incomodada. Sem dúvida, ele havia esperado uma resposta, mas ela não pôde dá-la.

Tinha subestimado o relacionamento e ele. Como dissera Donovan, estivera presa a velhos rancores.

Imersa na escuridão, sentiu o rosto corar ao perceber quão perto chegara de se jogar nos braços do ex-marido. Quando ele a abraçara, sentira uma familiaridade confortável. Se houvesse sinalizado, Donovan provavelmente a teria agarrado no sofá.

Viveriam um breve interlúdio passiona! que a devastaria. Enquanto Alec mexia com suas emoções, Donovan tinha o poder de aniquilá-la. Soubera, desde o início, que qualquer grau de contato físico poderia ser letal e estava certa. Aqueles minutos de proximidade haviam despertado cada lembrança sensual e intoxicante do casamento. Agora se via obrigada a lidar com a atração física que não podia ser enterrada novamente enquanto Donovan estivesse em sua vida.

Kate fitou os vultos dos móveis em seu quarto, cada qual contendo uma história de descoberta e reabilitação. Seu lar era um santuário. Conforme reformara a casa, ela construíra uma vida calma, confortável e real em São Francisco. Por anos, evitara riscos emocionais. O mais profundo sentimento dedicara ao irmão e as amigas. Segurança.

Certa vez, não tivera medo de nada. Um sinal claro da inexperiência. Então descobrira o pavor e o recolhimento. Tornou-se uma vítima.

Embora também tivesse evitado compromisso, Donovan pelo menos havia enfrentado as duras verdades sobre si mesmo. Comportava-se como adulto. Ela, não.

Que pensamento lúgubre. Agir com maturidade calma era um aspecto importante de sua auto-imagem. Kate não gostava de saber que fora mais entorpecida que madura. Mas, ao menos, agora podia encarar o fato.

Suspirando, sentiu o corpo quente de Ginger Bear a seu lado. Ele ronronou quando ela o acariciou. Por isso, as pessoas tinham animais de estimação. Bastava lhes dar comida e afeto. Algo muito mais simples que manter um relacionamento com seres humanos.

Inconscientemente, ela colocara Alec na mesma categoria que o gato, uma companhia agradável enquanto fosse conveniente. Mas Ginger, um felino oportunista, adaptou-se de imediato à nova moradora da casa. Os humanos demoravam mais para se recuperar.

Kate enrolou-se no calor do gato. Por que o amadurecimento tinha de ser tão doloroso?

Depois do inverno ameno de Nevada e São Francisco, Maryland pareceu congelar as partes vitais do corpo. Do aeroporto, Kate e Donovan foram para a casa de Julia dizer “olá” e emprestar um casaco mais quente.

Feliz com a visita, Julia os abraçou com carinho. A despeito das olheiras sob os olhos, ela os convidou para jantar e descongelou um delicioso coq au vin. Provavelmente ela andara cozinha para elaborar a dor. Ao se servir pela segunda vez, Kate concluiu que a estratégia de sua mãe, se não eficaz, era definitivamente deliciosa.

Quando entraram na garagem de Brandy Lane, Kate já estava bocejando.

— Depois de tantas viagens, acho que precisarei de uma semana inteira para me adaptar à rotina de Baltimore.

— Não há nenhuma viagem marcada para o próximo mês. Hoje Luther começou a preparar o Concord Place. Você pode trabalhar sob a supervisão dele, quando não tiver de ir ao escritório.

Donovan levou as malas para dentro. Kate nem sequer objetou. A conversa da noite anterior os levara a uma fase mais branda de convivência. Além do mais, não havia sentido em bancar a Sra. auto-suficiente depois de desabar diante dele. A mera lembrança a deixou aquecida por dentro.

Tirou o casaco de lã que a mãe lhe emprestara e foi para o quarto desfazer a mala.

Enquanto separava a roupa suja, o telefone tocou. Donovan atendeu ao segundo toque.

Vários minutos depois, ele apareceu à soleira da porta.

— Era Stanski, o investigador do Departamento do Corpo de Bombeiros. Ainda não há conclusões sobre o acidente de Sam. Ele quer me interrogar outra vez amanhã sobre alguns aspectos que não se encaixam.

— Imagino que nunca chegarão a um parecer conclusivo. — Kate recolheu as roupas sujas. — Tem alguma coisa para lavar? Vou encher a máquina agora.

— Tenho, sim. Vou pegar minhas roupas.

Ela caminhou até a lavanderia, que ficava entre a garagem e a cozinha. Os gabinetes, a lavadora e a secadora representavam as grandes melhorias do porão sombrio que ela freqüentará anos atrás. Era difícil circular entre teias de aranha e umidade.

Equilibrando as roupas em um braço, Kate abriu a porta e tateou a parede à procura do interruptor. De repente, algo se moveu na escuridão, roçando-lhe o braço. Então criaturas uivantes correram entre suas pernas. Pega de surpresa, ela gritou e pulou para trás.

Donovan apareceu segundo depois.

— Kate?

Trêmula de susto, ela trombou no ombro musculoso. Quente. Sólido. Terrivelmente desejável.

— Havia alguém lá fora? — Donovan espiou o bosque pela janela da lavanderia.

Comporte-se, ela pensou consigo mesma e se afastou.

— Não. Eu abri a porta e os animais correram. Pelo menos, dois esbarraram em mim. Fiquei tão assustada que quase desfaleci.

— Que tipo de animais? Morcegos?

— Foi tão rápido que não pude ver. Esquilos talvez ou ratazanas.

— Vim do quarto e não vi nada. Portanto, deve ter corrido para a cozinha.

Vasculharam a cozinha e a sala de jantar. Nenhum sinal dos bichos. Donovan acendeu as luzes da sala de estar, revelando três gatos do mato. Um malhado encolhia-se no canto, enquanto um manchado e um preto fugiam dos intrusos.

Donovan fechou a porta da cozinha.

— Eles querem sair. Fique aqui enquanto abro as portas de correr.

O ar gélido invadiu a casa, mas os gatos compreenderam a estratégia assim que Donovan se afastou das portas. Um por um, precipitaram-se ao deque e sumiram na escuridão do bosque.

— Todos saíram?

— Acho que sim. Sinto-me idiota por me apavorar com os gatos, mas na hora pensei estar sendo atacada por doninhas enfurecidas ou coisa pior.

— Quem espera encontrar invasores selvagens na lavanderia? — Donovan trancou as portas.

— Agora entendo nossos ancestrais caçadores. E se aqueles gatos fossem tigres com dentes de sabre? Eu já jantei. Por falar nisso, os pobrezinhos estão magros demais. E está tão frio lá fora. Por acaso, você tem ração para gatos?

— Meu suprimento de atum em lata deve sustentá-los durante a noite. Amanhã providenciarei dois pacotes de ração.

Kate sempre alimentara os famintos abandonados. Ginger Bear vivia nas ruas quando ela o adotara. Enquanto Donovan tentava descobrir como os gatos haviam entrado, ela abriu duas latas de atum e despejou o peixe em potes rasos, na esperança de que os felinos encontrassem o alimento antes que congelasse.

Então retornou à lavanderia, recolhendo as roupas que Donovan largara quando a escutara gritar. Tinha acabado de jogá-las na máquina quando ele apareceu à porta.

— Que animais engenhosos — comentou. — Conseguiram entrar pela calefação. Rasgaram o isolamento e se esgueiraram pelo duto quente. — Donovan apontou a outra extremidade da lavanderia. — Aquela ventilação estava um pouco solta, o que os ajudou a derrubá-la para entrarem aqui. Deviam estar entrando e saindo há dias.

— Aconchegante. — Kate olhou ao redor. Uma pilha de toalhas dobradas sobre a secadora indicava que um deles havia dormido sobre os tecidos felpudos. Devia ser o gato que esbarrara em seu braço.

Fez menção de ligar à lavadora quando escutou um miado fino. Parecia ter vindo do vão entre a lavadora e a secadora. Ela se abaixou para investigar e viu um par de olhos verdes a fitá-la.

— Alguém ficou para trás.

Ajoelhada, esticou os braços e agarrou o gatinho com as duas mãos. O filhote esperneou e miou, mas, após um momento, acalmou-se e a fitou, assustado.

Cuidadosa, Kate se levantou. Era uma gatinha cinza com mechas suaves brancas e marrons e não pesava quase nada. Seu coração se derreteu ao ver o animalzinho encará-la.

— Oh, Patrick, ela tem lindos olhos verdes.

Duvidoso, Donovan olhou o gato.

— Conheço essa voz. Como cuidaremos de um gato, se temos de viajar regularmente?

— Podemos deixá-la com minha mãe quando estivermos fora. Julia gosta de gatos. — Kate acariciou o bichano. — Não posso soltá-la no bosque. Ela deve ter; dois ou três meses apenas. É impressionante ter sobrevivido a um inverno tão rigoroso.

— Ela? Tem certeza?

— Ela é azul creme, uma das variações dos gatos tricolores, que em geral são fêmeas. — A gatinha fincou as garras no braço de Kate e o escalou até o ombro. — Existe o calico, o pelo de tartaruga e o azul creme, uma variação esmaecida do pêlo tartaruga, que é mais cinzento e possui mechas brancas.

— Pensar que vivi tantos anos sem saber disso.

Kate tirou o filhote da malha e o entregou a Donovan.

— Segure-a, valentão.

Ele ergueu a gata. Ambos se fitaram.

— Você está certa. Ela tem olhos lindos.

O tom de voz atingiu Kate com tamanha intensidade que a fez recordar a noite em que tinham se conhecido. Donovan demonstrara a mesma expressão quando tomara a prima Lissie nos braços. Kate concluía que ele seria um pai maravilhoso. Chegara a sonhar, após o casamento, com os filhos que teriam quando enfim se estabelecessem em suas carreiras.

Crianças saudáveis e travessas com o bom humor do pai, e ela as amariam tanto que jamais conheceriam a dor que às vezes via nos olhos de Patrick. Os sonhos desapareceram depois de abandonar o marido, mas agora lamentava os filhos perdidos.

— A gatinha gostou de você.

— Não me venha com essa. Já escolheu o nome dela?

— Ela tem muita energia. Que tal Dinamite? Dina, para simplificar.

— Deixe-me adivinhar. O próximo passo é um cachorro chamado Detonador.

— Se encontrarmos um cão abandonado nos dutos de calefação — Kate brincou —, certamente.

Donovan acariciou a orelha minúscula de Dina.

— Sobrou atum?

— Sobrou uma lata, além do litro de leite que compramos a caminho de casa. — Kate pegou a gata, pensando que a sensação de lar estaria completa, se houvesse um bebê. Mesmo que fosse um filhote de gato.

CAPÍTULO XXVI

Pelo restante da noite, Dina explorou sua nova casa sem medo. Ela se adaptou instantaneamente ao conceito de ninho, o qual Kate improvisou com uma velha caixa de sapatos.

Ao se deitar, Kate deixou a porta do quarto, entreaberta. Evidentemente, pouco depois de apagar as luzes, ela sentiu um puxão na coberta quando a gata saltou e cravou as garras na colcha para subir na cama.

Com uma pancada audível, Dina jogou seu corpinho no colchão e se enrolou a alguns centímetros do ombro de Kate. Na manhã seguinte, a gata ainda dormia profundamente no mesmo lugar. Sem dúvida, era um felino especial. Kate se aprontou para o primeiro dia no escritório da PDI com um sorriso.

A Phoenix Demolições estava situada em um velho moinho na periferia de Baltimore.

Kate seguiu Donovan no carro de Sam e estacionou ao lado dele atrás do escritório.

Ainda era cedo, portanto, havia somente mais um veículo no estacionamento.

Kate sempre amara o velho moinho de pedra. Aos treze anos, pesquisara a arquitetura colonial quando o pai decidira restaurá-lo, para que o trabalho fosse feito corretamente. Ela se divertira ao impor suas idéias ao pai e ao empreiteiro.

Janie Marino, a gerente administrativa, achava-se sentada à mesa da recepção, sob um enorme quadro que detalhava o andamento dos projetos da PDI. Uma mulher atraente com mechas grisalhas nos cabelos pretos, ela fora a segunda funcionária a ser contratada depois de Luther Hairston.

— Olá, Kate. Que bom vê-la de novo — Janie disse. — Excelente trabalho em Las Vegas, Donovan. Ontem, vimos o vídeo que Luther trouxe. — Ela beijou as pontas dos dedos. — Magnífico.

— A demolição foi boa. Ted já deu notícias do Brasil? Ele me deixou uma mensagem ontem, dizendo que queria conversar a respeito do hotel a ser implodido no Rio de Janeiro.

— Ele ainda não telefonou. Há tempo para um café e um pequeno tour, se Kate quiser.

— Quero, sim. Deve ter havido muitas mudanças.

— Nem tantas — Donovan replicou. — Todos aqui vivem ocupados demais para se preocupar com mudanças desnecessárias.

Kate se serviu de café e caminhou em direção ao escritório de seu pai. Não estava preparada para o baque ao ver a sala ensolarada, com o relógio cujos ponteiros eram feito de dinamites e o odor suave de charuto.

Papai. Oh, papai.

— Não me acostumo com o fato de que Sam não vai voltar — Janie comentou atrás dela. — Eu o vejo em cada canto.

— Se estiver perambulando por aqui, ele é um fantasma do bem — Kate comentou.

— Do bem, uma ova. Ele me mandava fazer três coisas ao mesmo tempo e em menos de meia

hora. — Janie voltou a sua mesa.

Donovan parou à soleira da porta.

— Ainda não sei o que fazer com esta sala. Ninguém quer usá-la. Eu mesmo não conseguiria.

A sala espaçosa possuía uma pequena lareira e uma vista do bosque e do riacho. No verão, patos nadavam naquelas águas serenas.

— O prédio não está lotado?

— Não. Temos apenas quinze funcionários e ainda há espaço. Por quê? Seria doentio manter o escritório de Sam como um santuário.

— Transforme-o em um refeitório para os funcionários. Com o sol e a vista, é um dos melhores lugares do prédio — ela sugeriu. — Serão necessários um balcão, uma pia e um toque decorativo, como pintura, dois sofás, cadeiras e mesas. É fácil. Assim que as pessoas começarem a esquentar suas refeições aqui, elas superarão o desconforto.

— Ótima idéia! Acaba de criar seu primeiro projeto independente. Rascunhe uma planta e um orçamento para mim. Se puder manter o custo baixo, começaremos agora mesmo.

— Certo. Mas continuarei a fazer o trabalho de campo.

— Claro. Venha a minha sala. Gosto do segundo andar porque é mais silencioso. Sam preferia ficar no meio da função.

No patamar de cima, a engenharia e a contabilidade foram expandidas, mas, como dissera Donovan, não houvera muitas mudanças. A sala de Donovan ficava sobre a de Sam.

Uma das paredes estava forrada de livros e lembranças de diferentes implosões. Na extremidade oposta, havia um quadro branco para anotações e o diploma de engenheiro da Loyola. Era útil para administrar um negócio, mas aquele papel lhe custara noites e fins de semana de estudos.

Kate apontou o mantel de madeira elaboradamente esculpido.

— Não pertence à época em que o moinho foi construído, mas é uma bela peça. De onde veio?

— Eu a resgatei em um hotel em Boston. — Donovan colocou a caneca de café sobre a mesa impecavelmente organizada. — Pensei em lhe ceder à sala do outro lado do corredor. Está vazia desde que Nick saiu.

Antes que Kate pudesse responder, uma voz feminina ecoou no interfone sobre a mesa.

— Donovan, Ted está na linha dois, telefonando do Rio de Janeiro.

Ele pegou o telefone.

— Como estive fora, o dia será uma loucura. Não terei tempo para trabalhar com você. Tente não se meter em encrencas.

A sala de Kate tinha o mesmo tamanho que a de Donovan e uma vista tão agradável quanto à dele. Fitou a floresta. Um único cardeal avermelhado causava um contraste significativo na paisagem invernal. Certa vez, sonhara em trabalhar na PDI, ela e Donovan como companheiros na vida e na profissão. Fora há muitos anos.

Na hora seguinte, ela vagou pelo prédio. A PDI sempre tivera pouca rotatividade de funcionários, logo, conhecia a maior parte deles. Aos demais, ela própria se apresentou.

Todos a receberam com gentileza por princípios e, ela desconfiava, por ser a filha de Sam, o que originava uma sensação de continuidade. Ficou feliz em voltar.

Seria difícil partir novamente.

Donovan verificava a correspondência quando o interfone tocou outra vez.

— É melhor descer — a recepcionista avisou. — Há manifestantes aqui.

Praguejando, ele correu pela escada e encontrou Kate e a recepcionista à janela da frente. Do lado de fora, pessoas de todas as idades saíam de carros, a maioria portando cartazes com os dizeres: “*A Segunda Batalha do Concord*” e “*Para o Inferno Não Iremos*”.

— Você previu que quando o inverno atenuasse os manifestantes apareceriam — Kate lembrou.

O carro de uma emissora de TV parou no terreno.

— Luther ligou do Concord Place minutos atrás — Donovan disse. — Há um protesto ao redor do prédio, mas não pensei que fariam um piquete a nossa porta.

Ele vestiu o casaco e saiu. Kate o seguiu. Os manifestantes marchavam em linhas organizadas. Donovan supôs que deviam ser os moradores do Concord Place. Somente dois dos cinco edifícios do condomínio estavam vazios. Os outros ainda abrigavam pessoas que não tinham para onde ir e estavam sob ordem de despejo.

Donovan compreendia a manifestação, mas ver aquela gente protestando era um aborrecimento, uma publicidade negativa para a PDI.

Um homem corpulento, usando uma jaqueta do exército, explodiu:

— Seus cretinos, vocês estão expulsando minha mãe da própria casa!

— A decisão de demolir o Concord Place foi tomada pela Prefeitura, não por nós. Pelo que eu soube, os atuais residentes têm prioridade para ocupar as casas populares que serão construídas.

— Que benefícios isso nos trará agora?

Uma câmera filmava o confronto. Donovan fechou os punhos, embora soubesse que o chefe da PDI não podia se meter em uma briga. Mas se o homem desse o primeiro murro...

Kate se colocou entre eles.

— A desapropriação é uma tragédia, eu sei, mas o conjunto habitacional de casas será mais seguro e atraente.

— Se for construído! — o manifestante retrucou. — O que importa agora é que minha mãe está perdendo a casa e os amigos de mais de trinta anos. Eu e meus irmãos crescemos lá.

— Isso é péssimo. A moradia é um dos problemas urbanos mais importantes que hoje enfrentamos nos Estados Unidos. — Kate então iniciou um discurso eloqüente, e infinito, sobre a política urbana. A equipe de reportagem não estava lá para aprender a respeito da complexidade da lei de moradia. Sem brigas para filmar, eles se retiraram.

Quando os manifestantes começaram e dispersar, um hippie de barba grisalha e cabelos presos; aproximou-se.

— Eu devia saber que estava por trás disso, Steve — Donovan atacou.

— Foi uma grande oportunidade, não foi? A manifestação no centro não ocupará muito tempo no telejornal. Mas isto, pessoas perdendo suas moradias, levadas pelo desespero a se aventurar pelo bairro dos ricos de Baltimore, vai virar notícia.

— Poupe-me — Donovan disse.

— Você conhece essa figura? — Kate perguntou.

— Este é Steve Burke, líder do Centro de Moradia St. Francis. Ele faz coisas muito boas e algumas muito estúpidas.

— Donovan nos ajudou nos fins de semana, quando restauramos casas em ruínas — Burke explicou. — Um de meus voluntários mais valiosos.

— E é assim que retribui.

— Farei qualquer coisa para que vocês, elitistas pretensiosos, pensem no que acontece na cidade. Claro, um dia haverá casas populares no terreno do Concord Place, mas existirá apenas metade das moradias que o condomínio agora abriga e onde os desalojados morarão até lá?

— É uma questão séria, Sr. Burke. Mas não adianta confrontar a PDI por causa de uma decisão que já foi tomada pelo órgão habitacional da Prefeitura.

O manifestante fatigado argumentou:

— É o que os nazistas dizem: “Apenas cumprimos ordens”. Mas são vocês que fazem o trabalho sujo.

— Joe e eu brigamos com a Prefeitura sem sucesso — Burke contou. — Então resolvemos apelar para a mídia. Com sorte, forçaremos os engravatados a encontrar moradia para as pessoas despejadas.

— Não recrimino seus objetivos — Donovan retorquiu —, mas não me agrada usar a PDI como bode expiatório.

Antes que a discussão se prolongasse, Kate a encerrou.

— Tenham um bom dia, cavalheiros. Não digo que foi um prazer conhecê-los, mas foi interessante. — Ela segurou o braço de Donovan e marchou com ele para o escritório.

— Obrigado por espantar a imprensa — ele agradeceu quando entraram. — Nada como consistência para afugentar a mídia.

Kate sorriu.

— Esse trabalho é incrível, Donovan. Nunca há tédio.

Após o tenso confronto, Kate voltou a sua sala e tentou se instalar. Apesar de a manifestação ter terminado pacificamente, Burke e seu assistente, Joe, mostraram-lhe como os homens podiam ser perigosos oponentes. Jamais pensara nas dimensões políticas do trabalho da PDI. Havia muito a aprender.

Ela rabiscou alguns layouts para o espaço dos funcionários e, por fim, largou o lápis para pegar o telefone. Como não tinha muito a fazer naquele dia, seria uma boa oportunidade para visitar a mãe. Julia atendeu ao primeiro toque.

— Olá, mãe. Posso levá-la para almoçar?

— Seria ótimo. Não acredito que a estou vendo duas vezes em dois dias, quando durante anos nem sequer a vi duas vezes por ano.

Kate combinou de encontrá-la em um restaurante que ficava entre a casa de Julia e a PDI. Quando desligou, pensou em quão fácil era ver a mãe. Estranho, mas incrivelmente bom.

CAPÍTULO XXVII

Kate já estava à mesa quando Julia chegou a Valley Inn, um restaurante local.

— É um calmante ver como este lugar mudou tão pouco — Kate comentou. — Não é como na Califórnia, onde as coisas se transformam constantemente.

— Ninguém jamais acusou Baltimore deste crime. — Julia beijou a face da filha.

Durante anos, dissera a si mesma que cabia aos filhos voarem para longe do ninho, mas, no fundo, fomentara o desejo reacionário de que Kate e Tom morassem a cinco minutos dela.

Muito se perdia por causa da distância. Não os grandes dramas da vida, mas os breves momentos de conversa, risadas e trivialidades que eram à base de um relacionamento.

Após terminarem a sobremesa e degustarem a segunda xícara de café, Julia perguntou:

— Quando esteve em São Francisco, você falou com seu amigo Alec?

— Ele tinha acabado de chegar de viagem, mas consegui me despedir pessoalmente.

Então Kate terminara o namoro. Julia não sabia se estava grata ou triste.

— Ele é um jovem intrigante, mas um país inteiro é longe demais.

— Foi o que pensei — Kate disse. — Não sei se você soube, mas o Departamento do Corpo de Bombeiros está investigando a morte de Sam. Não chegaram a uma avaliação conclusiva do acidente, no entanto, acreditam que um viciado em implosão invadiu o lugar e adulterou os explosivos sem saber o que fazia.

— Meu Deus, eu me esqueci completamente da investigação.

— Estão se esforçando, mas talvez nunca cheguem a uma conclusão.

Julia pretendia, quando estivesse pronta, contar a verdade aos filhos. Talvez nunca se sentisse preparada. Logo, não valia mais a pena esperar.

— Há algo que devo contar a você e aos investigadores. Um mês antes de morrer, Sam descobriu que tinha câncer no pâncreas.

A filha ficou pálida.

— Meu Deus.

Julia também ficara chocada quando o médico anunciara que o marido tinha um dos cânceres mais letais. Como alguém tão vigoroso como Sam pudera criar uma doença assassina dentro de si? Mas a veracidade do diagnóstico fora evidente.

— Disseram que ele teria cerca de três ou quatro meses de vida. O câncer estava bem avançado quando ele morreu. Sam não agüentaria uma vida normal por muito tempo, caso não tivesse morrido na explosão.

— Por que não me contou antes? Saber que ele não perderia décadas de vida, somente semanas ou

meses, tornaria a morte mais fácil de aceitar.

— Eu ainda tentava assimilar a dura realidade. Desconfio de que a morte de Sam não tenha sido acidental. Estou... Quase certa de que ele próprio acionou o detonador.

— Entendo — Kate murmurou trêmula. — Ouvi dizer que as pessoas temem mais o medo de morrer do que a morte em si. Sam deve ter odiado o que estava por vir. Que melhor maneira de morrer, se não em uma implosão na hora e no lugar de sua escolha?

— O acidente ocorreu logo depois de ele organizar seus bens e finanças. Não acredito que seja uma coincidência. Tomei as providências necessárias para que seu pai tivesse os devidos cuidados em casa, em vez de morrer ligado a tubos e agulhas no leito de hospital. Eu até comecei a estocar analgésicos.

Julia, com as mãos trêmulas, segurou a xícara de café.

— Mas, no final, Sam garantiu que eu não passasse por nenhuma dificuldade. Sempre insistiu em cuidar de mim. Ele teria alegado que preferia morrer antes a me enterrar. Mas ele me roubou a oportunidade de mostrar que eu era mais que uma boa dona de casa, a chance de cuidar dele, de fazer o que qualquer mulher faria pelo homem que ama.

— Oh, mãe, como deve ter sofrido! Foi típico de Sam decidir poupá-la sem considerar se era isso o que você queria.

Por um longo momento, elas eram duas mulheres que tinham amado o mesmo homem teimoso. Julia sentiu que o relacionamento com a filha tornava-se mais maduro.

— Pareço egoísta, não? Se ele tivesse morrido em agonia, eu teria provado minha lealdade. Claro que eu não queria isso. Mas quando Sam morreu subitamente, eu me senti... Traída.

— E zangada. Também estou zangada com ele.

— Não estou zangada com seu pai, querida. Na verdade, estou furiosa. Meu marido cabeça-dura furtou de mim o tempo que ainda tínhamos. Não estou pronta para deixá-lo ir.

A raiva suprimida emergiu em sua forma mais pura. Então eram assim os rompantes italianos de Sam. Talvez nas ocasiões em que gritara com ela, Julia devesse ter rebatido no mesmo tom.

Kate segurou-lhe a mão até a raiva atenuar.

— Sam não permitiu que eu me despedisse — Julia murmurou. — Que lhe dissesse quanto o amava.

A filha a fitava com os olhos sofridos do pai.

— Se existe algo de que tenho a mais absoluta certeza é que Sam sabia quanto você o amava. Você era a alegria da vida dele, mãe. Muito mais importante que explosivos.

— Certamente, não cheguei a tanto, filha.

— Imagino que Sam não tenha contado a ninguém sobre o câncer.

— Só eu e Charles Hamilton sabíamos. — Julia puxou a mão ao pensar no que ela e Charles haviam feito. — Charles precisou saber para ajudá-lo a organizar os negócios adequadamente. Nunca questionou o testamento bizarro que uniu você e Patrick outra vez?

— As condições malucas fazem mais sentido, porque agora sei o que ele estava enfrentando. Não era o testamento de um homem que esperava viver mais trinta anos. Sam sabia que Donovan e eu ainda estávamos solteiros. Portanto, sua manipulação tinha, ao menos, uma chance remota de funcionar.

— Está funcionando?

Kate corou.

— Claro que não. Eu e Donovan conseguiremos sobreviver um ano sob o mesmo teto, imagino. Começamos, inclusive, a fazer as pazes com o passado. Mas isso não apaga o que nos separou.

— O que os separou? As pessoas mudam em dez anos. Se Patrick fez uma tolice, isso não significa que é incapaz de ser um bom marido. Ele era muito jovem. As pessoas cometem erros.

Kate conteve a necessidade de confessar a verdade.

— Donovan e eu cometemos nossas cotas de erros.

Como resposta, era verdade, mas não explicava muita coisa.

Mais uma vez, Donovan foi interrogado por Stanski e um investigador da Polícia Estadual, o tenente Miller, um negro de meia-idade com rosto enganosamente gentil e olhos astutos. Quando saíram da PDI, todos os funcionários já haviam encerrado o expediente.

Todos exceto Kate. Após acompanhar os investigadores à porta, ele percorrera o prédio a fim de verificar se todas as portas estavam trancadas e voltara a sua sala para buscar o casaco e a chave do carro. Kate achava-se agachada ao lado da mesa. A visão foi excitante.

— O que ainda faz aqui? — Donovan perguntou. — O prédio está tão deserto que uma nevasca deve estar se aproximando.

— Uma chuva de granizo, na verdade. Janie perguntou se podiam sair mais cedo e eu consenti.

— Quanta generosidade.

— O que posso fazer se ela me vê como autoridade quando sou apenas uma humilde estagiária?

— Você possui a autoridade natural de uma princesa da elite de Baltimore.

— Pensei que os investigadores nunca mais fossem embora. Por que demoraram tanto?

— Eles tendem a acreditar na teoria do viciado em implosões, o que acarretaria na morte acidental de Sam. Mas é possível que o responsável fosse louco o bastante para tentar matar alguém. — Após um instante de hesitação, Donovan resolveu contar tudo. — Perguntaram se eu podia identificar alguns fragmentos de componentes eletrônicos que encontraram nos escombros. Não pertenciam ao equipamento da PDI. Não sei ao certo, mas podem ser restos de um detonador controlado por rádio.

— Quer dizer que alguém plantou um dispositivo remoto e o detonou a uma distância segura?

— É possível. Se a análise laboratorial da polícia chegar a essa conclusão, o processo se tornará uma investigação de homicídio.

— Não foi assassinato, Donovan. Almocei com Julia e ela me contou que Sam tinha câncer no pâncreas e apenas alguns meses de vida.

— Câncer? — O choque inicial foi substituído por alívio. — Quer saber, isso não me surpreende.

Sam andava muito cansado e havia perdido peso. Também negligenciava o setor administrativo, algo incompatível com ele. Pensei que estivesse sobrecarregado e aborrecido com a saída de Nick e logo superaria o problema. Talvez seja uma bênção aquele viciado escolher o Jefferson Arms para surtar.

A expressão de Kate ficou tensa.

— Julia acredita que Sam acionou o detonador de propósito.

— Sam não se mataria — Donovan afirmou categórico.

— Não? Considero a idéia de ele lançar mão de um gesto dramático. Faz seu estilo. Somente Sam sairia despedaçado como o último ato de adeus.

— Você e Julia são protestantes. Portanto, não foram criadas sob a doutrina católica de que o suicídio é um pecado, ou seja, uma passagem direta para o inferno. Como católico devoto, Sam não tiraria a própria vida. Tenho certeza.

— Está dizendo que nenhum católico apressaria o fim, se estivesse morrendo?

— Talvez, se o fim estivesse próximo e o sofrimento, insuportável — Donovan admitiu. — Mas Sam não tinha chegado a esse ponto. Ora, era um guerreiro. Não se atiraria da torre quando ainda lhe restavam semanas ou meses de vida à frente. Se os médicos lhe disseram que pacientes com câncer no pâncreas morrem em três meses, ele seria o primeiro a provar o contrário.

— Entendo o que diz, mas a morte iminente pode mudar a situação. É difícil afirmar o que a pessoa fará em circunstâncias extremas.

— É verdade, mas a morte dele foi muito súbita. Sam desejaria vê-la uma última vez, mesmo que não lhe dissesse o motivo. Além disso, pouco antes da explosão, ele disse que talvez telefonasse para Tom. Sei que ele tentaria uma reconciliação antes de morrer.

— Acha mesmo?

— Tenho certeza, Kate. Conte para Tom o que ele me disse. Sabendo estar à beira da morte, Sam deve ter decidido deixar o orgulho de lado.

— Espero que esteja certo. Ainda não me convenci de que Sam não explodiu aquele prédio de propósito.

— Nesse caso, vou lhe dar um motivo ainda mais convincente. Sam nunca faria nada que prejudicasse a empresa. Tinha orgulho de a PDI jamais ter causado nenhuma fatalidade. Ele não arruinaria o recorde matando-se no trabalho. Ou não teria usado um detonador no Jefferson Arms.

— Faz sentido — Kate disse ainda perturbada. — Mas a doença de Sam traz à tona outra possibilidade. Poderia alguém muito próximo a ele saber do câncer e decidir dar a Sam uma morte rápida e indolor para que não cometesse o pecado do suicídio?

— Santo Deus. — Donovan pensou a respeito e meneou a cabeça. — Duvido. Mesmo que alguém na PDI soubesse, ninguém teria a arrogância de bancar Deus com a vida de Sam. Eu não faria isso. Espero que acredite em mim.

— Se diz que não faria, eu acredito em você.

Eles se entreolharam. Donovan sabia que devia se afastar, mas não conseguiu. A corrente erótica

de sempre agora fluía velozmente. Seria fácil beijá-la. Se ela correspondesse, seria por escolha própria, não por desespero.

— Se a chuva de granizo estiver se aproximando, devemos ir embora — Kate disse.

Tenso, ele resistiu ao desejo de tocá-la.

— Quer uma carona? O Jeep é a melhor opção, se as ruas estiverem ruins.

Kate olhou pela janela.

— Nem neve nem granizo. Vou usar o carro de Sam. Melhor guardá-lo na garagem e deixá-lo aqui e ter de raspar o gelo amanhã.

Ela saiu da sala, enquanto Donovan olhava pela janela, desejando que o gelo circulasse em suas veias.

Julia comparecera à reunião do comitê após o almoço com Kate, mas, por fim, teve de voltar para casa. Nunca se importara em vagar pelas salas vazias quando o marido estava vivo, porque Sam logo chegaria preenchendo os cômodos silenciosos com seu vozeirão e personalidade efusiva.

Como ele agora jamais voltaria, restava-lhe somente a dor. Achava curioso corresponder à paixão de Charles, embora estivesse ciente do vazio que a morte de Sam deixara. O abençoado Charles entendia e não se ressentia.

Pensando se esquentaria ou não um pouco de comida para o jantar, Julia notou luzes na sala da família. Resolveu investigar e se espantou ao ver um homem alto e moreno ajoelhado diante da lareira. Donovan tinha as chaves da casa, mas aquele não era ele. Era...

— Tom!

Ele se levantou.

— Lamento se a assustei, mãe, mas vim por impulso. Quando liguei do aeroporto, a secretária eletrônica atendeu. Felizmente, você não trocou as fechaduras.

— Querido, que surpresa maravilhosa! — Julia o abraçou, esquecendo a depressão. Embora não tivesse havido um rompimento formal, ela poderia contar o número de vezes que o vira na última década. — Após tê-lo decepcionado, nunca imaginei que o veria nesta casa outra vez. Sinto muito, Tom. Por tudo.

— Sou eu quem lhe deve desculpas, mãe. Uma parte infantil de mim queria que agisse de outro jeito, mas minha cabeça e meu coração, não. Você me apoiou em vários momentos. Nada poderia romper seu casamento, o que seria uma fatalidade para você e Sam.

— Não acredito que não guardou nenhum ressentimento.

— Só um pouquinho, mas já passou. — Tom se ajoelhou diante da lareira, onde já havia empilhado a lenha. — Eu deveria ter vindo antes. Quando lhe disse que não podia comparecer ao enterro de Sam porque um amigo estava morrendo, foi parte da verdade. Para ser franco, tive medo de voltar. Medo das lembranças ruins, eu acho. Então Donovan me passou um sermão quando o encontrei em São Francisco. Ele me fez ver o quanto eu me comportei mal.

— É muito duro consigo mesmo. Suponho que tenha herdado essa rigidez de mim. Mesmo após tantos anos, eu me recrimino porque podia ter lidado com a situação de outra maneira.

— O que aconteceu depois que parti?

— Eu disse a Sam que, embora ele o tivesse renegado, eu não rejeitaria meu filho. E, se tivesse objeções quanto a manter contato com você, eu pediria o divórcio.

Tom acendeu o fogo.

— Imagino que ele tenha recuado.

— Acho que seu pai ficou aliviado por eu o ter enfrentado. Era um jeito indireto de saber como você estava. Ele não conseguia se libertar dos preconceitos, mas o amava demais para perdê-lo por completo. Sam nunca tirou suas fotos da parede.

Tom fitou as primeiras chamas que consumiam a lenha.

— Como Sam era convoluto.

— Estar em Baltimore é tão ruim quanto esperava?

Devagar, Tom esquadrinhou a sala que abrigava o sofá que ele e Kate haviam partilhado com amigos, as poltronas preferidas de Julia e Sam e o canto onde sempre montaram a árvore de Natal.

— Não. Há mais lembranças boas que más. — Ele sorriu. Em São Francisco, se encontrara. Em Maryland, sua presença curava uma dolorosa separação familiar de dez anos.

— Fico feliz. — Julia passou o braço ao redor de Tom. — Quer coq au vin para o jantar?

Foi impressionante notar que seu apetite havia voltado rapidamente.

Na manhã seguinte, Kate estudou a foto da manifestação do Concord Place na primeira página do *Sun*. Como Burke previra os manifestantes diante do moinho histórico da PDI viraram notícia. A imagem impressa identificava Burke e seu amigo, Joe Beekman.

Felizmente, nem ela nem Donovan foram incluídos. Por impulso, pegou o telefone e ligou para o escritório de Val Covington.

— Olá, Kate. Eu pretendia ligar para você. Está disponível para o almoço em duas semanas? Rachel voltará da Austrália e pensei que seria divertido nos reunirmos no Morgan Millard.

— Excelente idéia. — Depois de combinar os detalhes, Kate pediu: — Além de ótima advogada, você sabe fazer pesquisas aprofundadas. Poderia descobrir os antecedentes de dois homens para mim?

— Posso tentar — Val aceitou; cautelosa. — Eles são daqui?

— São manifestantes do Concord Place. Provavelmente, estão apenas fazendo barulho, mas achei útil descobrir se são capazes de cometer vandalismo quando cercarmos o terreno para a implosão.

— Vale à pena pesquisar. Passe-me os nomes.

Kate soletrou os nomes e agradeceu a Val. Talvez nenhum dos dois tenha algo a ver com a morte de Sam, mas não seria um sofrimento atroz obter maiores informações a respeito deles.

CAPÍTULO XXVIII

— Até a noite! — Donovan gritou da porta da garagem.

Kate desviou a atenção do jornal.

— Divirta-se. Mande lembranças a Connie e Frank por mim.

— Pode deixar. — A porta se fechou e Donovan partiu para passar o sábado ajudando seu tio Frank a reformar um banheiro em mais uma daquelas empreitadas que os homens adoravam.

Connie, esperta como ela só, encorajava tais projetos. Sua casa certamente se beneficiava. No fim de semana anterior, ela convidara Kate e Donovan para jantar. Fora bom ver os Russo outra vez, embora Kate soubesse estar sendo avaliada e julgada pelo pecado de abandonar Donovan. Ao final da noite, os tios pareceram aceitá-la.

Terminado o jornal, Kate se levantou e lavou a caneca. Morava em Brandy Lane havia três semanas e, exceto pelo primeiro dia na PDI, a vida transcorria em paz. Donovan resmungara várias vezes acerca do alto índice de estranhos acidentes nos terrenos a implodir, mas, fora isso, a empresa ia bem.

Ela entrara em uma rotina onde o trabalho administrativo alternava com o treinamento de campo sob a supervisão de Luther no Concord Place. À medida que os preparativos prosseguiram, as manifestações cessaram principalmente porque a pressão de Steve Burke constrangera a Prefeitura a ponto de levá-la a procurar moradia para os residentes do condomínio.

No bosque, os primeiros sinais da primavera surgiam. No dia anterior, sexta-feira, Kate inaugurara oficialmente o recanto dos funcionários, oferecendo-lhes um almoço. Quando, por fim, eles saborearam a torta de maçã, qualquer desconforto quanto ao espaço ter pertencido a Sam havia desaparecido.

Estava na hora de se aprontar. Naquele dia, ela almoçaria com Val e Rachel. Pena Tom ter voltado para São Francisco, pois, do contrário, ele lhes faria companhia. Havia sido ótimo ter o irmão em Baltimore por alguns dias. Julia ficara radiante e as tias e tios o receberam de braços abertos e quilos de massas. Se o fato de Tom; ser gay os incomodava, não demonstraram.

Antes de encontrar as amigas, Kate tinha uma consulta com o veterinário para vacinar a gata.

— Dina, venha com mamãe.

A gata, Dinamite, estava dormindo, mas quando Kate a chamou ela resolveu que era hora de brincar. Dina possuía dois ritmos: euforia total e coma. Naquele momento, achava-se em estado de atividade. De rabo em pé, a gatinha correu para o quarto e se escondeu embaixo da cama.

Kate se deteve à porta. Era o quarto de Donovan. Entrar lhe pareceu uma invasão de privacidade, mas precisava pegar a gata.

— Dina, sua diabinha, onde está você? — Ela se deitou sobre o tapete e espiou embaixo da cama.

Dina estava próxima à parede e ludibriava as tentativas da dona de agarrá-la. Quando a gata correu para o pé da cama, Kate conseguiu segurá-la. Dina se debateu, miando. Em meio à luta, o dedo de

Kate ficou em algo pontiagudo.

Um brinco de mulher estava preso entre o pé da cama e a parede. Com cuidado, soltou o adereço feminino. Longo e cintilante, o brinco era uma criação de contas e pedras. Devia pertencer a uma das namoradas de Donovan, uma mulher com estilo. Kate teve vontade de esmigalhar o brinco.

Irritada, levantou-se. Por que a prova cabal de outra mulher a aborrecia muito mais que o conhecimento abstrato?

Como por encanto, Dina surgiu e esfregou a cabecinha no queixo de Kate, como se soubesse que a mãe adotiva precisava de acalento. Ela abraçou a gata e acariciou o pelo macio. Por isso, as solteiras tinham gatos. Eram mais confiáveis que homens.

Assim que Kate chegou ao restaurante, o maître a levou até a mesa, à qual as amigas a esperavam.

Morgan Millard era um antigo restaurante vizinho a Roland Park, onde Kate crescera.

Adorava a atmosfera confortável e a boa comida. Quando se aproximou, Val Covington se levantou para recebê-la. A pequena ruiva a abraçou com carinho.

— Você está ótima, Kate. Maryland lhe faz bem.

— Também me parece, ótima, Val. Sua vida amorosa deve estar florescendo.

— Nem tanto. Aderi ao celibato agora. Muito fortalecedor, como dizem as feministas teóricas.

— Celibato? Não vai durar. — Kate cumprimentou Rachel e outra velha amiga. — Laurel, que maravilha!

Laurel Clark se ergueu, toda Nova York em roupas pretas e tiara nos cabelos cor de canela. Era difícil imaginá-la em um vestido branco de debutante.

— Val me persuadiu a vir lhe fazer uma surpresa.

Kate a abraçou com alegria. As cinco integrantes do Círculo de Friends outrora haviam sido como irmãs. Tinham seguido direções distintas após a formatura, porém, mesmo depois de tantos anos, se uma precisava de um ombro, sabia que a outra estava a apenas um telefonema de distância.

Quando se encontravam pessoalmente, meses e anos desapareciam e a conexão se refazia instantaneamente. Kate suspeitava de que, se tivessem se encontrado na idade adulta, nunca se conheceriam o suficiente para se tornarem amigas. Mas haviam partilhado um passado e a confiança verdadeira havia forjado o vínculo.

Kate se voltou para Rachel. Morena e formidavelmente composta, Rachel parecia o tipo de médica que qualquer um confiaria. Ela sempre quisera estudar medicina e perseguira seu objetivo com uma determinação que assustara Kate.

— Como foi na Austrália?

— Agitado. Quente. Eu deveria ter ficado mais algumas semanas até que a primavera se instalasse neste hemisfério. — Rachel abaixou a voz. — Lamento pela morte de seu pai.

— Recebi a mensagem que me enviou. Obrigada. — Além de oferecer condolências, Rachel escrevera sobre do choque que sentira quando havia perdido a mãe, mostrando uma compreensão tão profunda que fez Kate chorar. A morte de Sam representara uma perda para Rachel, tal qual ocorrera com

Kate em relação à Barbara Hamilton.

Mas cada uma delas havia visitado Kate em São Francisco, tornando os encontros em Baltimore uma lembrança nostálgica.

Kate ergueu seu copo de água.

— A Rainey, que não pôde vir dessa vez. Que ela esteja conosco no próximo encontro!

Solenes, elas brindaram.

— Certo, meninas — Val disse —, é hora do show! Quem tem novidades? Ou fotos?

— Tenho uma foto de Sandy e sua família. — Rachel colocou a fotografia sobre a mesa.

— Que tia de sorte você é. E que crianças lindas — Laurel comentou.

Rachel concordou e começou a contar sua experiência na Austrália. Foi interessante, mas Kate pensava que, para um grupo de mulheres razoavelmente bem-sucedidas, elas não conseguiram constituir a própria família. Rachel tinha namorado Tom durante anos e o que obtiveram foi uma forte amizade.

Com seu entusiasmo, Val adorava os homens e eles a veneravam. Mas tinha a tendência a escolher os piores. Sob a fachada nova-iorquina, Laurel era um pouco tímida e, portanto, ainda não havia encontrado o homem certo. Pelo menos, Rainey casara-se com Kenzie, que parecia ser boa pessoa, e estavam apaixonados. Talvez existisse esperança para elas.

— O que está fazendo agora, Laurel? — Kate perguntou. — Conte tudo.

— Nada muito dramático. A editora para a qual trabalho mudou-se para o Decatur Building, um arranha-céu. Precisa conhecer Kate. Acho que a estrutura arquitetônica a interessaria.

— Estudei esse prédio na faculdade. Eu adoraria vê-lo. Talvez eu consiga fugir para Nova York na primavera. Algum homem excitante em sua vida?

— Em Nova York? Dificilmente. Aquela cidade é uma miscelânea: muita gente estranha, mas pouca você tem vontade de levar para casa. Estou me guardando para um homem cuja voz seja igual à de Sean Connery.

— Sean Connery — Val repetiu, suspirando. — Se encontrar um homem assim e não o quiser, eu me candidato.

— Pensei que tivesse aderido ao celibato — Laurel disse. — Não é fortalecedor?

— Se um homem com a voz de Sean Connery aparecer, eu lhe mostrarei quão fortalecedora posso ser. Ele não terá a menor chance!

Então foi a vez de Kate contar a respeito de Kenzie Scott, que tinha uma voz parecida com a de Sean Connery.

Quando Rachel e Laurel foram ao toalete, Val tirou papéis de sua bolsa gigantesca.

— Aqui estão os resultados da pesquisa que pediu. Lamento a demora. Se quiser minha opinião, qualquer um desses dois palhaços poderia vandalizar ao menor sinal de provocação.

Kate leu o relatório. Burke fora um ativista político desde o tempo da faculdade no final dos anos 1960. Aliás, ele se unira a um grupo estudantil de protesto, que causara uma explosão no laboratório da

universidade, mas não fora indiciado.

Joe Beekman era um veterano condecorado do Vietnã, que possuía conhecimento em explosivos e armas e aprendera a matar pelo país. Agora ele administrava um programa de reabilitação para usuários de drogas na comunidade. Um homem valioso, mas poderia o despejo da mãe despertar a violência de sua juventude?

Provavelmente, os investigadores do caso de Sam já haviam considerado os manifestantes, mas não faria mal passar as informações adiante.

— Obrigada, Val. A situação se acalmou no Concord Place, mas se houver mais confusão, saberemos onde investigar.

— Disponha.

Kate reparou a bijouteira colorida, estilo cigano, que Val usava.

— Gostei do trio de argolas douradas. Por acaso, tem algum piercing em locais menos visíveis?

— Já considerei a idéia — Val admitiu. — Mas toda vez que penso que uma argolinha pode engancha no zíper da calça, fico apavorada.

De súbito, o olhar de Kate se deteve no pingente dos múltiplos colares de Val. Pareceu-lhe muito familiar.

— É bonito, não é? — Val disse. — Na verdade, é um brinco. Mas como perdi o outro par agora eu o uso como pingente.

Uma mulher com estilo.

Donovan e Val juntos na cama. Kate sentiu-se apunhalada. Queria berrar sua indignação:

Você era minha amiga em primeiro lugar!

Porém, contou até dez.

— É seu dia de sorte. Encontrei o brinco perdido esta manhã. Embaixo da cama de Donovan.

O rosto de Val tornou-se rígido.

— Eu... Creio que nenhuma história a convenceria de outra coisa além da explicação óbvia.

— Não tem de se explicar. Quero dizer, não é da minha conta se vocês dormiam juntos.

— Talvez não, mas você é humana. Aliás, todos nós somos. Desrespeitei o código das melhores amigas dormindo com seu marido.

— Não, Val. Eu não o via há mais de dez anos. Ele estava disponível. — Mesmo odiando a si mesma por querer saber, ela perguntou: — Por quanto tempo ficaram juntos?

— Cerca de um ano e meio. Nós nos encontramos um dia, conversamos e, bem, você sabe. — Val deu de ombros, incomodada.

— Recentemente?

— Sim. — Val parecia infeliz. — Ele foi se despedir após descobrir o testamento de Sam.

Teria sido no mesmo dia que Donovan a levara a Brandy Lane e a persuadira a ficar em Baltimore?

— Ele deve estar louco pela PDI para chegar ao ponto de romper com você.

— Nada sério acontecia entre a gente, Kate. Era apenas diversão. Companhia. Donovan é uma ótima pessoa e me tratou tão bem que não pude lembrar por que sempre me envolvi com palermas. Mas não havia paixão em nenhum dos dois.

Ciente de que precisava ser madura, Kate desculpou-se.

— Lamento que minha volta tenha estragado o relacionamento. Mas irei embora, em um ano. Menos de um ano, aliás.

— Sua volta não fez muita diferença. — Val começou a enrolar os cachos ruivos entre os dedos. — Eu não teria me aborrecido se a relação durasse mais, mas Donovan não estava interessado em um relacionamento profundo. Sei disso por experiência própria. Você é a única que tem a chave de seu coração.

— Se algum dia a tive, eu a perdi. — Kate tentou parecer composta, já que Laurel e Rachel retornavam à mesa. — E, para ser sincera, não quero encontrá-la novamente.

— Então é uma tola, Kate. Escute as palavras de uma especialista: homens bons são difíceis de encontrar. Ainda somos amigas? — Val quis saber. — Nunca me perdorei se rompermos por causa de minha volúpia.

O rosto apreensivo da amiga colocou a situação em outra perspectiva. Havia partilhado com Val anos de sua vida íntima. Ela tivera o direito de ficar com Donovan. Kate a abraçou.

— Claro que ainda somos amigas. Não precisa se desculpar. Lembra-se de nosso velho lema? “Homens vêm e vão, mas amigos são para sempre” — elas recitaram em coro. Havia criado o lema no ensino médio e ainda valia perpetuá-lo.

As outras se sentaram e começaram a escolher a sobremesa, mas Kate não participou do debate. Estava focada em Donovan. Todos acreditavam que fora louca ao deixá-lo.

Todos, exceto duas pessoas que conheciam a história toda: Tom e Rachel Hamilton.

CAPÍTULO XXIX

A ruptura da família de Kate havia começado em um dia normal. Aos domingos à noite, ela e Donovan se reuniam com os pais dela para jantar. Tom comparecia com frequência e às vezes, Rachel. Naquele dia, somente Tom, que voltava de uma visita a amigos em São Francisco, aparecera...

Era noite de massa, algo que Kate adorava, mas dessa vez não estava com muito apetite. Embora tivesse finalizado o semestre sem se desgraçar, os últimos meses haviam sido complicados, pois seu casamento rolava ladeira abaixo.

Donovan estava sentado a sua direita. Ele parecia taciturno, enquanto terminava o gin com tônica que iniciara antes do jantar. Kate sabia que ele estava preocupado, mas agia possessivamente, perguntando-lhe onde andara se ela chegasse dez minutos mais tarde que o esperado. Ela evitava as amigas porque Donovan não queria que as visse ou ligasse para elas.

Era compreensível. Afinal, com as atividades acadêmicas, tinha pouco tempo para ele, o que o fazia sentir-se negligenciado.

Mas Kate sentia saudades da turma da escola, principalmente porque o casamento se deteriorava. Houvera vários incidentes quando ele, por causa do temperamento explosivo, a sacudira violentamente ou a prensara contra a parede. Donovan sempre se acalmava e desculpava-se, alegando que jamais a machucaria. Contudo, era enervante não saber o que poderia desencadear outra reação extrema.

Donovan notou que ela o olhava e sorriu. Sim, passavam por uma fase sofrida, mas sobreviveriam. Amavam-se demais para não superar os problemas.

A voz do pai interrompeu seus pensamentos.

— Onde está Rachel, Tom? Eu não a vejo há semanas.

— Está estudando. As provas finais são esta semana. Os futuros médicos não sabem como relaxar.

— É hora de se casar com ela. Rachel pode estudar Medicina mais tarde. Filhos é a melhor coisa quando se é jovem e cheio de energia.

Kate ouvira aquela ladainha centenas de vezes. Três anos de casamento e ainda não engravidou? Ela ainda não havia terminado a faculdade, mas Donovan, sim. Ele podia sustentar uma família. Ela lidava com tais comentários pacientemente, prometendo a tios e tias e primos que os filhos viriam no tempo certo.

Mas a situação de Tom era diferente. Ele olhou para Kate, atormentado.

— Pai, mãe. Tenho algo a dizer.

Julia deixou o garfo no prato.

— Sim, querido?

— Rachel, é minha melhor amiga, mas nunca nos casaremos. — Tom engoliu em seco. — Descobri que... Sou gay.

— Não! — Pálido Sam se levantou e jogou o guardanapo na mesa. — Está brincando? Deus, só pode ser uma piada de mau gosto!

— Não é piada, pai. acredite, eu seria diferente, se pudesse. Mas Deus me fez assim e não posso mudar.

— Não envolva Deus nisso! — Sam berrou. — Você está doente, confuso. Nós o levaremos a um médico, alguém que o cure.

Donovan fitava o cunhado como se Tom tivesse duas cabeças e espasmos de dor contorciam o rosto de Julia.

— Não é o que desejei para você, Tom. Mas é meu filho. Nada mudará isso.

Sam a encarou, quase tão chocado quanto ficou ao ouvir a declaração de Tom.

— Você age como se esta idéia repugnante fosse normal!

— Tom não está doente, Sam — Julia afirmou. — Eu já desconfiava disso, mas achei que estivesse enganada.

— Porque não suporta a idéia de ter um filho gay? — Tom rebateu.

— Não. Porque sei que a vida é mais dura para os homossexuais e que mãe desejaria sofrimento ao filho? — Julia segurou a mão de Tom. — Mas às vezes o caminho mais árduo é a única opção.

Tom parecia solitário do outro lado da mesa. Kate tocou o ombro do irmão para apoiá-lo.

— Sei que é um choque, pai. Também me espantei quando soube. Mas Tom não mudou. Tudo o que ele fez para orgulhá-lo até agora ainda permanece.

— Droga, Kate, não o estimule! — Sam esbravejou.

— Você sabia e não me contou? — Donovan perguntou em voz baixa.

— Não cabia a mim falar antes que Tom estivesse preparado — ela justificou.

— Acho melhor eu ir embora — Tom disse. — Recebi uma oferta de trabalho em São Francisco. A Bay Area é o lugar ideal para os que se interessam por informática.

— E a América é a capital da perversão — Sam ralhou. — Vai para lá com o objetivo de... De... — Ele não conseguiu pronunciar as palavras.

— Vou me mudar por vários motivos — Tom explicou. — Um deles é para ter mais liberdade para seu eu mesmo, onde... Minhas preferências não o envergonhem.

— Fique aqui, Tom, para se tratar — Sam implorou. — Não me importo quanto vai custar ou quanto tempo precisará, desde que supere essas idéias doentias.

— Não farei terapia. Qualquer profissional decente me dirá que sou o que sou. Um charlatão lhe dará falsas esperanças e tentará me transformar em um pervertido, algo que não sou. Só fiz uma opção... Diferente.

— Talvez devesse tentar Tom, até que papai se adapte à idéia — Kate murmurou para o irmão.

— Ele não se adaptará Kate. E, se me render agora, talvez eu me perca para sempre.

— Já que se recusa a mudar — Sam ameaçou, angustiado —, saia de minha casa agora! Nunca mais volte.

— A casa também é minha — Julia confrontou. — Meus filhos sempre serão bem-vindos.

Colérico, Sam esmurrou a mesa, despedaçando uma taça de vinho.

— Pelo amor de Deus, Julia, se permitir que esse... Degenerado entre em minha casa outra vez, juro que a deixarei.

Deus, sua mãe teria que escolher entre o marido e o filho? Kate levou as mãos ao estômago, ao sentir a náusea de saber que sua família nunca mais seria a mesma.

— Tudo bem, mãe — Tom interveio. — Você mora aqui. Eu me viro. — Para o pai, ele disse: — Não se preocupe. Não poluirei sua preciosa casa. Prometo nunca mais pôr os pés aqui.

Então Tom abraçou Kate.

— Obrigado, baixinha. Não sabe como é importante o seu apoio. Partirei para São Francisco dentro de uma semana.

A mudança já vinha sendo planejada havia tempo, Kate percebeu. Não podia recriminá-lo por fugir.

— Inferno ou São Francisco, é tudo a mesma coisa para mim. — O peito de Sam arqueava enquanto ele lutava para respirar. — Você não é mais meu filho.

Sam retirou-se. Devastada, Julia o observou partir.

— Lamento que tenha presenciado uma briga dos Corsi, Donovan — Tom disse. — Não é algo agradável.

— Como pôde fazer isso com Sam? — Donovan perguntou, irado. — Ele lhe deu tudo e, em vez de ficar grato, você o decepciona dessa maneira. — Ele se levantou. — Fique longe de Kate.

— Não se atreva a falar com Tom desse jeito! Não tem o direito de me proibir de ver meu irmão.

— Tenho todo o direito! — Donovan agarrou o pulso de Kate. — Desculpe-me, Julia, mas acho melhor encerrar o jantar agora mesmo.

Ao ver a expressão de Tom, Kate meneou a cabeça e, apenas com o movimento dos lábios, prometeu telefonar-lhe.

Ela teve de correr para acompanhar os passos largos do marido, enquanto Donovan a arrastava à porta. Depois de jogá-la dentro do carro, ele entrou com a expressão colérica.

— Você machucou meu pulso — Kate disse fria.

Donovan ligou o motor e manobrou o veículo.

— Sorte sua eu ter machucado só o pulso!

Embora quisesse revidar, ela sabia que devia ser cautelosa. Quando Donovan se enervava, ninguém podia lhe dizer o que fazer. O mais sábio e seguro seria esperar até que ele se acalmasse.

Ninguém falou até chegarem a Brandy Lane. Assim que ele estacionou, Kate saiu e marchou em

direção a casa. Donovan a alcançou quando ela procurava as chaves na bolsa.

— Eu abro a porta.

Irritada, Kate entrou e foi à cozinha, onde pegou um queijo na geladeira e uma faca na gaveta. Não se alimentava desde o café da manhã. Sabia que se não elevasse o açúcar em seu sangue imediatamente, iria explodir.

— Sam não quer mais saber de Tom — Donovan declarou ao entrar na cozinha —, e quero sua promessa de que não falará mais com ele. Seu pai já está suficientemente aborrecido e não precisa de sua deslealdade.

— Deslealdade! — Kate fincou a faca no balcão. — O desleal foi Sam. Como ele pode renegar o próprio filho por algo que Tom não é culpado?

— Se Tom não sabe se, conter, ele deveria ter a decência de permanecer dentro do armário! Eu era mais feliz antes de saber em que ele se transformou.

— Ninguém deveria viver na mentira. — Kate respirou; fundo a fim de conter a pulsação acelerada. — Não darei as costas para meu irmão, nem minha mãe o fará. Eu sabia que Sam não aceitaria a novidade, mas você me surpreende. Como pode ser tão podre?

Potes pularam no balcão quando Donovan esmurrou a superfície de madeira.

— Não tem moral para criticar meu comportamento! Deus, Kate, por que mentiu para mim? O que mais você anda escondendo?

— Há uma tremenda diferença entre mentir e guardar o segredo de outra pessoa! Eu não podia contar um detalhe tão íntimo da vida de meu irmão, se ele próprio não queria. Tom sabia melhor do que eu o cretino que você é.

Donovan explodiu alto, musculoso e furioso.

— Não fale assim comigo! É minha mulher e não permitirei que magoe Sam ou saia com um bando de bichas.

— Por quê? Acha que a homossexualidade é contagiosa? — Kate berrou, buscando palavras que o magoariam com a mesma intensidade que ele a magoava. — Tem medo de descobrir que no fundo é uma Patty e não um Patrick?

O punho fechado a esmurrou no queixo, jogando-a de encontro ao balcão. Zonza, ela se amparou no armário, ferida demais para sentir medo.

Após um instante, Donovan foi socorrê-la.

— Kate, você não devia me obrigar a fazer coisas desse tipo.

Tais palavras a atingiram com a mesma força que o soco.

— Seu cretino! Não ouse jogar a responsabilidade nas minhas costas! Tentei a duras penas ser compreensiva com seu temperamento detestável, mas agora estou farta! O problema é você, não eu. E não vou ficar aqui para apanhar de novo.

Donovan a encarou com horror.

— Não, Kate. Não pode me deixar.

Ao tocar o queixo dolorido, ela soube com absoluta certeza que, se não saísse naquele instante, o casamento estaria condenado a uma queda de violência e medo. Gradualmente, Donovan destruíra sua confiança, afastara-a dos amigos e a isolara mais e mais. Se permanecesse, ela se transformaria em uma mulher despedaçada.

— Tenho de ir. Talvez uma psicoterapia de casal nos ajude, mas não ficarei nesta casa nem mais um minuto.

Ela pegou a bolsa, mas antes que saísse Donovan a deteve.

— Não pode ir embora! Você é a melhor coisa que aconteceu em minha vida. Juro por Deus que nunca mais a machucarei!

— Já disse isso várias vezes. — Ela se desvencilhou. — Quer saber? Não acredito mais em você.

— Temos tanta coisa juntos! Não jogue tudo fora por causa de um momento de raiva — ele implorou. — Não consigo viver sem você.

Kate percebeu o medo desesperado de perdê-la, mas, dessa vez, também estava desesperada.

— Solte-me!

Tomado pelo próprio inferno, Donovan não a escutou. Agarrou os cabelos sedosos, abraçou-a pela cintura e impôs um beijo com sufocante intensidade.

Já haviam feito as pazes em momentos lancinantes de paixão centena de vezes. Mais de uma vez, o conflito fora camuflado pela intimidade. Mas agora Kate sentia repulsa e pânico.

Estava à mercê dele, indefesa diante do tamanho e da força de Donovan.

— Não — suplicou quase histérica. — Não, por favor, não faça isso.

— Você é minha, Kate — ele murmurou, prensando-a contra o balcão. — Eu te amo tanto. Não deixarei que ninguém mais a tenha.

Segurando-a, a força, ele a beijou novamente. Frenética, Kate tateava o balcão à procura de uma arma. Encontrou um objeto familiar e afiado.

Em pânico, ela cravou a faca no ombro de Donovan.

Ele gritou e a soltou, trombando na geladeira. Com a mão trêmula, tocou o ombro e, assustado, viu os dedos ensangüentados.

Kate quase vomitou ao divisar o sangue. Santo Deus podia tê-lo matado!

Quando Donovan ergueu o rosto, sua expressão a assombraria para sempre. Por um momento eterno, entreolharam-se, enquanto os últimos traços de confiança, intimidade e compromisso se desfaziam.

Na tentativa de negar a dura verdade, Donovan declarou com extrema calma:

— Não se preocupe Kate, o corte não é profundo. Vamos nos sentar para esfriarmos nossas cabeças.

Atordoada, ela fitou a faca em sua mão.

— É tarde demais, Patrick.

— Não pode ser tarde demais!

Kate meneou a cabeça, desejando morrer.

Uma terrível resignação o assolou, como um homem que fora mortalmente ferido e sabia que qualquer tentativa de sobrevivência seria fútil. Devagar, ele escorregou até o chão.

— É tudo minha culpa. Perdoe-me, Kate. Sinto muito.

Ela o olhou pela última vez, o belo rosto que tanto amava o corpo másculo que lhe dera tanto contentamento.

O sangue escorria entre os dedos calejados.

Aquele era o homem com o qual esperara viver até que a morte os separasse. Como suportaria deixá-lo?

— Se ainda pretende ir, vá logo, Kate — Donovan murmurou angustiado. — Pelo bem de nós dois.

Saturada com uma dor que jamais conhecera, ela largou a faca no balcão. Então pegou a bolsa e saiu da casa que abrigara sua maior felicidade e pior sofrimento.

Ela não mais vira o homem com quem se casara por dez longos anos.

CAPÍTULO XXX

— Ainda está conosco, Kate?

A voz de Val interrompeu o devaneio de Kate.

— Decidir entre torta de pêssego e bolo de chocolate — ela improvisou — é um assunto sério e requer concentração.

— Fique com a torta — Laurel aconselhou. — Vou pedir o bolo de chocolate. Podemos dividir. Assim, ambas sobreviveremos às calorias.

Quando enfim o almoço de três horas terminou, Laurel convidou:

— Kate e Rachel, querem ir comigo e Val à feira de artesanato?

— Estive lá ontem e comprei quase tudo — Kate respondeu. — Não sobrou nada para vocês.

— Gostaria de fazer uma caminhada, Kate? — Rachel sugeriu. — Preciso de ar fresco.

Kate sabia que a amiga oferecia mais que um passeio.

— Gostaria, sim. Podemos procurar flores.

Após uma onda de risadas e abraços, pagaram a conta e saíram ao sol pálido da primavera. Laurel entrou no velho Toyota de Val e ambas partiram para o centro da cidade.

Kate e Rachel atravessaram a rua.

— Aquele Honda prateado está parado ao lado do meu — Kate avisou.

— Ô cor de vinho é seu? O meu é o prateado.

— Sempre tivemos gostos parecidos. Quando meu Honda chegar a Baltimore, cortesia de uma dupla de graduandos, Donovan me disse que pecarei por falta de imaginação automotiva.

— Homens. O que respondeu?

— Disse-lhe que meu carro é confiável e pode me levar a qualquer lugar. Donovan, obviamente, prefere veículos com atitude, como sua Harley e o clássico Corvette.

Rachel entrou na Roland, a avenida residencial que percorria Roland Park.

— Você parecia perdida na Terra do Nunca no restaurante.

— Antes fosse a Terra do Nunca — Kate comentou. — Eu me transportei a um lugar muito real.

— Foi o que pensei. Estava pensando no dia em que deixou Donovan?

Naquela noite fatídica, Kate dirigira a esmo até chegar ao apartamento de Rachel. A amiga, chocada, deixara de lado os livros e tratara suas feridas. Ela quisera denunciar Donovan e mandá-lo para a cadeia, mas Kate não permitira que contasse a ninguém, exceto á Tom. Por intuição, soubera que o importante era pensar no acontecido antes de tomar medidas drásticas.

— Sim. Ainda acho que o silêncio foi à melhor escolha. Meu pai ficou arrasado com a declaração

de Tom e meu divórcio foi tão terrível quanto. Donovan era o filho que ele sempre quis o mais satisfatório de todos. Sam ficaria magoado se soubesse que Donovan me agredia. Além do mais, talvez a polícia me prendesse. Afinal, foi Donovan quem levou a facada.

— Se tivesse contado a história toda á seu pai, ele talvez perdesse Donovan, mas ainda teria a filha. E você era a luz dos olhos de Sam.

— Ele me perderia de qualquer jeito porque eu tinha de sair de Baltimore. Sam e Donovan se ampararam, como se um fosse à tábua de salvação do outro. — Kate acreditava mesmo nisso.

Tom correrá até a irmã tão logo Rachel lhe telefonara. Incapaz de persuadi-la a chamar a polícia, ele sugerira que Kate partisse para a Califórnia também. Longe de Donovan, ela poderia construir uma vida nova.

Kate considerara a idéia. Acima de tudo, fora a ternura e a compreensão do irmão que a levaram a São Francisco.

Na manhã seguinte, ela tinha ligado para os pais e anunciara o pedido de divórcio. Fora um inferno. Sam se excedera novamente. A única coisa que o faria aceitar o divórcio seria a verdade e Kate não a revelaria. Julia tentara mediar, mas Kate se mantivera irredutível. Vinte quatro horas após deixar o marido, ela tornara-se uma estranha para o pai. Mais tarde, ela percebera que Sam havia culpado Tom pela separação, aumentando a fissura da família ainda mais.

— Donovan reconhece a sorte que teve por tê-lo deixado? — Rachel perguntou.

— Reconhece. Na verdade, acho que ele ficaria feliz se eu o crucificasse. Mas para que destruir a vida dele? — Kate chutou um pedregulho na calçada. — Donovan me contou recentemente que o pai era um alcoólico abusivo. Antes ele nem sequer suportava falar no assunto.

— Isso explica muito. Pessoas abusivas em geral sofreram abusos quando crianças. A família de Donovan devia estar presa a um ciclo de violência há gerações — Rachel especulou. — Mas imagino que vocês estejam se entendendo agora.

— Por incrível que pareça, estamos. Conseguimos morar juntos sem que um interfira na vida do outro.

— Uma boa receita para o casamento.

— Não se trata de casamento. — A idéia causou náuseas em Kate.

— Pelo jeito, as feridas ainda estão abertas.

— Por que os homens judiam de suas mulheres, doutora?

— Alguns homens gostam de causar sofrimento, mas o abuso é uma forma de estabelecer controle, de mostrar quem manda. Há aqueles que precisam controlar tudo. Outros controlam pouca coisa na vida, exceto o próprio lar, por isso, mantêm a mulher e os filhos sob uma tirania de violência e tortura psicológica. O motivo principal é o medo de perder a companheira. Para manter a esposa consigo, eles a impedem de se relacionar e as tornam dependentes.

Donovan sempre se assustara com a própria violência. Embora fosse preciso e organizado no trabalho e na vida pessoal, não era o espectro que um obcecado por controle.

Aparentemente, representava o tipo que batia e controlava por medo de perder a esposa.

— O homem mata o que ama — Kate citou.

— Nem sempre, mas acontece com frequência. Se, duvida passe uma noite de sábado no pronto-socorro. Com o histórico familiar de alcoolismo, a bebida deve ser o que desencadeia a fúria de Donovan.

— Foi o que ele me disse. Nunca percebi, porque na maioria das vezes a bebida não parecia afetá-lo. Deus, como eu fui estúpida! Pensei que o amor fosse suficiente. Os agressores chegam a mudar?

— Se estiverem suficientemente emotivos, creio que sim. Mas, com frequência, procuram outra mulher para abusar. Talvez seja isso que Donovan andou fazendo.

— Ele me contou que fui à única que agrediu. Uma honra peculiar, não acha?

— Desde que ele esteja dizendo a verdade.

— Penso que sim. Donovan parou de beber álcool, o que já ajuda muito. — Kate observou dois esquilos brincando em um galho. — Até eu voltar, ele e Val estavam se vendo. Como Val disse que o acha um homem incrível, imagino que Donovan nunca a tenha prensado contra a parede.

— Val? — Rachel fez uma careta. — Que confusão.

— Na verdade, ela e eu agimos com civilidade e praticamente nos desculpamos pela situação.

— Abençoada amizade. É mais confiável que a paixão.

Continuaram a caminhar pelas ruas que tão bem conheciam. Kate sentiu-se relaxar, primeiro, por causa do cenário familiar e, segundo, pela influência calma da amiga. Rachel era o tipo de pessoa que poderia olhar para um vulcão e perguntar se a lava estava tendo um bom dia.

— Mas às vezes, os agressores não mudam — Kate comentou.

— Às vezes. Se forem jovens, como Donovan era a probabilidade de mudar é maior, em especial se são espertos o bastante para parar de beber. Porém, a maioria não muda. — Rachel a encarou. — Está pensando seriamente em voltar para ele ou isso é apenas um exercício mental?

— Claro que não penso em voltar para ele! Mesmo que eu quisesse, não há garantias de que ele queira. Mas... Estou confusa. Donovan amadureceu nos últimos dez anos. É gostoso conviver com ele. No entanto, o temperamento explosivo ainda perpetua, embora pareça controlá-lo.

Rachel meneou a cabeça.

— O que mais a amedronta é o medo de uma agressão física que possa matá-la? Ou o medo do estrago emocional?

As perguntas abalaram Kate. Quando chegara à casa de Rachel naquela noite, achara-se ferida e suja com o sangue do marido, mas os machucados nada representavam se comparados à devastação psíquica.

— Os medos emocionais são piores.

— Muito bem. Agora sabe o que mais teme.

— Você é durona, Hamilton.

— Sou mesmo. Se houver alguma chance de reatar com Donovan, tem de saber os riscos que correrá.

— Preciso pensar mais. Sinto-me estranha com ele. Atração e repulsa simultâneas. Não aprovo meu comportamento.

— Ninguém é perfeito, Kate. Nem você.

— O que quer dizer?

— Quando éramos crianças, sempre a achei a pessoa mais acessível do mundo. Extrovertida, alegre e à vontade em quaisquer circunstâncias. Fiquei contente quando, apesar de eu ser esquisita, resolveu ser minha amiga e não ter a mim como mais uma aquisição social.

Kate ficou perplexa. Como era possível serem amigas havia tanto tempo e conhecê-la tão pouco?

— Esquisita? É tão absurdo quanto à idéia de que eu era uma Super Menina.

— Eu usava óculos, era tímida e odiosamente inteligente — Rachel explicou. — Você também era brilhante, mas não de modo ofensivo. Aprendi muito com você.

— Esta conversa está ficando estranha. Se eu era tão maravilhosa, por que terminei como uma mulher espancada e covarde?

— Na primeira fase de sua vida, você ligou o piloto automático, tudo transcorria sem muito esforço de sua parte. Então Donovan abalou sua segurança interna e você não possuía recursos para lidar com o drama. Sobreviveu bem, mas pagou o preço de evitar a verdadeira intimidade. Enquanto não superar o dano que ele causou, não se colocará em risco outra vez. E a recuperação implica em ter de encarar os abusos que sofreu e as repercussões de também ter cometido um ato de violência.

Enquanto Kate tentava assimilar as palavras da amiga, Rachel olhou a placa da rua em que estavam.

— A casa de sua mãe é aqui perto. Acha que ela se importará de eu lhe fazer uma visita?

— Ela vai amar e Oscar Wilde ficará louco de alegria.

À medida que elas percorriam o quarteirão da casa de Julia, Kate tentou discernir o que queria de Donovan. Punição? Clausura? A oportunidade de trabalhar na PDI?

Ou algo diferente e de longe mais perigoso?

CAPÍTULO XXXI

Donovan estudava o interior da geladeira quando Dina apareceu a seus pés. Ele a pegou. A gata era o bicho mais feliz que conhecia. Tudo a deliciava. Não agia como felinos normais. Ela trotava pela casa como se estivesse dançando.

Agarrada à camisa, Dina jogou a cabecinha para trás e ronronou quando Donovan a acariciou. O deleite espontâneo despertou-lhe a memória. Deus, a gata era Kate aos dezoito anos: cheia de expectativa, certa de que o mundo era um lugar de milagres. Por isso, ele adorava aquela bola de pêlos cinzenta. Pena que a inocência perdida dos humanos não mais podia ser resgatada.

Perda da inocência...

Olhou para o local onde a última briga fora travada. A cozinha havia sido reformada, ampliada e revestida, mas, como lady Macbeth e as tentativas vãs de lavar as mãos, o traço psíquico permanecia. Donovan queria esquecer, mas obrigou-se a se lembrar, pois o passado era a chave para o futuro.

Durante o jantar dos Corsi, sentira-se tenso porque sabia que a situação estava péssima para Kate, mas ignorava como mudar. Dobrara a dose de gim na esperança de conseguir relaxar.

Então Tom soltara sua bomba e tudo se transformou em um inferno. Donovan ficara chocado com a novidade, mas fora a angústia de Sam que o havia enfurecido. Por que Tom não guardava para si as próprias preferências? Magoar Sam daquela maneira era imperdoável.

Para piorar, a imagem de Kate desafiando a família em favor de Tom o indignara.

Quanto tempo levaria para ela enfrentar o marido daquele jeito?

A hora seguinte tornou-se nebulosa em sua mente, os detalhes obscureciam em uma bruma de gim, raiva e ansiedade. Ele levava Kate para casa; o terror de perdê-la dilacerava-lhe o coração. Foi então que seu pior pesadelo tornou-se realidade: após a briga, ela anunciara que o deixaria.

Enlouquecido, ele a agarrara na tentativa frenética de provar quanto a amava. A intimidade os uniria, faria o desastre de o dia desaparecer. Nem sequer a notara debater-se até que a faca penetrou seu ombro.

A dor e o choque o trouxeram de volta à razão e a terrível constatação de que uma fronteira havia sido ultrapassada. Fizera o máximo para reverter o dano, tentara persuadi-la, mas era tarde demais. Kate partira, tomando a melhor atitude que poderia.

Ainda imerso no passado, notou que as orelhas de Dina ergueram. Ela pulou do colo de Donovan e correu para a garagem a fim de receber Kate. Sistema de Alerta Felino.

— Olá. — Donovan espantou as imagens tenebrosas. — Como foi o almoço com a gangue?

— Bom. — Kate fechou a porta, enquanto Dina saltitava ao redor.

Como acontecia pelo menos uma vez por dia, Donovan viu-se fitando Kate para apaziguar a fome dos longos anos de saudade. Os cabelos loiros revoltos ocultavam-lhe a expressão. O corpo delgado revelava a perfeição do equilíbrio das curvas.

— Tive tanta sorte — ela comentou depois de pendurar o casaco. — Esta manhã, enquanto eu caçava Dina embaixo de sua cama, encontrei um dos brincos que Val perdeu. O que ela mais gostava, na verdade.

Maldição!

— Sei que ela ficou radiante.

— Mais culpada que radiante.

De súbito, Donovan sentiu saudade da relação que tivera com Val. Simples, divertida, sem sofrimento ou culpa. Por que não se contentava com isso? Por que almejava a dolorosa complexidade que possuía com Kate?

Tão logo formulou a pergunta, soube a resposta. Com o intuito de atingir o pico mais alto, era necessário arriscar a queda mais profunda. Somente com Kate ele conhecera a felicidade. Só com ela conhecera o vazio.

— Talvez devêssemos apresentar Val a seu amigo Alec.

— Provavelmente se dariam muito bem. Pena que exista um continente inteiro entre eles. — Kate pegou Dina no colo. — Infelizmente, lembrei-me do dia em que o deixei.

— Eu gostaria que Deus pudesse apagar essa lembrança de nossas mentes.

— Impossível. Foi um dos momentos mais definitivos de minha vida. Se apagá-lo, nada que aconteceu depois fará sentido.

— É metafísico demais para mim. Prefiro o esquecimento. — Porém, havia coisas a serem ditas. — Quando tivemos aquela última briga você me perguntou se eu tinha medo de me descobrir uma Patsy. Meu pai gritava idiotices como essa quando bêbado. Eu não era valente, na opinião dele. Ele achava que qualquer homem que não fosse machão devia ser bicha. Costumava me chamar de Patsy e ameaçava me vestir com as roupas de minha irmã.

— E porque eu queria magoá-lo do jeito que me magoou, apertei o pior botão no pior momento — Kate concluiu.

— Não importa o quanto estávamos furiosos, porque nada justifica meu comportamento. Como consegue permanecer no mesmo espaço que eu, Kate?

— Eu devia lhe fazer a mesma pergunta. Especialmente aqui na cozinha, onde há tantas facas a meu alcance — ela afirmou séria.

Donovan guardara a faca que ela havia usado durante anos. Enfim, ao atinar para a lembrança doentia que a lâmina representava, ele a jogara na Chesapeake Bay.

— Não é uma assassina, Kate. Você simplesmente reagiu a minha violência.

— Joseph Campbell disse que o amor é o ponto de combustão. Quanto mais forte o amor, maior é o sofrimento. Se ele estiver certo, nós viveremos melhores sem o sentimento.

— Nunca! O amor surge de várias formas, Kate. Não permita que meus sentimentos insanos a façam rejeitarem o amor.

Ela o encarava com intensidade. Quando o telefone tocou, Donovan suspirou de alívio.

O homem do outro lado da linha despejou uma série de frases curtas que ô fizeram esquecer as questões pessoais.

A ligação terminou.

— Era o Departamento do Estado. Espero que seu passaporte ainda esteja válido, porque nós vamos para o México.

— México? — O tom espantado de Kate alertou Dina.

— Ouviu falar do terremoto na Cidade do México?

— Sim, mas não achei que fosse grave.

— Não, se comparado ao grande abalo que ocorreu anos atrás. Foi uma época ruim. — Às vezes, Donovan sonhava com pessoas à procura de entes queridos nos escombros. — Nós derrubamos vinte e seis prédios avariados. O terremoto de agora não foi tão grave, mas o epicentro estava logo abaixo de um conjunto habitacional em construção, cujos alicerces não foram bem-feitos. O solo se moveu como geléia.

— São os prédios cujas fotos saíram no jornal de hoje?

— Exatamente. — Ele pegou um bloco de papel e começou uma lista. — Quase todas as vítimas estavam lá, em La Casa Miranda. O governo mexicano quer derrubar as construções imediatamente, antes que a situação se agrave.

— Entendo. Como a PDI já trabalhou na Cidade do México, eles querem você.

— Claro. O governo mexicano pediu ao governo americano e, pronto, metade da PDI está a caminho do aeroporto.

— Alto nível. Estou impressionada.

— Mais impressionante é a menção do governo para o trabalho confidencial do qual não podemos falar.

— Dina, você vai ficar com a vovó e o tio Oscar outra vez. Quando partimos, Donovan?

— Se possível, amanhã. Do contrário, segunda-feira logo cedo. Seu conhecimento em espanhol será útil.

— E, dessa vez, sei o suficiente para ajudar no trabalho.

— Kate, eu não a quero trabalhando naqueles prédios. Terremotos tornam as estruturas instáveis. Na melhor das hipóteses, é provável que as construções desabem por si só. Sam tinha o talento de avaliar como se comportam prédios danificados. Sem ele, o trabalho é ainda mais perigoso que os serviços anteriores que fizemos.

— Vejamos se entendi — Kate disse. — Está dizendo que sou tão incompetente que posso por acidente derrubar uma estrutura, se estiver dentro dela?

— Kate...

— Oh, mulheres e crianças primeiro — ela ironizou. — Em outras palavras, minha vida vale mais que a sua ou a de Luther. O que a esposa e os filhos dele têm a dizer? Ou a de Jim, ou a de Ted...

— O sarcasmo não a levará a lugar nenhum. Lidar com estruturas danificadas por terremotos é um enrosco e não a quero sob um teto que pode desmoronar a qualquer minuto. Acredite-me, você será recompensada. Haverá muito trabalho sem precisar carregar explosivos.

— Você me obrigaria a ficar longe de prédios danificados por terremotos se eu fosse homem? Acredito que não.

Mas não era um homem. Era sua adorada Kate.

— Se o homem fosse novato, possivelmente — ele improvisou.

— Duvido muito. O protecionismo é normal, mas não o aceitarei no trabalho. Não estou ansiosa para que um prédio desabe em minha cabeça, Patrick. Entrei neste trabalho para aprender tudo, a rotina, o tédio, a diversão e o perigo. Se não for assim, prefiro voltar para São Francisco.

Ele teria feito qualquer coisa para burlar a lei. Kate quase caíra no buraco do elevador em Las Vegas e aquele fora um trabalho de demolição seguro. Mas se pretendia obter um futuro com ela, teriam de construir novas fundações. Precisaria aceitá-la como uma, igual, por mais que odiasse a idéia de vê-la em perigo.

— Certo, Kate, você venceu. Vai trabalhar sob as mesmas condições que os demais. Só não corra riscos desnecessários, valentona.

— Não, senhor.

O sorriso quase valeu a perspectiva de que ela arriscaria o próprio pescoço.

Quase.

Um tremor secundário ocorreu. A estrutura estremeceu, grunhiu e ela se desequilibrou no traiçoeiro pedregulho. O terror a invadiu quando ela caiu no chão, placas de concreto desabando sobre seu capacete, ombros e costelas. Deus, o prédio estava ruindo sobre ela! Tinha sido isso que Sam sentira um segundo antes de morrer?

Kate acordou, sobressaltada. Por um instante, ficou desorientada. Então o sol da manhã indicou que estava em Maryland, segura e inteira após uma árdua semana de trabalho no México. Durante os terríveis tremores secundários do terremoto, ela se questionara várias vezes o motivo de provar ser igual a qualquer coisa. Somente um idiota se candidataria a voluntária para entrar nas armadilhas mortais de La Casa Miranda.

Mas o trabalho fora feito. Kate passara a maior parte do tempo suando e conversando com Deus. Após labutar dezesseis horas por dia, tinha disposição apenas para voltar ao hotel, tomar um banho e dormir.

Ainda assim, ela não perderia aquele serviço por nada no mundo, pois administrara os medos e a compensação fora doce. Talvez a exaltação produzida por sobreviver ao perigo fosse o motivo que levava policiais, bombeiros e soldados a fazer seus trabalhos. No final daquela semana, havia desenvolvido uma camaradagem tão intensa com os colegas que a experiência devia ser semelhante a dividir trincheiras em uma guerra.

Também descobrira possuir o mesmo dom do pai para prever como as estruturas danificadas desabariam. Donovan ficara impressionado. Ela tinha aprendido que existe um sentido curativo em

demolir construções que sofreram grandes estragos.

Mas agora estava em casa. Era sábado e tinha uma pilha de roupas para lavar.

Assobiando, levantou-se e foi ao banheiro.

Após um longo banho, vestiu-se e caminhou à cozinha. De calça jeans e uma camiseta azul, Donovan preparava o café da manhã.

Kate se deteve à porta ao ver as costas largas e o pescoço. Certa vez, conhecera aquele corpo esplêndido intimamente: os ombros largos, o abdômen musculoso, o sabor salgado na pele quente. Perguntou-se como seria abraçá-lo, tal qual fizera quando eram casados.

Maldito seja seu pai! Ele sabia que partilhar a mesma moradia era muito diferente de trabalharem juntos.

— Quando saí para pegar o jornal — Donovan comentou —, descobri que a primavera chegou enquanto estávamos no México. Os arbustos estão verdejantes e há botões de flores prestes a abrir.

— A primavera em Maryland é sempre deslumbrante. Na Califórnia não temos mudanças de estações tão dramáticas. — Kate abriu a geladeira. — O trabalho no México foi mesmo interessante, mas quanto mais viajo a trabalho, mas agradeço estar em casa.

— Então aproveite o fim de semana. Terça feira; iremos para Atlanta por três dias ou mais.

Ela gemeu exagerada.

— Que tal, ovos com bacon e um pouco daquele pimentão verde que sobrevive desde a semana passada?

— Parece ótimo. Depois, cara mia, nós iremos gazetear.

— Como disse?

— Será um daqueles dias maravilhosos de primavera, onde a temperatura se eleva e todos arrancam seus casacos e os jornalistas locais percorrem o Inner Harbor para fotografar as moçoilas seminuas.

— Isso ainda acontece?

— É um ritual jornalístico da primavera. Em um dia ou dois, a temperatura vai baixar outra vez e as pessoas, novamente agasalhadas, se queixarão de que o verão ainda não chegou.

— É bom saber que os rituais nativos se perpetuam. Mas a primavera terá de se virar sem mim. Tenho um monte de coisas para fazer.

— As roupas sujas podem esperar. Você trabalhou muito e, pelo bem de sua saúde mental, merece um pouco de diversão. Além disso, um dia lindo como o de hoje não pode ser desperdiçado.

— Dito dessa maneira... — Ela pegou os ovos. — Tem algo em mente?

— Podemos ir a Annapolis de moto.

Kate sabia muito bem quais eram as implicações: percorrer as colinas de corpos colados em uma Harley. Donovan sempre tivera uma motocicleta e nos bons tempos do casamento ambos adoravam passear juntos. Invariavelmente, o passeio de moto levava ao ato amoroso.

Ela hesitou duvidosa.

— A legislatura enfim criou a lei da obrigatoriedade do capacete. Lembra-se de que pensávamos que isso nunca aconteceria?

— Sabe mesmo como jogar a isca, chefe. Está bem, tiraremos vantagem da primavera prematura, rendendo-nos a um ataque de fantasia adolescente. — O trabalho no México a ensinara que às vezes valia a pena correr riscos. Talvez fosse hora de ousar no âmbito da vida pessoal.

CAPÍTULO XXXII

Foi um dia paradisíaco. Kate gargalhou de puro deleite, enquanto percorriam a longa estrada em Anne Arundel County, a alguns quilômetros de Annapolis. Uma semana antes, nada a faria sentar-se em uma moto com Donovan, mas agora parecia o certo a fazer.

De certa forma, pouco havia mudado. O abdômen musculoso que ela segurava, por exemplo. Ou a intimidade sensual de estarem sozinhos no vento. Uma fantasia adolescente, sem dúvida, boa e gostosa. Era como se fossem novamente recém-casados, sem nenhuma nuvem no céu pessoal.

Eles entraram em um distrito histórico, uma colônia de três séculos de Annapolis, e deixaram a Harley em um estacionamento. Para Kate, as ruas estreitas e os prédios antigos representavam um comitê de boas-vindas. A capital de Maryland, Annapolis, era um misto de turistas, marinheiros e políticos. Ela inspirou o delicioso ar primaveril.

— Que excelente idéia, Donovan. Adoro Annapolis.

— O como não adorá-la? É bonita educativa e repleta de lojas e restaurantes. Uma região para todos.

— Mas pequena. — Eles adentraram a rua onde a Assembléia Geral do Estado se localizava. — É uma capital modelo.

— Um triunfo da qualidade sobre a quantidade. Nenhuma outra possui o palácio do governo onde George Washington resignou como comandante do Exército Continental.

— Você fala como um filho de Maryland — ela comentou, sorrindo.

A parte mais temerosa era como Kate se sentia em relação à Maryland. Quando se mudara para a Califórnia, deduzira que o transplante seria permanente. Agora, mais velha e sábia, reconhecia as próprias raízes fundadas naquele pequeno canto do mundo. A família de sua mãe estava em Maryland havia séculos. Os pais de seu pai, imigrantes italianos na penúria, adotaram o novo lar e suas oportunidades com gratidão. As duas histórias familiares a constituíam.

Uma dupla de aspirantes da marinha, com seus uniformes azuis, passaram por eles.

— Parecem tão jovens — Kate murmurou. — Um sinal explícito de que estou envelhecendo.

— Por falar em juventude, sabe quando foi a primeira vez que conheci Annapolis?

— Acho que nunca me contou. Imagino que seus pais o tenham trazido quando ainda era menino. Ou foi um passeio escolar?

— Foi com você.

Kate parou de repente, forçando um grupo de turistas atrás de ela a desviar. Lembrava-se bem da ocasião. Dois meses antes do casamento, tinham feito um passeio de moto a esmo e resolveram almoçar em Annapolis. Como acontecia naquele mesmo dia.

— Nunca conheceu a capital do Estado, à uma hora de sua casa, até os dezenove anos?

— Não. — Donovan a segurou pelo braço a fim de guiá-la em direção à fonte. — Annapolis é como o homem mais rico da cidade. É conhecida pela atividade política, a Academia Naval e a preservação histórica. Sempre representou as classes mais favorecidas, exceto pelos políticos. A cidade não pertencia ao mapa mental de meus pais. Sempre viajavamos para balneários.

— Quando nos casamos, pensei que o conhecesse tão bem quanto a mim mesma. Agora vejo como sei pouco. Em nossa primeira visita, não me ocorreu que Annapolis lhe era estranha. Você não demonstrou.

— À véspera de irmos para cá, passei a noite estudando um mapa e conversei com um amigo cuja vida era menos insular. Tive medo de que você me visse como um ignorante e não quisesse se casar comigo. Em parte, foi por isso que me esforcei para parecer mais culto.

— Às vezes, eu me espantava com as coisas que você não sabia. Mas, ao mesmo tempo, havia muitos assuntos que conhecia e eu não. Creio que as barreiras sociais parecem irrelevantes para alguém como eu que nunca se preocupou com elas. Você parece ter superado esses impeditivos. Como?

— Foi um processo gradual. Devo muito a Sam, claro. Com ele, jamais precisei fingir que eu era mais. No trabalho, tornei-me mais confiante à medida que ganhava experiência. Após cinco ou seis anos, cheguei a um nível que falar com generais do pentágono e presidentes de empresas não mais me apavorava.

— A competência gera muita confiança. E você adquiriu polimento ao longo dos anos. Não se parece mais com um operário de Baltimore. — Kate jamais se importara com a condição social de Donovan. Na verdade, sentia saudades do Anjo do Inferno, mas entendia a necessidade dele de se encaixar no mundo que abraçara. Ela tivera sorte, crescer com os Carroll e os Corsi a tornara versátil.

— No mundo restrito da demolição explosiva, sou um especialista. Faz um bem enorme a meu ego. Sinto-me confortável comigo mesmo, exceto quando estou com você.

— Por causa da diferença social? Ou seria culpa?

— Culpa, certamente. A diferença social não é mais um problema.

— Se existisse um comércio para vender culpa você ficaria rico. Mas ninguém quer adquirir mais culpa.

— De que sente culpa Kate?

— De ser uma covarde. De fugir das situações difíceis.

— Nunca achei que tivesse optado pelo caminho mais fácil. Foi você quem se aproximou para me cumprimentar no enterro de Sam, não eu. Insistiu para entrar nos prédios que poderiam desabar a qualquer instante.

— Em ambos os casos, eu estava apavorada.

— O que torna corajosas suas ações. Está se esquivando da pergunta, creio. Quero saber o que realmente á incomoda em relação a si mesma.

— Está disposto a revelar seu lado sombrio, Donovan. Admiro isso, mas não desejo nem tenciono fazer o mesmo.

— Muito honesto de sua parte — ele comentou seco.

A honestidade era uma das poucas virtudes das quais ela se gabava. A conversa se foi quando atingiram o mercado da rua principal. Donovan sugeriu que almoçassem no tradicional restaurante que dava para o cais. O bom humor de Kate retornou, enquanto riam, conversavam e observavam os iates e a multidão que aproveitava o dia. Donovan era mesmo uma boa companhia, inteligente, engraçado e bem informado.

Talvez fosse a taça de vinho que ela tomara durante a refeição, mas Kate começou a imaginar como reagiria a ele, caso ambos se conhecesse pela primeira vez agora, iniciando seu aprendizado na PDI. Exceto pelo passado torturante e complicado, pensava nele como um novo conhecido que a ensinava o ofício exigente e empolgante.

Que Deus a ajudasse, pois estava a caminho de se apaixonar. A percepção lhe causou náusea. Donovan ainda era o homem mais atraente que ela conhecia. Não havia nada mais sexy que um homem que ria de suas piadas. Se tivessem acabado de se conhecer, ela telefonaria para as amigas a fim de descrever a química mental, física e emocional e especular infinitamente se havia enfim encontrado o amor de sua vida. Que espantoso perceber que ainda possuía um desvario romântico no coração.

Por fim, tiraram a sorte para ver quem pagaria a conta. Ela venceu e Donovan nem sequer tentou persuadi-la. O homem das cavernas se tornara liberal.

Sob o sol, eles caminharam até o campus da Academia Naval, a mesma rota que tomaram quando passearam por Annapolis. A academia, rodeada pela água em suas três extremidades, proporcionava apenas um passeio ao redor do perímetro. Kate admirou as velas dos barcos na baía, grata pela paisagem não ter mudado desde sua última visita.

Quando chegaram ao final do campus, viraram para a esquerda a fim de beirar o Severn River. A despeito dos demais transeuntes, Kate sentia que estavam em privacidade com o vento frio e os gritos das gaivotas. Para ela, pareciam ter dezoito e dezenove anos novamente.

Donovan interrompeu seu devaneio.

— Você pensa no futuro, Kate?

Ela observou uma gaivota cruzar o céu.

— Não muito.

— Não tem planos?

Estranho perceber que fizera poucos planos ao longo dos anos. Quisera se qualificar como arquiteta e abrir o próprio negócio, mas lhe pareceram mais uma consequência natural da vida que objetivos determinados. Trabalhar na PDI fora um sonho, não um plano, e ela o conquistara por acaso.

— Meu principal objetivo neste momento é sobreviver a este ano — ela disse em tom preguiçoso.

— É a soma de suas ambições? Meramente sobreviver?

A imagem dos filhos que quisera ter com Donovan resvalaram-lhe a mente. Quase pôde sentir o peso suave de um bebê em seus braços, escutar gorgolejo de leite.

Cruel, reprimiu a imaginação. A meta de construir uma vida e um trabalho com o homem que amava falecera nas ruínas do casamento.

— Não subestime a sobrevivência. Às vezes, é tudo que alguém consegue empreender.

Donovan segurou-lhe uma das mãos e a acariciou.

— Prometi que não a tocaria. Não consegui manter a promessa.

Como se tivesse catorze anos, Kate sentiu um arrepio delicioso ao ser, tocada. Estava ciente da textura, da aspereza dos calos conforme Donovan acarinhava a pele sensível.

Parte dela queria se afastar. Uma parte mais ávida desejava jogar-se nos braços dele.

— A primeira vez que descumpriu sua promessa foi para impedir que eu caísse em um buraco de elevador. Portanto, eu relevei o fato. As outras vezes não implicaram em uma situação de vida e morte. Gradualmente, as barreiras entre nós estão caindo.

Ele continuava a acariciar-lhe a mão. Tratava-se de um gesto sedutor em plena luz do dia. O sangue de Kate borbulhava de excitação e medo.

— O passado nos deixou com uma pesada bagagem — Donovan disse, de repente —, mas talvez ainda possamos construir um futuro juntos. Nunca houve outra mulher além de você. Não posso soltá-la antes de ao menos tentar convencê-la.

Kate viu-se presa pelo olhar intenso de Donovan. O pânico a dominou diante da idéia de deixá-lo entrar em sua vida, seu corpo, sua alma. Mas não fugiu o que já representava um progresso.

— Eu entendi Patrick. Mas nós dois mudamos. Está interessado em mim ou nas lembranças de um passado dourado?

— Em você, Kate. Conquistou muitas coisas, mas em essência ainda é a garota pela qual me apaixonei aos dezenove anos. Sobreviverei sem você, porém, não é isso que desejo.

Minutos antes, havia imaginado como reagiria se acabassem de se conhecer. Mas tal dádiva jamais ocorreria. O passado e suas sombras sempre estariam entre eles.

— Não... Não me apresse. Não sei se posso lhe dar o que deseja.

— Mas não considerou a palavra “nunca”. Meu Deus, Kate, se há uma chance... Por menor que seja... — Donovan beijou-lhe a mão com uma ternura que quase a fez chorar.

— Não sei se há uma chance, Patrick! Talvez não seja possível se livrar dessa bagagem.

Ele a acariciou no rosto.

— As árvores nascem em pequenas fendas das rochas, Kate. Talvez seja uma fenda minúscula, mas já é um começo.

CAPÍTULO XXXIII

A campainha tocou no instante em que Julia colocava o frango no forno. Lavou as mãos e correu à porta, perguntando-se quem poderia ser naquela tarde de sábado. A temporada das bandeirantes já havia começado?

Ainda não. Charles Hamilton estava na entrada da casa com um buquê de flores e dois cachorros.

— Está uma hora, adiantado, Charles. Acabo de colocar o jantar no forno e ainda não tomei banho.

— Sei que é um inconveniente. Mas quando terminei de aparar a grama do jardim, resolvi apelar para o egoísmo e disfarçá-lo sob a fachada da espontaneidade.

Julia escondeu o sorriso atrás das flores.

— E qual é a desculpa dos cachorros?

— Eles queriam ver Oscar.

— É claro. Tort e Retort entrem.

Os dois adentraram o vestíbulo com modos impecáveis. Oscar Wilde avançou e o ritual dos farejadores começou. Os cães eram companheiros de longa data. Julia sempre se surpreendia ao ver que Oscar era o líder do bando.

Ela os levou ao quintal dos fundos para que pudessem brincar. Quando voltou à cozinha, Charles a beijou.

— Já que atralhei seu cronograma, pensei em levar os cachorros para dar uma volta.

— Boa idéia. Vou colocar as flores na água.

Enquanto arrumava o vaso, Julia pensava em quão rapidamente ela e Charles criaram uma parceria confortável. Jantavam juntos várias vezes durante a semana, às vezes na casa dela, outras na dele. Embora o sofrimento pela morte de Sam ainda estivesse vivo, o relacionamento a ajudava há enfrentar os dias e as noites. Especialmente as noites.

— Talvez eu lhe faça companhia no passeio — ela disse, após deixar o vaso sobre a mesa da sala. — A tempo de sobra para eu me arrumar antes do jantar.

Ele a arrastou até o sofá.

— Tenho uma idéia melhor. Vamos namorar.

— Charles, isso é absurdo em nossa idade! — Julia riu.

— Por que somente os jovens se divertem?

— Boa pergunta, mas creio que namorar foi abolido durante a revolução sexual.

— Trata-se de um velho costume que devia ser restaurado. — Charles brincou com o botão da blusa feminina. — Lembra-se do furor que um único botão poderia causar em nossa juventude?

Na verdade, ela se lembrava.

— Você sempre foi sensual ou será que nunca notei?

— Não, era Barbara quem rasgava minha camisa engomada. Era impossível viver com ela e permanecer engomado. Incomoda-se, quando a menciono?

— Aceito nosso relacionamento como uma espécie de refúgio privado à margem da vida normal, mas falar de Barbara, ou Sam, ou de nossos filhos me traz à realidade. Quando Tom esteve aqui ou quando Kate e Rachel me fizeram uma visita surpresa, senti que havia a palavra culpada impressa em minha testa.

— Então vamos voltar ao namorico e fingir que somos adolescentes. — Charles a deitou no tapete e a beijou com ardor. — Se tivéssemos dezesseis anos, cairíamos do sofá de tanta excitação e nem sequer perceberíamos.

— Hoje em dia, é claro, temos de ser cuidadosos para não quebrarmos nossos ossos frágeis. — Ela o abraçou. — Devo admitir que você não, envelheceu.

— Não sou tão bom quanto era, mas sou melhor do que fui.

Julia gemeu.

— Que ditado antigo.

— O antigo é bom, essa é a questão. — Ele voltou aos botões da blusa. — Pergunto-me se conseguirei chegar às vias de fato antes do jantar.

Ela sempre gostara do senso de humor de Charles, mas aquele lado tolo e íntimo soava inédito. Era delicioso notar que o amigo de uma vida inteira ainda podia surpreendê-la.

— Sou uma moça de família — Julia brincou. — Minha mãe diz que se eu deixar um rapaz me tocar desse jeito ele não me respeitará no dia seguinte.

Charles franziu o cenho.

— Acredite moçinha, quanto mais tocá-la esta noite, mais a respeitarei amanhã.

Julia ria, enquanto ele abria o último botão. Nesse momento, Kate e Donovan entraram, carregando capacetes de motocicleta. A paralisia foi universal. Kate ficou boquiaberta, Donovan parecia atordoado e Julia desejou estar morta.

Charles foi o primeiro a se recuperar. Abotoou a blusa de Julia, levantou-se e a ajudou a se erguer.

— Não há meios de fingir que isso não é o que lhes parece.

— Kate — Julia murmurou —, eu lamento muito...

— Não, somos nós que deveríamos nos desculpar — Kate argumentou pálida. — Estávamos voltando de Annapolis e pensamos em convidá-la para jantar. Não deveríamos... Quero dizer, não me ocorreu que...

— Que um filho adulto com a chave não pode entrar na casa em que cresceu sem avisar — Charles completou. — Uma atitude compreensível. Quaisquer erros de julgamento aqui são meus.

O aparvalhado Donovan estava prestes a falar quando Kate o puxou pelo braço.

— Boa noite. Espero que tenham uma ótima noite.

Assim que a porta se fechou, Julia caiu no sofá e cobriu o rosto com as mãos. Charles sentou-se a seu lado e a abraçou.

— Sinto muito, Julia. Ser pego pelos próprios filhos e pior que ser flagrado pelos pais, imagino. Foi tudo culpa minha.

Ela não suportava mais levar aquilo adiante.

— Também sou responsável. Eu podia ter dito não. Por isso, eu o farei agora.

Charles ficou imóvel.

— Está terminado nosso relacionamento?

— Gosto de ficar com você, mas eu...

— Tem vergonha de ser vista comigo.

De certa forma, era verdade. O flagrante que Kate e Donovan lhe deram parecia uma negação ao casamento que ocupara o centro de sua vida por quarenta anos.

— Desculpe-me, Charles. A verdade é que, neste momento, estou confusa demais para... Namorar.

A leveza juvenil de Charles desapareceu, dando lugar a cada minuto de sua idade.

— Pensei que nossa união fosse boa para ambos. Para mim, foi. Mas tive dois anos para me adaptar à solidão e querer algo mais. — Ele se levantou. — Você não teve esse tempo e, de acordo com seu ponto de vista, o mais significativo a meu respeito é que não sou Sam. Não posso mudar o fato e nem o faria, se me fosse permitido.

Uma mera palavra impediria que ele partisse, mas Julia não pôde proferi-la. Tinha uma identidade definida pelo sofrimento. A adolescente risonha era uma desconhecida.

— Obrigada por tentar ajudar. Eu gostaria de poder aceitá-lo melhor.

— As pessoas se curam com o tempo e de maneira própria. Acho que não devemos nos ver mais. Adeus, Julia.

Quando Charles marchou até o quintal para buscar os cachorros, Julia se encolheu no sofá, envolta na infelicidade. Conseguiria superar a loucura, a oscilação de humor e a solidão desesperada que exasperavam até um santo? Talvez um dia.

Mas agora não acreditava ser possível.

Donovan estava a ponto de explodir quando Kate o levou para fora.

— Como ela pôde Kate? — Ele socou o capacete. — E Charles? Nunca pensei que ele tivesse coragem de traçar viúvas condoídas.

Após sentar na Harley, Donovan inseriu a chave na ignição.

— Suba. — O motor adquiriu vida com a aceleração furiosa.

A lembrança sinistra do dia em que Tom se declarou gay atingiu Kate. Na ocasião, fora Donovan quem a tirara daquela mesma casa, e não vice-versa, mas a raiva era semelhante.

Ele está enfurecido e não suportarei mais isso.

Kate desligou o motor e arrancou a chave da ignição.

— Não iremos a lugar nenhum até você se acalmar, Donovan — ela declarou. — Em seu estado atual, você nos matará dois antes de chegarmos a Ruxton.

— Devolva-me a chave!

— Por que está revoltado? Fui eu quem viu minha mãe quase nua com o advogado da família. Está sofrendo de algum tipo de reação edípica?

Ele esmurrou o manete da moto.

— Não me analise, Kate!

Ela recuou. A assustadora incerteza do que poderia acontecer foi muito pior que qualquer ferimento físico. Estava na hora de mudar o enredo.

— Patrick, hoje você me disse que queria ter um futuro comigo. Não haverá futuro, a menos que controle seus impulsos agressivos. A raiva é normal, mas violência e intimidação não são aceitáveis.

O rosto empalideceu e, por um instante medonho, Kate não sabia o que ele iria fazer.

— Jesus. — Donovan abaixou a cabeça e tirou o capacete com as mãos trêmulas. — Você sabe como desferir um golpe, Kate.

— Não se trata de uma briga. É uma jornada de mil léguas que começa com um passo simples. Se quiser realizar esta jornada comigo, terá de provar que mudou.

Lentamente a tensão se dissipou do corpo rígido.

— Desculpe-me, Kate. Sempre acredito que progredi até que algo acontece.

— Casos envolvendo sexo e mulheres de sua estima parecem desencadear reações primitivas em você.

— Primitivo não é a palavra certa. Tampouco meus sentimentos por Julia são edípicos. São filiais, imagino. Já que Sam não está aqui para proteger sua mulher, eu me vejo na obrigação de fazê-lo. Ridículo, não acha?

— Acho. Não o recrimino por ficar chocado. Também estou. Afinal, ela é minha mãe. Todos nós crescemos acreditando que nossos pais nos acharam na floresta e que o sexo não existe até o experimentarmos. Mas a vida amorosa de Julia diz respeito a ela. Charles não é um ogro ou um maníaco sexual. São amigos há décadas. Charles é um homem excepcional, e um viúvo disponível. Entendo por que se sentiram atraídos.

— Mas Sam morreu há apenas dois meses!

— As pessoas reagem ao sofrimento de maneiras diferentes. Que direito tenho de criticar minha mãe, que sempre me amparou? — Kate percebeu que o amor e o apoio de sua mãe eram eternos e garantidos. Seu pai, que se ausentara constantemente por causa do trabalho, era de quem ela buscara

aprovação. Somente agora entendia o coração de Julia. Pelo menos, ela conseguia aceitar as escolhas da mãe.

— Depois que me deixou... Quanto tempo levou para se envolver com outro homem?

— Quer mesmo saber?

Ele desviou o rosto.

— Acho que não.

— Dois anos se passaram antes de eu sair com um homem. Mais quatro anos foram necessários para eu dormir com alguém. Sente-se melhor em saber que não me agarrei ao primeiro que apareceu?

— Não. É uma medida do quanto eu a machuquei.

Sorrindo, ela o socou no braço.

— Muito bem, Romeu, agora é sua vez de dizer quanto tempo levou para voltar a circular.

— Mais de um ano. Menos de quatro. Foi bom ignorar onde você estava. Eu talvez entrasse em um rodaminho insano, se ainda morasse em Baltimore. Durante meses, tive a certeza de que, se a visse, conversasse com você, eu poderia persuadi-la a voltar para casa.

— Por isso, pedi o divórcio à longa distância. Temia que, se estivéssemos no mesmo espaço, a proximidade fosse tão natural que eu me jogaria na fogueira sem pestanejar. E, caso isso acontecesse, não sei se teria forças para escapar novamente.

— Não suporto a idéia de que, sob quaisquer circunstâncias, eu seja capaz de... Deus, nem sequer consigo pronunciar as palavras.

A visão tenebrosa da faca em sua mão e da lâmina coberta de sangue surgiu na mente de Kate.

— Não sei se foi sorte ou sabedoria, mas o pior não aconteceu. — Ela abotoou a jaqueta. — Você se acalmou? Estou com frio e fome.

— Sim, eu me acalmei. — Donovan estendeu a mão. Quando Kate hesitou, ele disse: — Juro por Deus que nunca vou tocá-la quando estiver com raiva. Não espero que acredite agora, mas rezo para que um dia confie em mim.

Kate devolveu a chave e subiu na moto. Naquela noite, felizmente, não vivenciaram o tipo de explosão que arruinara o casamento. Ela trouxera o problema à tona em vez de evitá-lo e Donovan conseguira administrar a fúria em uma dura situação emocional.

Ao abraçá-lo pela cintura, foi impossível reprimir a frágil esperança que a assolou.

CAPÍTULO XXXIV

Outro dia, outra cidade. Atlanta, no caso. Donovan terminou o sanduíche e jogou a embalagem no lixo. Comer sentado à mesa de trabalho não era politicamente correto. Mas quando avistou Kate degustando salada de macarrão, teve de admitir que parecesse politicamente civilizada.

O telefone tocou. Era Brian, um funcionário da PDI realizando um trabalho em Honolulu. Após ouvir por que ele havia ligado, Donovan praguejou.

— Vá em frente e contrate um equipamento novo. Não podemos adiar mais esse serviço. E, Brian... Tome cuidado.

— Mais problemas? — Kate perguntou quando ele desligou.

— Um incêndio no terreno que estamos limpando em Honolulu. Uma escavadeira e um carregador foram destruídos. Nunca vi uma maré de azar como essa em tantos serviços ao mesmo tempo. Incêndio, acidentes, operários problemáticos, enfim, tudo.

— Alguém se feriu?

— Graças a Deus, não.

Kate recolheu o prato e os talheres de plástico e jogou-os na lixeira ao pé da mesa, à qual organizava as permissões necessárias à demolição.

— Ainda bem. A maré de azar costuma vir em quantidade. Em breve, o vento irá mudar.

— Espero que sim. — Havia certos momentos em que Donovan se perguntava se tal entrave significava que não devia operacionalizar a PDI. Então recordava outros acidentes que a empresa tinha experimentado ao longo dos anos. A única diferença era que agora o número de episódios ocorria de uma vez. Pura coincidência.

— Já cumpri os itens de sua lista — Kate continuou. — Tem mais algum trabalho administrativo para mim? Se não tiver, gostaria de circular pelo terreno e bancar a chefe esta tarde.

— Faça isso. Preciso ficar aqui porque nosso cliente, Bob Glazer, chegará dentro de meia hora.

— Até mais tarde. — Kate pegou o capacete e se levantou.

Um senhor de idade, usando terno e chapéu, abriu a porta.

— Com licença — ele disse com sotaque sulista. — São os representantes da Phoenix Demolições?

— Sim, somos — Kate confirmou. — Entre.

Atrás do homem, surgiu uma senhora de rosto gentil, em um vestido florido e carregando uma sacola.

— Tenho uma pergunta que lhes parecerá ridícula — o senhor disse.

— Duvido — Donovan comentou. — Gosto de perguntas fora do padrão.

— Meu nome é Wilfred Bowen e está é minha esposa, Essie. Cinquenta anos atrás, eu e ela nos casamos aqui no Hotel St. Cyr.

— Sim? — Kate o estimulou.

— Wilfred está me agradando, querida — a Sra. Bowen disse. — Quando eu soube que derrubariam o hotel, pedi-lhe que me trouxesse aqui para uma última visita.

— Lamento muito, Sra. Bowen, mas já começamos a limpar o prédio — Donovan contou. — Nada se parecerá com o que a senhora conheceu.

— Nem tudo, meu jovem. O salão de baile foi destruído?

— Na verdade, creio que seja a única área que ainda está intata — Kate informou. — Posso levá-los até lá, mas terão de usar capacetes.

— Capacete! Oh, que divertido — a Sra. Bowen vibrou. — Podemos ir agora mesmo?

Donovan verificou o relógio. Tinha tempo antes de Glazer chegar.

— Agora é o momento ideal. A equipe parou para almoçar e o prédio está tranquilo. Assim que voltarem a trabalhar, o barulho será infernal.

Após as devidas apresentações, Kate entregou dois capacetes aos Bowen. Wilfred colocou o dele com grande dignidade, enquanto Essie ficou tão bonita que poderia se passar por uma modelo de comercial.

Kate os guiou até o hotel. Depois de atravessarem os vestíbulos em ruína, o grupo chegou a seu destino que, apesar da poeira, permanecia em estado original.

Essie percorreu o salão, admirando o teto sofisticado.

— Lembra-se de nossa festa de casamento, querido?

— Lembro, sim, Essie Mae.

Ela tirou um objeto da sacola.

— Meu neto caçula me emprestou seu aparelho de som portátil e minha filha me deu uma fita de música. Poderíamos dançar pela última vez?

— Claro que podem — Kate permitiu.

— Wilfred, você sabe ligar esta coisa?

O marido examinou os botões e, por fim, apertou a tecla play. Acordes invadiram o salão.

Essie entregou uma câmera para Kate.

— Poderia tirar algumas fotos, por favor? Assim mostraremos à família nosso aniversário de casamento.

Donovan tentou imaginar como Kate estaria em quarenta ou cinquenta anos. Ela teria cabelos grisalhos, a pele fina sobre os adoráveis ossos e aquele sorriso. Kate seria linda.

Ao terminar de fotografar, ela deixou a câmera ao lado do som.

— Srta. Corsi daria a mim a honra desta dança? — Donovan convidou.

— Fomos devidamente apresentados, senhor?

— Não. Sou um penetra desavergonhado.

— Maravilha. Tenho uma secreta atração por desavergonhados.

De capacete, camiseta e jeans, Kate ainda era a graciosa debutante de Baltimore.

Donovan invejara os rapazes que com ela haviam dançado naquela noite em que tinham se conhecido. Mas, como Kate terminara a noite com ele, considerava-se o felizardo.

Em silêncio, eles rodopiaram pelo salão. Se fosse um encontro de verdade, Donovan a aproximaria para que ela pudesse apoiar o rosto em seu ombro e sentir o balanço ritmado do corpo feminino. A simples idéia alterou sua respiração. Droga, Kate fora esperta ao insistir para que não a tocasse desde o início, pois quanto mais próximos, mais ele almejava fazer amor com ela. Na paixão, talvez, conseguiria reparar o passado. Expressar o que não podia ser dito em palavras. Pena aquele instante ser apenas um intervalo de uma jornada de trabalho, não um encontro romântico.

A música parou. Kate abaixou os braços, mas não se afastou. Por um segundo, entreolharam-se.

O ruído de uma escavadeira no piso inferior estragou o clima. Kate olhou para os Bowen.

— Chegaram ao momento certo.

— Obrigada por nos proporcionar nosso instante romântico. — Essie sorriu, enquanto guardava o som e a câmera. — Nunca se esqueçam de arranjar tempo para o romance. Isso os ajudará nos momentos mais difíceis.

Kate corou.

— Essie — Wilfred disse —, com você momentos difíceis não existem. Sempre foi á mais doce de Dixie.

— Entende por que eu o mantive todos esses anos? — Essie perguntou, rindo.

— Vou levá-los de volta ao escritório — Donovan avisou. — Tenho uma reunião com um cliente em alguns minutos.

— É hora de voltar ao trabalho — Kate concordou.

Enquanto acompanhava o casal, Donovan pensou no comentário de Essie Bowen sobre arranjar tempo para romance. A idéia lhe agradou sobremaneira.

Outra cidade, outro prédio a implodir. O trabalho da PDI nunca a entediava, embora já tivesse superado a fase de novata. Definitivamente havia nascido para explodir estruturas. A despeito dos esforços de seus pais para civilizá-la, sentia-se mais viva e genuína em demolições que naquela festa de debutante.

Por se tratar de uma construção robusta, o Hotel St. Cyr requeria cálculos acurados e um processo preparatório minucioso para ruir no meio de um punhado de arranha-céus. O projeto, originalmente, fora administrado por Sam, então Donovan realizaria sua própria vistoria da estrutura antes de finalizar o planejamento dos explosivos. Tão logo ele descobrisse o que precisava saber, voltariam a Baltimore e um funcionário especializado da PDI voaria para Atlanta a fim de supervisionar o restante do trabalho.

Levar Dina para a casa de Julia antes da viagem havia lhe proporcionado a chance de superar o constrangimento devido à cena que Kate e Donovan tinham presenciado. Nenhuma das duas mencionou o assunto abertamente, mas Kate conseguira indicar que não tencionava julgar a mãe e Julia dera sinais de que o affair com Charles terminara.

Kate não sabia ao certo o que sentir. Seu lado egoísta ficara aliviado com a notícia.

Porém, como uma filha podia ficar contente em saber que a mãe perdera a fonte de consolo em um dos momentos mais difíceis da vida? Quando chegasse a Baltimore, ela teria de conversar com sua mãe.

O porão do edifício, onde uma carregadeira recolhia placas enormes de paredes demolidas, Kate passou vários minutos com Gil Brown, o contramestre local, para revisar o necessário antes da demolição. Por sorte, Brown era eficiente e já havia trabalhado com a PDI anteriormente. Até agora, aquele projeto se desenrolava com perfeição.

Brown saiu, deixando Kate no porão com a carregadeira. Ela circundou a área, que ainda não conhecia. O porão abrigara o depósito e o serviço de quarto do hotel. A carregadeira já havia derrubado a maior parte das paredes com uma violência que trancara o reboco do lado oposto do porão.

Kate se deteve no depósito quando o feixe de luz de sua lanterna iluminou uma rachadura no teto. Parecia haver uma viga extra ali, o tipo de variação que poderia afetar o planejamento de explosivos.

Intrigada, arrastou um caixote de madeira velha jogado em um canto até a rachadura e nele subiu para examinar o problema mais de perto. Usando uma chave de fenda de seu cinto, ela lascou o reboco a fim de melhor ver a viga.

A escavadeira derrubou uma das colunas de suporte com tamanha violência que Kate sentiu o caixote vibrar. O operador da máquina era um ruivo robusto que acreditava poder demolir o prédio sozinho. Ela teria de conversar com o homem antes de subir.

A máquina investiu contra outra coluna. Dessa vez, o teto acima de Kate estremeceu.

Mais do que isso! A estrutura estava cedendo...

Não houve tempo de gritar quando o teto desabou sobre ela.

Zonza, Kate se deu conta de que estava submersa na escuridão opressiva. Tentou se mexer, mas não conseguiu. Estaria paralisada? Não, estava prensada sob quilos de concreto, o que a impedia de respirar. Por instinto, tentou inalar para pedir socorro. A pressão em seu peito aumentou.

Deus achava-se tão soterrada que não conseguia respirar.

Em pânico, descobriu que não conseguia mover a cabeça, que estava virada para a esquerda e imobilizada, mas o rosto descoberto possibilitava a respiração, se não inalasse profundamente.

Após recuperar certo controle, avaliou sua posição. Havia caído para trás e jazia sobre o piso frio de concreto, grampeada por uma massa polida de laje. Estirada como um espécime em uma mesa de laboratório.

Embora machucada e trêmula, não sentia dores. A começar pelos dedos, ela flexionou devagar os músculos de várias partes do corpo. Todos pareceram funcionar. O motor da carregadeira ainda soava com a mesma intensidade, logo, pouco tempo se passara desde que o teto ruíra. A tontura se devera ao choque e não a um ferimento na cabeça.

A laje que a prendia no chão inclinava-se da direita para a esquerda. A lateral esquerda e as costelas estavam tão prensadas que em breve ficariam dormentes. Do outro lado, ela pôde mover a mão e o braço. E a escuridão não era absoluta. Feixes de luz penetravam nas lacunas da laje, o que lhe pareceu uma bênção. Só Deus sabia onde fora parar sua lanterna.

Haveria alguma chance de sair dali por conta própria? Tentou empurrar a laje.

Fragmentos de entulho rolaram nas extremidades de sua prisão e partículas de poeira tombaram em seu rosto, mas não conseguiu mover o peso. Mesmo que tivesse mais força, ainda assim o material era pesado demais para deslocá-lo.

Cautelosa, explorou os arredores com a mão direita. Os dedos tocaram uma superfície de madeira. O caixote sobre o qual subira estava apoiando a laje. Se não fosse o espaço que se criara, ela teria sido esmagada. Rezou em agradecimento.

A carregadeira se aproximava. Com súbito pavor, Kate percebeu que quando chegasse àquele local, o operador, para se livrar de pilha de entulho, simplesmente a cortaria em pedaços.

Pensou em gritar, mas mesmo que conseguisse encher os pulmões de ar para um berro decente, não seria ouvida sob o ruído ensurdecedor da máquina. Então não podia se mover nem gritar. Alguém perceberia que havia sumido antes da porcaria da carregadeira atingir aquele canto do porão? Provavelmente não.

O piso vibrou quando a carregadeira derrubou outra coluna. A laje se moveu, reduzindo ainda mais a capacidade de respirar. O pânico emergiu ao reconhecer a morte iminente. Nunca estivera tão apavorada na vida, nem mesmo quando ficara pendurada no buraco do elevador em Las Vegas.

Encarar a morte fez com que sua vida se desnudasse. Não havia muitas coisas das quais se arrependia e todas elas tinham a ver com pessoas. Deveria ter se esforçado para superar o estranhamento com o pai e manter contato constante com a mãe durante os anos na Califórnia.

E deveria ter investido em Donovan enquanto teve a chance. Os medos e as dúvidas que vivera eram legítimos, mas Rachel estivera certa: ela evitara intimidade. Somente se enfrentasse as brasas acesas de seu casamento falido, poderia se libertar. Agora era tarde demais. Se conseguisse chamar Patrick para pedir desculpas pelas evasivas covardes...

Chame-o!

Praguejando consigo mesma por não se lembrar do rádio antes, bateu com a mão direita até encontrar o walkie-talkie no cinto. Parecia sem avarias.

Praguejou novamente ao perceber que não conseguiria levá-lo ao rosto. Por um momento, quis chorar de desespero ou raiva. Se o operador da carregadeira não fizesse uma pausa e desligasse o motor, estaria morta.

Pai era isso que temia? Que eu morresse como você?

Uma calma curiosa a invadiu, como se Sam estivesse presente, levando-a para a cama tal qual fizera quando ela era criança. Se morresse agora, descobriria se havia mesmo um túnel de luz com os espíritos das pessoas amadas ao final. Se assim fosse, Sam certamente estaria a sua espera.

Mas não estava pronta para morrer, droga! Tentou outra vez mover a laje. O caixote rangeu e a

massa cedeu ainda mais. Suando frio, ela concluiu que seus esforços poderiam quebrar o caixote com resultados fatais.

Tocou o rádio novamente. Tão perto e tão longe.

Então percebeu que o botão de transmissão estava sob seu dedo. Não podia levar o dispositivo à boca, mas podia apertar o botão, que produziria um clique nos outros rádios. As pessoas que trabalhavam no prédio não notariam por causa do barulho da demolição, mas o som seria audível no escritório. Com sorte, Donovan ainda estaria lá.

Kate começou a apertar o botão, usando a única mensagem em código Morse que conhecia.

Por favor, Deus, faça alguém escutar.

CAPÍTULO XXXV

Após despedir-se dos Bowen, Donovan teve tempo apenas para fazer café e rever as anotações antes de Bob Glazer aparecer para a reunião. Um homem afável, Glazer era um grande empreendedor. Se gostasse de trabalhar com a PDI, isso significaria mais negócios futuros.

Naturalmente, Glazer precisava do prédio demolido com urgência para que iniciasse a construção da torre de escritórios no terreno. Agora que Donovan havia avaliado a estrutura, pôde projetar com precisão quanto tempo cada fase de demolição requeria. Discutiam os prazos quando percebeu que o rádio emitia estranho cliques. Resolveu verificá-lo depois.

A reunião estava quase no fim quando os cliques chamaram sua atenção.

— Com licença. Escutou esse som?

— Sim. O que tem ele? — Glazer ouviu. — Três cliques rápidos. Três lentos. Mais três rápidos.

Os dois se olharam.

— SOS. — Donovan praguejou e pegou o rádio da base. — Atenção, checagem de rádio! Por favor, número e localização.

Segundos depois, Gil Brown disse:

— Unidade um, quarto andar.

Outra voz, uma dos dois chefes de equipe, informou:

— Unidade dois, terceiro andar.

— Unidade três, primeiro andar — o outro chefe indicou.

A unidade quatro era Kate e Donovan era a unidade cinco quando em trabalho de campo. Mas após a terceira resposta, houve apenas silêncio.

Kate, onde você está?

— Unidade quatro, comunique-se agora — Donovan disse no rádio.

O receptor clicou com mais velocidade.

— Kate, seu rádio está com defeito?

O aparelho respondeu com outra rajada de cliques. Nos intervalos, enquanto o transmissor estava aberto, ele escutava a barulho das máquinas. Portanto, o rádio dela funcionava bem. Por que Kate não falava?

Porque não podia!

— Um clique para sim, dois para não. Está com problemas?

Um clique.

— Entendi. — Donovan olhou para o cliente. — Vou até o hotel. Minha sócia parece encrencada.

— Claro. Há algo que eu possa fazer?

— Se souber algumas orações, reze. — A caminho, Donovan ligou o walkie-talkie e vociferou: — Alguém sabe onde Kate está?

Três vozes falaram juntas, dizendo que ela não estava nos respectivos andares.

— Alguém a viu depois do almoço?

— Eu e ela conversamos no porão — Gil replicou. — Kate ainda estava lá quando subi.

Donovan entrou no hotel.

— Está no porão, Kate?

Um clique.

Deus, a carregadeira derrubava as paredes do porão! Com o coração em disparada, ele desceu a escada.

Mais da metade do porão agora estava em ruínas. À esquerda, a máquina despedaçava placas com a pá de aço. Donovan pulou diante da carregadeira e sacudiu os braços para o operador enxergá-lo. O ruivo quase o atropelou antes de notá-lo e frear a máquina.

— Desligue esta porcaria! — Donovan ordenou.

O operador obedeceu.

— Kate está aqui? — ele perguntou em meio ao súbito silêncio.

— Eu há vi um tempo atrás. Acho que deve ter subido.

— Faça uma pausa — Donovan ordenou e ligou o rádio. — Perdemos um companheiro. Parem todas as peças do equipamento pesado.

Uma a uma, as máquinas silenciaram. O hotel tornou-se quieto. Devagar, Donovan esquadrinhou o porão. Havia pilhas de entulho em todos os cantos. Deus esperava que Kate não estivesse soterrada. Se ela descera para uma vitória...

— Kate, você está na seção que ainda não foi demolida?

Um clique.

— A nordeste?

Uma pausa, dois cliques.

Donovan se virou e examinou a ala sul do porão.

— Pode ouvir minha voz? — gritou sem usar o rádio.

Um clique.

Precipitou-se ao corredor que ligava os cômodos remanescentes.

— Minha voz está mais alta?

Um clique.

Ele tinha visto quinquilharias deixadas para trás quando o hotel fora fechado, mas nada amplo o bastante para esconder uma pessoa até que passou pelo depósito onde metade do teto havia caído em uma única peça de laje maciça. Deus, alguém poderia estar vivo embaixo daquilo?

— Você está aqui, Kate?

Dessa voz, foi à voz abafada quem respondeu.

— Estou aqui e mais ou menos bem. Não é tão ruim quanto parece. Um caixote de madeira está sustentando a maior parte do peso.

Aflito demais para analisar a melhor maneira de libertá-la, Donovan segurou a extremidade da laje e fez força. Com pernas, braços e costas, ele ergueu a peça e a jogou para trás.

O corpo de Kate surgiu. Enquanto a laje se chocava contra a parede e despedaçava, ele se ajoelhou.

— Kate?

Ela tossiu e engasgou quando os primeiros golpes de ar levaram poeira aos pulmões.

Donovan a segurava enquanto Kate lutava para respirar.

Trêmula de frio por permanecer deitada no concreto gelado, ela conseguiu se sentar.

— Obrigada.

O alívio transformou-se em fúria. Por que ela insistia em fazer aquele trabalho arriscado? Donovan queria sacudi-la até...

Interrompeu o pensamento, assustado, consigo mesmo, e a abraçou quando uma lembrança de infância resvalou sua mente. Ele havia subido no telhado para pegar o gato do vizinho e escorregara, caindo no chão. Permanecera deitado, perplexo demais para se mover, enquanto seus pais correram até o quintal. Sua mãe chorara de alívio ao vê-lo bem, mas o pai explodira de raiva. Sacudindo Donovan violentamente, jurara que se o filho cometesse outra estupidez como aquela, ele o espancaria até a morte.

Era esse o modelo masculino que ele assimilara: um homem podia mostrar raiva, mas nunca sentimentos ternos. A despeito da influência da mãe e da promessa de ser diferente, a verdade crua era que se tornara o próprio pai.

Deus, que idiota! Quando as emoções ameaçavam sair do controle, o que acontecia com Kate regularmente, ele reagia com fúria, uma resposta mais masculina e aceitável que lágrimas ou medos. A ligação, de repente, mostrou-se tão óbvia.

— Rapaz, você viu como ele levantou a laje? — alguém disse à porta.

— Aquilo deve pesar uns trezentos quilos — outra pessoa comentou.

Foi então que Donovan percebeu a audiência que se formara: operários, operadores de máquinas e até Bob Glazer, de capacete, se juntara ao grupo.

Ele olhou para o entulho que havia erguido. Santo Deus, por isso, as pessoas estavam perplexas. Um ponto para a adrenalina.

Para ajudar Kate, ele seria capaz de mover o Everest.

— Como se sente?

Os cabelos estavam cobertos de poeira e o rosto, imundo. Mas Kate conseguiu sorrir.

— Estou bem. Tive sorte. Meu lado esquerdo está adormecido, mas já começa a passar agora que o sangue voltou a circular.

— A sorte teria evitado que se estatelasse como um mosquito no pára-brisa. — Donovan a ajudou a se levantar.

Ela cambaleou quando jogou o peso na perna esquerda, mas movia-se sem dor aparente.

— Você atrai problemas, Kate.

— Alguns de nós temos esse talento. Sempre acreditei em mergulhar no trabalho.

O comentário produziu risadas de alívio. Aqueles homens sabiam quão próximos do desastre poderiam estar em qualquer trabalho.

— Sei que se alimentou muito bem no café da manhã, mas mesmo assim vou levá-la a um hospital para um check up.

— Não precisa Donovan. Além disso, você não tem tempo. Os prazos desse projeto são apertados demais.

Rindo, Glazer aproximou-se.

— A mulher ideal. Mas, para agradar a mim e minha seguradora, deixe-me levá-la a uma clínica perto daqui para um exame rápido. Depois eu a deixarei em seu hotel. Qualquer um que foi enterrado vivo merece uma tarde de repouso.

— Devo admitir que esteja pronta para encerrar o dia — Kate confessou.

Embora preferisse levá-la, Donovan concluiu que a sugestão de Glazer fazia mais sentido.

— Certo, mas ligue imediatamente se houver complicações.

— Não haverá. A propósito, eu verificava aquela viga quando o teto desabou. Tem o dobro da largura, o que afetará seus cálculos.

Donovan apontou a lanterna para o teto e viu que Kate estava certa.

— Vou procurar outras como essa. — Ele sorriu. Kate, sem dúvida, era filha de Sam.

Gil Brown aproximou-se quando ela e os outros saíram.

— É sua namorada, Donovan?

— Ex-mulher.

— Talvez devesse fazer alguma coisa para eliminar o “ex”.

Donovan tirou o capacete e esfregou a cabeça.

— Talvez devesse mesmo.

Glazer ligou mais tarde para dizer que o exame clínico de Kate não revelara nenhum ferimento sério. Quando a deixara no hotel, ela declarara a intenção de tomar um banho e dormir, não

necessariamente nessa ordem. Não havia, portanto, motivo para Donovan continuar preocupado.

No entanto, ele finalizara seu trabalho o mais cedo possível. Atlanta estava repleta de turistas devido a uma convenção que lá ocorria. Logo, tiveram de se hospedar em um pequeno e luxuoso hotel, que lhes oferecera uma suíte nupcial tão cara que Donovan assumiu metade do custo para que a PDI não arcasse com toda a despesa. O cômodo não possuía dois quartos, mas o sofá da ante-sala abria-se em uma cama. Ele dormira lá na noite anterior, enquanto Kate ficara no quarto.

As acomodações tinham dezenas de laços e espelhos. Quando se registraram, ambos riram das caixas de chocolate que serviam de peças decorativas. Naquela noite Donovan adentrou a elaborada sala tal qual um tigre à espreita. Como não vira sinal de Kate, abriu a porta do quarto, esperando encontrá-la dormindo.

A cama estava desfeita, mas vazia. Ele olhou ao redor. A porta do banheiro achava-se fechada e um som emanava do interior. Ele bateu à porta.

— Já cheguei. Está aproveitando a banheira de hidromassagem?

O som parou.

— Pode apostar que estou. É ótima para os músculos doloridos. Poderia me fazer um favor?

— Claro. O que precisa?

— Há uma garrafa de vinho tinto no minibar. Poderia abri-la e trazê-la para mim?

Antes que a imaginação de Donovan se empolgasse, Kate acrescentou:

— Estou relativamente composta.

Perguntando-se o que aquilo significava, ele se dirigiu ao minibar. Pelo jeito, havia duas garrafas de vinho, pois uma já vazia achava-se no bar. Donovan pegou a bebida e voltou ao espaçoso banheiro.

Tão logo entrou, uma nuvem de vapor perfumado o recebeu, mas não foi isso que o deteve. O “relativamente composta” significava que Kate estava imersa na banheira rosa, os cabelos presos no alto da cabeça e coberta de espuma. Apenas os ombros achavam-se visíveis, entretanto, saber que estava nua sob o lençol de espuma o fez engolir em seco.

Apesar do abatimento, ela continuava deleitável.

— Eu não sabia que uma hidromassagem gerava tanta espuma quando jogamos sais de banho na água — ela comentou. — Não posso ligar os jatos por mais de dois minutos, se não a banheira transborda.

Ele inspirou o aroma de rosas. Feminino e intoxicante.

— Este hotel definitivamente vale o dinheiro que os recém-casados gastam.

— Desconfio de que a maioria dos hóspedes é pais que contratam babás e vem aqui para uma fuga romântica.

Concentrado, ele despejou o vinho no copo de Kate. Observar a pele cremosa revelada pelas bolhas de sabão seria um exercício de puro masoquismo.

Donovan fez menção de sair quando notou uma escoriação na face direita.

— Pensei que não tivesse se machucado.

— Foi só um arranhão. Este e alguns hematomas são a soma de meus ferimentos. Impressionante.

— Kate esticou o braço para pegar o copo de vinho.

Aflito, Donovan tentou não reparar que o movimento expunha parte do seio.

— Os médicos da clínica lhe deram algum sedativo? Se assim foi, você não deveria beber.

— Eles sugeriram ibuprofeno. Não causa efeitos colaterais.

— Então... Não caia no sono dentro da banheira.

— Por que não pega algo para beber e me faz companhia? — ela perguntou hesitante.

Kate queria apenas falar do acidente. Isso ele podia administrar.

— Vou buscar um refrigerante.

Uma vez fora do banheiro, Donovan desabotoou a camisa e a usou para enxugar o suor do rosto. Sentia-se como se tivesse passado uma noite nos trópicos.

Tirou as botas e as meias. Após jogar cubos de gelo em um copo, serviu-se de refrigerante e voltou ao banheiro.

— Descobriu por que aquele pedaço do teto caiu sobre mim? — Kate indagou. — Não deveria ter desabado tão facilmente.

Donovan sentou-se no chão.

— Dei uma olhada na estrutura depois que você saiu. Uma velha infiltração térmica enfraqueceu as vigas. As ondas de choque da carregadeira foram à gota d'água. Por azar, você estava lá quando a gravidade venceu.

— Um acidente do qual se pode fugir não conta como azar.

— Você já viveu sua quota de acidentes em seu curto período na PDI. Eu deveria excluí-la de todos os trabalhos de campo.

— Você também teve sua quota de acidentes, não teve? Lembro-me de alguns quando éramos casados e cheguei a desconfiar de que não me contava todos porque não queria me preocupar.

— Eu devia saber que era impossível enganá-la.

— Qual foi o acidente mais perigoso que viveu?

A espuma desceu ao nível dos mamilos. Donovan desviou o olhar.

— Ligue a hidromassagem para elevar o nível de espuma. Então eu responderei a sua pergunta.

Corada, ela acionou os jatos. Donovan contou os ladrilhos para se distrair. Quando a espuma voltou a subir, ele a encarou novamente.

— O pior aconteceu por acaso, não foi um acidente normal. Eu recolhia restos de dinamite após uma implosão para que pudéssemos queimá-lo quando um lunático apareceu, armado, e atirou contra os explosivos.

— Meu Deus! O que aconteceu?

— Uma explosão infernal. Como eu estava ajoelhado, a maior parte do impacto foi sobre mim. Fui jogado para trás com extrema violência. Quebrei algumas costelas, perdi um pouco da audição em um ouvido e meu anel de formatura foi arrancado. Não estou me queixando. Sobrevivi.

— O que houve com o homem que causou a explosão?

— Morreu. Um viciado em implosão frustrado. — Donovan levou o copo gelado à testa. O episódio ocorrera em Phoenix durante um dos verões mais quentes da história. — Aparentemente, ele queria matar alguém da PDI porque nossos seguranças o impediram de roubar explosivos. O homem não se incomodou em explodir a si mesmo durante o processo.

— E tem a pachorra de me dizer que atraio problemas! Só caí no buraco de elevador e fui soterrada por uma placa de laje. Você quase foi morto por alguém que queria explodi-lo.

— Tem razão.

Kate cruzou os braços sobre a beirada da banheira.

— Quando se chega tão perto da morte, você vê sua vida passar diante de seus olhos? Pensa em assuntos não resolvidos?

— Para ser franco, não. O incidente sempre termina antes que eu tenha tempo de pensar. Você pensou em sua vida hoje?

— Pensei. — Ela deixou o copo vazio no chão. — Você deve estar louco por um banho. Por que não se junta a mim? A banheira é grande o bastante para dois.

— Por Deus, Kate! Quanto você bebeu?

— Somente dois copos de vinho. Não estou embriagada. — Ela respirou fundo. — Mas a bebida me dá coragem para... Fazer-lhe esse convite.

As palavras geraram uma onda de calor que o estonteou.

— Não comece algo que não conseguirá terminar.

— Não é o que pretendo. — Kate fechou os olhos por um instante. — Quando estava sob aquela laje, pensando se iria morrer sufocada ou esfaqueada pela máquina, percebi que meu maior arrependimento era ter medo de... Estar com você. Ainda temo, mas agora sei que é um risco que precisarei correr ou nunca me perdoarei.

— Tem certeza?

— Tenho.

Donovan tirou a camiseta.

— Nesse caso, cara mia eu esperamos que haja água suficiente nesta banheira para lavar doze anos de bagagem emocional.

CAPÍTULO XXXVI

A despeito da água quente, Kate estremeceu ao ver Donovan tirar a camiseta. Os anos de trabalho em construção haviam criado músculos no tórax e nos braços, como também uma cicatriz ou duas.

Não podia acreditar que após semanas reprimindo a atração ela enfim tinha a coragem, ou a loucura, de confrontar os medos.

Donovan abriu o cinto da calça. Antes de se despir totalmente, inclinou-se para beijar o machucado na face direita.

— Você parece apavorada. Ainda pode mudar de idéia. Mas tem de ser agora.

Ela o abraçou pelo pescoço e virou o rosto para beijar-lhe os lábios. Patrick, Patrick.

Reconheceria aquele toque excitante em qualquer lugar do mundo. Quente, firme, familiar. Outrora haviam partilhado muitos beijos, alguns com paixão, outros com afeto e, às vezes, como um gesto simbólico de que estavam conectados.

O beijo foi lento, gentil e exploratório. Kate sentia o desejo dentro dele. O medo transformou-se em outro tipo de tensão.

— Não vou mudar de idéia. Prometo — ela sussurrou.

Fitou então a cicatriz quase imperceptível que começava no ombro e se estendia até o braço. Mesmo abalada, traçou a linha na pele.

— E quanto a você, Patrick? Tem certeza de que quer se envolver com aquela que o esfaqueou?

Donovan segurou-lhe a mão e a pousou sobre o coração.

— Fui eu quem provocou a ferida que você me causou Kate.

Havia aprendido a ter paciência durante os anos. Em vez de emendar o beijo com outro, ele entrou na banheira. O nível da água subiu quando enroscou as pernas musculosas nas dela. Ambos tiveram de flexionar os joelhos para caberem na banheira.

— Acho que este projeto vale sérias expectativas. — Com os pés, ele acariciou as curvas dos quadris. Sensual.

— A banheira parecia menor com uma pessoa apenas. — Kate deslizou as mãos sobre os músculos da perna.

— A intimidade é a palavra de ordem. Por falar nisso, não aderi ao celibato nos últimos dez anos, mas fiz um exame de sangue há alguns meses e não tenho nenhum vírus contagioso.

— Eu também não. E o contraceptivo está em dia. — Ela corou. Uma mulher moderna não deveria confiar em um homem sob a influência enfurecida dos hormônios, mas aquele era Patrick. Embora a tivesse magoado profundamente, podia acreditar que ele protegeria sua saúde. Assim como ele também podia confiar nela.

Donovan capturou a esponja colorida que flutuava na água e se esfregou. Imaginando que a

hidromassagem poderia satisfazê-lo, Kate ligou os jatos.

— Que delícia — ele murmurou. — Eu devia usar a hidromassagem lá de casa com mais frequência. Em geral, só uso o chuveiro. — Preguiçoso, ergueu a perna de Kate e acariciou a parte interna da coxa.

As sensações inebriantes a invadiram. Ele tinha o poder de ascendê-la com um simples gesto.

— O chuveiro é bom para lavar os cabelos. O banho serve para recreação.

— Estou disposto a recrear.

— A primeira vez em que ficamos juntos, e nem era um encontro oficial, o sexo emergiu naturalmente. Agora estou presa a nós.

— Não me surpreende. — Donovan continuava a acariciá-la com a mesma suavidade com que falava. — Naquela noite, ambos nos deixamos levar pelo instinto. Sabíamos que estávamos destinados a ficar juntos. Mas tantas coisas aconteceram desde então. É natural que tenha sérias dúvidas.

— Eu penso demais. Você costumava me dizer isso e tinha razão.

— Como qualquer coisa, pensar pode ser bom ou ruim. — Ele suspirou. — Não a culpo por duvidar de mim. Destruí um relacionamento que foi uma dádiva divina.

Enquanto estivera presa e apavorada naquele hotel condenado, Kate encarara não apenas a covardia no que se referia a Donovan, como também outras duras descobertas.

— Houve culpa de ambos os lados, Patrick. Lidei mal com a situação desde o início. Inventei desculpas para você, recriminei-me por não ser compreensiva, jurei tentar com mais afinco. E... E talvez não tenha visto o problema com a seriedade necessária, porque maquiá-lo sempre foi fantástico.

Em outras palavras, de uma mistura de motivos, alguns bons outros ruins, ela fizera um conluio com o próprio abuso.

— O sexo excepcional era uma maneira de mascarar os problemas subjacentes. Para mim, o fato de estarmos apaixonados significava que não havia nada de errado — Donovan argumentou. — Era também uma forma de eu não encarar meu comportamento. Desde que satisfizesse minha mulher, eu me sentia um homem de verdade.

Kate partilhara a mesma crença de que a paixão solidificava o relacionamento.

— Quando as coisas vão mal, eu desabo. Se tivesse sido mais corajosa e esperta, teria permanecido em Maryland para ao menos tentar salvar nosso casamento, em vez de fugir. Eu só entendia sim ou não. Sim, o casamento funciona ou não, não há esperança. O “talvez” não pertencia a meu vocabulário.

— Não se recrimine Kate. Talvez a situação na época não pudesse ser resolvida. Prefiro pensar assim.

Ela pegou um punhado de espuma e observou-a escorrer pela palma da mão. Tantas bolhas perfeitas, belamente iridescentes. Poderia Patrick estar certo? Houvera uma ordem para as coisas se sucederem do jeito que aconteceram?

— Eu também gostaria de pensar assim.

— Kate, eu não quero que a noite de hoje a faça, lembrar a última vez. Portanto, cabe a você iniciar, fazer o que quer, quando quiser. É você quem manda.

Com uma compreensão chocante, ela percebeu que Donovan tocava sua ansiedade subjacente. O casamento se despedaçara em um conflito enraizado no desespero, na posse e no poder, não no amor. Kate fora capaz de viver e trabalhar com Donovan negando tudo que sentira naquele dia, mas agora seria impossível. Por isso, ele fazia o possível para lhe entregar o poder.

— Estou no comando. Gosto da idéia.

Após desligar os jatos, ela se sentou nas pernas de Donovan, roçando os seios no peito largo.

— É muito melhor que ser a vítima.

Kate beijou-lhe o pescoço e deslizou as mãos sobre os ombros. Então roçou os lábios sobre a cicatriz da facada. Sob a estonteante fragrância de rosas, ela identificou o odor peculiar do ex-marido. Único, hilariante.

— Lembra-se daquela noite na praia em Antigua, durante nossa lua de mel?

— Claro. Luar e furor. — O corpo de Donovan despertava à medida que ela o explorava. Com as mãos, acariciava lentamente os quadris e as costas sinuosas.

Kate deslizou sobre ele, boiando na água. Provou e tocou cada centímetro quadrado na pele quente impressa no presente e no passado.

— Tentei esquecer, mas não consegui.

O membro ereto de desejo, inconfundível, pressionava-lhe o ventre. Ela o provocou com movimentos sensuais. Donovan a aproximou, puxando-a pelos quadris.

— Ah, cara mia, as lembranças do que fez comigo estão gravadas em meu DNA.

Ela queria poder e o teria. Não se tratava de força física, mas sim de paixão compartilhada, de desejo febril no sangue. Kate fluía a seu redor, beijando e roçando e acariciando, incapaz de acreditar que estavam mesmo juntos após tantos anos. Aquele devia ser o sonho mais vívido de sua vida. Mas Donovan era real, palpável demais para ser negado.

Quando não mais pôde esperar, Kate ergueu os quadris e se impôs. Calor acetinado, promessas pecaminosas. Ele gemeu e a penetrou com mais intensidade.

Foi tão bom, tão delicioso tê-lo dentro de si. Ela enroscou os dedos nos cabelos negros e com o outro braço o envolveu pela cintura, enquanto seu próprio corpo liderava a dança primitiva de confiança e refúgio. Não sabia onde ambos se distinguiam, só tinha a constatação de que juntos eram um; unidos na paixão e no prazer ardente. O tempo parou, sedimentado pela harmonia enquanto ele seguia o ritmo de Kate. Ninguém jamais a completou tão bem..

O tempo voltou a existir quando ela estremeceu, agarrando-se a Donovan, prestes a perder o controle. Ele continuou seus braços ao redor dela como aço, enquanto emitia um gemido de urgência. Ápice e completude, como se nunca fora satisfeita em quase dez anos.

Tonta de desejo, Kate deitou-se no peito másculo.

— Deus, Patrick, senti tanto sua falta. Tanto, tanto.

— Cara. — Ele beijou-lhe a testa, a face, a orelha. — Caríssima.

Adorada. Donovan sempre usava a palavra carinhosa nos momentos de maior intimidade. No espaço de segundos, ela assimilou a sensação.

A euforia feneceu. Kate descobrira que a paixão ainda era poderosa. Não houve surpresa, dada a tensão sexual que vinha pulsando entre eles.

Mas também descobria, novamente, que só desejo bastava. Secretamente esperava que, se tivesse coragem de se mostrar vulnerável, os medos sumiriam para que pudessem se relacionar sem as sombras do passado. Contudo, o medo se cristalizara na terrível convicção de que se achava à beira de um abismo. Que amá-lo lhe custaria o preço da própria alma.

Para onde iriam a partir de agora? O gênio da paixão escapara da garrafa e não voltaria para sua alcova. Kate não se imaginava morando com Donovan sem se tornarem amantes, tampouco visualizava as sombras se dissolvendo e ela entregando-se a um compromisso marital.

Então se lembrou de que ele nada lhe pedira. Donovan queria provar o que havia entre eles, mas o sexo não significava que estava interessado em se casar outra vez. Sempre haviam sido fisicamente compatíveis. Essa vantagem não fora suficiente no passado e talvez ele concluísse que ainda não o era no presente.

Tal pensamento pareceu-lhe libertador.

Embevecido, Donovan acariciava Kate, desejando que ela nunca mais se movesse. Era difícil acreditar que tantos anos haviam se passado desde a última vez em que tinham feito amor. Como conseguira viver sem ela?

Muito mal.

O telefone tocou, destruindo o clima. Donovan grunhiu quando Kate saiu da banheira.

— Não vá. A pessoa pode deixar um recado na caixa de mensagem.

— Não podemos ficar na banheira para sempre. Viraríamos duas uvas passas.

— Você ficaria linda.

Pingando pelo banheiro, ela atendeu ao terceiro toque.

— Alô? Sr. Glazer. Que gentileza telefonar. Estou bem. — Kate torceu o nariz para Donovan. — Acabo de tomar um banho relaxante. Estarei nova em folha amanhã.

Como não houvesse motivo para permanecer sozinho na banheira, Donovan saiu e enrolou uma toalha na cintura. Então pegou outra e começou a secar as elegantes curvas de Kate. Sempre gostara de ver os cabelos cintilantes soltos, mas tinha de admitir que também apreciava a linha delicada da nuca quando exposta.

Ela prendeu a respiração quando Donovan a envolveu com a toalha para enxugar as gotas de água.

— Sim, Donovan veio ver como estou. Ele é muito... Cuidadoso.

Em detalhada lentidão, ele examinou o corpo feminino. Havia mais curvas, o que a tornava ainda mais sensual. Mas preocupou-se com os hematomas que Kate ganhara naquele dia. Havia uma mancha enorme no quadril, onde ela colidira no chão e outras menores em várias regiões. Beijou cada hematoma

com carinho, desejando apagá-los por completo.

Então, porque estava próximo, sugou um dos mamilos. A respiração de Kate acelerou.

Aflita, despediu-se e desligou.

— Foi um truque sujo, Donovan.

— Foi? — Ele transferiu a atenção ao outro seio.

— Foi sim. Você disse que hoje era eu quem dava as cartas.

— Eu e minha boca grande. — Ele suspirou.

— Bem, não tenho objeções quanto a sua boca. Mas agora é minha vez de enxugá-lo.

— Posso viver com isso. — Donovan soltou os cabelos loiros e regozijou-se ao ver as mechas tombando sobre os ombros.

Kate então se afastou e pegou outra toalha. Que perfeccionista ela era! Quando terminou de secá-lo, esmerando-se para não negligenciar as partes vitais do corpo, Donovan estava pronto para ir ao quarto.

Tão logo ela se aproximou da porta, ele a puxou para beijá-la. Após um instante, Kate o empurrou.

— Você está oral demais hoje. E sabe muito bem o que isso quer dizer.

— Mais sexo selvagem? — ele perguntou esperançoso.

Kate entregou-lhe um roupão.

— Está na hora de apelar para o serviço de quarto.

E o que poderia ser melhor que um jantar a dois, enquanto a cama os aguardava?

Mais tarde, Donovan não se lembraria o que haviam conversado durante a refeição. Só sabia que nunca se sentira tão contente em sua vida. Ou talvez, quando casados, também estivera contente, mas não reconhecera o sentimento até perdê-lo.

Gradualmente, percebeu que Kate não partilhava o mesmo humor. Embora não evitasse as carícias freqüentes, ela falara pouco e havia uma sombra nos olhos castanhos que Donovan não conseguia interpretar.

— A escolha ainda é da dama? — ele indagou, segurando-lhe as mãos.

— É sua vez de assumir o comando, eu acho.

Donovan desamarrou o cinto do roupão de Kate.

— Sabe o que quero iniciar.

— De certa forma, você não mudou nada. — Ela deixou o roupão cair no tapete. A parede, forrada de espelho, criava duas Kates, uma multiplicação de riquezas.

O desejo incandesceu. Donovan sentia que havia fenecido no deserto por mais que dez anos e sua sede por ela nunca seria saciada. Segurou o rosto delicado e a beijou novamente, bebendo a essência

única até que a febre assolasse a ambos.

Então a tomou nos braços e a levou para o quarto, onde a deitou na cama. Sob a penumbra, usou habilidade, paciência e intimidade para mantê-la no limite do clímax até que ela clamasse por satisfação.

Deleitaram-se como criaturas selvagens, rolando e enroscando-se, perdendo-se e encontrando-se até não restar mais energia. Embora estivesse saciado, por dentro Donovan sentia um pesar que não desaparecia.

Deitou-se de lado e a abraçou por trás. Era tão divino tê-la consigo que ficou tentado a manter o silêncio a fim de negar o que a intuição lhe dizia. Mas não poderia haver futuro se evitasse a verdade.

— Você não está totalmente aqui, está?

— Talvez... Até onde posso, eu esteja aqui. Algumas peças parecem ter se perdido.

A peça chamada amor? Ele mergulhou o rosto nos cabelos sedosos.

— Ainda tem medo de mim?

— Não é de você que tenho medo. Sinto-me... Debilitada.

A despeito da resposta tátil, Kate ainda sentia medo. Donovan odiava saber que ela o temia, mas não podia recriminá-la.

— Eu gostaria de jurar que a raiva nunca mais vai me dominar. Porém, não creio que seja possível. Só posso prometer que não usarei a força física. Minhas agressões nem sempre foram o pior, certo?

— Certo. A confiança é frágil e se rompe facilmente. Talvez seja impossível repará-la.

As palavras soaram como unhas arranhando madeira. Por poucas horas, ele sentira que o passado estava resolvido, que restava apenas acertar os detalhes para que as vidas de ambos se unissem outra vez.

Tal esperança tinha acabado de desmoronar. Donovan estreitou o abraço.

— Eu te amo, Kate. Isso nunca vai mudar.

Quando ela virou o rosto, havia lágrimas nos lindos olhos. Donovan acariciou-lhe o ventre, na tentativa de eliminar a tensão que sentia nela.

— A situação é tão ruim assim? Acredito que não.

— Ainda sou uma covarde, Patrick. Você faz parte de mim. Quando se cortou, eu sangrei. Mas se continuasse com você, eu me acabaria. Não consigo imaginar que passaremos o resto deste ano como amantes para no final eu ir embora. E agora que dormimos juntos, como viveremos sob o mesmo teto sem sexo? Acho que devo voltar para a Califórnia agora antes que a situação piore.

Donovan não podia perdê-la. Não de novo.

Virou-a e a envolveu entre os braços para niná-la.

— Não se precipite Kate. Nós progredimos em dois meses. Mais do que achávamos possível. Dê uma chance ao tempo.

Ela não replicou, mas tampouco o rejeitou. Enquanto a segurava de encontro ao coração, Donovan se agarrou à esperança.

Ela não o rejeitou.

CAPÍTULO XXXVII

Abrigada pelo corpo quente e forte, Kate escutou o telefone tocar. Sonolenta, levou alguns instantes para perceber onde estava e atinar para a realidade.

— Alô?

— Donovan está com você, Katie? — a voz de Luther Hairston perguntou.

Eram cinco horas da manhã e ela e Luther achavam-se no mesmo fuso-horário. Algo sério devia ter acontecido.

— Está, mas se o assunto for trabalho, também quero saber.

— É trabalho. Houve uma explosão de gás no Concord Place.

— Droga! Vou chamar Donovan agora mesmo!

Ela acendeu o abajur.

— É Luther. Uma explosão de gás no Concord Place. Vou pegar a extensão.

Kate agarrou o roupão jogado no chão e correu para a sala. Atrás de si, escutou Donovan praguejar.

— Alguém se feriu, Luther?

Na extensão, Kate ouviu:

— Não, felizmente. Mas a Torre Quatro ficou quase em pedaços. Um terço da estrutura desabou e a parte que ainda está em pé é tão instável quando um castelo de cartas. Terá de ser implodido imediatamente.

— A explosão foi acidental? — Donovan perguntou.

— Os bombeiros começaram a investigar agora. Portanto, não se sabe. Os dutos de gás estão vazando.

— Mas, dados os problemas desse projeto, você pensa o contrário.

— Parece coincidência. A companhia de gás cortou o fornecimento quando os moradores evacuaram, mas não teria sido um estorvo religar o gás.

Poderia esse episódio estar relacionado aos outros problemas que a PDI enfrentava?

Uma vez que os manifestantes queriam salvar o condomínio, Kate não podia imaginar por que um deles tentaria explodir o lugar. Mas um viciado em explosivos que demolira o Jefferson Arms e matara Sam poderia causar mais danos.

— Quando poderemos entrar na Torre Quatro e começar a trabalhar? — Kate indagou.

— Não até amanhã. Mas já conversei com a Prefeitura. Quer derrubar o prédio o mais rapidamente possível — Luther contou. — O prefeito exige uma publicidade escandalosa do projeto, mas

não negativa.

— Até o final do dia de hoje, terminarei o planejamento dos explosivos para o Hotel St. Cyr. Então poderei voltar para Baltimore — Donovan avaliou. — Kate ficará em Atlanta para supervisionar a preparação amanhã. Se bem me recordo do cronograma, Ted terminará um serviço em Chicago amanhã à tarde. Ele poderá voar para cá e substituir Kate.

Kate fez anotações em um bloco de papel. Felizmente, o testamento de Sam permitira que Charles previsse separações temporárias como aquela.

— Vou deixar um recado na caixa postal de Janie para que ela reserve lugares nos vôos assim que abrir o escritório.

Após alguns minutos de conversa, Luther desligou.

— Antes de estabelecer os cronogramas — Donovan disse a Kate do quarto —, preciso saber se você vai mesmo voltar para Maryland.

Ela voltou para a cama.

— Certa vez eu li que a ação de fugir ou enfrentar está dentro de nós e a pessoa não sabem qual das duas opções fará até que o perigo a ameace. De acordo com as evidências, eu costumo fugir. Sempre que entro em pânico, a necessidade de correr para o horizonte é quase irresistível. Mas não posso mais fugir sem resolver minhas pendências. Não de novo.

— Graças a Deus. — Donovan apertou-lhe a mão.

— Minha permanência não quer dizer que tudo está bem, Patrick. Realmente não sei se um dia eu estarei totalmente segura.

— Está dizendo que nunca mais vai me amar?

Kate fitou as mãos entrelaçadas. A dele, além de calejada, era muito capaz, mas já a machucara muito.

Entretanto, Donovan aprendera a lidar com os demônios que o levavam a atos de violência. Embora tenha perdido o controle várias vezes nas últimas semanas, ele se acalmara sem cometer desatinos. Mas...

— Não sei se sou capaz de me libertar o suficiente para voltar a amar — Kate confessou. — A mera idéia de “apaixonar-me” me causa pavor.

— O amor nem sempre é sinônimo de pavor. Às vezes, dá origem à felicidade.

— Mas não com freqüência.

Ele não levou adiante a discussão, o que a deixou aliviada. Revelar que tinha medo do abismo em sua alma pareceria mais tolo que os comentários anteriores.

— O desjejum virá às cinco e meia — Donovan avisou, abraçando-a. — Então, temos quase meia hora. — Ele a beijou, abriu o roupão e colou o corpo nu ao dela.

Não valia a pena desperdiçar meia hora.

Kate sentiu a tensão aumentar quando entrou novamente no Hotel St. Cyr, porém, após uma hora, o

acidente tornou-se uma lembrança distante. A noite que passara com Donovan era uma excelente distração.

Felizmente, ele passou boa parte do dia no escritório, grudado ao telefone ou ao computador. Portanto, Kate o vira em poucas ocasiões. No entanto, quando se cruzavam, os olhares que lhe lançava a faziam derreter-se.

Ao final do dia, depois que os operários se foram, Donovan chamou Kate e Gil Brown para expor o planejamento dos explosivos. Assim que a reunião acabou, Brown se retirou, mas Kate ficou para se despedir.

— Começo a achar a poeira de construção sexy demais. — Ele a abraçou. — Queria que voltasse comigo para Baltimore.

Ela roçou o rosto no ombro largo, tal qual Dina fazia.

— Não se esqueça de que os dias de separação serão repostos no final.

— Não quero pensar em finais.

O táxi chegou antes que ela precisasse responder. Donovan beijou-lhe os lábios e se apressou, carregando sua mala e seu laptop. Um exemplo típico do homem moderno.

Depois que Sam impedira Kate de trabalhar na empresa, ela resolvera terminar a faculdade e apenas circular pela PDI para que o pai se acostumasse com a idéia. Agora Donovan, o ardiloso, utilizava a mesma estratégia, agindo como se fossem um casal, na esperança de que ela o aceitasse naturalmente. Precisavam mesmo de um dia de folga para desacelerar o deslize alarmante ao velho sentimento.

Embora acreditasse que a separação era boa, a suíte do hotel lhe pareceu vazia naquela noite. Permaneceu; acordada na cama sentindo o corpo arder devido às lembranças. Mesmo antes de virarem amantes, já havia se acostumado a tê-lo por perto.

Respirar o mesmo ar que ele tornou-se vital para ela.

Kate cochilou durante todo o trajeto a Baltimore e lamentou que o vôo não fosse mais longo. Apesar de o trabalho no Hotel St. Cyr ter sido exaustivo adorara bancar a chefe. A experiência de arquiteta lhe ensinara que dar ordens era muito mais legal que segui-las.

Sua mãe a aguardava no desembarque.

— Mãe, que surpresa. — Ela abraçou Julia. — Eu pretendia pegar um táxi.

— Quando Donovan me telefonou por causa da gata, ele mencionou que você chegaria esta noite. Então me ofereci para vir buscá-la. Podemos pegar Dina a caminho de sua casa. — Julia ajudou a filha com a bagagem. — Aprendi com Sam a criar seu próprio tempo para uma melhor qualidade de vida.

— Não sei se minha qualidade de vida está em alta. Troquei de roupa no banheiro do aeroporto de Atlanta, mas desconfio de que eu cheire a um bode que se esfregou em pó de entulho.

— As damas não transpiram, elas brilham e não cheiram a bodes — a mãe disse com um sorriso.

Percorreram o terminal por uma ala que Kate não conhecia. Passaram por uma escultura gigante de vidro de um caranguejo da Chesapeake Bay.

— Que Maryland maravilhosa — Kate comentou, fascinada.

— Dizem que os aeroportos são todos iguais, mas eu discordo. Cada um possui seu caráter regional. Quando Sam e eu viajavamos... — Julia se calou, emotiva.

— Como está se saindo, mãe?

— Tenho altos e baixos.

Kate queria saber mais, mas a máscara estóica de Julia se instalou. Fizeram o restante do percurso em silêncio.

Após colocar a bagagem no porta-malas do carro, Kate entrou no veículo. Sua mente devaneou enquanto saíam do estacionamento do aeroporto. O código de boa conduta da elite de Baltimore. Lábios cerrados. Emoção forte é vulgar, sinal de fraqueza. Não a demonstre.

A raiva é inadequada, querida.

Os princípios que assimilara na infância.

O código possuía uma função, que incluía força, dignidade e integridade. Mas suprimir as emoções às vezes era um erro e talvez aquele momento fosse uma dessas ocasiões. Kate e a mãe achavam-se lado a lado, ambas atormentadas. Uma pitada de abertura podia beneficiá-las. Só Deus sabia que ela precisava de conselhos maternos. Mas por onde começar?

Quando entraram na rodovia, ela comentou casual:

— Donovan e eu voltamos a dormir juntos.

— Que... Bom para vocês — Julia disse, passado o choque inicial. — Há implicações em longo prazo?

— Provavelmente não. — Kate lutava para escolher as palavras certas. Porém, se não fosse honesta com a mãe, não conseguiria se revelar. — Você deve se perguntar por que pedi o divórcio.

— É claro. Sem dúvida, o motivo está relacionado com algo que a magoou profundamente. Pensei que talvez ele tivesse dormido com outra mulher, uma de suas amigas, algo do gênero.

— Patrick, infiel? — Com essa possibilidade ela jamais se preocupara. Donovan sempre a fizera se sentir a única mulher do mundo. Pena que o ciúme obcecado houvesse acompanhado tamanha fidelidade.

Não era tarde para esquivar-se do assunto. Mas bancar o coelho assustado não a levaria a lugar nenhum.

— Eu o deixei porque ele era... Violento. No início, foram episódios isolados, mas com o tempo piorou. No final, a situação ficou... Insustentável.

— Meu Deus! Não acredito que Patrick seja capaz de machucá-la.

— Pois acredite. Ele só parou quando revidei com a mesma violência e fugi.

— Como eu e Sam não percebemos nada? — Julia quis saber. — Patrick tinha certa rudeza quando vocês se casaram, mas ele sempre pareceu dedicado. Era... É um rapaz gentil.

— É verdade, mãe. Ele tem bom coração, mas infelizmente não sabia controlar os impulsos. Às

vezes, enlouquecia e me batia.

— Por isso, foi para a Califórnia e nunca mais voltou. E como não queria falar dessa situação terrível, não nos contou por que partiu.

— O silêncio me pareceu o melhor para Donovan, Sam e todo mundo. Para mim, acima de tudo. Eu não suportava admitir que me, envolvi em uma confusão tão sórdida. As moças de alta classe não sofrem abusos. Foi mais fácil fugir.

— Se Sam soubesse por que partiu, jamais teria escrito aquele testamento. Agora que eu sei a verdade, fico surpresa por ter concordado com as condições. O que a persuadiu?

— Eu precisava de uma oportunidade para voltar e trabalhar na PDI. Além disso, você foi muito perspicaz quanto a lidar com o passado. Eu me mantive cautelosa com Donovan, mas sabia que ao menor sinal de perigo eu podia ir embora.

— Houve algum sinal de perigo? — Julia perguntou.

— Até agora, tudo bem. O pai dele era um alcoólico violento, por isso, Donovan é capaz de atos abusivos. Depois que nos separamos, ele percebeu que mesmo uma pequena quantidade de álcool o afetava. Portanto, parou de beber. O que impressiona não eram as violências ocasionais, mas sim o fato de ele se mostrar decente na maioria das vezes.

— Então evitar o álcool talvez seja o suficiente para prevenir a violência. Saber que ele parou de beber a deixa segura?

— Não. Ainda não consigo confiar totalmente nele.

— Mesmo assim há a possibilidade de uma reconciliação permanente. Vocês a querem?

— Donovan talvez queira, mas não sei se conseguirei me desprender do medo. Há um nó complexo em meu psiquismo. E não supero o punho fechado cada vez que ele eleva a voz.

— A imagem de ele a agredir me deixa doente. Você é minha filha e eu o considero quase um filho. Como algo assim acontece? — Julia se deteve. — Existe outro motivo que não me contou? Porque não queria lidar com minhas emoções e com as suas?

— Muito bem dito, mãe.

— Esse nó em seu psiquismo é medo? Raiva? Ou ambos? — Julia perguntou.

— Acho que ambos.

— Talvez o perdão seja a chave. É necessário muito perdão de ambas as partes para um casamento funcionar. Sam e eu quase nos separamos depois que Tom revelou sua opção sexual, mas conseguimos aceitar nossas diferenças na época, embora tenha sido um processo sofrido. — Uma garoa fina começou a cair, o que levou Julia a ligar o limpador de pára-brisa. — Se você puder perdoar os abusos de Patrick, talvez a raiva desapareça junto com o medo.

— Ele nunca quis me machucar. Sempre que me agredia, Donovan ficava tão arrasado quanto eu. Ele ainda se consome de culpa.

As paletas do pára-brisa moviam-se em um ritmo hipnótico.

— Você entende por que ele a agredia, mas a compreensão é apenas racional — Julia ponderou.

— O perdão requer mais que entendimento e é mais que o desprendimento. O verdadeiro perdão vem do coração e é espiritual, acredito. A versão mundana da dádiva. Perdoar Patrick não será apenas para o bem dele, mas para seu próprio bem, filha, a fim de desfazer esse nó em seu espírito.

— Pensei que estudos teológicos coubessem somente a Tom.

— Eu me refiro a pragmatismo, Kate, não apenas à teoria. Aprendi do jeito mais difícil que a raiva corrói a alma. Sugiro que pense a respeito.

— Aprendeu tudo isso por que teve problemas sérios com papai? — O fato de a mãe ter desconfiado de infidelidade entre ela e Donovan não era por acaso. Se fosse, ela não queria saber de nada.

— Meu casamento quase acabou quando estava grávida de Tom. Mas a mãe de Sam me deu um ótimo conselho, muito semelhante ao que estou lhe dizendo. Sabe que outro fator salvou o casamento? Meu orgulho teimoso. Eu não queria admitir à família e aos amigos que tinham razão a respeito de Sam. Isso me incentivou a aceitar e perdoar. O casamento sobreviveu e se fortaleceu ainda mais.

Que estranho pensar que ela podia não ter nascido, caso os pais não houvessem superado o que quase os afastara. Como prova de que era mesmo possível reconstruir um casamento falido, o testemunho de sua mãe era impressionante.

Mas seria Kate capaz de fazer o mesmo? Olhou para dentro de si, para a alma ferida que guardava os segredos mais penosos e reconheceu que Julia estava certa: o abuso de Donovan ainda gerava muita raiva. Intelectualmente, ela entendia e até se compadecia pelo que Patrick sofrera. Entretanto, nas profundezas de seu ser havia um núcleo incandescente de ódio. Não perdoara porque seu coração ainda sangrava.

As ruas molhadas pela chuva estavam quase desertas àquela hora. Enquanto observava as residências, Kate refletia acerca do que a mãe dissera. O perdão fazia sentido, se conseguisse desencantá-lo. Essa parte seria a mais difícil. Mas ao menos oferecia uma chance ao futuro.

Somente agora percebia o quanto desejava que houvesse uma chance.

CAPÍTULO XXXVIII

Quando estacionaram na casa de Roland Park, Kate abraçou Julia.

— Obrigada, mãe. Eu precisava dessa conversa.

— Fico feliz em poder ajudar. Estou um passo atrás no que se refere a conselhos maternos. — Assim que elas entraram na casa para pegar Dina, ela perguntou: — Você jantou filha? Fiz um cozido delicioso.

— Prefiro ir para casa, mãe — Kate alegou, depois de inserir a gata dentro da caixa portátil. — Eu exagerei no aeroporto de Atlanta enquanto aguardava o embarque. — Ela notou a decepção nos olhos da mãe quando se abaixou para acariciar Oscar.

Mais uma vez dentro do carro, ela indagou:

— Como vão as coisas entre você e Charles Hamilton?

— Isso não lhe diz respeito, minha querida.

— Sim e não. Vocês são adultos. Mas também sou sua filha e me preocupo. — Como Dina fosse um felino raro que não estressava em veículos, Kate tirou-a da caixa. — A última vez em que a vi, antes de ir para Atlanta, você deu a entender que havia terminado o relacionamento com Charles. É este o caso?

— Se quer saber, percebi como era; indecoroso lidar com outro homem quando seu pai nem sequer esfriou no caixão. Eu já sabia disso, é claro, mas evitei pensar na questão. Até ver como minhas ações refletiram em seus olhos.

— Fiquei espantada. Atônita, na verdade. Mas nunca pensei que você deveria romper com Charles. Ele não é conquistador barato. Quando telefonei para Tom, mencionei o ocorrido. Ele não fez objeções.

— Contou para seu irmão? — Julia exclamou.

— Tom também se espantou, mas achou a idéia ótima. Ele e Charles sempre se deram bem. Se, estar com Charles a faz sofrer menos, seus filhos apóia o namoro. Afinal, se você tivesse morrido, iria querer que Sam passasse o resto da vida sozinho?

— Lógico que não! Sam precisava de uma companheira e não apreciava o celibato. Quanto mais cedo se casasse, melhor.

Kate permaneceu quieta por um longo tempo, antes de soltar uma risada sonora.

— Se você e Charles se casassem, Rachel e Sandy seriam como irmãs para mim e Tom. Que família maravilhosa!

— Não seja absurda, Kate! Não existe nenhum casamento à vista. Nós... Nós nem sequer nos falamos.

— Por que não?

— A culpa entrou no cenário.

— Val diz que todas as mulheres nasceram culpadas, mas era evidente que você e Sam se amavam muito. Pessoas que foram felizes no primeiro casamento estão mais propensas a encontrar outro parceiro rapidamente. Dispor-se a aceitar um relacionamento novo é um elogio a Sam.

— Muito eloqüente, mas está presumindo que Charles almeja um compromisso sério. Em minha atrapalhão, eu o magoei e feri seu orgulho. Não creio que ele deseje encarar isso de novo. Charles foi generoso e recebeu pouco por seus esforços.

Para Kate, Julia comportava-se como uma mulher que desejava um homem em particular, mas não sabia como alcançá-lo. Uma viúva distinta, próspera e atraente não definharia por falta de candidatos. Contudo, de acordo com Rachel, Charles resistira à insistência das filhas quanto voltar a namorar. Julia havia mudado tal perspectiva. Eles, de fato, pareciam ir muito bem à desastrosa ocasião em que Kate e Donovan tinham aparecido.

A amizade era a fundação de um bom relacionamento e Julia e Charles foram amigos a vida toda.

Julia não parecia inclinada a se aproximar de Charles e, pelo jeito, ele devia estar cauteloso quanto a dar o primeiro passo. O que precisavam era de um empurrão.

Que diabos! Kate pegou o celular da mãe e digitou os números que conhecia desde os quatro anos.

— Para quem está ligando?

— Para Charles, é claro.

— Katherine Carroll Corsi, não se atreva! — Julia ralhou.

Kate esquivou-se.

— Mãe, cuidado com aquele carro!

O alerta levou Julia a prestar atenção no volante.

— Desligue este telefone agora mesmo, Kate!

— Tarde demais, ele atendeu. — Kate manteve o aparelho na orelha direita e disse, animada: — Olá, Charles, é Kate Corsi.

— Boa noite. Como vai?

— Bem, obrigada. Estou ligando a fim de perguntar se suas intenções para com minha mãe são honradas.

— Kate! — Julia gritou.

— Deus, você vai direto ao ponto — Charles comentou chocado.

— Estou preocupada com minha mãe. Não quero que ela envelheça a mercê de oportunistas. Então... Quais são suas intenções?

— Você não é tão crescida assim, mocinha. — Ele respirou fundo. — Mas já que pergunta... Se o que chama de “intenções honradas” significa um relacionamento duradouro, a resposta é sim. A pergunta, no entanto, é acadêmica. Julia me dispensou depois que você estragou tudo ao aparecer sem avisar.

— Desculpe-me, Charles. Por isso, resolvi reparar a situação. O grito que ouviu minutos atrás foi de Julia. Estou ligando do carro dela e estamos muito próximas a sua casa. Gostaria de vê-la depois que ela me deixar em Brandy Lane?

— É o que eu mais gostaria. Mas não pode forçá-la a fazer algo que não queira Kate.

— Não creio que o querer seja um problema. — Kate considerou passar o telefone para a mãe, mas a boa intenção certamente causaria um acidente. — Na verdade, eu adoraria tê-lo como padrasto.

— O que me forneceria grandes privilégios. Kate, se funcionar, obrigado. E, se não der certo, obrigado por tentar. — Charles desligou.

Kate guardou o celular na bolsa de Julia.

— Finja por um momento que a culpa e a conduta social quando se está de luto não existem. Se assim for, você gostaria de ficar com Charles?

O silêncio se fez enquanto Julia dirigia.

— Sim, eu gostaria de ficar com ele.

— Nesse caso, deveria se perdoar por não ser adequada. Algumas das melhores coisas da vida acontecem em horas inconvenientes. Você e Charles têm uma amizade especial. Não a jogue fora pelos motivos errados.

— Às vezes, eu acho parecida comigo e outras, com seu pai — Julia disse. — Mas acaba de deixar claro que sob sua fachada de dama, é o sangue siciliano de sua avó que corre em suas veias.

Optando por ignorar se o comentário era um insulto ou um elogio, Kate concentrou-se em colocar Dina de volta na caixa quando chegaram a Brandy Lane.

— Sei que minha atitude foi ultrajante. Mas fiz isso porque amo você, mãe.

— O amor é a mais perigosa das bênçãos. Sei que quer ajudar, querida.

Após despedir-se, Kate caminhou até a casa, arrastando a mala e segurando a caixa portátil. Enquanto procurava a chave, a porta se abriu, revelando um Donovan ansioso. Um misto de prazer, cautela e, sim, raiva a invadiu ao vê-lo. A violência juvenil e o segredo quanto à infância sofrida tinham feito o casamento se dissolver em dor e fúria. Ao menos, ele sofrera tanto quanto ela.

— Kate, eu senti saudades. — Donovan abriu os braços.

Tão logo se entregou ao gesto receptivo, ela se sentiu em casa. O profundo e velho nó de raiva lentamente começava a se desfazer.

Perdão.

Perdoe-o, perdoe a si mesma. E então, viva.

Com as emoções em tumulto, Julia parou no cruzamento. Deus deveria virar à direita e ir para casa? Ou à esquerda, para a casa de Charles? Agarrada ao volante sentiu vontade de berrar.

Sam, o que eu faço?

Uma calma súbita a assolou, como se ele estivesse á seu lado no carro. Sam, marido, amante, amigo, pai de seus filhos. Quase pôde senti-lo a lhe acariciar o rosto.

Tudo bem, você pode amar outro homem também. Sei que não irá me esquecer.

Se fantasmas realmente existiam, Sam lhe dava sua bênção. Isso aliviava o nervosismo ou o piorava?

Uma buzina soou atrás dela e faróis piscando surgiram no retrovisor. Com um aceno apologético que não seria visto no escuro, Julia virou à esquerda.

Três minutos depois, parou diante da residência de Charles. As luzes estavam acesas.

Sem pensar, saiu do carro. Tocou a campainha. A Quinta Sinfonia de Beethoven soou no interior da casa. A campainha fora um presente de Julia para Charles e Barbara dez anos atrás.

A porta se abriu. Tort e Retort surgiram, abanando rabos e latindo. Atrás deles estava Charles, com seus cabelos grisalhos.

Entreolharam-se até que ele rompeu o silêncio.

— Pensei que não viria.

— Quase desisti. — Julia entrou, pensando que Kate herdara a tendência de fugir da mãe, porque a urgência de escapular era sufocante. — Você me perdoa por ser tão covarde?

— Julia, eu a perdôo por qualquer coisa. Mas confesso que sua “covardia” abalou meus nervos envelhecidos.

— Nesse caso, acho melhor me pronunciar antes que me acovarde novamente. Para começar, é sabido que a perda do companheiro nos enlouquece e eu definitivamente quase enlouqueci... De tanta culpa.

— A meu ver, o único motivo para sentir culpa é o fato de estar viva e Sam, não. Tive crises semelhantes. Perguntava-me por que Barbara e não eu? Vida e morte são igualmente injustas.

— É mais que isso, Charles. Amei Sam desde o dia em que o conheci nos bons e maus momentos. Os melhores anos foram quando eu trabalhava na PDI e ele construía seu patrimônio. Minha vida girava em torno dele. Mas... — ela hesitou — às vezes, era como se Sam inalasse todo o oxigênio e nada sobrasse para mim. Estar com você é tão... Sossegado. Odeio a mim mesma por ser feliz á seu lado quando ainda sinto tanta falta de Sam. Que tipo de mulher eu sou afinal?

Charles massageou-lhe os ombros rígidos.

— Sinto o mesmo em relação à Barbara, sabe? Ela foi talvez à pessoa mais honrada, dinâmica e ética que conheci. Agradeço diariamente o fato de ela ter sido minha mulher e os anos que passamos juntos. Mas sossegada? Nunca.

Ela tocou a mão de Charles.

— Às vezes, fico divagando. Se eu e você tivéssemos morrido, acha que Sam e Barbara teriam se unido?

— É possível. Afinal, eles se adoravam. Mas, se isso tivesse ocorrido, o relacionamento deles seria muito mais turbulento que o nosso.

— Sempre o amei como amigo, Charles — Julia confessou. — O que mais me assustou foi descobrir que também me apaixonei por você. Não do mesmo jeito que amei Sam, porque você é

diferente. Mas o sentimento é tão intenso quanto.

— O amor que sente por mim não tem nada a ver com Sam. Foi o homem mais generoso que conheci. Acha que ele desejaria vê-la mais infeliz do que o necessário?

— Não. — Julia se virou para fitar Charles. — Kate me disse que as melhores coisas da vida acontecem em momentos inconvenientes e que algo especial não devia ser jogado fora pelos motivos errados.

— Que Deus abençoe aquela menina. — Charles sorriu.

E então a beijou.

CAPÍTULO XXXII

O ruído estridente do despertador soou às seis horas da manhã e a lâmpada do abajur se acendeu. Finalmente, Kate acordava sob o teto gótico que ela projetara anos atrás. Mas sua imaginação não incluía despertar antes de o sol nascer.

Donovan desligou o som do despertador.

— Conectei o abajur ao alarme porque é mais fácil levantar quando o quarto está iluminado. Após um cochilo, em geral estou pronto para encarar o dia. — Ele a beijou na testa com afeto.

Uma pressão suave no peito de Kate provou ser Dina, que bocejava e espreguiçava.

Donovan, uma gata e uma cama macia. O êxtase sem amarras.

Sua mente consternada, porém, perguntava-se quanto tempo aquela felicidade iria durar. Quando chegara, em casa, encontrara uma mensagem do detetive que investigava a morte de Sam. Ele se interessara pelas informações que ela lhe enviara sobre Steve Burke e Joe Beekman. Talvez o oficial tivesse descoberto mais enquanto ela estivera em Atlanta.

— O que há na agenda de hoje? Quando cheguei ontem à noite, você mencionou um projeto, mas antes que pudesse me contar os detalhes, nós... Distraímos-nos.

— E como nos distraímos! Hoje vamos invadir o prédio danificado do Concord Place. Esse projeto foi azarado desde o início e a explosão de gás tornou a Torre Quatro, muito instável. Se o edifício ruir sozinho, poderá atingir a igreja do outro lado da rua. Portanto, temos de implodi-lo de forma controlada o mais rapidamente possível.

— O concreto utilizado nesses prédios é de péssima qualidade. A demolição convencional com máquinas não seria mais adequada para derrubar pelo menos a parte danificada?

— Seria seguro, mas lento demais. A Prefeitura quer o prédio no chão agora. A destruição da igreja seria uma péssima publicidade.

— O que quis dizer em invasão?

— O óbvio. Todos os profissionais de campo da PDI estarão no condomínio, juntamente com Nick e Joe Flynn, o contramestre que seu primo furtou de nós.

— Nick está disponível?

— Não fique chocada, pois não se trata de altruísmo. Ele está sendo bem remunerado como empreiteiro terceirizado da PDI. Como ele e Joe trabalharam no Concord Place antes de Nick abrir o próprio negócio, conhece a estrutura, o que nos é útil. Se tudo correr bem, derrubaremos o prédio hoje à noite ou amanhã de manhã.

— Já? Só pode estar brincando!

— A parte mais leve da evacuação foi feita antes da explosão de gás. Então, se elaborarmos o planejamento de explosivos hoje, enquanto a equipe preparatória retira os escombros maiores da estrutura, a implosão é factível. Seu talento para construções instáveis será fundamental. O lugar está uma

bagunça. Você e eu teremos de verificar cada centímetro quadrado da seção danificada antes de finalizarmos a seqüência de explosões.

— É um momento histórico. Acaba de afirmar que me quer sob uma estrutura perigosa, em vez de me passar um sermão.

— Não se preocupe, tenho isso em mente, mas você previu como os prédios na Cidade do México iriam cair. Não me darei ao luxo de não usufruir de suas habilidades especiais.

O despertador soou de novo. Dessa vez, foi Kate quem desligou o dispositivo, desalojando Dina de sua posição confortável.

— A próxima sirene terá de esperar até amanhã. Vamos nos preparar.

Kate levou os pés ao chão, mas Donovan a puxou e beijou-lhe os lábios. Não foi um gesto tipicamente passional, embora o desejo estivesse sempre presente.

— Caso eu não tenha dito, eu te amo, Kate.

Na verdade, ele já havia revelado o sentimento, várias, vezes na noite anterior. A resposta de Kate oscilava entre prazer e ansiedade. Mas talvez naquela manhã a ansiedade fosse menos intensa. Se chegasse o dia em que poderia livremente confiar nele para lhe entregar o coração...

Mas ainda não era hora. Ela o beijou de leve e saiu da cama. Um dia de cada vez.

Seria um prazer derrubar a Torre Quatro, desde que esta não desmoronasse; primeiro.

Donovan soltou improperios e pulou para trás quando sua tentativa de examinar uma coluna causou o desabamento de uma laje de concreto. Por sorte, a precaução o salvou, mas pedaços de cimento caíram sobre o capacete como chuva.

As seções ainda intatas do prédio foram erguidas precariamente — esperava que a Prefeitura processasse a construtora —, mas pelo menos essas áreas achavam-se estáveis. Já a ala devastada era outra questão. Donovan lembrou-se das fotos que vira do estrago que as bombas fizeram em Beirute e na Bósnia. Das paredes parcialmente demolidas, o concreto desfizera-se como areia e havia entulho por toda parte. Quanto mais se aproximava dos fundos do prédio, mais traiçoeira a estrutura se tornava.

Kate apareceu com uma prancheta nas mãos e uma variedade interessante de manchas de fuligem. Ao longo do dia, ela fizera cálculos e anotações como se o inferno fosse um local de trabalho comum.

— Vamos comparar nossas anotações?

— Vamos, mas não aqui. — Eles então se dirigiram a uma ala mais resistente do prédio.

Após quinze minutos de estudo intensivos e discussão, Donovan concluiu:

— Creio que melhor do que isso é impossível. Estou quase pronto para assinar o planejamento dos explosivos. E quanto a você?

Incerta, Kate olhou a planta do prédio.

— Quero verificar mais uma vez o reforço no oitavo andar, mas basicamente estou pronta. Duvido de que consigamos dados melhores que esses.

— Verifique o oitavo, enquanto termino a inspeção no quinto andar. — Ele olhou através das

tábuas de madeira compensada que foram pregadas nas janelas de vidro. — Mesmo que nossos cálculos estejam um pouco imprecisos, sei que não prejudicaremos a igreja, que é a maior preocupação. Não há nada mais nos arredores que possa sofrer com a implosão.

Kate verificou o relógio.

— Ouvi Luther lhe dizer que a escavadeira está terminando de limpar a ala intata do prédio. Quanto tempo levará para evacuar esta ala?

— Seis horas ou mais porque temos de ter cuidado para nos movimentarmos aqui. Depois poderemos jogar esta fera na tumba.

— Emergências podem ser divertidas.

— É verdade, mas não se demore no oitavo andar ou mandarei uma equipe de busca.

A Torre Quatro estava tão abalada quanto uma estrutura danificada por um terremoto.

Donovan, portanto, ordenara que todos trabalhassem em dupla.

— Levará apenas alguns minutos. — Kate atravessou o que outrora havia sido uma sala de estar. Agora o vento frio soprava poeira de concreto pelo local que fora o lar de alguém.

Com sua prancheta em mãos, Donovan examinou a parte oeste. Pedacos pontiagudos de vigas enferrujadas pronunciavam-se das colunas incendiadas. Não seria necessária uma quantidade exorbitante de dinamite para a implosão. Ora, um chute bem dado já serviria. O truque era cortar as vigas de aço de modo controlado a fim de auxiliar na implosão como um todo.

Mas estava satisfeito com o planejamento que haviam elaborado. Jim Frazer, o engenheiro-chefe da PDI, já o tinha aprovado antes de submetê-lo à última avaliação de Kate e Donovan.

Ao desviar de uma pilha de placas de gesso, notou buracos de bala nas superfícies. No passado, aquele não fora um local feliz. Mas foi um erro não olhar onde pisava. O chão cedeu com seu peso, quase o derrubando.

Praguejando, Donovan recuperou o equilíbrio e recuou alguns passos. O piso de concreto estava reforçado por uma grade de ferro, mas a explosão de gás e o fogo haviam causado um estrago considerável. Pedacos do teto tombaram e partes das vigas de aço tinham derretido.

De súbito, divisou uma lanterna à frente. Não deveria haver ninguém naquela área.

Então Donovan circundou uma parede despedaçada e parou surpreso, quando viu quem estava próximo a uma das colunas.

— Nick? O que faz aqui, homem?

Nick Corsi se virou com um pé-de-cabra na mão.

— Vim.. Verificar as coisas. — Ele se postou entre Donovan e a coluna.

Mas a artimanha não bloqueou totalmente a visão de Donovan.

— Está colocando explosivos plásticos na coluna? Não pode.

— Maldição! — Nick exclamou. — Eu esperava não ter de fazer isso. — Ele derrubou o pé-de-cabra e tirou do casaco um objeto preto semelhante a um controle remoto. — Seu tempo expirou

Donovan.

Nick enterrou o objeto no plexo solar de Donovan e o mundo esvaiu-se.

Zonzo, Donovan acordou deitado em uma superfície áspera. Onde estava? E o que diabo havia acontecido?

Concreto partido acima, odor de demolição: um terreno de entulhos. Ainda fraco, tentou focar a figura que pairava sobre ele. Nick Corsi inclinava-se com os braços estendidos.

Donovan tentou evadir-se, mas os músculos não respondiam. Teria sido paralisado em um acidente?

— Se um segundo o imobilizaram cinco segundos será o bastante para eu terminar o trabalho. — Nick pressionou o objeto preto abaixo da costela de Donovan.

Uma onda de choque intensa o convulsionou. Tempo, espaço e razão desapareceram.

Donovan mergulhou indefeso, no limbo do inferno.

Cantarolando, Kate retornou de sua breve expedição. A visita ao oitavo andar confirmara suas conclusões originais. Se Donovan concordasse, estariam prontas para o trabalho.

Aquele prédio não seria uma perda. Kate lamentara o desaparecimento do Hotel St. Cyr, mas o Concord Place estava ultrapassado. Quando sozinha, sentira rastros das vidas que habitaram aquelas paredes. Houvera felicidade, risos e amor familiar, mas também existiram ódio e desespero. Era hora de derrubar aquele reino para que uma comunidade saudável se erguesse.

O barulho dos preparativos era tão ensurdecedor que nem se deu ao trabalho de chamar Donovan. Preferiu percorrer o hall dilapidado, em direção ao local em que o vira da última vez. Quando avistou o primo atravessando os escombros, ela o chamou.

— Olá, Nick. Está á procura de Donovan? Também estou.

— Eu devia saber que você apareceria. — Nick acenou. — Donovan está lá trás. — Ele a acompanhou por uma área aberta que jazia além do corredor.

Antes que Kate entendesse o comportamento estranho do primo, avistou Donovan caído ao lado de uma coluna trincada e o capacete a poucos metros de distância.

— Meu Deus, Nick, o que houve? Pediu ajuda pelo rádio?

Kate se ajoelhou ao lado do corpo inerte. Nenhum pedaço de concreto, nenhum sangue ou arranhões, porém, ele parecia inconsciente. Donovan não sofreria um infarto com aquela idade!

Quase sufocada de medo, ela verificou a pulsação. Para seu alívio, o toque suave o fez abrir os olhos.

Já que Nick não chamara ajuda, ela pegou seu walkie-talkie.

— Patrick, o que aconteceu?

— Kate, cuidado... — ele sussurrou com esforço. — Nick...

Ela se virou a tempo de ver Nick avançando.

— Sua vez, Katie — o primo disse com pesar.

— Vá! — Donovan gritou.

Assustada, ela cambaleou, mas quando conseguiu se levantar, Nick arrancou-lhe o rádio e apontou um pequeno objeto preto em direção a seu estômago.

Donovan saltou e segurou o tornozelo de Nick.

— Corra Kate!

Xingando Nick desvencilhou-se de Donovan, mas a breve interrupção deu tempo a Kate de se afastar do primo.

— O que pretende Nick?

— Corrigir o testamento de Sam. Seu ex-marido se recupera depressa demais. Deve ser o instinto de sobrevivência. Outra dose irá retardá-lo novamente. — Ele enterrou o dispositivo na barriga de Donovan e lá o segurou por alguns segundos. Patrick engasgou e desmaiou outra vez.

Severo, Nick se levantou.

— Não se dê ao trabalho de fugir, prima, porque não vai me vencer no pega-pega.

Ele jogou o rádio nos escombros.

— Pena que você e Donovan tenham chegado antes de eu terminar de carregar aquela coluna, mas a culpa na verdade é de Sam. Ele não devia ter deixado a PDI para alguém que não faz parte da família. Ora, Donovan nem era mais o genro dele há dez anos!

Horrorizada, Kate recuou. Deus era Nick quem boicotava a PDI! Ele tinha o talento e as oportunidades para causar problemas e, se bem o entendera, também acreditava ter um motivo legítimo. Por que não suspeitara do primo antes?

Porque era quase impossível acreditar que um parente poderia ser tão perverso.

— Você causou a explosão que matou Sam?

— Ele morreria de qualquer jeito em dois meses ou menos. Eu lhe fiz um favor ao apagá-lo antes que o câncer o consumisse de vez.

Qualquer esperança de que houvesse um bizarro mal-entendido faleceu com a confissão.

— Seu cafajeste! Roubou os últimos meses de minha mãe e de todos que amavam meu pai.

— Nada disso teria acontecido se Sam tivesse agido corretamente. Acho que o câncer afetou o cérebro dele. Fiquei muito magoado quando Angie me falou do testamento. Não acreditei que meu tio passaria por cima do próprio sobrinho para entregar a empresa para aquele irlandês estúpido. Ora, eu entenderia se a PDI ficasse para você ou seu irmão bicha. Mas Donovan? Foi um tremendo insulto. — Nick deu um passo à frente.

Angie? Sim, a esposa de Nick trabalhava na firma de Charles Hamilton. Aliás, fora onde Nick a conhecera. Ela devia monitorar os arquivos referentes à família do marido e aos negócios. Angie provavelmente vira Sam se reunir com Charles e descobrira o motivo. Sem dúvida, Nick recebera muito mal as cláusulas do testamento do tio.

— Que conveniente para você ter uma espiã no escritório de Charles. — O primo achava-se entre ela e a parte intata do prédio. Restava-lhe então o território mais perigoso.

— Angie é uma moça tradicional que sempre faz o que mando. Ela não me contesta ou desobedece desde o segundo ano de nosso casamento.

Pústula!

— Também sou da família, Nick. Nossos pais eram irmãos. Temos o mesmo sobrenome. Por acaso, parente mata parente?

— Devia ter ficado na Califórnia, Kate. Mas, é claro, tinha de trabalhar na PDI. Se estivesse em São Francisco, não teríamos essa conversa. Eu só queria derrubar este prédio para que danificasse a igreja e a reputação da PDI. Não é minha culpa o fato de você e Donovan se meterem. Agora terei de me livrar dos dois.

Nick deu outro passo à frente. Kate recuou, sentindo o chão ceder sob seus pés.

— O que vai fazer? Atirar-nos pela janela?

— Tem de parecer um acidente. Por isso, eu trouxe o eletro choque. Quando os explosivos detonarem, você e Donovan serão as vítimas fatais. Imagino que uma autópsia mostrará seu espanto, mas quem irá examinar dois cadáveres despedaçados?

— Por que faz isso?

— Com mais duas fatalidades, a empresa fechará as portas ou será vendida para a Marchetti Demolições. Se Marchetti adquirir a PDI, ele me chamará para administrá-la. Se fechar, a PDI não será mais minha concorrente. Vou sair ganhando de qualquer forma. Teria sido mais fácil, se Sam houvesse dado para mim a empresa.

O raciocínio insano e egoísta revoltou Kate, mas não tinha tempo a perder odiando o primo. Também não adiantava gritar, dado o barulho constante das máquinas. Com o rádio fora de alcance e Donovan imobilizado, ela estava por conta própria.

Felizmente, a distância de Nick o impedia de usar a arma de eletro choque. Ele também era complacente e a levaria onde bem quisesse. Se conseguisse encontrar algum tipo de arma, ela teria uma chance.

Uma viga de aço quebrada chamou sua atenção. Caída a poucos centímetros de seus pés, daria uma arma excelente e poderia ser manuseada longe do alcance de Nick. Kate inclinou-se para a esquerda. O primo a imitou, aproximando-se.

— Você está envolvido com os acidentes que vêm ocorrendo nos projetos da PDI? — ela perguntou para ganhar tempo.

— Como é esperta, Kate. Sim, estive por trás da maioria deles. Já que eu gerenciava as contas, conhecia todos os projetos da PDI. Também conheço operários de demolição no país inteiro. Não foi difícil achar homens dispostos a ganhar um dinheiro extra para pregar peças. Iniciar um incêndio, cometer um erro ou dois na entrega de explosivos ou operando equipamentos. Eu mesmo religuei o gás do condomínio. Foi moleza.

— Então você tem o talento para espionagem industrial. Também é um vendedor ardiloso, mas

nada disso significa que tenha o conhecimento técnico para administrar a PDI. Sempre teve muita lábia, mas jamais foi um especialista em explosivos. Provavelmente a empresa pediria falência em dois anos ou menos.

— E você sempre foi uma princesinha tagarela. A filha querida do papai, que nunca errava.

— Você é um relaxo em termos técnicos, Nick — Donovan declarou com a voz trêmula. — Por esse motivo Sam não lhe deixou a empresa.

Furioso, Nick se virou.

— Você é o incompetente! Qualquer um pode perfurar buracos, mas é preciso talento para encontrar e manter clientes. Eu era indispensável, não você. Mas depois que saí, envenenou a cabeça de Sam contra mim para que ele negasse meu pedido de voltar à PDI. Causou tudo isso a si mesmo!

— Bobagem. — Donovan se deitou de lado, estremecendo devido ao esforço. — Diz que Sam não honrou a família, mas ele o fez, sim. Se não fosse seu sobrinho, você teria levado um chute no traseiro.

Kate aproveitou a tática de Donovan para chegar até a viga. Quando Nick chutou as costelas de Donovan, ela agarrou o pedaço de aço. Três passos largos e estava perto o suficiente para golpear o primo. Com toda força, mirou o pescoço na esperança de quebrá-lo.

Ao escutar o assobio do aço cortando o ar, Nick se virou a tempo de erguer o braço para bloquear o impacto. Ele cambaleou para trás, recuperou o equilíbrio e jogou-se sobre Kate, com a arma de choque acionada.

Oh, Deus, ele apontava para a viga. Sabendo que o aço conduzia eletricidade, Kate atirou a viga no primo e pegou um pedaço de concreto para jogar no rosto de Nick.

Ironicamente, a viga atingiu a cintura, obrigando-o a se curvar e fazendo com que o concreto não o atingisse.

— Esqueça princesinha do papai — Nick disse. — Nunca me vencerá em uma luta.

Kate se abaixou, movendo-se paralelamente à frente danificada no prédio. Nick correu atrás dela. Ela apanhou um punhado de detritos e jogou no primo. Alguns fragmentos colidiram no rosto de Nick.

— Sua...!

O pequeno ataque lhe deu o tempo que precisava para ultrapassá-lo. Aos tropeços, Kate disparou em direção à seção intata do edifício. Talvez conseguisse atingir o andar inferior, onde pediria ajuda...

— Volte aqui, Kate! — Nick berrou. — Se não me obedecer, juro que Donovan estará morto antes de você chegar ao próximo andar.

Ela parou. E, com o coração em disparada, virou-se para encarar o assassino de seu pai.

CAPÍTULO L

Nick agarrou o pé-de-cabra e posicionou-se acima de Donovan.

— Duas pancadas com isto devem dilacerar o crânio dele. Talvez furá-lo seja mais eficiente. É como matar um sapo na aula de Biologia. Lembro de que você era muito covarde para tanto. Tinha de chamar aquela amiga esquisita, Rachel, para lhe prestar o serviço. Quer que eu mostre como se faz agora mesmo?

A ameaça do primo á deixou colérica. Kate precisava pensar ou ela e Donovan morreriam.

— Se pretende nos matar de qualquer maneira, não vale a me obrigar a assistir à morte de Donovan. Morrerei antes de ajudá-lo.

— Tem razão. Meu plano funcionaria, se eu conseguisse matar vocês dois sem testemunhas, mas eu o estraguei. Não há motivo para apagá-lo e ainda ser preso por assassinato. Além do mais, não estou disposto a matar. Vamos negociar. Eu lhe devolvo a vida de Donovan em troca de seu silêncio. Que tal? Prometa que nenhum de vocês irá me delatar e os deixo ir embora. Fingiremos que nada disso aconteceu.

Nick á achava tão estúpida a ponto de acreditar que lhes pouparia a vida? Pelo jeito, sim. Mas enquanto apontasse um pé-de-cabra na cabeça de Donovan, ele estava no controle.

— Tudo que tenho de fazer é ficar quieta?

— Isso mesmo. Afinal, Katie, eu não cometi nenhum mal. Donovan estará novo em folha em questão de minutos e Sam ia morrer de qualquer jeito.

— É verdade. — Na tentativa de parecer convincente, ela olhou para Donovan e alegou com certa incerteza: — Acho que posso convencê-lo a concordar.

— Não se preocupe — Nick disse confiante. — Vi como ele olha para você. Tem Donovan na palma da mão. O imbecil fará qualquer coisa que pedir. Vamos então selar o acordo e continuar nossas vidas. Quis a PDI, mas perdi a oportunidade. Minha empresa vai bem. Obterei minha vingança superando vocês no mercado.

Kate o encarou nos olhos e enxergou um assassino frio. Caso se aproximasse Nick a imobilizaria para, em seguida, armar o explosivo e matá-la junto com Donovan. Ele devia mesmo achá-la uma idiota. Claro, era uma mulher e Nick nunca levava as mulheres a sério.

Tire vantagem disso.

— Certo Nick. Selemos nosso acordo.

— Vamos apertar as mãos.

Kate avançou devagar. Tinha de ficar fora do alcance na arma de choque, impedi-lo de machucar Donovan e buscar socorro. Esquadrinhou os entulhos, à procura de algo que a ajudasse.

Em um flash de lucidez letal, um plano se formou. Seu walkie-talkie jazia ao lado dos pés de Nick. Cinco segundos bastariam para cada homem no prédio aparecer.

Tão logo o pegasse, Nick pularia sobre ela, esquecendo Donovan. Ela não teria a menor chance, se o primo tivesse uma arma de fogo ou uma faca, mas o dispositivo de eletro choque era designado para defesa, não ataque. Podia apostar que conseguiria desviá-lo. Na verdade, apostava duas vidas nisso.

Sem olhar para o rádio, Kate empreendeu os últimos passos.

— Promete deixar a mim, Donovan e a PDI em paz?

— Tem minha palavra. Admito que eu fui longe demais, mas Sam realmente me magoou. — Nick apontou Donovan. — Mantenha esse idiota longe de mim. Ele me deixa nervoso.

O breve desvio de atenção tornou-se a chance que Kate esperava. Ela mergulhou em direção ao rádio, acionando o botão de transmissão enquanto o levava à boca.

Antes que pudesse falar, Nick se contorceu como uma serpente e golpeou o rádio da mão dela com o pé-de-cabra.

— Sua vagabunda traidora!

Desfigurado de ódio, ele ergueu o eletro choque. Kate se virou, mas o contato da arma atingiu seu braço. Um arco azulado eletrocutou sua pele, como se centenas de agulhas a espetassem.

Com o braço esquerdo adormecido e trêmulo, ela agarrou um naco de concreto com a mão direita.

— Não é fácil usar esse brinquedinho quando a pessoa está preparada. A única maneira de pegar Donovan foi através do elemento surpresa. Ele é dez vezes o homem que você nunca foi. Por isso, Sam o queria na empresa.

Como esperava, a ofensa transformou Nick em uma fera. Em vez de atacá-lo diretamente, ela estraçalhou a arma de eletro choque com o concreto. O dispositivo não mais era uma ameaça.

Mas Kate não pôde evitar a colisão com o corpo de Nick. Ele a derrubou no chão e deitou-se sobre ela.

— Sua vadia imunda! — Nick a agarrou pelo pescoço.

Kate usou o joelho para golpeá-lo entre as pernas. Mas mesmo rolando para o lado, ele conseguiu se levantar antes que ela pudesse se conectar.

— Vai pagar por isso antes de morrer!

Nick estava entre ela e a coluna, no lugar exato. Certo de que a pegara, o insano avançou para matar. Kate forçou-se a esperar até que o primo se aproximasse. Então flexionou os joelhos, plantou as botas no estômago dele e empurrou com toda sua força.

A respiração falhou quando Nick foi arremessado para trás, em direção à haste da viga que despontava da coluna quebrada. Ele berrou em agonia desesperada quando a ponta do metal traspassou seu peito. Por um instante infinito, Nick a fitou, incrédulo. Então o sangue escorreu de sua boca e a cabeça tombou.

Antes que Kate pudesse suspirar de alívio, um ruído vindo de cima anunciou que o impacto do corpo na coluna quebrada havia afetado a estabilidade da estrutura.

— Patrick, nós temos de sair daqui!

O tom de urgência o despertou e Donovan conseguiu se ajoelhar. Como o braço esquerdo ainda estivesse anestesiado, Kate usou o outro para levantá-lo. Então começou a arrastá-lo para um lugar seguro com uma força descomunal que não sabia possuir.

Assim que passaram pela coluna, uma placa de concreto desabou atrás deles, despedaçando-se e erguendo uma nuvem de poeira. O impacto os derrubou. Sabendo que o capacete de Donovan se perdera, Kate se jogou sobre ele para proteger-lhe a cabeça.

O mundo escureceu quando algo pesado desmoronou em seu capacete. Uma dor aguda assolou seus ombros, seguida de uma avalanche de detritos.

Então se fez o silêncio e o reconhecimento do que havia feito.

Julia cochilava no sofá quando Donovan voltou para casa, mas tão logo entrou na sala, ela acordou.

— Como está Kate? — Donovan perguntou, após beijá-la no rosto. — Pensei que a manteriam no hospital.

— Sabe como são os hospitais hoje em dia. Ninguém é internado a menos que o paciente esteja à beira da morte. Kate teve escoriações e estava desorientada, mas não houve nenhuma contusão ou danos graves. Está dormindo desde que eu a trouxe para casa. — Julia o examinou. — Você parece tão castigado quanto ela.

Donovan pensou nas longas horas de trabalho depois que ele e Kate foram resgatados por Luther e o restante da equipe. Assim que o corpo de Nick foi removido, já estava pronto para trabalhar novamente. Unidos pelo desejo de derrubar o prédio, seus funcionários terminaram de carregar os explosivos em tempo recorde.

— Só estou cansado. Mas o serviço foi feito. Aquele prédio canibal desabou faz uma hora. — Quando o resto do condomínio ruísse, seria ao meio-dia com as presenças da imprensa e do prefeito. Para a Torre Quatro houvera apenas policiais, bombeiros e a equipe da PDI. Donovan tivera o prazer selvagem de apertar o detonador.

— Que bom nos livrar dele. — Julia se levantou. — Preciso ir para casa. Oscar deve estar imaginando o que houve comigo.

— Por que não dorme aqui? O quarto de hóspedes está arrumado.

— Prefiro ir embora. Em algumas horas, terei de ir à casa de Angie Corsi prestar condolências. Pobre moça. Nós duas perdemos nossos maridos em acidentes de demolição. Que coisa grotesca para se ter em comum.

Havia muitos detalhes que Julia ignorava, mas Donovan não pretendia contá-los. Não até conversar com Kate.

Kate ficou tensa quando Donovan entrou no quarto, tentada a fingir que ainda dormia.

Eram quatro horas da manhã de acordo com o despertador e cidadãos decentes deviam estar repousando. Mas mantivera-se acordada por horas e, em vez de falsear um coma, teria de enfrentar o mundo e Donovan cedo ou tarde.

— Está acordada, Kate?

— Estou. — A luz suave de um abajur iluminou o rosto marcado pela preocupação e dúvida. Donovan ainda usava roupas de trabalho, cobertas de poeira.

Ele se sentou na beirada da cama.

— A Torre Quatro faleceu. Não levaram muito tempo para retirar o corpo de Nick. A Prefeitura exigiu que explodíssemos aquele inferno de concreto imediatamente antes que alguém mais se ferisse ou morresse.

— Como você está? Os choques que levou causaram danos?

— Estou bem. Foi uma experiência horrível, como se eu estivesse anestesiado. Estava consciente, mas flutuando. Quase passivo. O efeito passou em meia hora, mas quando consegui me mexer você já estava no pronto-socorro. Não contei a ninguém o que aconteceu exceto que houve um desabamento. Achei melhor falar com você, já que me lembro de fragmentos.

— Nick queria ficar com a PDI e estava disposto a matar nós dois para consegui-la. Ele matou Sam, orquestrou os problemas que a PDI vinha sofrendo nos projetos e causou em pessoa a explosão de gás no Concord Place.

— Lembro-me disso, mas achei que estivesse imaginando coisas. É tão sombrio, nem parece vida real. Por ironia macabra, o vandalismo de Nick acabou causando sua própria morte.

— Nick não morreu por causa do desabamento do teto — Kate disse. — Eu o matei.

Ela tentou se afastar, mas Donovan a segurou pelas mãos com gentileza.

— Conte-me o que aconteceu, cara.

— Eu o empurrei em direção àquele pedaço de aço. A viga perfurou seu peito.

— Jesus! Por isso, você estava em choque quando nos tiraram dos entulhos. — Donovan se deitou e a abraçou. — Mas não foi assassinato, Kate. Foi legítima defesa. Trabalhei anos com Nick e, embora se mostrasse razoável, ele podia ser desonesto. Decidiu-se que tínhamos de morrer para ele salvar a própria pele, a única opção era revidar, o que você fez para salvar a nós dois. — Acariciou-lhe o braço na tentativa de aquecer o corpo trêmulo.

— Mas eu tinha outra opção!

Ela recordou o metal enferrujado emergindo do peito de Nick. Vira o rosto familiar contorcido pela morte e descrença. Santo Deus, ela realizara o trabalho com perfeição, calculando as ações e alinhando Nick diante da coluna danificada. Nick, seu primo que comparecera a todas as festas de aniversário quando era menina e a ensinara a jogar pôquer.

E a fizera tantas vezes rir. A magnitude do ato causou-lhe náuseas.

— Eu queria matá-lo, Patrick. Queria matá-lo! — Kate caiu em prantos.

— Kate, Kate, não é de se surpreender, dadas as circunstâncias. Não se condene.

— Tenho de me condenar! — Ele não entendia. Tampouco ela entendera até agora, quando a morte do primo destruíra suas desilusões com clareza brutal.

Ao final do confronto, Kate não quisera ferir ou desarmar Nick; desejara extrair vingança por ele ter matado Sam, por tentar matar Patrick e ela. Sobrepujara a legítima defesa por sede de sangue.

— Todos me deixaram impune por tê-lo esfaqueado, Patrick. Tom, Rachel e até você. Eu precisava acreditar desesperadamente que a violência que cometi naquele dia não tinha nada a ver comigo. Mas era eu. Podia tê-lo matado. Hoje matei Nick de verdade.

Donovan ficou em silêncio por alguns instantes.

— A pior verdade que tive de encarar foi que agredi violentamente a pessoa que eu mais amava no mundo. Enfrentar as sombras da alma é... Infernal.

— Você confrontou seu lado sombrio muito antes de mim. Sou uma assassina, Patrick. A filha culta e educada de minha mãe possui uma crueldade sem precedentes. Não sei como consegue ficar comigo.

— Eu deveria me torturar por que teve a coragem de salvar minha vida? Sempre soube que era forte, cara. Claro que tem um potencial para a violência, como qualquer um em circunstâncias extremas. Honestamente, querer matar Nick mostra um ótimo discernimento.

— Você aceita minha tendência homicida melhor que eu.

— Porque eu te amo, Kate. Sempre amei. Sempre amarei. — Gentil Donovan beijou-lhe a nuca e a envolveu com o corpo para aquecê-la.

Desde que a mãe a acomodara na cama, Kate permanecera acordada, repassando a cena com Nick sem cessar. Talvez revidar fora essencial para salvar sua vida e a de Patrick. No entanto, a grave exaltação que sentira no final não havia sido necessária. A lembrança a enojava.

Ainda assim não podia negar o sentimento. Deus passara a vida toda negando as emoções assustadoras. Recusar-se a discutir o fim do casamento tivera o objetivo de proteger Patrick e salvaguardar o próprio orgulho, mas, acima de tudo, também fora o resultado da incapacidade de falar de algo profundamente doloroso. Revelar a angústia significaria mexer no núcleo de medo e ódio em seu coração. O único jeito de manter o controle era através da negação. Uma fuga desastrosa.

Mas agora que aceitava seu eu sombrio, sentiu-se libertada. Não havia alegria na constatação do que fizera. Porém, para proteger alguém que amava, faria tudo de novo.

Ficava claro que ela se paralisara não apenas pelo potencial violento de Patrick, mas também por causa do medo secreto que tinha das próprias emoções. Ironicamente, nas últimas semanas, Patrick demonstrara ser capaz de evitar agressões. Embora ele continuasse a ser temperamental, ela sabia que Patrick nunca mais a machucaria novamente.

Seu próprio lado sombrio era outra questão. Intuitivamente, soubera que, se liberasse as emoções devastadoras, elas destruiriam a si e aos outros.

E agora que encarava o medo...

— Amo você, Patrick.

Ele ficou imóvel.

— Gosto da conclusão, mas não sei se entendo o raciocínio.

— Enfim, descobri que o medo de mim mesma e de você me paralisou. Medo da raiva que senti de você, de Sam e da situação ultrajante.

— É emoção legítima, Kate. Tive medo de mim e de minha raiva várias vezes. Talvez a natureza

humana seja nosso pior inimigo. Venho trabalhando minhas falhas há anos. Aposto que resolverá seu lado sombrio mais depressa que eu. — Donovan beijou-lhe a testa, os olhos e o delicado lóbulo. — Voltemos à parte em que disse me amar. Gostaria de ouvir outra vez.

— Eu te amo, Patrick. É tão bom finalmente admitir! — Kate o abraçou, sentindo-se inteira pela primeira vez desde que fora recém-casada. Não, mais ainda. Aos dezoito anos, fora uma garota de sorte e intuitiva. Agora era uma mulher, arranhada e marcada, mas muito mais forte e sábia.

Outra descoberta a invadiu.

— Acabo de entender por que gosto tanto de demolição. Fora o ímpeto adolescente, quero dizer.

— Outro motivo é necessário?

— Fui criada para ser uma dama que nunca mostra a raiva — ela explicou. — A demolição era um jeito incrível de sublimar os impulsos selvagens que não podia usar. Por isso, eu queria tanto trabalhar na PDI.

— Interessante. Para mim, isso também faz parte da atração. Porém, eu tinha consciência da raiva e precisava de um escape seguro.

Finalmente, agora eles podiam encontrar paz um nos braços do outro. Kate fechou os olhos e acomodou-se no peito amplo, embalada pelas batidas rítmicas do coração.

Caríssimo.

— Amo você, Kate. E sou o homem mais afortunado do mundo.

Ela soltou o ar em um longo suspiro de pura felicidade.

Enfim estava em casa.

EPÍLOGO

Julia inspirou o ar de maio com prazer. Era um dia perfeito de primavera e sentia-se pessoalmente responsável pelo clima. Afinal, esforçara-se muito para organizar a festa de Kate e Donovan e agora agia como anfitriã para os convidados que chegavam.

Olhou para a sala de estar. A casa que Kate planejara era excelente para o entretenimento, com acesso da cozinha ao deque. A decoração acrescentava aconchego aos espaços amplos que Donovan construía. Naquele momento, Kate e ele estavam em frente à lareira, rindo com Connie e Frank Russo.

Kate usava um vestido longo azul com detalhes renascentistas. Como mãe, Julia não tinha pudores em achar a filha estonteante. Donovan vestia trajes convencionais e parecia charmoso o bastante para ser devorado.

Também elegante Tom saiu da cozinha.

— Esqueci quão bela é Maryland na primavera. O bosque está todo florido. Nem a Califórnia é páreo para Ruxton em maio.

Julia segurou o braço do filho.

— Então precisa vir para cá com mais assiduidade.

— Para ser franco, pensei morar em um monastério no Novo México. Estive lá; várias vezes e sempre me pergunto por que não fico com os monges.

— Um monastério? — Seu filho, um monge? Como ela e Sam tinham produzido uma criança tão sobrenatural? Mas a imagem não foi difícil de conjurar. Tom possuía uma rara espiritualidade. — Pensei que a Igreja rejeitasse os gays.

— Essa comunidade em particular acredita que, uma vez que o celibato seja honrado, não importa o que o homem fez em sua vida anterior.

Fazia sentido.

— Visitas são permitidas?

— Claro. Nossa Dama do Deserto não é uma prisão. Você gostará do lugar. O ar e a luz do Novo México são tão puros que iluminam o espírito.

— Eu certamente irei conhecer, se você estiver lá. O que vai fazer, além de rezar?

— Os irmãos se mantêm ocupados. Cuidam no jardim, assam pão, fazem vinho. — Tom sorriu. — Montam páginas da web.

— Verdade?

— Juro por Deus. Um dos monges elaborou manuscritos iluminados para sites. Desconfio de que meu conhecimento em informática seja um motivo para me aceitarem no monastério. Afinal, os monges precisam pagar as contas de algum jeito.

Maria, a irmã de Sam, e o marido, Sean, aproximaram-se.

— Tom, como vai você? — Sean perguntou, animado. — Precisa vir para casa mais vezes, nem que seja para comer caranguejos.

— Há caranguejos em São Francisco.

Sean torceu o nariz.

— Não é a mesma coisa. — Usando a habilidade de um casal em total sintonia, ele e Maria arrastaram Tom para conhecer o neto recém-nascido.

Com um sorriso nos lábios, Julia os observava. Charles veio da cozinha.

— Quer outra bebida? Aquela água gelada parece ter perdido o gelo.

— Não, obrigada. Hoje não preciso de mais nada para ser feliz.

— Pode abandonar o posto em breve. O momento fatal está quase chegando.

— Vou esperar mais alguns minutos. Afinal, a maioria pensa que é apenas uma festa, pois os convidados ainda estão chegando. — Ela sorriu quando Dina roçou-lhe o tornozelo. — Além do mais, minha neta me faz companhia.

Charles olhou para a sala, onde Angela Corsi agora conversava com Connie Russo.

— Fiquei contente ao ver Angie aqui. Desde que ficou viúva ela me parece mais relaxada. Não está feliz, mas agora consegue respirar.

A primavera, no mínimo, fora complicada. Mas os problemas se resolveram tão bem quanto se podia esperar.

Uma jovem esguia entrou pela porta da frente. Rainey Marlowe.

— Rainey, que surpresa inusitada! — Julia exclamou. — Folgo em ver que pôde vir.

— Perdi o primeiro casamento de Kate, mas prometi a ela que nada me impediria de vir ao segundo. — Rainey abraçou Julia.

Naquela noite ela trocava o glamour de Hollywood pela simplicidade, a qual lembrava Julia à época em que Kate e as amigas se espalhavam pela sala da família para assistir a filmes de amor. Os bons e velhos tempos.

Por falar em Hollywood...

— O Homem Mais Sexy do Mundo veio com você?

— Ele está na Grécia filmando.

Melhor assim. Julia adoraria conhecê-lo, mas a presença de Kenzie Scott definitivamente desviaria a atenção dos convidados.

— Vá cumprimentar Kate. Ela e o restante da gangue ficarão exultantes.

Rainey desceu os três degraus e foi rodeada pelas velhas amigas. Era bom tê-la de novo em Baltimore.

Um sino tibetano tilintou. Julia segurou a mão de Charles. O evento principal começaria.

Ser capaz de superar o barulho de uma demolição tinha certas vantagens, Donovan pensou ao erguer os braços e dizer:

— Peço a atenção de todos, por favor!

Quando a multidão silenciou, Kate surgiu no meio das amigas, repentinamente equipada com flores nos cabelos e um buque nas mãos. Ela parecia uma esplendorosa noiva medieval.

— Tenho uma confissão a fazer. Esta não é uma festa qualquer. É um casamento — Donovan anunciou. — As únicas pessoas que ficaram sabendo foram as que precisavam de incentivo para vir de outro estado.

Risos e sussurros de excitação reverberaram pela sala, enquanto as testemunhas se aproximavam: Tom Corsi, o padrinho, e Liz Chen, a madrinha.

— Não queríamos estardalhaço, apenas a presença daqueles que amamos. — Ele olhou ao redor, pensando no casamento que ocorrera doze anos atrás. Como haviam sido jovens. — Também não queríamos presentes. A maioria de vocês já nos presenteou uma vez, o que os exime de repetir a dose. Acomodem-se e iremos prosseguir.

Laurel Clark, que tocava saltério, sentou-se em um canto da sala com seu instrumento.

Agora os acordes de uma música exuberante renascentista enchiam a sala, enquanto os convidados se acomodavam. Julia e Charles permaneceram à porta do porão, já que os degraus lhe davam uma boa visão do espaço. Sua digna, ex e futura sogra; jogou-lhe um beijo.

O pastor metodista que realizaria a cerimônia, um amigo dos Corsi, saía da sala para se trocar. Quando o reverendo Whittaker atravessou a multidão, Donovan levou a mão ao bolso para pegar as alianças. Ele e Kate ainda usariam as alianças originais, com a data da primeira cerimônia gravada, por isso, levava os anéis a uma joalheria para acrescentar a nova data.

Depois de entregar as alianças a Tom e Liz, ele segurou a mão de Kate.

— Mandou gravar a data do divórcio nas alianças? — ela perguntou. — Parece-me justo incluir a história toda para o bem de nossos netos.

Donovan sorriu, notando que durante as semanas de reconciliação ela se tornara a Kate risonha e confiante de outrora.

— Não. Pedi a gravação do sinal de infinito em cada aliança. — Ele beijou os dedos macios. — Desta vez, caríssima, é para sempre.

— Eu agora os declaro marido e mulher.

Quando Kate e Patrick se beijaram, Julia enxugou as lágrimas. Dessa vez, aqueles dois seriam felizes.

— Adoro casamentos — Charles sussurrou. — Que tal se você e eu fizermos o mesmo, digamos, em um ano? Parece-lhe uma espera digna?

O coração de Julia disparou.

— Não achei que chegaríamos a tanto.

— Eu achei. As crianças estão certas, os segundos casamentos devem ser simples. Imagino quão

linda ficará ao descer a escadaria de minha casa. Aquela janela de vidro sempre se enriquece quando uma noiva posa diante dela. A menos que Rachel encontre alguém, você é a melhor opção para minha janela.

Julia mordeu o lábio. Então com uma voz quase inaudível, ela murmurou:

— Aceito.

— Caso eu não tenha mencionado, Julia, eu te amo.

— Também amo você, Charles. — Em silêncio, ela orou em agradecimento por ter sido abençoada duas vezes.

Diante da lareira, Patrick abraçava sua noiva radiante.

— A última coisa que quero dizer é como sou afortunado. Fiquei surpreso por Kate ter se casado comigo na primeira vez. — Ele a fitou com intimidade. — O fato de ela querer se casar comigo de novo é um milagre.

— Patrick sempre se subestimou — Kate disse. — Também tenho uma confissão a fazer. Todos aqueles, entre vocês, que me disseram para olhar o que eu havia rejeitado, estavam corretos.

Mais risadas. Quando a leveza feneceu, a voz de Kate tornou-se grave.

— A única pessoa que deveria estar aqui, mas não está, é meu pai. Se não fosse por ele, nenhum de nós se reuniria hoje e minha vida seria... Incompleta. Poderíamos, por favor, oferecer um momento de silêncio em homenagem a Sam Corsi?

O silêncio foi absoluto.

— Amém — o reverendo Whittaker disse, por fim. — E agora, no infundável ciclo da vida, é hora de celebrar um novo começo.

Enquanto uma fila se formava para a bênção, Charles comentou:

— Quando Sam insistiu em redigir aquele testamento maluco, eu lhe disse que, em minha opinião profissional, estava louco. Mas ele sabia muito bem o que fazia.

— Não sei se era sábio ou se teve sorte — Julia disse. — Mas de uma coisa estou certa. Em algum lugar, meu querido Sam está rindo.

Fim

NOTA DO AUTOR

A violência doméstica é errada. Muito errada. Não é discutível e ninguém deve tolerá-la. No entanto, a vida raramente se desdobra em situações definidas como preto e branco.

*Quando um pequeno problema se torna grave? Qual é o momento certo de partir antes que a situação se transforme em catástrofe? E uma vez que a confiança foi rompida, ela pode ser reconstruída? Em **Segredos de Família** escolhi explorar essas questões porque a transformação e a reconciliação são temas recorrentes em meus romances.*

Como jovem esposa, Kate racionalizou as condições que gradualmente minaram seu casamento. Ela acreditou que cada incidente violento era um fato isolado e não se repetiria.

Ela sabia que Donovan a amava, o que certamente fortalecia o casamento. Estava convencida de que, se amasse e entendesse, tudo ficaria bem. Por sorte, ela reconsiderou antes que fosse tarde demais.

Donovan nunca foi um homem mau, mas fora criado com abuso e suas necessidades e amor estava focado apenas em Kate. Embora soubesse que suas ações eram inaceitáveis, como Kate continuava a tolerar seu comportamento, ele não tivera incentivo para mudar.

Somente após perder o que mais amava no mundo, Donovan percebeu que devia se transformar de modo doloroso e profundo.

Apesar de Kate e Donovan serem fictícios; foram criados a partir de homens e mulheres reais que com êxito superaram os problemas e construíram vidas saudáveis. Curar um relacionamento destrutivo requer mais que amor. É preciso ter compaixão, sabedoria e resistência emocional.

Kate e Donovan possuíam tais qualidades, junto com a grande capacidade de perdoar.

Por isso que, juntos, puderam reconstruir o relacionamento e “fortalecer seus remendos”.

Digitalização e Revisão:

